

NAYARA GOMES BASTOS



A Ecologia Humana do Benzimento : saberes ancestrais de cura no território baiano



NAYARA GOMES BASTOS

**A ECOLOGIA HUMANA DO BENZIMENTO: SABERES ANCESTRAIS DE CURA
NO TERRITÓRIO BAIANO**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

Linha de Pesquisa : Ecologia Humana e Saúde

Orientadora: *Prof^a. Dr^a. Wbaneide Martins de Andrade*

Coorientadores: *Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos e Prof^a. Dr^a. Eliane Maria de Souza Nogueira*

Juazeiro/Bahia, Brasil

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

B327e

Bastos, Nayara Gomes

A ecologia humana do benzimento: saberes ancestrais de cura no território baiano /
Nayara Gomes Bastos. Juazeiro-BA, 2024.
216 fls.: il.

Orientador(a): Prof.^a. Dr^a. Wbaneide Martins de Andrade.

Coorientador(a): Prof. Dr. Carlos Alberto Batista dos Santos.

Coorientador(a): Prof.^a. Dr^a. Eliane Maria de Souza Nogueira.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Tecnologia e
Ciências Sociais – DTCS. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão
Socioambiental – PPGEcoH, Campus III. 2024.

1. Ciências da vida – Biologia. 2. Ecologia. 3. Comunidades. 4. Medicina e saúde.
5. Sociologia e antropologia. I. Andrade, Wbaneide Martins de. II. Santos, Carlos Alberto
Batista dos. III. Nogueira, Eliane Maria de Souza. IV. Universidade do Estado da Bahia.
Juazeiro. V. Título.

CDD: 571

FOLHA DE APROVAÇÃO
"A ECOLOGIA HUMANA DO BENZIMENTO: SABERES ANCESTRAIS DE CURA NO
TERRITÓRIO BAIANO"

NAYARA GOMES BASTOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGECH, em 23 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
WBANEIDE MARTINS DE ANDRADE
Data: 09/01/2025 12:24:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) WBANEIDE MARTINS DE ANDRADE
UNEB – Campus VIII Paulo Afonso
Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza
Universidade Federal Rural de Pernambuco

 Documento assinado digitalmente
GRACINEIDE SELMA SANTOS DE ALMEIDA
Data: 03/01/2025 22:41:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) GRACINEIDE SELMA SANTOS DE ALMEIDA
UNEB
Doutorado em Botânica
Universidade Federal de Viçosa

 Documento assinado digitalmente
IRAMAIA DE SANTANA
Data: 04/01/2025 09:28:03-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) IRAMAIA DE SANTANA
UNEB
Doutorado em Biologia Marina y Acuicultura
Universidad de Vigo

 Documento assinado digitalmente
FLÁVIO BEZERRA BARROS
Data: 16/01/2025 20:57:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) FLÁVIO BEZERRA BARROS
Universidade Federal do Pará – UFPA
Doutorado em Biologia da Conservação
Universidade de Lisboa

 Documento assinado digitalmente
DANIELE CRISTINA DE OLIVEIRA LIMA DA SILVA
Data: 16/01/2025 21:04:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) DANIELE CRISTINA DE OLIVEIRA LIMA DA SILVA
Cesmac – CESMAC
Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Aos meus Ancestrais,

As benzedeadas e benzedeados de Andaraí, Lençóis e
Mucugê/Bahia,

Em especial (*in memoriam*) à Dona Amerinda e Dona Nena,
mestras benzedeadas ancestralizadas durante esse percurso,

A minha tia Dagmar (*in memoriam*), a referência de benzedeadora
na minha família e a motivação para esse
(re)encontro,

A mainha,

Dedico

AGRADECIMENTOS

À todos os meus ancestrais espirituais (Orixás, Caboclos, Pretos Velhos, Guardiões e Encantados) e biológicos (já ancestralizados), que abriram meus caminhos (Laroyê), potencializaram o meu Ori e me sustentaram durante essa jornada.

Aos Benzedores e Benzedeadas de Andaraí, Mucugê e Lençóis/BA, por aceitarem fazer parte dessa construção. Sem vocês, este trabalho não seria possível. Vocês são os verdadeiros guardiões desses saberes: Dona Almerinda - in memoriam (Andaraí), Dona Nêna – in memoriam (Andaraí), Dona Idalina (Andaraí), Dona Carmosa (Andaraí), Dona Gracinha (Andaraí), Dona Juci (Andaraí), Dona Alaíde (Andaraí), Dona Nenem (Andaraí), Dona Irene (Andaraí), Dona Zete (Andaraí), Dona Deni (Andaraí), Dona Danúza (Andaraí), Pai Wilson (Andaraí), Pai Pedro (Andaraí), Pai W (Andaraí), Senhor Tico (Andaraí), Senhor Moura (Andaraí), Sr. Augusto (Andaraí), Dona Maria Áurea (Lençóis), Dona Judite (Lençóis), Dona Domingas (Lençóis), Pai Lucas (Lençóis), Getúlio (Lençóis), Dona Val (Lençóis), Dona Val (Mucugê), Dona Tudinha (Mucugê), Dona Dêga (Mucugê).

À minha família biológica e, em especial, ao ventre sagrado que me gerou e que nunca deixou de acreditar em mim: mainha (Tia Verinha, como gosta de ser chamada). Ao meu pai (Miltembergue), às minhas irmãs (Nara e Nadja), ao meu filho/sobrinho (Gabriel), à minha sobrinha (Maryana) e aos meus pequenos (Valter, Davi e Bento), por me fazerem entender a referência que sou para vocês. Faço por vocês.

À família que me acolheu em Alagoinhas e sempre acreditou em mim, em especial Tarsiano e Soraia, que posso dizer, de coração, que são a minha família em Alagoinhas.

À minha família espiritual, por não me deixar sucumbir em meio aos momentos de caos, em especial ao cuidador da minha cabeça ancestral, Babá Ed. Oladelê.

À minha companheira de vida, Suzanna, e a toda ancestralidade que ela carrega, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis desta trajetória.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que tem sido minha casa e meu sustento desde 2005, quando resolvi iniciar essa jornada acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão

Socioambiental (PPGEcoH), pela oportunidade de realizar este curso e concretizar esta pesquisa.

À minha orientadora, Dra. Wbaneide Martins de Andrade, por acreditar no meu potencial, aceitar percorrer esse percurso e não desistir no meio do caminho. Agradeço pela amizade, paciência, puxões de orelha e contribuições que foram fundamentais para a construção desse trabalho.

Aos meus coorientadores, Dra. Eliane Maria de Sousa Nogueira e Dr. Carlos Alberto Santos, pelas contribuições ao longo do desenvolvimento do doutorado.

Aos meus colegas de doutorado, e em especial à Ritinha, Monique e Wesley, que sempre me tiraram do aperto, sanando minhas dúvidas.

Aos membros da banca de Qualificação e Avaliação da Tese, por aceitar o convite e pelas considerações realizadas. É verdadeiramente um privilégio tê-los presentes neste momento tão significativo da minha jornada acadêmica.

Ao Herbário da Universidade do Estado da Bahia – HUNEB, meu local de trabalho nesses últimos 11 anos, e em especial à curadora, Dra. Alexa Paes Coelho, pela compreensão, por me entender e apoiar.

Ao meu irmão de vida, Rasta (Fábio), pelos momentos de “terapia” nas matas da UNEB. Adupé, irmão!!

À minha psicóloga, Rosângela Cabral, que mesmo de longe, não me deixa sucumbir.

Ao meu irmão espiritual e conselheiro, Jr. (Dofonitinho de Oxum), e toda ancestralidade que ele carrega.

Ao meu irmão espiritual Raimundo, que auxiliou nas fotografias da tese e me incentivou na construção do projeto cultural “Memórias do Benzimento”.

À Naty, pelas risadas, pelo carinho e pelos momentos de fuga (me tirando do eixo) nesses últimos meses de construção da tese.

Aos meus primos de Juazeiro, pelo apoio durante os momentos de aula.

Aos amigos de Lençóis, que abriram caminho em direção às pessoas que seriam entrevistas (Dejan, Aline, Daizy).

Ao meu amigo de Mucugê, Ludson, que me acompanhou à casa de benzedeira entrevistada.

Aos meus amigos de Andaraí, pelas risadas e pela companhia nos momentos de cura nas águas sagradas das nossas mães Yemanjá, Obá e Oxum.

Aos idosos de Andaraí, em especial à Tia Lúcia, por me emocionar nas ruas

de Igatu, ao falar do orgulho que sente de mim por ser a terceira filha de Andaraí a se tornar doutora de verdade (com título acadêmico de Doutorado).

Aos jovens de Andaraí, em especial à Rafaela, por falar da referência que sou para ela e outros jovens da cidade, além do apoio na construção do projeto “Memórias do Benzimento”.

Agradeço todos acima citados e os que não foram citados - são muitos. Se fosse possível, escreveria cada nome. Sou extremamente grata a cada um de vocês.

Como diz a grande filósofa contemporânea Katiuscia Ribeiro:

“O futuro é Ancestral”

Adupé!Asè! Ubuntu

*“Somos o começo, o meio e o começo.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia”*

Nêgo Bispo

RESUMO

BASTOS, Nayara Gomes, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoh), março de 2024. A Ecologia Humana do Benzimento: saberes ancestrais de cura no território baiano. Orientadora: Dr^a.Wbaneide Martins de Andrade (UNEB). Coorientadores: Dr.Carlos Alberto Batista dos Santos (UNEB) e Dr^a Eliane Maria de Souza Nogueira (UNEB).

Esta pesquisa apresenta os resultados da tese de doutorado sobre a Ecologia Humana do Benzimento na Bahia, tendo como objetivo caracterizar o etnoconhecimento e as práticas das pessoas que realizam benzimento em território baiano, com ênfase nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, situados na Chapada Diamantina. A pesquisa foi dividida em duas etapas. A primeira consistiu em revisões integrativas da literatura, revisitando a trajetória desse conhecimento e oferecendo um panorama histórico e temático sobre o benzimento na Bahia. Nessa fase, foram construídos dois artigos que mapeiam o estado do conhecimento acadêmico sobre o tema na Bahia. O primeiro, *“A Geografia do Benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde”*, analisou os estudos publicados entre 2010 e 2020, revelando a distribuição geográfica e os contextos socioambientais das práticas de benzimento no Estado, a partir das macrorregiões de saúde. O segundo, *“Etnobotânica do benzimento em território baiano: revisão integrativa”*, ampliou o período de análise até 2022, explorando a diversidade de plantas usadas nas benzeduras e as relações entre os benzedeiros e essas espécies vegetais. Na segunda etapa, da pesquisa de campo, desenvolvida em um contexto local, por meio de estudos de caso e pesquisas etnográficas, foi essencial para compreender as nuances que permeiam essa prática de cura ancestral. Realizada entre abril de 2022 e julho de 2023, nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas individualizadas, conversas informais, observação participante e turnês guiadas, com 28 praticantes de benzimento, seguindo os aspectos éticos e legais necessários. A escolha dos participantes ocorreu através da técnica “bola de neve”. Como resultados dessa etapa, foram produzidos três artigos - um já publicado outro aceito para publicação e o último em processo de submissão -, que, juntos respondem as particularidades do tema. O artigo *“Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas”*, explora a diversidade botânica utilizada nos rituais de benzimento, evidenciando a íntima relação entre o saber ancestral e o uso sustentável das espécies locais. O artigo *“Tecendo Olhares sobre a Religiosidade nas Práticas de Benzimento em Comunidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil”*, analisa a dimensão espiritual do benzimento, demonstrando como essa prática reflete cosmovisões religiosas plurais e como essas se interconectam através de um hibridismo religioso. Por fim o artigo *“Memória, Identidade e Saúde: as doenças combatidas pelo benzimento na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil”*, investiga as doenças tratadas por meio do benzimento e suas interpretações à luz dos saberes locais. Os resultados desses artigos demonstram que o benzimento, ao integrar conhecimento e espiritualidade, representa uma alternativa complementar ao sistema de saúde formal, além de ser um ato de resistência cultural frente à modernidade e a erosão dos saberes ancestrais. Contudo, à preservação dessa prática exige o reconhecimento de sua importância cultural, ecológica e científica. Essa pesquisa contribui de forma significativa para entender a trajetória desse saber ancestral no território baiano, ampliando o conhecimento existente sobre essa temática. Além disso, fornece subsídios para a formulação de políticas públicas, auxiliando na elaboração de novas estratégias e/ou aprimoramento das já existentes, a fim de valorizar e preservar esse conhecimento tradicional, promovendo a saúde das comunidades locais. Para além de uma pesquisa científica, esta tese é uma celebração aos mestres e mestras benzedeiros, honrando-os como guardiões de um saber que conecta corpo, mente, religiosidade e natureza, preservando valores e tradições que atravessam gerações.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional, Etnobiologia, Saúde, Religiosidade, Chapada

Diamantina.

ABSTRACT

BASTOS, Nayara Gomes, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoh), março de 2024. A Ecologia Humana do Benzimento: saberes ancestrais de cura no território baiano. Orientadora: Dr^a.Wbaneide Martins de Andrade (UNEB). Coorientadores: Dr.Carlos Alberto Batista dos Santos (UNEB) e Dr^a Eliane Maria de Souza Nogueira (UNEB).

This research presents the results of a doctoral thesis on the Human Ecology of Benzimento in Bahia, aiming to characterize the ethnoknowledge and practices of individuals who perform benzimento in the Bahian territory, with an emphasis on the municipalities of Andaraí, Lençóis, and Mucugê, located in the Chapada Diamantina. The research was divided into two stages. The first stage consisted of integrative literature reviews, revisiting the trajectory of this knowledge and offering a historical and thematic overview of benzimento in Bahia. In this phase, two articles were produced, mapping the state of academic knowledge on the topic in Bahia. The first, "The Geography of Benzimento in Bahia: A Look at the Health Macroregions", analyzed studies published between 2010 and 2020, revealing the geographic distribution and socio-environmental contexts of benzimento practices in the state, based on health macroregions. The second, "Ethnobotany of Benzimento in the Bahian Territory: An Integrative Review", extended the analysis period to 2022, exploring the diversity of plants used in benzimento rituals and the relationships between healers and these plants. In the second stage, through field research in a local context, with case studies and ethnographic investigations, it was essential to understand the nuances surrounding this ancestral healing practice. Conducted between April 2022 and July 2023 in Andaraí, Lençóis, and Mucugê, data collection took place through semi-structured interviews, informal conversations, participant observation (when possible), and guided tours with 28 benzimento practitioners, following the necessary ethical and legal aspects. The selection of participants occurred through the "snowball" technique. As results of this stage, three productions were developed—one already published, another accepted for publication, and the last under submission—which together elucidate the particularities of the topic. The article "Chapada Diamantina National Park: Ethnobotany of Benzimento and Healing through Plants" explores the botanical diversity used in benzimento rituals, highlighting the intimate relationship between ancestral knowledge and the sustainable use of local species. The article "Weaving Views on Religiosity in Benzimento Practices in Communities of the Chapada Diamantina National Park, Bahia, Brazil" delves into the spiritual dimension of benzimento, demonstrating how it reflects plural religious worldviews and how these interconnect through religious hybridism. Lastly, the article "Memory, Identity, and Health: Illnesses Treated through Benzimento in the Chapada Diamantina, Bahia, Brazil" investigates the illnesses treated and their interpretations in light of local knowledge. The results of these articles demonstrate that benzimento, by integrating knowledge with spirituality, represents a complementary alternative to the formal healthcare system, as well as an act of cultural resistance against modernity and the erasure of ancestral knowledge. However, preserving this practice requires recognizing its ecological, cultural, and scientific importance. This research significantly contributes to understanding the historical and evolutionary trajectory of this ancestral knowledge in the Bahian territory, expanding the existing knowledge on the subject. Additionally, it provides support for the formulation of public policies, developing new strategies and/or improving existing ones to value and preserve this traditional knowledge and promote the health of local communities. Beyond scientific research, this thesis is a celebration of the benzedeiras and benzedeiros, honoring them as guardians of knowledge that connects body, mind, and nature, preserving values and traditions that transcend generations

Keywords: Traditional Knowledge; Ethnobiology; Health; Religiosity; Chapada Diamantina.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fotografia de Dona Nênem - Benzedeira de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 2	Fotografia de Dona Juci - Benzedeira de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 3	Fotografia de Pai W - Benzedeiro de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)...	capa
Figura 4	Fotografia de Sr. Tico - Benzedeiro de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier).	capa
Figura 5	Fotografia de Sr. Moura - Benzedeiro de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 6	Fotografia de Danuza - Benzedeira de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier).	capa
Figura 7	Fotografia de Mãe Carmosa - Benzedeira de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 8	Fotografia de Pai Pedro - Benzedeiro de Andaraí (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 9	Fotografia de Dona Nena - Benzedeira de Andaraí (<i>in memoriam</i>) (Fonte: Rai Cavalhier)	capa
Figura 10	Fotografia de Dona Almerinda - Benzedeira de Andaraí (<i>in memoriam</i>)	capa
Figura 11	Fotografia de Dona Judite - Benzedeira de Lençóis	capa
Figura 12	Fotografia de Dona Idalina - Benzedeira de Andaraí.....	capa
Figura 13	Fotografia de Alaíde - Benzedeira de Andaraí.....	capa
Figura 14	Fotografia de Dona Val - Benzedeira de Mucugê.....	capa
Figura 15	Fotografia de Dona Dêga - Benzedeira de Mucugê.....	capa
Figura 16	Fotografia de Dona Tudinha - Benzedeira de Mucugê.....	capa
Figura 17	Fotografia de Dona Domingas - Benzedora de Lençóis.....	capa
Figura 18	Fotografia de Getúlio - Benzedor de Lençóis.....	capa
Figura 19	Fotografia de Dona Irene - Benzedeira de Andaraí.....	capa
Figura 20	Fotografia de Dona Maria Áurea - Benzedeira de Lençóis.....	capa
Figura 21	Fotografia de Dona Perina - Benzedeira de Lençóis.....	capa
Figura 22	Fotografia de Dona Val - Benzedeira de Lençóis.....	capa
Figura 23	Fotografia de Pai Lucas - Benzedor de Lençóis.....	capa
Figura 24	Fotografia de interação entre benzederia e planta vence-tudo (<i>Justicia gerandusa</i>) (Fonte: Rai Cavalhier).....	capa

Artigo I : A Geografia do Benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

Capa da Revista Geografia, Ensino e Pesquisa.....	48
Figura 1 Mapa conceitual das etapas da revisão integrativa.....	53
Figura 2 Fluxograma apresentando as bases de dados e a natureza das publicações.....	54
Figura 3 Linha do tempo das publicações sobre o benzimento para o estado da Bahia no período de 2010-2020.....	55
Figura 4 Mapa de distribuição das pesquisas sobre benzimento para o estado da Bahia, no período de 2010-2020 destacando as macrorregiões de saúde.....	56

Artigo II: Etnobotânica do Benzimento em território baiano: Revisão Integrativa

Capa da revista Peer Review.....	80
Figura 1 Distribuição das publicações nas bases de dados de acordo com a natureza das publicações.....	85
Figura 2 a: Linha do tempo das publicações para o estado da Bahia que citam o uso de plantas nas práticas de Benzimento no período de 2010-2022; b: Localidade Geográfica das publicações no estado da Bahia que citam o uso de plantas nas práticas de Benzimento no período de	

	2010- 2022.....	89
Figura 3	Gráfico apresentando as 9 etnoespécies mais citadas nas publicações analisadas para o estado da Bahia.....	94
Artigo III: Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a cura pelas plantas		
	Capa da Revista Semiárido de Visu.....	102
Figura 1	Mapa de localização do Parque Nacional da Chapada Diamantina com indicação das áreas de estudo, em Andaraí, Lençóis e Mucugê/Bahia.....	103
Figura 2	Distribuição das citações das famílias botânicas utilizadas nas práticas de benzimento no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).....	111
Figura 3	Espécies botânicas utilizadas pelas benzedadeiras no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).....	112
Figura 4	Distribuição da procedência das plantas utilizadas em práticas de Benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).....	113
Figura 5	Diagrama de Venn representando o número de etnoespécies exclusivas e compartilhadas no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).....	114
Artigo IV: Tecendo olhares sobre a religiosidade nas práticas de benzimento em comunidades do parque nacional da chapada diamantina: um estudo em Andaraí, Lençóis e Mucugê, Bahia		
	Capa da Revista Identidade!.....	119
Figura 1	Mapa de localização das áreas de estudo (Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA), onde residem as benzedadeiras no Parque Nacional da Chapada Diamantina - PARNA-CD.....	126
Quado 1	Distribuição da religião dos praticantes de benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê.....	129
Figura 2	Nuvem de palavras com as referências religiosas citadas pelos Praticantes de Benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê.....	136
Figura 3	Símbolos da religiosidade utilizados pelas Benzedadeiras do Parque Nacional da Chapada Diamantina: Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA.....	138
Artigo V: Memória, identidade e saúde: as doenças combatidas pelo Benzimento na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil		
Figura 1	Relação das doenças combatidas pelo benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil.....	151
Figura 2	a:entrevista com Dona Domingas em Lençóis; b:dona Domingas realizando benzimento em uma criança; c: dona Domingas realizando benzimento em uma senhora.....	157

LISTA DE TABELAS

Artigo I: A Geografia do Benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

Tabela 1	Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde.....	57
-----------------	---	-----------

Artigo II: Etnobotânica do Benzimento em território baiano: Revisão Integrativa

Tabela 1	Relação das pesquisas de benzimento com uso de espécies botânicas realizadas no estado da Bahia revisadas com seus respectivos autores, títulos, ano e local de publicação, natureza e zona geográfica....	86
Tabela 2	Lista de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento registradas em estudos realizados em território baiano.....	91

Artigo III: Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a cura pelas plantas

Tabela 1	Lista de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento por benzendeiras e benzedeiros residentes nos municípios de Andaraí, Mucugê e Lençóis/Bahia.....	109
-----------------	--	------------

SUMÁRIO

ABSTRACT	11
LISTAS DE ILUSTRAÇÕES	12
1. APRESENTAÇÃO	15
2. PROPOSIÇÃO	19
3. INTRODUÇÃO GERAL	20
4. REVISÃO DE LITERATURA	26
4.1. A Etnografia do Benzimento	26
4.2. Reconhecimento das Práticas de Benzimento no Brasil	30
4.3. “Com dois te puseram, com três eu te tiro”: as doenças tratadas pelas práticas de Benzimento.....	33
4.4. Ramo na mão, fé no coração: um olhar sobre a etnobotânica do Benzimento.....	38
4.5. A religiosidade no Benzimento	40
4.6. O Benzimento enquanto estratégia de resistência em comunidades tradicionais...	43
5. ARTIGO I: A GEOGRAFIA DO BENZIMENTO NA BAHIA: UM OLHAR SOBRE AS MACRORREGIÕES DE SAÚDE	48
6. ARTIGO II: ETNOBOTÂNICA DO BENZIMENTO EM TERRITÓRIO BAIANO: REVISÃO INTEGRATIVA	80
7. ARTIGO III: PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA: ETNOBOTÂNICA DO BENZIMENTO E A CURA PELAS PLANTAS	102
8. ARTIGO IV: TECENDO OLHARES SOBRE A RELIGIOSIDADE NAS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM COMUNIDADES DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA: UM ESTUDO EM ANDARAÍ, LENÇÓIS E MUCUGÊ, BAHIA.....	119
9. ARTIGO V: Memória, identidade e saúde: as doenças combatidas pelo Benzimento na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil.....	144
10. DISCUSSÃO GERAL	165
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	180
APÊNDICE I – PALESTRAS MINISTRADAS.....	188
APÊNDICE II – CAPÍTULO DO LIVRO PRODUZIDO A PARTIR DO II COLÓQUIO DE BOTÂNICA CULTURAL	189
APÊNDICE III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	204
APÊNDICE IV – ROTEIRO GUIA DE ENTREVISTA	207
APÊNDICE IV – ROTEIRO GUIA DE ENTREVISTA	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE IV – TERMO DE CONCESSÃO DE USO DE IMAGEM E SOM	209
ANEXO I – PARECER E AVALIAÇÃO DOS ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	210

1. APRESENTAÇÃO

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente- a gente rende. (Santos, 2015, p.4)

Refletindo a partir deste trecho do grande mestre quilombola Nêgo Bispo (*in memoriam*), inicio esta escrita entendendo que meu encontro com as práticas de benzimento tem sido um momento de grande confluência em minha existência. Como bem destaca o autor: *a confluência é essa energia que nos move para um compartilhamento, reconhecimento e respeito.*

Pensando nesta tese como um encontro de si, utilizarei a licença poética em várias passagens, fazendo da escrivivência a forma metodológica para apresentar esta tecitura literária. Aqui, proponho um verdadeiro mergulho nos saberes e práticas de benzimento dos povos dos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA. Antes de iniciar, preciso pedir a bênção e licença a todos aqueles que vieram antes de mim. Sem meus ancestrais, nada disso teria acontecido. Eles abriram os caminhos (Laroyê) para que eu trilhasse esta jornada de reconexão e crescimento.

Sou Nayara, mulher africana em diáspora, Omo Orixá (filha de Orixá), do interior da Bahia, lá do coração da Chapada Diamantina (Andaraí). Há seis anos vivencio as práticas da cosmopercepção yorubá através do candomblé. Porém, a paixão e o interesse pelas religiões de matriz afro-brasileira surgiram em 2005. Hoje, encontro-me com quarenta voltas em torno do Sol e, nas últimas dezenove, tenho me dividido entre Andaraí e Alagoinhas.

Compartilhar e vivenciar os conhecimentos da etnobotânica sempre foi um sonho desde a graduação em Ciências Biológicas, iniciada em 2005. Eu queria entender as relações existentes entre os sacerdotes de Jarê e as plantas. Agora, nesse caminho de Sankofa, encontro-me debruçada sobre o benzimento, abrindo uma porta para o passado, quando minha tia Dag (*in memoriam*) me rezava contra o mal-olhado.

Dois anos após a conclusão da graduação, iniciei o mestrado em Biodiversidade Vegetal pela UNEB, no *Campus* de Paulo Afonso. Essa área encantadora e surpreendente me levou a percorrer as ruínas e labirintos das serras de Igatu, em busca das espécies de Asteraceae ocorrentes nos campos rupestres. Foram anos de sala de aula, campo e laboratório, findando com a certeza de que amo a botânica, tenho aversão aos egos botânicos, mas me encanto em correlacionar a botânica com os saberes das comunidades.

Aqui estou, em meio às encruzilhadas da vida, após onze anos do término do mestrado, finalizando o Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, quebrando as estatísticas desse sistema macabro de dominação. Agora, com mais maturidade, debruço-me sobre as relações humanas com um olhar ecológico, “sakof-me” ao saber ancestral de força e resistência do nosso povo.

E, como as correntezas de um rio, deságuo-me nas práticas de benzimento, especialmente nos conhecimentos dos povos que vivem nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizados no coração da Chapada Diamantina/BA. Aqui, proponho uma confluência de saberes, distanciando-me em muitos momentos das formas oficiais de conhecimento, pois entendo a potência intelectual dos saberes desse povo.

Nos primeiros capítulos, apresento duas revisões integrativas de literatura, baseadas em pesquisas publicadas entre os anos de 2010 e 2020/2022. Esses dados serviram como alicerce para conhecer a dinâmica da temática abordada. A primeira revisão trata do artigo publicado na *Revista Geografia, Ensino e Pesquisa*, intitulado “A Geografia do Benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde”, cujo objetivo foi compilar e analisar estudos sobre as práticas de benzimento no estado da Bahia no período compreendido entre 2010 e 2020, considerando as macrorregiões de saúde. A segunda revisão foi apresentada com a publicação do artigo na *Revista Peer Review*, intitulado “*Etnobotânica do Benzimento em Território Baiano: Revisão Integrativa*”, que buscou entender as relações etnobotânicas existentes nas práticas de benzimento na Bahia, em publicações entre os anos 2010 e 2022.

Os capítulos seguintes são fruto da pesquisa de campo, com dados primários coletados nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Chapada Diamantina, uma região de grande riqueza cultural. Nessa etapa, o suporte empírico foi advindo de

fontes plurais, que incluindo entrevistas com praticantes de benzimento locais e turnês guiadas. A seleção dos participantes seguiu a técnica “bola de neve” (*snowball sampling*). Foram realizadas 28 entrevistas com praticantes de benzimento entre abril de 2022 e julho de 2023, seguindo os aspectos éticos e legais aplicáveis às pesquisas com seres humanos.

Um dos produtos dessa etapa foi o artigo intitulado “*Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas*”, publicado na *Revista Semiárido De Visu*. Nesse estudo, foi possível identificar as espécies botânicas utilizadas nos rituais de benzimento em diferentes cidades, além de reconhecer a existência de um padrão de conhecimento e práticas entre aqueles que realizam a benzedura.

Outro artigo, já aceito para publicação na *Revista “Identidade!”*, intitula-se “*Tecendo Olhares sobre a Religiosidade nas Práticas de Benzimento em Comunidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil*”. Nessa pesquisa, foi possível explorar a religiosidade nas práticas de benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê, identificando as religiões, símbolos e referências religiosas presentes na prática.

Um terceiro artigo, em fase de conclusão, intitula-se “*Memória, Identidade e Saúde: as doenças combatidas pelo benzimento na Chapada Diamantina*”, busca apresentar as doenças tratadas com a prática do benzimento nesses três municípios, a partir de uma abordagemêmica.

O principal objetivo desta tese foi investigar as práticas de benzimento nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, explorando suas relações com a ecologia humana e os saberes ancestrais. Nesse sentido, esta pesquisa buscou responder às seguintes questões: Quais são as plantas utilizadas nos rituais de benzimento nesses municípios? Quais os aspectos da religiosidade presentes nessa prática? Quais as doenças combatidas pelo benzimento nesses locais? Além de traçar um panorama do status atual das pesquisas sobre essa temática em território bahiano, já publicadas.

Estudar as práticas de benzimento é extremamente importante para valorizar e preservar os conhecimentos tradicionais que ainda resistem em muitas comunidades. Isso contribui para a compreensão das interações humanas com o

meio ambiente e oferece perspectivas valiosas para a gestão socioambiental. Espera-se que esta pesquisa promova a valorização e preservação dos saberes ancestrais, incentivando o reconhecimento da importância dessas práticas no contexto da saúde e da cultura local, além de fornecer informações valiosas para o fortalecimento das comunidades tradicionais.

Agradeço a todos que me apoiaram ao longo desta linda e instigante jornada, especialmente aos praticantes de benzimento que compartilharam generosamente seus conhecimentos e experiências cotidianas. Esta tese é uma homenagem a eles e a todos os meus ancestrais, cuja sabedoria continua a iluminar o caminho e ser resistência.

2. PROPOSIÇÃO

O ponto de partida desse estudo foi investigar as relações etnobotânicas nas práticas de benzimento de comunidades baianas. No entanto, ao conhecer e analisar as leituras disponíveis, foi possível perceber que a riqueza desse saber vai muito além da etnobotânica. Pensando na Ecologia Humana baseado no proposto por SABEH (2024), já que a ecologia humana “é uma ecologia que coloca gente nos ecossistemas e estuda suas relações e consequências”, a temática da pesquisa foi ampliada visando compreender a Ecologia Humana do Benzimento no território Baiano.

As práticas tradicionais de cura emergiram nos últimos anos em meio ao anseio da população pela qualidade de vida. Com o modismo da “sustentabilidade”, uma palavra que ganha um conceito moderno na década de 80, onde ela passa a ser utilizada de maneira mais ampla e integrada, especialmente nas áreas de meio ambiente, economia e sociedade, associado à preservação ambiental e à busca por um desenvolvimento que atendesse às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de suprir às suas próprias necessidades. Porém, toda essa temática “nova” representa algo que faz parte dos “modos de vida” das comunidades tradicionais, que sempre viveram de forma equilibrada e responsável com o meio que os cerca. Nessa linha de pensamento, pensar no ser humano de forma holística, através de uma metodologia sistêmica, é o que os praticantes de benzimento têm feito desde tempos imemoráveis.

O benzimento é um saber de cura ancestral que permeia as sociedades humanas. Seu surgimento não se sabe ao certo, mas a sua essência pode ser percebida nas práticas dos povos que formam a identidade nacional brasileira. As abordagens aqui tratadas são direcionadas para que o leitor se reconheça dentro da temática. As relações sociais, culturais, antropológicas e ambientais presentes no benzimento são a pura essência do objeto de estudo da ecologia humana.

3. INTRODUÇÃO GERAL

A ausência de recursos médicos acessíveis a várias comunidades humanas, somada à confiança e fé no conhecimento ancestral, faz com que muitas pessoas busquem auxílio na medicina alternativa para tratar suas enfermidades. A Medicina Tradicional, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tem como objetivo auxiliar na prevenção e eliminação das doenças físicas, mentais e sociais por meio do uso de elementos da natureza (OMS, 2002).

Analisar a sociedade humana e suas inter-relações com o ambiente é o principal papel da Ecologia Humana, uma ciência que busca compreender os problemas sociais e suas inter-relações com a conservação da natureza. A práxis dessa ciência possui um campo de investigação ampliado, com ênfase em valores culturais intangíveis, buscando entender as relações para além do sistema cartesiano, muitas vezes ofuscado pela objetividade científica.

Consoante a essa linha de pensamento, duas abordagens da Ecologia Humana se interseccionam, promovendo um verdadeiro diálogo de saberes: a Etnobiologia e a Etnoecologia. A Etnobiologia tem como objetivo estudar o papel da natureza nos sistemas de crenças e na adaptação humana a determinados ambientes, desafiando a noção de superioridade cultural e científica, além de buscar evidenciar as interações entre o ambiente e as pessoas (Posey, 1986). Já a Etnoecologia, a partir de um enfoque holístico e multidisciplinar, busca entender “o complexo integrado formado pelo sistema de crenças (*Kormos*), o conjunto de conhecimentos (*Corpus*) e de práticas produtivas (*Práxis*)” (Toledo; Barrera-Bassols, 2009, p.29). Juntas, essas duas áreas têm como papel primordial investigar as complexas relações entre as sociedades humanas e o ambiente a partir de suas tradições e culturas.

Em complemento a essas ciências, destaca-se a subárea denominada de Etnobotânica, que estuda a relação homem-planta. Conforme Costa Neto e Funch (2023) estudos em etnobotânica no Brasil têm focado no uso das plantas na medicina tradicional, na agricultura, nas artes e nas religiões, havendo também um esforço para entender como esse uso pode ser incorporado em práticas sustentáveis, como os sistemas agroflorestais e a conservação da biodiversidade.

Estudos etnobotânicos podem auxiliar agências de desenvolvimento, organizações, governos e comunidades na criação e implementação de estratégias

de conservação e desenvolvimento, sendo instrumentos essenciais para a valorização e identificação de potenciais para a proteção do conhecimento tradicional (Rocha *et al.* 2015). Considerar o cenário atual e as tendências das pesquisas, é possível afirmar que a etnobotânica pode desempenhar um papel importante na promoção de ações alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (Lucena *et al.*, 2020).

Nesse cenário, o estado da Bahia, que possui uma herança cultural e religiosa fortemente marcada pela diversidade étnica, destaca-se pelo uso de práticas alternativas de cura e tratamento para os problemas físicos e espirituais de comunidades locais. Uma dessas práticas é o benzimento, que, embora pareça esquecido, faz parte da história de vida de muitas pessoas, sendo uma das opções frequentemente escolhida para tratar enfermidades do corpo e da alma. Segundo Soek e Mendonça (2022), as práticas tradicionais de cura realizadas por benzedeiros resistem ao tempo e continuam sendo valorizadas e procuradas pelas comunidades, mesmo com a ampliação e modernização dos serviços de saúde pública.

Para Elza Rizo (De Oliveira, 1985, p.9), “a benzeção é um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social à qual fazem parte.” Ainda que exista um progresso tecnológico na medicina, a prática do benzimento persiste há séculos, carregando consigo vasto repertório de saberes e diversidade de conhecimentos locais, crenças e rituais. Por meio da transgeracionalidade, esse legado é herdado dos antepassados, mantendo viva a história dos ancestrais e preservando a cultura dessas comunidades.

Embora Menezes (2019) reconheça que o benzimento é validado pela ciência como uma forma de manipulação de energia que atua em todo o sistema que compoe o corpo humano, e Quitana (1999), a partir de suas investigações sobre técnicas de benzedura, tenha observado semelhanças com orientações psicanalíticas, compreendo que esse saber não precisa ser legitimado pela ciência ocidental. O benzimento é, por si só, uma ciência ancestral, Logo, sua construção da alteridade impede que esse conhecimento seja julgado como “crendice” ou ausência de saber. Pelo contrário, ele é respeitado e reconhecido como um método eficaz de cura.

No contexto desse ritual, que transita entre o sagrado e o simbólico, as plantas são elementos essenciais. Como enfatizado por Santos (2009), dentre os

elementos escolhidos da natureza, as plantas são as mais utilizadas nas práticas de benzimento. Sendo assim, esse estudo é importante para enriquecer o conhecimento acerca do tema e entender as relações existentes entre o benzedor e as plantas utilizadas nos rituais de cura, possibilitando a valorização e a preservação do conhecimento tradicional das comunidades envolvidas.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal caracterizar o etnoconhecimento e as práticas de pessoas que realizam benzimento no território baiano. Além disso, buscou-se compilar e analisar estudos publicados, na última década sobre o benzimento, revisitando a trajetória do conhecimento construído pelas benzedadeiras, curandeiras e rezadeiras residentes na Bahia. Num recorte mais específico, investigaram-se as práticas de benzimento com comunidades que residem nos municípios de Andaraí, Mucugê e Lençóis, localizados no coração da Chapada Diamantina.

Partindo desse contexto, o presente estudo buscou responder o seguinte problema: Existe um padrão de conhecimento e práticas entre as pessoas que realizam o benzimento no estado da Bahia? Outras perguntas foram levantadas buscando construir um arcabouço argumentativo sobre a temática, sendo a primeira: Qual o *status* de conhecimento sobre o benzimento no estado da Bahia?

Corroborando com a problemática abordada, outras questões também foram consideradas, especialmente ao coletar dados primários em comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina (Andaraí, Mucugê e Lençóis). Essas questões motivadas por reflexões acerca do tema e envolvendo benzedeiros dessas comunidades, são: Quais os fatores que influenciam esse conhecimento? Existe consenso sobre as espécies botânicas preferenciais usadas no benzimento e os fatores que induzem essa preferência? Quais as doenças tratadas por praticantes do Benzimento? A identidade religiosa dos praticantes de benzimento influencia nesse conhecimento?

Nesse sentido, as questões aqui propostas, abordarão um contexto mais amplo, a nível estadual, a partir de um levantamento das pesquisas realizadas na Bahia sobre o benzimento, quanto a prática em um contexto local, através de um estudo de caso com comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, buscando elucidar essas lacunas de etnosaberes locais.

A primeira etapa consistiu em revisões integrativas de literatura, realizadas

nas bases de dados *Google Acadêmico*, *SciELO*, *Scopus*, Portal CAPES, *Web of Science*, *Elsevier* e LILACS, tendo como critérios de inclusão as publicações realizadas no território baiano, no primeiro momento entre os anos de 2010-2020, e no segundo entre 2010-2022, disponibilizadas de forma gratuita na Web, no formato de artigo, resumo, monografia, dissertação, tese ou livro. Nessa etapa, foram publicados dois artigos: “A Geografia do Benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde” e “Etnobotânica do Benzimento em Território Baiano: revisão Integrativa”.

A segunda etapa envolveu pesquisa de campo nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Chapada Diamantina/Bahia. Os dados foram coletados de abril/2022 a julho/2023, empregando a combinação de três técnicas: 1) entrevistas semiestruturadas; 2) turnê guiada e 3) observação direta. A seleção dos participantes usou a técnica de bola de neve (*snowball*).

Para garantir a integridade ética e legal desta pesquisa, obteve-se a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP sob o parecer nº 5.058.444 (Anexo I). Todos os participantes, representados por benzedores, curadores e rezadores, adultos com idade superior a dezoito anos, foram abordados após a devida apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I). No caso de participantes “não-alfabetizados”, o TCLE foi lido e autorizado oralmente, e após a autorização gravada para documentação e registro.

As entrevistas foram realizadas individualmente nas residências dos participantes, seguindo um roteiro guia com perguntas sobre suas práticas de cura (Apêndice II). As turnês guiadas foram realizadas nos quintais e arredores das residências dos praticantes de benzimento, buscando identificar as plantas utilizadas nos processos de benzimento e cura, registrando fotograficamente e em diários de campo todas as informações das comunidades. O material botânico, em estágio fértil, foi coletado e depositado no Herbário HUNEB, seguindo as práticas usuais de herborização utilizadas nos estudos botânicos.

Como produto dessa etapa, foram construídos três artigos: um já publicado, intitulado “*Parque Nacional da Chapada Diamantina: etnobotânica do benzimento e a cura pelas plantas*”; outro aceito para publicação denominado “*Tecendo olhares sobre a religiosidade nas práticas de benzimento em comunidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina*”; e outro em processo de escrita “*Memória,*

identidade e saúde: as doenças combatidas pelo benzimento na Chapada Diamantina”, buscando analisar as doenças tratadas com a prática do benzimento na Bahia a partir de uma abordagemêmica.

Além de artigos, essa tese também gerou algumas participações em palestras e mesas redondas em diversos eventos acadêmicos (Apêndice I) e a construção de um capítulo de livro (Apêndice II) produzido no II Colóquio de Botânica Cultural da UEFS com título “Ramo na mão e fé no coração: confluências etnobotânicas nas práticas de benzimento”.

Como retorno para a comunidade pesquisada foi realizado um ensaio fotográfico profissional com os especialistas do benzimento residentes na cidade de Andaraí, associado ao conhecimento local. Esse ensaio buscou auxiliar na valorização da prática e no reconhecimento das atividades desenvolvidas pela guilda de benzendeiras do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, além de contribuir como registro desses saberes, buscando eternizar a memória desse momento.

Considerando o valor social e cultural do benzimento, foi construído o projeto cultural “Memórias do Benzimento” que está concorrendo ao edital de Fomento às Artes Lia da Silveira PNAB de 2024 na categoria “artes visuais”, cujo objetivo é realizar uma exposição fotográfica itinerante pela cidade contando a história de cada benzedeiro e benzedeira, além de oficina de fotografia e vídeo para jovens estudantes do Colégio Estadual e uma roda de conversa sobre ancestralidade e resgate com os alunos.

Está em processo de construção um Dossiê que será apresentado para às autoridades locais (câmara de vereadores). O objetivo é demonstrar a importância do benzimento nos municípios, buscando um reconhecimento legal desses especialistas no sistema de saúde pública municipal e enquanto um patrimônio imaterial.

Diante do exposto, esta pesquisa visa contribuir para preencher uma lacuna existente acerca desse conhecimento na Bahia, subsidiando a construção de políticas públicas de preservação da cultura e manutenção da saúde, buscando o reconhecimento e valorização desse saber e dos praticantes desse ofício nas comunidades. No Nordeste, sua presença é notável nas comunidades tradicionais, onde continua a ser um recurso valioso para a cura de males físicos e espirituais. Contudo, este estudo é relevante não apenas para a preservação cultural, mas

também para a saúde pública. Em um contexto onde o acesso a serviços de saúde é limitado, práticas como o benzimento oferecem alternativas valiosas.

Este estudo busca contribuir para a valorização e reconhecimento do benzimento, tanto academicamente quanto socialmente. Além disso, se busca influenciar a construção de políticas públicas que reconheçam e preservem esse conhecimento tradicional.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. A Etnografia do Benzimento

A humanidade sempre buscou modos de sobrevivência dentro das suas crenças e valores, correlacionando seus aspectos sociais e culturais. Leininger (1991) divide os modos de cuidado em saúde em dois tipos: o modo de cuidar profissional e o modo de cuidar popular ou *folk*. Esses sistemas de cuidado em saúde alicerçam as sociedades atuais e, dentro do modo *folk*, encontram-se as chamadas Medicinas Tradicionais, definida pela Organização Mundial de Saúde – OMS da seguinte maneira:

É a soma total do conhecimento, habilidades e práticas baseadas nas teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, explicáveis ou não, e usadas na manutenção da saúde, bem como na prevenção, diagnóstico, tratamento ou melhoria de doenças físicas e mentais (WHO, 2000).

Entre as práticas de cura reconhecidas dentro desse sistema ancestral está o Benzimento, que promove a cura através de rezas, orações e elementos naturais, uma prática advinda de tempos imemoráveis que faz parte da cultura popular brasileira, tendo grande importância cultural e histórica. O Benzimento é praticado por várias culturas, de diferentes formas. Contudo, uma similaridade existente é o uso de elementos naturais e a religiosidade presente (Chagas *et al.*, 2007).

Conforme Diniz e Diniz (2018), “benzer vem do latim *bene dicere*, que significa bem dizer, é dizer bem de alguém e fazer o bem”. O dicionário Houaiss (2001, p.434) define o termo “benzedura” como: “ato de benzer com ou sem o sinal-da-cruz, acompanhado de orações com fórmulas especiais, supersticiosas”. E “benzedeiro” como “que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo também o futuro.”

Entre os povos originários, o benzimento também recebe outras denominações. Na língua Nheengatu, uma língua indígena pertencente às origens do tupi-guarani, conhecida como tupi moderno, “**mutawarísá**” significa benzimento, “**umutawarísa**” é igual a “benzedor” e “**mutawari**” refere-se a “benzer” (Salgado, 2017; Cruz, 2011). Entre os Povos Desana, habitantes do Alto Rio Negro, no Amazonas, usa-se do termo “**kumu**” para se referir ao “benzedor”, e o “**bayiri**” para “benzimentos”. Já no Hupd’äh, usa-se o termo “**bi’id**” para benzimento (Ramos,

2019).

Conforme Calvelli (2011), as benzeções estão entre as práticas ofertadas pelos profissionais do sagrado, também denominados especialistas “autônomos de cura e sortilégios de benzimento e possessão” (p. 365). Borges *et al.* (2018) reconhecem a prática da benzedura como uma Pedagogia da Sobrevivência/Resistência, que, ancorada em uma dimensão sagrada, entende o indivíduo em sua totalidade, buscando reconectá-lo após ser estilhaçado pelo sofrimento. Neste estudo, usaremos os termos benzedura, benzeção e benzimento como sinônimos, bem como benzedeiros(as) e rezadeiros(as).

Esse ofício é tão forte e tão presente no nosso país, que sua origem, vem sendo discutida por diversos autores. Luz (2005) expõe que a forma de intervenção terapêutica das benzedadeiras deriva da tradição indígena na América do Sul. Alguns autores acreditam que, no Brasil, essa prática tem sua origem nos diferentes conhecimentos ritualísticos e de plantas de povos originários (população indígena), negros (população trazida forçadamente do continente africano com o tráfico de negros escravizados) e do colonizador (portugueses), formando um intercâmbio de saberes (Azevedo, 2015; Da Silva, 2013). Ao analisar artigos e dissertações sobre as práticas de benzimento no país, Almeida e Filho (2021), buscando identificar as identidades étnicas nas práticas de rezadeiras, concluíram que “vieram de matrizes africanas e indígenas principalmente” (p. 79).

De fato, podemos perceber que não há uma origem única, já que a prática faz parte da cultura de diversos povos. O benzimento, por exemplo, está entre as formas de cuidado em saúde herdadas pela cultura africana como meio de resistência e resiliência, prática que remonta ao período republicano, marcado pela grande Maafa¹ na diáspora (Damasceno, 2022; Ani, 1994). Durante esse descarrilhamento, os negros trouxeram, sobretudo, suas práticas filosófico-culturais identitárias, matriarcais e garantidoras de sua sobrevivência (Ani, 2015).

É importante frisar que, desde a época do Brasil Império, iniciou-se o processo de “aculturação” da medicina local, principalmente com o estabelecimento do ensino médico no país, popularizando e institucionalizando a medicina científica (Chalhoub *et al.*, 2003). A partir dessa premissa de cientificidade, a sociedade brasileira foi forçada a repensar suas relações sociais, tendo como modelo as

¹ Para a Dra. Marimba Ani a MAAFA é o processo de sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, esse holocausto negro (ANNI, 1994).

sociedades europeias. Assim, começou uma verdadeira batalha contra as práticas de cura não oficiais, denominadas arcaicas, ultrapassadas e criminosas (Gewehr *et al.*, 2017).

No período do Brasil República, houve a criminalização de qualquer prática medicinal sem habilitação legal. Entre as décadas de 1950 e 1970, ocorreu um rigoroso combate aos praticantes de medicina popular no país (Carvalho, 2005). Como abordado por Gomes (2013, p. 90): “Crer e fazer uso dessas práticas era ilegal, atrasado e irracional.”

Para Clarinto *et al.* (2019, p. 307), “O benzimento, benzer ou benzeção é um fenômeno socioreligioso historicamente presente em diversas culturas e que assume formas e conteúdos variados”. Para Freitas, Sardinha e Silva (2022), a produção do sentido do ato de benzer e sua legitimidade é estruturada sob uma linguagem e um processo de comunicação que ocasiona uma estreita relação de reciprocidade social e simbólica entre os sujeitos envolvidos.

Sendo assim, é necessário entender o potencial desse saber multicultural, cheio de individualidades que permeiam entre o sagrado de cura dos males do corpo e da alma, muito diferente do hegemônico modelo biomédico convencional. Para compreender a pluriversalidade desse saber, é preciso ir até o local onde o conhecimento é gerado, praticado e incorporado. Como retratado por Silva (2012, p. 145):

Compreender as benzedeadas/os e sua prática de cura é buscar o significado de sua prática social, entendendo como é recriada essa cultura popular. Significa explicitar, a partir de relações sociais definidas, uma visão de mundo, da benzedeadas com aqueles que a procuram, com o seu ofício de benzer, com a sua vida cotidiana.

Volpi (2005) entende o ser humano como um ser multidimensional, formado pelo corpo material, corpo espiritual e corpo mental. Esses precisam estar em equilíbrio, pois estão profundamente conectados, de forma que o desequilíbrio em um deles reverbera nos outros, como é o caso das doenças do corpo físico, que são consequência da somatização de problemas emocionais e psíquicos. As benzedeadas entendem o seu papel enquanto detentoras da energia vital que levará equilíbrio às pessoas que as procuram. De acordo com Cunha (2017), existem as “doenças de médicos” e as “doenças de benzedeadas”. Para o autor (p. 71), “as doenças curadas pelas benzedeadas se configuram como perturbações que atingem

não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo”.

Calheiros (2017) também acredita nessa premissa, afirmando que as enfermidades curadas através das rezas das benzedeiras não têm apenas razões físicas, mas estão relacionadas às questões psicológicas, espirituais e sociais do paciente. Nota-se que as reflexões acerca das inter-relações entre os sujeitos envolvidos no processo de cura permitem a investigação da sócio-espacialidade característica às atividades das(os) benzedeiras(os), que representam grande relevância, principalmente em relação às comunidades nas quais estão inseridas (Soek; Mendonça, 2022). Logo, sua importância sociocultural é visível, sendo verdadeiros médicos e médicas do povo, legitimados por aqueles que os procuram com toda confiança, buscando amenizar sintomas ou curar doenças.

A benzeção revela a forma como a sociedade produz culturalmente estratégias e metodologias próprias para resolver questões relacionadas à saúde (Santos; Guarim-Neto, 2003). Conforme abordado por Silva (2012, p. 147):

Documentos impressos da primeira metade do século XX e fontes orais de benzedeiras desse início do século XXI, acabaram por explicitar as benzedeiras como um ato de resistência política e cultural, através de uma cultura que não é apenas uma maneira própria delas lerem o mundo, mas uma cultura que contesta e rejeita o discurso opressivo do dominante. As benzedeiras e suas práticas de cura exprimem uma identidade constituída em uma relação de afetividade e solidariedade entre os grupos sociais dessa cultura popular.

Em meio às mudanças que ocorrem no meio social, muitos benzedores acabam moldando suas práticas para preservar esse saber, como é o caso do benzimento à distância, realizado por meio de aparelhos eletrônicos. Durante a pandemia de COVID-19, a Escola de Almas Benzedeira de Brasília realizou benzimentos virtuais por meio de plataformas digitais, que, além dos benzimentos, promoviam práticas de solidariedade em meio ao caos instaurado pela situação mundial (Brito; Caetano, 2021; Bezerra, 2020).

Ainda se tratatando em benzimento à distância, Bernardes (2020), ao analisar a prática em Caldas, Minas Gerais, nos anos 2000, relatou que o benzedeiro entrevistado tinha preferência por essa forma em algumas situações e que o lado positivo de benzer pelo celular seria evitar que o ambiente ficasse carregado da energia dissipada pelo enfermo. O autor enfatizou que o sentido do benzimento não

seria perdido, já que o importante é a fé e as boas intenções.

Diante do exposto, faz-se necessário compreender o quão desafiadora é a etnografia do benzimento, visto que suas práxis variam muito, sofrendo influências do regionalismo, das tradições, das crenças religiosas do benzedor e da dimensão subjetiva e pessoal da experiência de cura. Mesmo com todas as dificuldades, apenas assim será possível entender melhor as práticas espirituais e curativas do benzimento em contextos específicos, investigando o seu significado social, religioso e cultural.

4.2. Reconhecimento das Práticas de Benzimento no Brasil

Hoje, em algumas cidades brasileiras, os praticantes de benzimento são reconhecidos como patrimônio imaterial e agentes do sistema de saúde pública. Esse tipo de ação é extremamente importante, visto que, é uma forma de validação desse ofício, entendendo a potência ancestral dessa prática de cura. Os parágrafos seguintes, abordaremos algumas dessas conquistas, que acabam por, retirar esses sujeitos da invisibilidade em diversas cidades brasileiras, auxiliando na valorização e reconhecimento desse saber.

Em 1998, em Maranguape, no Ceará, as rezadeiras foram inseridas no sistema público de saúde do município por meio do programa “Soro, Raízes e Rezas”, que teve como objetivo diminuir a mortalidade infantil. A proposta foi criada para superar a alta mortalidade infantil no município, cuja causa primária era a desidratação. Como parte da população do município procurava os cuidados das benzedadeiras em caso de diarreia, estas foram cadastradas e orientadas pelas equipes do Programa de Saúde da Família (PSF), recebendo kits de soro para hidratação infantil, que eram ministrados quando procuradas por mães que levavam seus filhos para rezar. O soro benzido também estava disponível nos PSFs de Maranguape (Cavalcante, 2006).

Em 2006, ocorreu um avanço significativo no reconhecimento de práticas de cura alternativas com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971 do Ministério da Saúde, que estabeleceu diretrizes para a implementação dessas práticas no Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2006). É importante destacar que, embora contemple o uso de plantas medicinais e fitoterapia, a prática de benzimento não está incluída entre as áreas incorporadas.

Conforme Toniol (2015), muitos estados acabaram criando suas próprias Políticas de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) a partir da lei nacional, acrescentando novas práticas às previstas no texto oficial. Dessa forma, alguns municípios instituíram leis e portarias relacionadas ao tema. No Rio Grande do Sul, por exemplo, durante a construção da política estadual, houve demanda entre municípios de diferentes regiões para que as benzedeiras fossem contempladas nas PICs. Contudo, a solicitação não foi atendida porque o poder público entendeu que não seria possível um treinamento formal para o ofício, algo que fugiria do controle estatal, reflexo de um modelo colonial.

O benzimento é um saber que transcende os aspectos formais da aprendizagem (Borges *et al.*, 2008), já que muitas benzedeiras afirmam nascer com o dom, aprendido com a espiritualidade e orientado por seus guias. Assim, é perceptível a impossibilidade de se realizar um treinamento formal para algo tão subjetivo.

Entre 2008 e 2009, em Curitiba, o projeto “BENZA DEUS! Benzedeiras de Curitiba: modernidade e tradição” identificou e registrou as Benzedeiras Tradicionais da cidade, reconhecendo-as como Patrimônio Cultural e Imaterial. Como produtos do projeto, foram gerados um livro digital com a identificação das benzedeiras, outro com as histórias de vida de algumas delas e um conjunto de painéis com uma síntese dos resultados, voltados para exposições itinerantes (Silva, 2012, p. 145).

Em setembro de 2008, foi realizado em Irati, Paraná, o I Encontro das Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná, que deu origem ao Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), um espaço de organização dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura. O objetivo era lutar contra o descaso de órgãos governamentais e outras instituições, que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco a transmissão de conhecimentos às gerações futuras, além de preservar a cultura tradicional e o uso sustentável dos recursos naturais (Almeida *et al.*, 2012).

O MASA atua em várias comunidades rurais e urbanas de municípios como Irati, São Mateus do Sul, Prudentópolis, Rebouças e São João do Triunfo, buscando fortalecer e reconhecer esse ofício nos sistemas de saúde municipais (Almeida *et al.*, 2012). Em 2010, o ofício foi reconhecido pela Lei Nº 1401/10 em Rebouças, regulamentando a prática e emitindo carteirinhas para as benzedeiras (Almeida *et al.*, 2012; Ducati; Dionízio, 2012). Em 2011, pela Lei Nº 1370/11, esse

reconhecimento aconteceu em São João do Triunfo, embora a proposta tenha sido inicialmente vetada pelo prefeito, sendo promulgada posteriormente pelo apoio da Câmara de Vereadores (Meira, 2017; Almeida *et al.*, 2012). Esses dois municípios são verdadeiras referências quando referimos a reconhecimento legal desses profissionais no Brasil.

Em Alagoas, entre 2014 e 2015, o grupo Nordestanças realizou um mapeamento que identificou a presença do ofício de benzedeira em treze municípios alagoanos, ampliado posteriormente para mais quatro cidades (Calheiros, 2017). O projeto também incluiu a exposição fotográfica “Entre Panos e Ramos: Olhares sobre as benzedeadas alagoanas”.

No Distrito Federal, a Escola de Almas Benzedeadas de Brasília desenvolve práticas de benzimento nas Unidades de Saúde, protagonizadas por mulheres indígenas e negras, mesmo sem reconhecimento oficial como PICs (Damasceno, 2022). Contudo, há questionamentos sobre essa ausência, considerando a proposta de saúde holística e cultural.

Existe uma relação de reconhecimento da prática por profissionais da saúde, como observado por Assunção, Querino e Rodrigues (2020) entrevistando médicos, Agentes Comunitários de Saúde (ACS), enfermeiros, dentistas, técnicos de enfermagem, praticantes de benzimento e usuários, buscando entender os impactos da benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família no triângulo mineiro. Os autores perceberam o “impacto no resgate da dimensão subjetiva do cuidado, atuando na escuta, apoio, conforto, fortalecimento e desmedicalização (p.762).” Fato esse entendido por conta do caráter holístico do benzimento, logo os autores perceberam que além do valor cultural a importância da benzedura está relacionada com a “defasagem do cuidado em saúde (p.770)”, que não trata o sujeito em sua totalidade, entendendo a importância de associar a benzedura à medicina científica.

Em contrapartida a esse reconhecimento ainda é notória a resistência de alguns profissionais de saúde no que tange aos cuidados através da benzedura. Ainda no triângulo mineiro e junto à Estratégia Saúde da Família, porém analisando a perspectiva apenas dos profissionais de enfermagem Silva, De Assunção e Rodrigues (2020) perceberam que no pequeno grupo entrevistado houve uma relutância ao benzimento, mesmo entendendo a importância do caráter holístico da prática.

Apesar de reconhecimentos pontuais, ainda há resistência no meio da saúde

formal, muitas vezes decorrente de uma formação cartesiana que desconsidera o contexto social, religioso e cultural da prática. Projetos como, “Soro, Raízes e Rezas” no Ceará, o “Benza Deus” em Curitiba, o “MASA” no Paraná, o “Nordestanças” em Alagoas, a “Escola de Almas Benzedeiras” de Brasília são fundamentais para a preservação e valorização da memória do benzimento, fortalecendo essa herança cultural.

4.3. “Com dois te puseram, com três eu te tiro”: as doenças tratadas pelas práticas de Benzimento

A simbologia é algo inerente ao benzimento, principalmente quando nos deparamos com as doenças para as quais esses médicos populares são procurados. Existe todo um misticismo envolvido no processo de cura, em razão do caráter mágico-espiritual em que muitas dessas práticas estão inseridas.

De acordo com Gozoni (2005), a noção de doenças está associada ao castigo divino, o que torna as rezas importantes. Ao tecer considerações sobre o ritual de benzimento, Gorzoni (2009, p. 15) cita que essa prática “ajuda a organizar uma situação de caos, desordem, como é o caso de uma doença [...]”. As doenças que podem ser tratadas pela benzeção podem ter tanto causas naturais quanto não naturais (Amorozo, 1999). Nos parágrafos seguintes, abordarei algumas enfermidades que permeiam a pluriversalidade da benzedura.

Farinha (2012), ao estudar as benzedadeiras de Eunápolis (Goiás), sistematizou as doenças tratadas por elas em doenças físicas, que se originam corporalmente, e doenças espirituais, que, embora apresentem sintomas físicos, têm como cerne a dimensão espiritual. Para as benzedadeiras dessa localidade, as doenças são consequência da ausência de contato com Deus, principalmente as espirituais, sendo o Benzimento o meio pelo qual esse contato é restabelecido.

Na cidade, o mau-olhado, o quebrante, e os problemas financeiros e amorosos são classificados no grupo das doenças espirituais. Já as doenças físicas incluem: espinhela caída, vento-virado, dor de cabeça, jeito/carne-quebrada, cobreiro, erisipela/fogo selvagem. Dentre essas, as que apresentam tanto sintomas físicos quanto espirituais são o mau-olhado, o quebrante e os problemas financeiros, sendo o sintoma físico comum às três enfermidades o “mal-estar” e, no aspecto espiritual, o “desânimo” (Farinha, 2012).

Ao se referir em doenças no quilombo Kalunga-GO, Silva (2022, p.69)

discorre que:

[...] as orações e as preces são variadas, podendo ser tanto para doenças espirituais, desde dores de cabeça, até para a proteção do espírito da pessoa, o corpo fechado como muitos falam, onde há uma variedade de aspectos onde as benzedeiras são buscadas como promotoras do bem-estar social.

Na Comunidade Renascente Quilombola Furnas do Dionísio, em Jaraguari, Mato Grosso do Sul, há doenças tratadas pelo benzimento com o uso de ramos, como: “vento virado, quebranto, cobreiro, espinhela caída, sapinha, íngua, mal-olhado, lombriga assustada, picada de cobra, bicheira de animais e praga na plantação” (Chagas *et al.*, 2007, p. 271), ou aquelas em que não se utiliza nenhuma planta no ritual de cura, como exemplo a carne quebrada e a dor de garganta (Chagas *et al.*, 2007).

A “espinhela caída” é uma doença que pode acometer tanto crianças quanto adultos, tendo como reações vômitos constantes, falta de apetite e estômago pesado (Chagas *et al.*, 2007). Lacerda (2003) também afirma que a identificação da doença se dá através de sintomas como vômitos e dor no estômago, corroborando com os autores anteriores.

Para as benzedeiras de Eunápolis-GO, o “quebrante” e o “mal-olhado” são doenças muito parecidas; o benzimento acaba sendo o mesmo para ambas as enfermidades, e elas apresentam praticamente os mesmos sintomas físicos, diferenciando-se nas causas relacionadas à pessoa que “coloca a doença”. No mal-olhado, a intenção da pessoa que causou é negativa, originada por inveja. “A benzedeira sente arrepios, o que interpreta como a existência de forças malignas” (Farinha, 2012, p. 78). Em contrapartida, o quebrante não ocorre devido a um mal querer, mas sim quando uma pessoa se encanta por outra, sendo muito frequente em bebês (Farinha, 2012).

Algo similar foi abordado por uma benzedeira de Furnas-RS ao falar sobre o quebrante e mal-olhado:

Quando alguém vê uma criança e acha bonitinho e tem vontade de pegar e não pega, dá quebrante. A criança fica enjoada, fica abrindo a boca, é quebrante. Uma criança com quebrante tem uma enjueira, fica prostrada, com febre, emagrece, fica desnutrida. [...] O “mal olhado” ocorre quando a pessoa tem olho pesado, quando olha para alguma coisa aquilo não vai para frente, fica doente, não apruma mesmo, ou seja, quando a pessoa tem o olho emperrado se olhar muito uma coisa bonita aquilo não vai para frente de jeito nenhum (Chagas *et al.*, 2007 p.217).

Para Salgado (2017), o único meio de curar o quebrante e o mal-olhado nas crianças é o benzimento, tanto nela quanto em seu alimento (água, leite). Cunha (2018) afirma que o mal-olhado e o quebrante são sinônimos para a mesma enfermidade, sendo que o quebrante seria um tipo de mal-olhado em crianças.

Em Cruzeiro do Sul, no Acre, o benzimento é utilizado no tratamento e cura de feridas (Alcoforado; Espírito Santo, 2012). Em Gurupá, no Pará, as benzedadeiras são responsáveis pela preservação do bem-estar dos recém-nascidos e, juntamente com as parteiras, são as grandes cuidadoras da saúde (Silva; Pereira, 2015). Em Caraúbas, no Rio Grande do Norte, elas também são utilizadas como estratégia nos cuidados à saúde da criança, em parceria com o sistema oficial (Medeiros *et al.*, 2023). Em Jequié, na Bahia, o benzimento é uma das opções no cuidado com o coto umbilical (Linhares, 2018).

No Povoado Vale Verde, em Maurilândia do Tocantins, os benzedeiros são procurados para tratar o quebrante/mal-olhado, a espinhela caída, a dor de cabeça/sol e para rezar com o intuito de espantar insetos nas plantações (Souza, 2018). Em cidades do semiárido do Piauí, o benzimento é utilizado na cura de vários malefícios, como: dor de cabeça, cobreiro (uma doença que cria uma cinta vermelha na barriga), dor de garganta com campainha caída, quebrante, desmentidura e vento caído (Luz *et al.*, 2019).

Em Rio de Contas, na Bahia, as benzedadeiras são procuradas para auxiliar na cura de doenças como mal-olhado, mordida de cobra, íngua, quebrante, desmentidura, vento caído, entre outras (Aguiar, 2012). No município de Saúde, também na Bahia, as doenças tratadas com o benzimento são: “olhado, quebrante, mufina, doença do vento ou até mesmo espinhela caída” (Santos *et al.*, 2022).

Já em Jaguaruana, no Ceará, enquanto as mulheres rezam para o quebrante, espinhela caída, dor de dente e outras enfermidades, os homens, poucas vezes, rezam para humanos, pois são especialistas em rezar para doenças de animais, inclusive pelo rastro, ou seja, o animal não precisa estar presente (Souza, 2014). Na caatinga nordestina, é forte a presença dos vaqueiros rezadores que curam seu rebanho por intermédio da fé. Esses especialistas curam as reses de bicheiras, através do rastro, rumo e pelo cipó-vermelho (Pereira, 2021; Graça, 2023).

Entre as doenças tratadas pelo benzimento, destaca-se, recentemente, a COVID-19. Isso mesmo, esse saber foi uma das alternativas de tratamento e cura

entre as etnias indígenas de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Denominado de "basese", ele serviu tanto para se protegerem do "bicho" como no momento de tratar os infectados, fato esse relatado por indígenas de diferentes etnias da região, que usavam esse conhecimento juntamente com chás e medicamentos fornecidos pelos profissionais de saúde (Azevedo *et al.*, 2021).

Observando a partir de um ponto de vista simbólico, dentro dessa diversidade de doenças tratadas no benzimento, é possível perceber que algumas enfermidades são bem específicas de certas regiões brasileiras, o que configura ainda mais o caráter cultural e social da prática.

No Amapá, por exemplo, existe algo presente no corpo das mulheres denominado de "mãe do povo", e, caso ela não esteja bem ajustada no útero, usa-se de benzimento e rezas para puxá-la para seu local correto, conforme discorrido por Cordeiro e Aquino (2018, p. 348):

Semelhante à mata, ao rio e à terra, o corpo também é gerido por uma mãe — a “mãe do corpo”. De acordo com essa cosmologia, só a mulher possui “mãe do corpo” ou “madre”. Ela está localizada no seu “ventre”, na altura da região umbilical. A “mãe do corpo” é bem no útero, no ventre da mulher, asseguram várias parteiras nossas interlocutoras de campo, e é ela que gera a saúde reprodutiva da mulher. Se a “mãe do corpo” não estiver bem ajustada no útero, a mulher se sente fraca, tonta e fica pálida. Precisa ser “puxada para o lugar”, deve-se rezar, benzer o ventre, às vezes fortificar com a garrafada, o caribé que “acende” a mãe do corpo. A mãe do corpo é quem rege o ciclo menstrual e, quando a mulher entra na menopausa, sua função cessa.

Essa mesma “mãe do corpo” é relatada entre os indígenas da etnia Baré de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Nesse local, ela também recebe a denominação de “Madri”, que, segundo uma benzedora local: “A mãe do corpo é o útero da mulher, então quando ele se espalha causa dor, pois ele deve ficar junto. Então, quando a mulher tem filho e não se cuida, não se alimenta direito, o útero se espalha e entra gases” (Salgado, 2017, p.100).

Segundo a autora, essa enfermidade atinge a grande maioria das mulheres, tanto da etnia Baré quanto das demais etnias, e as benzedoras especializadas identificam a doença apenas tocando na área afetada, ao massagear o útero da enferma. A “Madri” só é curada pelo umutawarísa (benzedor), sendo que, em casos raros, a enfermidade retorna após as sessões de benzimento.

Dentro desse universo mágico de cura através do benzimento, na cidade de Calçoene, no litoral do Amapá, existe o relato de um pescador que foi tratado por um pajé através de benzimentos e rezas do chamado “feitiço da bota” (fêmea do boto), uma enfermidade decorrente do envolvimento sexual com o animal. Cordeiro e Aquino (2018, p. 361-362) explicam os sintomas que o pescador desenvolveu:

A doença contraída pelo pescador se manifestou inicialmente em uma perturbação mental, sentia-se fatigado, seu corpo transpirava muito e não conseguia ficar parado num só lugar. Com o tempo, em determinados lugares, passou a ver “mizuras”. E, quando se aproximava do rio, os encantados lhe faziam “presepadas”. Para os moradores desse local, o termo “presepada” significa estar sendo assombrado quando determinada forma da “visagem” se mostra, transfigurada, perturbando quem a vê. As assombrações podem advir através de uma pessoa que morreu, um “encante” ou entidades como as que se manifestam nos terreiros. Nesse caso, Saulo disse que estava sendo perturbado pelos moradores do fundo do rio. O “assombro” era constante e o pescador vivia acometido de febre e dor de cabeça, adquiriu “fraqueza” no corpo e sua função sexual com mulheres havia cessado. Saulo acreditou estar sob forte processo de enfeitiçamento, cuja finalidade era “malinar com a potência do homem”. Segundo ele, o prejuízo sexual foi o ponto mais difícil de enfrentar.

Outra enfermidade, tratada pelo benzimento, na cidade de Mariana (MG), é o “aguamento”. A doença é definida por Cunha (2018, p. 95) da seguinte forma:

Também conhecido como “sentimento”, esse mal que afeta em geral as crianças, é decorrente de um desejo alimentício não saciado. Uma criança vê alguém comendo alguma coisa, deseja comer o que o outro está comendo, mas nada lhe é oferecido, assim, a criança fica então “aguada” ou “sentida” e começa a entristecer-se, rejeita outras comidas e mostra-se apática.

Segundo relato de algumas benzedeiras, em casos graves da doença, a criança apresenta perda capilar, febre elevada, e, caso não seja benzida a tempo, pode levar ao óbito. O tratamento para aguamento é realizado através de benzimentos durante três dias seguidos e, após esse período, dá-se à criança um pedaço de seu alimento preferido e joga-se o que sobrar em água corrente (Cunha, 2018).

Entre os povos originários amazônicos de São Gabriel da Cachoeira, o benzimento faz parte dos “modos de vida”, protegendo-os de doenças, o chamado wetidarese (benzimento de proteção), como enfatizado por um Tuyuka:

Os velhos conhecedores do calendário ecológico realizam benzimentos de proteção conforme as épocas próprias para certos trabalhos, e para a proteção de doenças do tempo. Quando não se benze adequadamente – bem especificado o que pode vir a atingir

as pessoas podem sentir-se doentes e com a sua alma ou coração agitados. Nós, velhos, contamos as épocas por meio das constelações. As enfermidades circulam entre os diversos patamares que formam esse cosmo. Em algumas épocas chegam ao patamar onde habitam as pessoas. De algumas doenças, os especialistas conheciam a origem e combatiam. E, para outras não, sentiam muita dificuldade para combater (Azevedo *et al.*, 2021, p. 203).

Diante do exposto, é possível perceber a presença de algumas doenças combatidas pelo benzimento, independentemente da região geográfica, como, por exemplo, o mal-olhado, o vento-caído e a espinhela-caída. Em contrapartida, observa-se uma exclusividade advinda do caráter regional e cultural, como a “mãe-do-povo” ou o feitiço do boto. Muitas vezes, essas doenças não estão associadas apenas a algo físico, mas a uma desarmonia entre o corpo, a alma e as forças espirituais, e somente através do benzimento, alicerçado em crenças espirituais e cosmológicas, é possível restabelecer esse equilíbrio.

4.4. Ramo na mão, fé no coração: um olhar sobre a etnobotânica do Benzimento

O uso de plantas na prática de saúde é algo inenarrável diante da temporalidade e da magnitude de conhecimentos. As plantas estão entre os elementos naturais mais utilizados pelas benzedeiras. Borges *et al.* (2008) as consideram como um dos símbolos desse conhecimento tradicional.

De acordo com Cunha (2018, p. 125), “a erva representa o remédio, o antídoto para as enfermidades.” Para as benzedeiras tradicionais de Serra Grande, uma comunidade pertencente ao município de Uruçuca, localizado no sul da Bahia, os principais agentes que atuam na cura de enfermidades, tanto na forma de chás, banhos ou benzeções, são as plantas (Silveira, 2020). Uma benzedeira da cidade de Areia, na Paraíba, ao ser indagada sobre o papel das plantas no benzimento, responde que: “As plantas curam as doenças com o seu poder” (Oliveira *et al.*, 2019, p. 20).

Várias são as espécies botânicas que encontramos na literatura utilizadas no benzimento. A arruda (*Ruta graveolens*) destaca-se como a mais utilizada em trabalhos realizados em diferentes cidades (Oliveira; Trovão, 2009; Oliveira *et al.*, 2016; Oliveira *et al.*, 2019; Bastos *et al.*, 2023; Bastos *et al.*, 2024). E a família Lamiaceae é a que mais representa em relação ao número de espécies (Bastos *et al.*, 2023; Bastos *et al.*, 2024; Gomes *et al.*, 2024; Oliveira; Trovão, 2009; Rabelo;

Araújo; Almeida Jr., 2022; David; Passa, 2017).

Em municípios da região metropolitana de Alagoas (Dois Riachos, Estrela de Alagoas e Maceió), as benzedadeiras costumam realizar o benzimento com um ramo de plantas como: vassourinha de botão, pinhão roxo, algaroba, pinhão branco e carrapateira. Embora algumas delas digam que podem utilizar qualquer erva disponível em suas casas ou no local de realização do benzimento, na ausência da planta apropriada, enfatizam que “o que vale é a fé” (Calheiros, 2018).

Na Ilha de Colares, na Baía do Marajó, no Pará, as benzeduras, em geral, utilizam plantas em seu ritual de cura, em específico algumas tradicionalmente conhecidas como o pião-roxo, a vassourinha e a arruda (Silveira; Albuquerque, 2015). Em algumas cidades mineiras, Cunha (2018) registrou as seguintes ervas nas práticas de benzimento: em Mariana, o uso de manjerição, assa-peixe e arruda; em Ouro Preto, assa-peixe e arruda; e na localidade do Serro, além das ervas citadas nas outras localidades, o guiné e o alecrim.

No município de Caraúbas, no Rio Grande do Norte, as benzedadeiras afirmam que não pode ser qualquer ramo; os ramos devem ter características peculiares. Embora não exista uma correlação entre a espécie botânica e o tipo de doença combatida, ou seja, para qualquer doença pode-se usar a mesma planta, desde que esteja entre as preferenciais delas, que são: vassourinha, laranjeira, pião de São Francisco, arruda, quebra-pedra, romã e hortelã (Medeiros *et al.*, 2013).

No Quilombo de Furnas do Ninízio, no Mato Grosso do Sul, alguns benzedores preferem “qualquer ramo verde”, outros têm preferência por determinadas espécies, como o rubinho (*Leucas marinicensis* R. Br.), a erva-desanta-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), o algodão (*Gossypium barbadense* L.), a arnica (*Solidago chilensis* Meyen), a mamona (*Ricinus* sp.), a laranja (*Citrus* sp.), a arruda (*Ruta graveolens* L.), a mandioca (*Manihot* sp.) e o capim (qualquer capim ou grama). Vale destacar que, para alguns, a escolha da planta é de acordo com o tipo de enfermidade, ou seja, cada doença tem as plantas específicas em seu ritual de cura. No benzimento para cobreiro, por exemplo, foi citado o uso de mamona, mandioca, algodão, capim ou qualquer planta; já para espinhela caída, foram citadas as etnoespécies de laranja, rubinho ou qualquer planta (Chagas *et al.*, 2007).

Na Comunidade Quilombola de Olaria, em Irará, na Bahia, um dos benzedores da comunidade cultiva as plantas que curam através da benzeção em

seu quintal, citando como exemplo o pinhão-roxo, a arruda, a aroeira e o guiné (Santos, 2009). Ainda no interior da Bahia, na cidade de Barra do Choça, as benzedeiras fazem uso de diversas ervas, não possuindo grandes restrições, exceto a indicação de não utilizar folhas de pimenta ou plantas com espinhos. Uma das benzedeiras no município disse não utilizar arruda para benzer, mas sim para fazer banhos, embora ela não entre em detalhes sobre o motivo desse não uso (Rocha, 2011).

A relação das benzedeiras com as plantas vai além das práticas de benzimento, já que elas possuem um vasto leque de etnoconhecimentos, subsidiando o tratamento de diversas enfermidades. Em Juerana, no Mato Grosso, foi constatado o uso de várias formas de plantas, entre elas o preparo de chás, remédios ‘espirituais’, banhos, amuletos de proteção, garrafadas, entre outros (Maciel; Neto, 2006).

Em um assentamento no município de Pureza/RN, as benzedeiras cultivam plantas medicinais para diversos fins, como chás, “garrafadas”, xaropes e nos benzimentos, além de banhos para “tirar o mau olhado e os quebrantes”, doenças essas típicas do benzimento. Entre as espécies cultivadas em seus quintais estão: cidreira, malva branca, cânfora, hortelã, anador, dipirona, corama, louro, alecrim, entre outras (Medeiros; Oliveira, 2020). Na comunidade de Olaria, na Bahia, o benzedor também indica remédios do mato para tratar enfermidades diversas, conforme Santos (2009, p. 190): “estas ervas revitalizam as forças e a saúde das pessoas”.

Diante disso, percebe-se uma grande flexibilidade referente às relações etnobotânicas que ultrapassam a barreira planta-benzimento, já que muitos benzedores são conhecedores de diversos remédios naturais, entrelaçando os saberes ancestrais, que foram herdados através da oralidade ou guiados por forças sobrenaturais.

4.5. A religiosidade no Benzimento

Antes de adentrarmos na religiosidade do benzimento, é importante definirmos o termo “religião” e “religiosidade”. Existem diversas conceituações para as palavras; aqui tomamos como referência a definições proposta por Koenig, McCullough e Larson (2001), que definem “religião” como um conjunto de crenças, práticas, símbolos e experiências criadas para auxiliar na aproximação com o

sagrado e o transcendente e “religiosidade” como modo pessoal de lidar com ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas, que podem estar, ou não ligadas a uma instituição.

Aguiar (2012), ao estudar as benzedadeiras em Rio de Contas, na Bahia, considera as benzedadeiras como uma “vertente da religiosidade popular”. Nota-se que o ato de benzer em si só possui uma imensa simbologia religiosa, logo, seria impossível desmembrar a religiosidade da prática de benzimento. Por conta disso, em muitas localidades, o benzedor possui um reconhecimento, e até certo prestígio dentro da sociedade.

O Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia reconhece o benzedor como um sacerdote tradicional da Amazônia (PEPCA, 2016). Corroborando com o programa, Freitas, Sardinha e Silva (2022) afirmam que o benzedor pode ser considerado um sacerdote popular da Amazônia, assemelhando-se à pajelança por conta da relação com o mundo dos encantados, mas se diferenciando devido à ausência de incorporação. Para os autores (p. 389), “o benzimento implica conhecimento do mundo e saberes dos encantados, porém é uma atuação sem incorporação, apenas com reza e oração.” Vaz Filho (2016) também cita a ausência de incorporação no processo de benzimento no interior da Amazônia.

Imerso no catolicismo popular², as práticas de benzimento também recebem influências de outras esferas religiosas. Silva (2022) cita que o benzimento pode ser observado na umbanda, no catolicismo, no candomblé, no espiritismo e no protestantismo. Ilhéu (2017, p. 41) afirma que “o benzimento é, assim, uma prática sincrética velada sob a égide do Catolicismo Popular.” Calvelli (2011) também reforça a perspectiva de que as benzeções são práticas pertencentes ao catolicismo popular.

Na comunidade de São João do Cazumbá, em Feira de Santana, as benzedadeiras estão relacionadas ao catolicismo popular por fazerem uso de crucifixos e imagens de santos, bem como ao candomblé, pelo uso de materiais próprios da religião, como plantas e rezas específicas (Souza, 2011). Em Rio de Contas, também na Bahia, as benzedadeiras se autodeclaram como católicas, embora suas práticas apresentem influências tanto católicas quanto uma mescla das culturas

² Catolicismo popular é a “religiosidade tida como espontânea e originária do povo, das camadas ditas populares, em diferentes períodos da História do Brasil” (Sousa, 2021, p.726).

africanas e indígenas (Aguilar, 2012).

Na concepção das benzedadeiras católicas de Anápolis, Goiás, “as mulheres adeptas das religiões de matriz africana, além de proporcionarem o bem, também podem fazer o mal, ação que afirmam não ser realizada pelas católicas” (Farinha, 2012, p. 70). Percebe-se, nesse contexto, uma forte intolerância religiosa em relação aos praticantes de religiões originadas do nosso continente mãe (África). Esse fenômeno não poderia ser diferente em um país onde o racismo religioso opera em alta, estando presente nas estruturas da sociedade.

Esse mesmo pensamento de negatividade ocorre também em relação às benzedadeiras espíritas. Embora tentassem esconder os elementos de outras religiões, era inevitável não os enxergar, pois estavam presentes desde a expressão corporal, a forma de transmissão, os signos utilizados, até a maneira de perceber o mundo (Farinha, 2012).

Com o advento da Renovação Carismática Católica, muitas benzedadeiras de Anápolis (Goiás) tiveram suas práticas demonizadas pelos padres e pelos carismáticos. Elas passaram por um processo de assimilação, e como resultado disso, reconfiguraram suas práticas, rejeitando a denominação “benzedeira”, denominando o ritual de “orações” e retirando os ramos, um dos símbolos da benzedura (Silva; Farinha, 2012). A partir dessas informações, podemos afirmar que a RCC fez um verdadeiro genocídio das práticas de benzimento nesse local, sendo um processo de aculturação e assimilação forçada.

O mesmo tem ocorrido com a expansão das igrejas neopentecostais, que, ao demonizar as práticas de benzimento, acabam contribuindo para o desaparecimento desse ofício (Oro, 2006). Em Cruzeta (RN), foi registrada a existência de benzedoras evangélicas que só não concordavam com o processo de rejeição e demonização dos santos católicos pelas leis evangélicas (Santos, 2007).

Em Belém, também houve registro de benzedadeiras evangélicas que revelaram já ter sido mães de santo e donas de terreiro antes de se converterem à Congregação da Assembleia de Deus, justificando que “portanto, não benziavam mais, apenas oravam” (Costa, 2022, p. 58). O que tem ocorrido é uma verdadeira invasão etnocêntrica (Da Silva, 2016). Percebe-se que os praticantes de benzimento têm seus saberes de cura subjugados, desprovidos de humanidade e demonizados tanto por católicos quanto por evangélicos.

Por conta desse processo de demonização de outras culturas pelos

evangélicos, em uma comunidade quilombola do Piauí, os moradores não permitem a instalação de igrejas evangélicas, buscando salvaguardar os saberes locais, dentre eles o benzimento (Correa, 2020). É importante esse movimento de resistência, visto que, essa invasão altera as liturgias e práticas religiosas nativas, principalmente nas práticas de benzimento.

A relação do benzimento com a religiosidade é algo intrínseco. Desde o uso de elementos de determinadas religiões até o próprio texto das rezas, que trazem o nome de algumas divindades ou encantados, a religiosidade faz parte do dia a dia das benzedadeiras, como abordado por Silva (2022, p. 68): “O uso de orações e de preces não ocorre apenas nas sessões de benzimento, mas está interligado com o cotidiano das benzedadeiras, onde não ocorre uma separação, tudo que fazem envolve o uso da fé e das orações, desde o acordar até as ações mais simples”.

O benzimento é visto em muitos locais como uma manifestação não só cultural, mas também religiosa, com influências de várias culturas (europeia, africana e indígena). É até impossível dizer onde termina e onde começa cada uma delas dentro dessa prática de cura. A religiosidade é algo inegável, sendo percebida em cada momento de suas *práxis*, através dos seus *kormos* e dos seus *corpus*, independentemente da religião oficial do praticante.

4.6.O Benzimento enquanto estratégia de resistência em comunidades tradicionais

Comunidades tradicionais carregam em si uma identidade peculiar, sendo imprescindível preservar o saber produzido e aplicado nesses espaços de resistência. O benzimento é uma dessas práticas de cura que também faz parte do cotidiano das pessoas que compõem esses grupos. A seguir, apresento alguns exemplos da aplicação desse ofício em diversas comunidades tradicionais brasileiras.

No estado do Amapá, mais especificamente na comunidade ribeirinha Foz do Rio Mazagão Velho, no Distrito de Mazagão Velho, pertencente ao município de Mazagão, o benzedor é um dos recursos mais utilizados para a manutenção da saúde. Esse fato ocorre não apenas por conta da tradição local, mas também devido ao difícil acesso a uma unidade de saúde, já que na comunidade não há nenhuma assistência médica. Lá, o benzedor utiliza ramos de plantas e rezas no seu processo de cura (Souza *et al.*, 2019). No mesmo estado, mas na comunidade quilombola de

Curiarú, a prática de benzimento com alfazema e alecrim, juntamente com rezas e defumações, acompanha o parto caseiro com o intuito de “afastar coisas ruins” (Picanço *et al.*, 2016, p.33).

Por ser algo cheio de particularidades, em cada localidade, o benzimento toma formas próprias, e o “modo de fazer” vai convergindo as crenças e costumes locais. Na Comunidade Corre-Água do Piririm, no distrito do Pacuí, Freitas, Sardinha e Silva (2022) entendem os praticantes desse ofício como comunicadores da cultura local, reconhecendo-os como comunicadores populares, que expõem um vocabulário singular e seus próprios meios de expressão, desempenhando um papel importante não apenas para a saúde, mas também para reforçar as crenças populares locais.

Na cosmologia amazônica, o benzimento é uma das maneiras de “puxar para o lugar”, algo cheio de simbologia e significados, localizado no ventre das mulheres. Trata-se de uma força mágica feminina chamada de “mãe do corpo”, pois a mulher fica tonta, fraca e pálida caso não esteja ajustada no útero. O benzimento também foi uma das técnicas de cura usadas por um pajé em Calçoene, cidade litorânea do estado do Amapá, para tratar um pescador que foi acometido pelo “feitiço da bota (fêmea do boto)” em decorrência de relações sexuais com o animal (Cordeiro; Aquino, 2018).

O benzimento é uma estratégia de resiliência dos povos indígenas no Brasil. Esse ofício está ancorado nas raízes de cura dos povos originários, complementando seu modo de ser e existir no mundo. Esse saber de cura foi uma das táticas de prevenção e combate usadas pelos povos originários amazônicos para enfrentar a epidemia de COVID-19. O relato de um indígena fala de um líquido (chá) denominado “Bahseriko”, utilizado para o benzimento, que era potencializado com forças cerimoniais, a fim de afastar as doenças e enfraquecer as forças do inimigo (Azevedo *et al.*, 2021).

Entre os indígenas Baré, os elementos tradicionais que fazem parte do seu benzimento incluem o uso de plantas medicinais e o “mutawarisá” (benzimento). Os benzedores são divididos por especialidades, ou seja, cada um é especialista em um tipo de doença. Quando o benzedor não é especialista na enfermidade procurada (não sabe a reza), ele indica outro benzedor especializado naquela doença. Mesmo com todo o acesso a medicamentos industrializados, o benzimento e as plantas medicinais nunca foram menosprezados (Salgado, 2017).

Pinheiro *et al.* (2013) observaram que a organização dos serviços oferecidos pelo SUS em Rio Branco, no Acre, está totalmente fora dos padrões quando se pensa no quesito cultural, inclusive colocando em risco a saúde dos indígenas, ao misturar etnias e proibir especialistas locais, como benzedores e pajés, de exercer suas funções em espaços de saúde públicos. Para os autores, os indígenas podem estar se sentindo desrespeitados e descriminalizados nos serviços de saúde, já que suas práticas de cura não são validadas.

As práticas de benzimento integram os saberes ancestrais de cuidados com os corpos e a vida, com modos de tratamento e etiologia próprios. O benzimento é uma das peças-chave para tratar a saúde dos povos e das comunidades tradicionais de forma ampla e integral (De Las Casas; Matos, 2022). A cura de enfermidades através do contato com o sagrado transcende a esfera científica.

O benzimento realizado pelas rezadeiras Pankararu, que vivem no Real Parque, em São Paulo, e na Terra Indígena Pankararu (TI Pankararu), em Pernambuco, ocorre através de um ritual xamânico guiado por encantados. Em São Paulo, os rituais de cura ocorrem nas casas dos parentes, com o uso de plantas, “cascas” (ervas medicinais) e “garrafadas” (bebida ritual) trazidas da aldeia, podendo durar até uma noite inteira (Lovo, 2018). Algo similar foi identificado na Comunidade Quilombola de Olaria, no interior da Bahia, onde existe um benzedor que, através do contato com os santos, caboclos e orixás, também indicava remédios caseiros para os necessitados (Santos, 2009).

Os povos Ye’pá Mahsã, conhecidos como Tukano, em São Gabriel da Cachoeira / AM, possuem vastos conhecimentos na cura com plantas e benzimento. “Para os Tukano, o benzimento envolve todo o conhecimento da história do surgimento do povo” (Alencar *et al.*, 2024, p. 327). O benzimento é considerado por eles uma ciência, e esse saber é passado de forma transgeracional pelos mais velhos da aldeia, como uma forma de resistência cultural.

Nas Comunidades Quilombolas Mocambos Silêncio e São José, em Óbidos, Pará, localizadas na região do Baixo Amazonas, os benzedores e as benzedadeiras são símbolos de resistência ao modelo de saúde oficial, fortalecendo sobremaneira a saúde coletiva da comunidade e a qualidade de vida das pessoas (Barros, 2019). No quilombo Abacatal, em Ananindeua, também no Pará, o benzimento está entre as práticas de cuidado e cura mais utilizadas pelos remanescentes quilombolas (Gama *et al.*, 2019).

Em um estudo realizado em comunidades remanescentes de quilombo, pertencentes ao município de Anajuba, no Maranhão, identificou-se que a cultura do benzimento ainda é muito presente, principalmente nas comunidades rurais. A maioria dos benzedores entrevistados nesse estudo, em caso de doenças físicas graves, indicavam os serviços de saúde pública, sendo o benzimento um tratamento paralelo. Somente as doenças de cunho espiritual e psicológico eram de responsabilidade do benzimento. Nessas comunidades, ressalta-se o caráter cultural do benzimento, que, mesmo com interferências externas, continua resistindo, por meio de suas práticas, e compreendendo seu papel no processo de cura de enfermidades que as práticas médicas oficiais jamais conseguiriam combater (Rabelo, Ararújo e Almeida Jr., 2022).

Na pesquisa realizada nas comunidades quilombolas de Barra e Bananal, em Rio de Contas, na Bahia, Cruz (2011) constatou a existência de benzedoiras nas comunidades, mas elas estão “ocultas”. A autora chega a essa conclusão após perceber a negação da existência dessa prática pela maioria dos entrevistados, o que decorre da interferência da Igreja Católica na região, a partir da reforma ocorrida com o catolicismo ultra-romano e suas estratégias universalistas e unitárias, tendo como única verdade a sua forma de mundo. No ano seguinte, Aguiar (2012), em sua tese, conseguiu identificar na comunidade de Barra cerca de cinco benzedoiras, que também exerciam as funções de conselheiras, parteiras e rezadeiras. Mesmo com a interferência imposta pela religião dominante na comunidade (o catolicismo), as benzedoiras registradas mantêm aspectos afro-brasileiros em suas práticas de cura.

Como forma de resistência e manutenção do benzimento em comunidades tradicionais, cita-se como exemplo o Quilombo do Mocambo, em Sergipe. Lá, as igrejas evangélicas não entram, pois a comunidade não permite sua instalação “para não perder suas origens”. Para eles, o “samba de coco, as rezas, as ervas e as benzedoiras” representam cura, e os evangélicos demonizam algo que faz parte de sua cultura. A Igreja Católica presente na comunidade não interfere em suas vivências, e por isso eles não veem perigo na existência dela na comunidade (Correa, 2020).

Em um estudo realizado por Matias e Morales (2023) com benzedores em Pelotas/RS, observou-se a presença do benzimento em terreiros de religiões afro-brasileiras na região. As benzeduras também foram registradas em rituais de religiões afro-brasileiras no Agreste Alagoano (Sátiro, Vieira e Rocha, 2019), em

Sergipe (Nascimento-Filho, 2024), em Macapá-AP (Cordeiro, 2017) e na Bahia (Pires *et al.*, 2009). Nas religiões de raiz africana, o ato de benzer está relacionado não só à cura de enfermidades, mas também à proteção do corpo e ao fortalecimento da fé.

Nas comunidades tradicionais, o benzimento é uma ferramenta de cura ancestral, que não está apenas alinhada à cura de doenças, mas, de forma mais ampla, atua na proteção espiritual, na manutenção da harmonia e no equilíbrio dessas comunidades. Ele desempenha um papel primordial, sendo uma estratégia de resistência, preservação e afirmação da identidade religiosa e cultural desses povos.

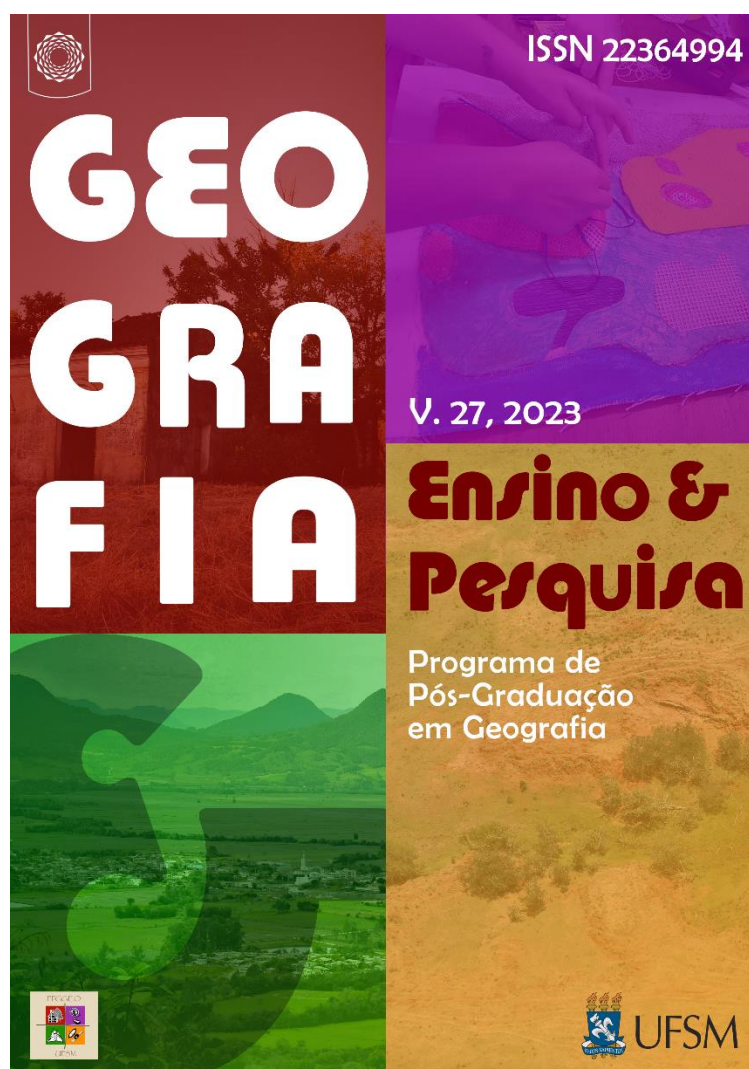
5. ARTIGO I: A GEOGRAFIA DO BENZIMENTO NA BAHIA: UM OLHAR SOBRE AS MACRORREGIÕES DE SAÚDE

Bastos, N. G.; Andrade, W. M.; Santos, C. A. B.; Nogueira, E. M. S.

Publicação: 26/02/2024

Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499475434>

Qualis (2017-2020): A2





ISSN 2236-4994
ACESSO ABERTO

Geog Ens Pesq, Santa Maria, v. 27, e75434, p. 1-31, 2023 <https://doi.org/10.5902/2236499475434>
Submissão: 24/04/2023 • Aprovação: 12/12/2023 • Publicação: 26/02/2024

Produção do Espaço e Dinâmica Regional

A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

The geography of benzimento in Bahia: a look at health macro-regions

La geografía de benzimento en Bahía: una mirada a las macrorregiones de salud

Nayara Gomes Bastos¹ , Wbaneide Martins de Andrade¹ ,
Carlos Alberto Batista dos Santos¹ , Eliane Maria de Souza Nogueira¹

¹ Universidade do Estado da Bahia , Salvador, BA, Brasil

RESUMO

A benzeção é uma prática alternativa de cura, que faz parte do legado sócio-cultural e histórico da sociedade brasileira, marcante no estado da Bahia. Dada a sua importância, esta pesquisa tem como objeto compilar e analisar estudos sobre as práticas de benzimento no estado da Bahia, a partir das macrorregiões de saúde. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada nas bases de dados Google Acadêmico, SciELO, Scopus, Portal CAPES, Web of Science, Elsevier e LILACS. Os critérios de inclusão adotados para seleção dos estudos abrangem publicações realizadas no território baiano durante o período de 2010 a 2020, disponibilizadas de forma gratuita na Web, no formato de artigo, resumo, monografia, dissertação, tese ou livro. Foi registrado um total de 50 produções distribuídas nas 8 macrorregiões. Registrou-se a prática de benzimento em 36 municípios baianos, sendo as Macrorregiões com maior número de pesquisa a Sudoeste (n=11) e a Leste (n=10), a macrorregião Sul não apresentou registros. A análise da literatura mostrou a potência dessa prática de cura, evidenciando à quão necessária é, principalmente nos locais onde a medicina convencional é pouco acessível. É perceptível a existência de lacunas que impossibilitam traçar um padrão a cerca dessas práticas no estado. Logo é imprescindível a realização de novos estudos centrando esforços para ampliar os conhecimentos nessa temática e verificando se os estudos e registros desses saberes pelos acadêmicos são incipientes.

Palavras-chave: Benzimento; Macrorregiões de saúde; Bahia

ABSTRACT

Blessing is an alternative healing practice, which is part of the socio-cultural and historical legacy of Brazilian society, which is remarkable in the state of Bahia. Given its importance, this research aims to compile and analyze studies on blessing practices in the state of Bahia, base on the health macro-regions. This is an integrative literature review, carried out in the Google Scholar, SciELO, Scopus, Portal



Artigo publicado por Geografia Ensino & Pesquisa sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

2 | A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

CAPES, Web of Science, Elsevier and LILACS databases. The inclusion criteria adopted for the selection of studies cover publications carried out in Bahia during the period from 2010 to 2020, made available free of charge on the web, in the format of article, summary, monograph, dissertation, thesis or book. A total of 50 productions distributed in the 8 macro-regions were recorded. The practice of blessing was recorded in 36 municipalities in Bahia, with the Macro-regions with the highest number of research being in the Southwest (n=11) and East (n=10), the South macro-region did not present records. The analysis of the literature showed the power of this healing practice, showing how necessary it is, especially in places where conventional medicine is not very accessible. It is noticeable the existence of gaps that make it impossible to draw a pattern around these practices in the state. Therefore, it is essential to carry out new studies focusing efforts to expand knowledge on this subject and verifying whether studies and records of this knowledge by academics are incipient.

Keywords: Blessing; Health Macroregions; Bahia

RESUMEN

La bendición es una práctica de sanación alternativa, que forma parte del legado sociocultural e histórico de la sociedad brasileña, que es notable en el estado de Bahía. Dada su importancia, esta investigación tiene como objetivo recopilar y analizar estudios sobre prácticas de bendición en el estado de Bahía. macrorregiones de salud. Se trata de una revisión integradora de la literatura, realizada en las bases de datos Google Scholar, SciELO, Scopus, Portal CAPES, Web of Science, Elsevier y LILACS. Los criterios de inclusión adoptados para la selección de estudios incluyen publicaciones realizadas en Bahía durante el período de 2010 a 2020, disponibles de forma gratuita en la web, en formato de artículo, resumen, monografía, disertación, tesis o libro. Se registraron un total de 50 producciones distribuidas en las 8 macrorregiones. La práctica de la bendición fue registrada en 36 municipios de Bahia, siendo las Macrorregiones con mayor número de investigaciones la Sudoeste (n=11) y Este (n=10), la macrorregión Sur no presentó registros. El análisis de la literatura mostró el poder de esta práctica curativa, mostrando cuán necesaria es, especialmente en lugares donde la medicina convencional es poco accesible. Es notoria la existencia de vacíos que imposibilitan trazar un patrón en torno a estas prácticas en el estado. Por lo tanto, es fundamental realizar nuevos estudios enfocando los esfuerzos para ampliar el conocimiento sobre este tema y verificar si los estudios y registros de este conocimiento por parte de los académicos son incipientes.

Palabras-clave: Bendición; Macro Regiones de Salud; Bahía

1 INTRODUÇÃO

Uma das estratégias organizativas criada para responder as deficiências do Sistema de Saúde no Brasil foi a regionalização da saúde com a criação de redes. Esta ferramenta teve o intuito de sanar as necessidades individuais e coletivas da saúde da população por meio de um planejamento integrado, onde houvesse comunicação eficaz, considerando a extensão do estado baiano.

Dessa forma, foram criadas, a partir da Lei nº 13.204/2014, as Macrorregiões de saúde na Bahia, denominados Núcleos Regionais de Saúde (NRS), com a finalidade de acompanhar as atividades de regulação e de vigilância sanitária, bem como as ações relativas à Coordenação de Monitoramento de Prestação de Serviços de Saúde, Central de Aquisições e Contratações da Saúde e à Corregedoria da Saúde, contribuindo para o fortalecimento da gestão, junto aos Municípios (Bahia, 2014).

O estado da Bahia é uma área fortemente marcada pela diversidade étnica e cultural, decorrente do processo histórico de colonização, onde o arcabouço sociocultural advém de uma vasta mistura de crenças e tradições oriundas das concepções dos povos africanos, indígenas e europeus (Santos *et al.*, 2021). Nessa perspectiva, ressalta-se a importância das ações de tratamento de doenças realizadas pelas comunidades de curandeiras(os), rezadeiras(os) e benzedeiras(ores) que buscam curar pessoas doentes de suas enfermidades através das práticas de benzimento, utilizando seus conhecimentos tradicionais e o auxílio de recursos naturais.

A medicina tradicional nada mais é do que uma combinação de conhecimentos e práticas que tem por objetivo prevenir, promover ou eliminar as doenças físicas, mentais e sociais embasadas em experiências passadas e na observação, sendo transmitidas de forma transgeracional, tanto oralmente como por escrito (OMS, 2002). No Sistema Único de Saúde Brasileiro – SUS, há registros desde a década de 1980 da Medicina Tradicional e Complementar (Justo; Gomes, 2007), mas só a partir de 2006, com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares -PNPIC, é que elas foram legitimadas e inseridas de forma ampla nos sistemas de saúde (Brasil, 2006).

Os rituais de benzimento fazem parte da memória cultural da sociedade, essa prática alternativa de cura representa um legado histórico marcante no estado baiano. O benzimento estava presente no dia a dia das populações do Brasil colonial, e emergiu do arcabouço cultural dessa época (Viana, 2019). Este estudo tem como objetivo precípua compilar e analisar estudos publicados em bases de dados digitais acadêmico-científicas, na última década (2010-2020), acerca das práticas do benzimento revisitando a trajetória do conhecimento construído através de benzedeiras(ores), curandeiras(os) e rezadeiras(ores) nas macrorregiões de saúde baiana.

4 | A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

Importante salientar que, em alguns municípios brasileiros, essa prática é oficializada, sendo os praticantes de benzimento reconhecidos dentro do sistema de saúde (Ducati, 2012 e Costa, 2009). Sendo assim, essa pesquisa contribui significativamente para compreender o universo da prática de benzimento na Bahia, através do mapeamento e análise das publicações sobre o tema, para melhor entender como essas práticas estão distribuídas e se existe um padrão nos saberes nas macrorregiões de saúde, evidenciando as lacunas de registro do conhecimento, além de fornecer dados que possam subsidiar políticas públicas de saúde no estado.

2 PROCESSO METODOLOGICO

O método utilizado para a revisão sistêmica da literatura foi o de revisão integrativa, a partir dos estudos de Broome (2000), Rother (2007) e Botelho *et al.* (2011). Nessa perspectiva, esse trabalho apresenta uma construção teórica acerca das pesquisas publicadas sobre os conhecimentos e práticas do benzimento na Bahia. Vale ressaltar que aqui usamos os termos benzedeiras, rezadeiras, benzedores e rezadores enquanto sinônimos, representando os agentes praticantes de benzimento.

A partir do tema “Etnobotânica do Benzimento na Bahia”, buscou-se responder à seguinte pergunta: Qual o status atual da prática do benzimento e permanência desta tradição entre as expressões culturais nos diversos grupos humanos no estado da Bahia?

A pesquisa foi desenvolvida em seis etapas (Figura 1), com buscas em artigos, livros, monografias, dissertações e teses de acesso livre nas plataformas de busca nas bases de dados científicas: Google Acadêmico, SciELO, Scopus, Portal CAPES, Web of Science, Elsevier e LILACS, sendo utilizados os seguintes descritores, nas línguas portuguesa e inglesa: “Benzimento”, “Benzedeira”, “Benzedura”, “Curandeira”, “Rezadeira”, “Etnobotânica medicinal” e “Cura”, isoladas e/ou combinadas com a palavra “Bahia” e a sigla “BA”.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão das publicações: a) publicações entre os anos de 2010 a 2020; b) pesquisas realizadas no território baiano; c) publicações

disponibilizadas na Web gratuitamente, d) ser publicado em forma de artigo, resumo, monografia, dissertação, tese ou livro. A identificação e seleção dos estudos foram realizados partir da leitura sistemática do título, palavras-chaves e resumos. Caso a leitura desses dados não fosse suficiente para inserir o material na seleção, buscava-se o material na íntegra. Os dados foram compilados e analisados utilizando-se o software Excel.

Figura 1 – Mapa Conceitual das etapas da revisão integrativa



Fonte: Organizado pelos autores (março, 2023) adaptado de Botelho *et al.* (2011)

3 A GEOGRAFIA DO BENZIMENTO NA BAHIA

Foram inicialmente selecionados, um total de 78 estudos, desses 27 foram excluídos por não se adequarem aos critérios estabelecidos nessa pesquisa. Quando o mesmo trabalho foi encontrado em outra base de dados, caracterizando-se duplicidade, esse foi retirado da análise.

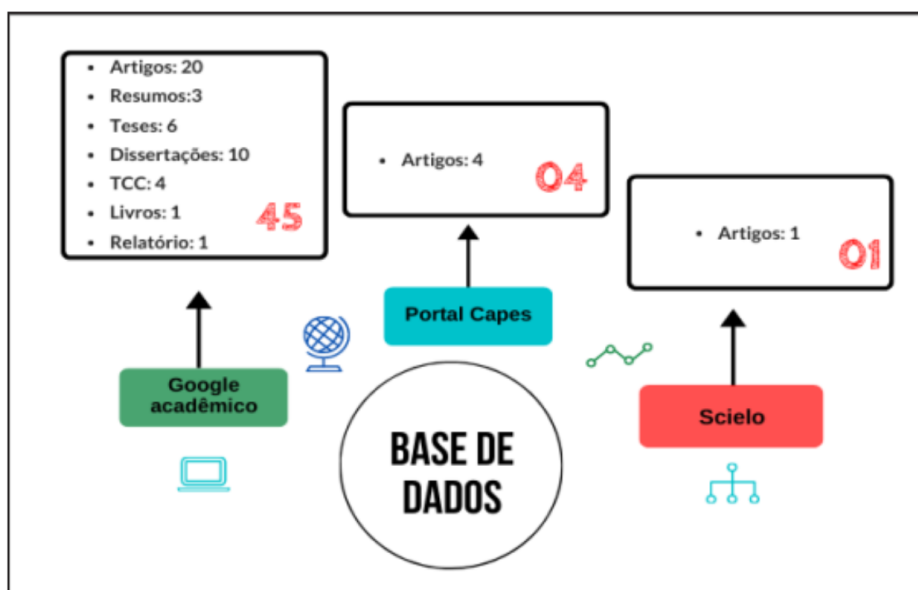
Ao final, atendendo aos critérios de inclusão, fizeram parte dessa amostra um total de 50 (cinquenta) estudos, distribuídos nas bases de dados pesquisadas

6 | A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

da seguinte forma: Google acadêmico com 45 (90%) publicações, sendo 20 artigos (40%), 3 (6%) resumos, 6 (12%) Teses, 10 (20%) dissertações, 4 (8%) monografias, 1 (2%) relatório e 1 (2%) livro. O Portal CAPES registrou 4 artigos, e o Scielo 1 artigo. Nas bases Web of Science, Elsevier, Scopus e LILACS não houve registro de publicações sobre a temática que se enquadrasse nos critérios de inclusão (Figura 2).

Com relação à Natureza das publicações, o formato de artigo foi o mais encontrado, correspondendo a 50% (n=25), seguido das dissertações de mestrado, com um equivalente a 19,6% (n=10) dos dados. As Teses representam 11,7% (n=6) dos registros, monografias com 7,8% (n=4) e resumos com 5,8% (n=3) das pesquisas, as demais categorias tiveram apenas 1 registro em cada (Figura 2).

Figura 2 – Fluxograma apresentando as bases de dados e a natureza das publicações

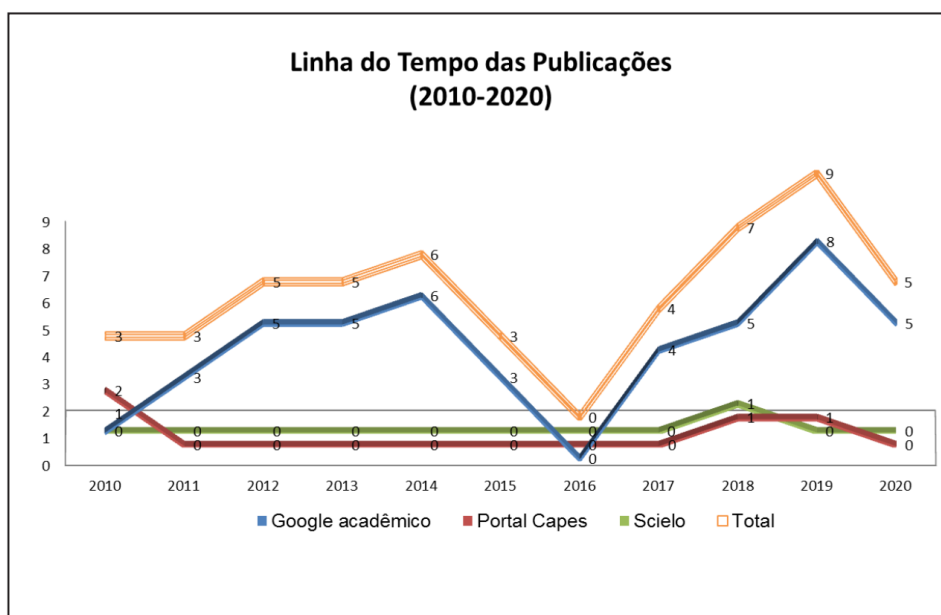


Fonte: Organizado pelos autores (março, 2023)

No que concerne à periodicidade das publicações, a Figura 3 traça uma linha do tempo, demonstrando que os anos com maior número de publicações foram 2019 com 19,6% (n=10), seguido de 2018 com 13,7% (n=7) e 2014 com 11,7% (n=6). Nota-

se uma flutuação nas publicações, com uma queda abrupta na produção em 2016, sem registro de publicações e retomando o crescimento em 2017 com quatro (n=4), atingindo o ápice em 2019 com nove (n=9) publicações, e decaindo em 2020 para cinco (n=5) publicações.

Figura 3 – Linha do tempo das publicações sobre benzimento para o estado da Bahia no período de 2010-2020



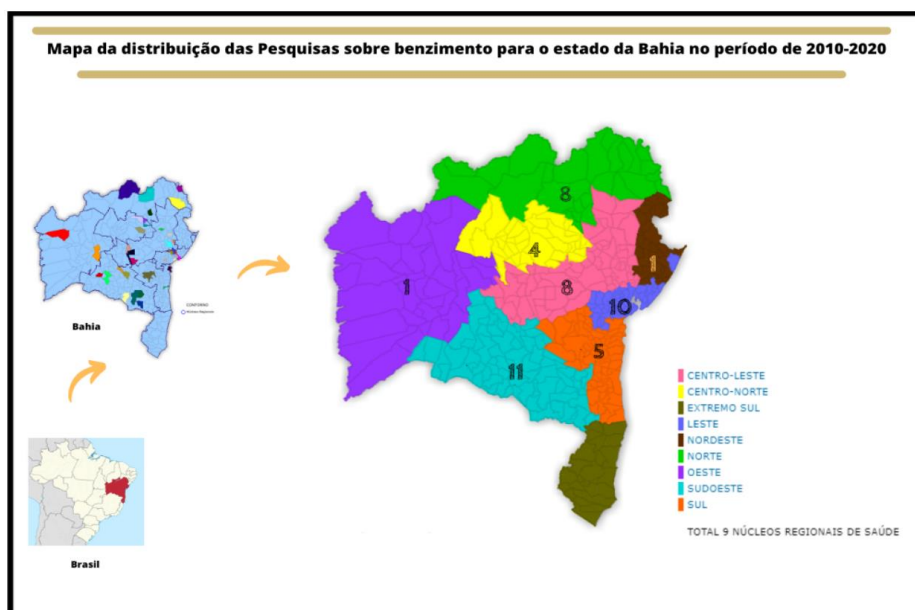
Fonte: Organizado pelos autores (março, 2023)

Em relação à distribuição geográfica dos estudos, foram registrados 37 municípios baianos: Andaraí, Barra do Choça, Cachoeira, Caem, Caetité, Cairú, Casa Nova, Feira de Santana, Glória, Governador Mangabeira, Irará, Itaitê, Ituaçu, Jequié, Jeremoabo, Juazeiro, Lençóis, Matina, Miguel Calmon, Mirangaba, Paririranga, Riachão das Neves, Ribeira do Largo, Rio de Contas, Salvador, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Francisco do Conde, Saúde, Senhor do Bonfim, Serrinha, Tremendal, Uruçuca, Valente, Vera Cruz, Vitória da Conquista. Contudo, dada a extensão territorial da Bahia, considera-se uma representação incipiente, considerando a existência de

8 | A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde

417 municípios no território baiano, o maior Estado da Região Nordeste em extensão territorial (Figura 4).

Figura 4 – Mapa de distribuição das pesquisas sobre benzimento para o estado da Bahia, no período de 2010-2020 destacando as macrorregiões de saúde



Fonte: Organizado pelos autores (março, 2023) adaptado de http://www1.saude.ba.gov.br/mapa_bahia

O benzimento enquanto estratégia de acolhimento e tratamento de saúde pode ser considerado uma ação de saúde pública no estado da Bahia, principalmente em zonas rurais, uma vez que nessas áreas, a melhoria na dinâmica organizativa da saúde pública do Sistema Único de Saúde - SUS enfrentou e enfrenta várias deficiências. Diante desse cenário e buscando sanar as lacunas existentes, uma das estratégias organizativas criada foi o processo de regionalização da saúde, tendo como alicerce a criação de redes. Na Bahia, o estado foi subdividido em nove (n=9) Macrorregiões, denominadas Núcleos Regionais de Saúde - NRS, visando otimizar a gestão pública.

Considerando o benzimento como uma prática relacionada a saúde, analisamos a distribuição das publicações nas 8 macrorregiões (Centro-Leste, Centro-Norte, Leste,

Nordeste, Norte, Oeste, Sul e Sudoeste), excetuando-se o Extremo Sul, pois não foram encontrados registros (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
Centro-Leste 16%(n=8)	SANTANA, M. C. (2018)	A contribuição do livro de literatura Cascalho para compreender a cidade de Andaraí no século XX	Andaraí	Ur	Monografia
	CARVALHO, M. C. M (2011)	Benzimento e cura na comunidade de São João do Cazumbá	Feira de Santana	Ru	Artigo
	SAMPAIO, M. C. J. (2013)	O currículo vivido e os repertórios culturais negros nas escolas municipais da Matinha dos Preto-BAs: diálogos com a lei 10.639/03	Feira de Santana	Ru(Qui)	Dissertação
	SILVA, J. D; CORDEIRO, R. C. (2010)	Práticas de cura numa comunidade quilombola	Irará	Ru(Qui)	Artigo
	MAGALHÃES, M. O. S. (2019)	Histórias de Dindo: causos, benzas e rezas	Itaitê	Ru	Monografia
	PEREIRA, L. A. (2014)	Nas trilhas de uma comunidade Quilombola: tradição, oralidade, memória coletiva e identidade	Lençóis	Ru(Qui)	Dissertação

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	MACHADO, R. (2019)	O sagrado feminino: poder que vem de dentro- despertar, cura, conexão ancestral e empoderamento de mulheres	Serrinha	Ur	Resenha
	NERI, M. L. S. P.; FREIXO, A. A. (2019)	Conhecendo as plantas medicinais por meio da exploração dos cinco sentidos: uma experiência na região sisaleira da Bahia	Valente	Ru	Artigo
Centro-Norte 8%(n=4)	SANTOS, J. (2018)	Sagrado feminino em Piabas: o que o campo diz?	Caem	Ru	Artigo
	NASCIMENTO, R. C. D. (2020)	Comunidade quilombola de Mucambo dos Negros: identidade étnico-racial no Programa de Saúde na Escola – Miguel Calmon–BA.	Miguel Calmon	Ru (Qui)	Dissertação
	CRUZ, J. S. (2014)	A trajetória da comunidade quilombola de Coqueiros: história e memória	Miraranga	Ru (Qui)	Monografia
	MOURA, J. (2019)	Com dois te botaram com três eu te curo: as representações de cura na prática das benzedeiras de paiaiás no município de Saúde/Bahia (1950–2018).	Saúde	Ru	Monografia

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
Leste 21%(n=10)	TAVARES, F. <i>et al.</i> (2019)	Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas, Cachoeira, Bahia Salvador	Cachoeira	Ru(Qui)	Livro
	CONCEIÇÃO, A. S. (2011)	O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": Práticas religiosas e culturais nas benzenções	Governador Mangabeira	Ru	Dissertação
	CONCEIÇÃO, A. S. (2012)	"No meu tempo, quando eu era criança [...] Todo mundo era	Governador Mangabeira	Ru	Artigo
	CONCEIÇÃO, A. S. (2017)	Notas sobre religiosidades populares no Recôncavo	Governador Mangabeira	Ru	Artigo
	NASCIMENTO, L. G. (2013)	"Aqui são usos e frutos": uma análise antropológica sobre a comunidade quilombola do Alto do Tororó na Baía de Aratu, Salvador, Bahia	Salvador	Ru(Qui)	Dissertação
	COSTA, L. S. <i>et al.</i> (2014)	O saber popular no cuidado ao recém-nascido em uma comunidade quilombola.	Salvador	Ru(Qui)	Resumo
	RIBEIRO, E. P. <i>et al.</i> (2018).	Diálogo com o sagrado: narrativas das benzedeiras e rezadeiras de Santo Amaro	Santo Amaro	Ur	Artigo

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	NASCIMENTO, M. S. (2014)	Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus-BA (1940–1970).	Santo Antônio de Jesus	N.I.	Artigo
	JESUS, W. S. (2012)	Rezadeiras/ rezadores de preceito de São Francisco do Conde: itinerário de fé e cura nas práticas etnomédicas.	São Francisco do Conde	Ur/ Ru	Dissertação
	MACHADO, R. F. (2019)	As folhas vermelhas do mangue: uma etnografia sobre os mortos, a morte e a maré em Matarandiba (BA).	Vera Cruz	Ru	Tese
Nordeste 2%(n=1)	SANTOS, S. J. (2015)	Ator em cena: Morte e vida Severina.	Paripiranga	Ru	Relatório
Norte 16%(n=8)	MONTEIRO, F. P. (2010)	Vida em Santidade: modos de ser santo em uma comunidade messiânico-milenarista do sertão baiano (Pau de Colher, 1934-1938	Casa Nova	Ru(Qui)	Artigo

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	SANTOS, D. R. V, <i>et al.</i> (2018)	Plantas antiparasitárias utilizadas pelos indígenas Kantaruré-Batida (NE-Brasil): Etnobotânica e riscos de erosão dos saberes locais.	Glória	Ru(Ind)	Artigo
	ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. (2010)	O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil	Jeremoabo	Ru(Qui)	Artigo
	FERNANDES, F. M. S. (2013)	Comunidade quilombola de casinhas em Jeremoabo Bahia: seu tempo, seu chão, sua memória	Jeremoabo	Ru(Qui)	Dissertação
	GIUDICE, D. S. (2015)	História cultura turismo e desenvolvimento em Juazeiro-BA.	Juazeiro	N. I.	Artigo
	SILVA, R. C. M; SOUZA, R. M. (2014)	Indicações das plantas medicinais no processo saúde/doença: o conhecimento tradicional em Juazeiro-Bahia	Juazeiro	Ru	Artigo
	LIMA, C. M. (2019)	A importância da relação religiosidade e saúde nas práticas de cuidadores tradicionais quilombolas.	Senhor de Bonfim	Ru(Qui)	Artigo

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde.

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	SANTOS, P. O. (2013)	Ser quilombola no sertão: Tijuaçu, lutas e resistências no processo de construção identitária.	Senhor de Bonfim	Ru(Qui)	Dissertação
Oeste 2%(n=1)	OLIVEIRA, P.C.; GUIMARÃES, S. F. (2015)	Saberes e Práticas de Saúde em Riachão das Neves (BA)	Riachão das Neves	Ru	Resumo
Sudoeste 23%(n=11)	ROCHA, S. M. (2013)	As Benzedeadas, Folhas, Rezas e Segredos: uma apologia à Vida	Barra do Choça	Ur/ Ru	Artigo
	VIEIRA, S. A. (2012)	A arte de zombar como possibilidade de resistência: Notas sobre as relações jocosas em uma comunidade quilombola no alto sertão baiano	Caetité	Ru(Qui)	Artigo
	BASTOS, L. C. S. L (2020)	Nas trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia de um saber-fazer que se transforma.	Caetité	Ru(Qui)	Artigo
	DE BENEDICTIS, P.D. (2017)	Cova de Pedro e Gruta da Mangabeira, estudo antropológico de práticas religiosas mestiças no interior da Bahia (Brasil).	Ituaçu e Ribeirão do Largo	Ru	Tese
	TEIXEIRA, C.A.P. (2018)	Relatos de memórias: Vaqueiros do Alto Sertão da Bahia	Matina	N. I.	Artigo

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua)

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	SILVA, L. J. ; SOUZA, R. S. (2019)	(Re) existência “Margarida”-mulher negra quilombola: identidade, religiosidade e o poder de cura na Chapada da Diamantina-BA	Rio de Contas	Ru(Qui)	Artigo
	SILVA, L. J. (2017)	Etnicidade e cura entre benzedeiras quilombolas de Rio de Contas-BA.	Rio de Contas	Ru(Qui)	Dissertação
	CRUZ, S. A. (2011)	Identidades cambiantes nas comunidades quilombolas de Rio de Contas, no Alto Sertão baiano.	Rio de Contas	Ru(Qui)	Tese
	AGUIAR, G. O. (2012)	Mulheres negras da montanha: a religiosidade das benzedeiras de Rio de Contas	Rio de Contas	Ru(Qui)	Tese
	QUEIROZ, G. B. <i>et al.</i> (2017)	Diversidade na Maneira de uso das Plantas Medicinais em Comunidades Rurais de Tremedal-BA	Tremedal	Ru	Artigo
	LIMA, V. I. C.; NASCIMENTO, W. S. (2018)	Nações, fronteiras e relações étnicas na comunidade indígena-quilombola do Baixão (Vitória da Conquista, BA).	Vitória das Conquistas	Ru	Artigo
Sul 10%(n=5)	MARTINS, L. A. (2014)	Cuidado ao recém-nascido em Comunidade Quilombola e a influência integrada intergeracional.	Cairú	Ru (Qui)	Dissertação

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

(Continua))

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	Natureza da publicação
	ALMEIDA, G. S. <i>et al.</i> (2012).	Conhecimento e uso de Plantas Medicinais da Cultura Afro-Brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no Município de Jequié-BA.	Jequié	Ru	Artigo
	LINHARES, E. F. (2018)	Tenho guardado os “imbigo” de todos os meus netos: memória de avós no cuidado com o coto umbilical.	Jequié	Ur	Tese
	AMARAL, S.L.P. <i>et al.</i> (2020)	Intervenção educativa em saúde a respeito do tétano neonatal e coto umbilical.	Jequié	Ur	Artigo
	SILVEIRA, I. P. (2020)	(Eco) logias do cuidado: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca-BA.	Uruçuca	Ru	Tese
Não cita	MACHADO, R. (2020)	O sagrado feminino: poder que vem de dentro- despertar, cura e empoderamento de mulheres.	N. I.	N. I.	Artigo

Tabela 1 – Distribuição das variáveis de análises das pesquisas publicadas sobre o Benzimento entre os anos de 2010-2020 no estado da Bahia com base nas macrorregiões de saúde

Macrorregiões de Saúde na Bahia	Autor(Ano)	Título da Obra	Municípios da Pesquisa na Bahia	Zonas Gráficas	(Conclusão)
					Natureza da publicação
	SANTOS, A. N. S; DO NASCIMENTO, E. R. (2019)	Proposições de cuidado cultural à enfermagem frente a aspectos da saúde reprodutiva de mulheres quilombolas.	N. I.	Ru(Qui)	Artigo

Fonte: Organizado pelos autores (2023); Legenda: Ru= Rural, Ru(Qui)=Rural (Quilombola), Ur= Urbana, Ur/Ru= Urbana e Rural, N.i. = Não informado

A macrorregião mais representativa foi a Sudoeste com 23% (n=11) das publicações, destacando os municípios de Rio de Contas (n=4) e Caetité (n=2) com um maior número de pesquisas encontradas. As demais publicações distribuídas entre as cidades de Barra do Choça, Matina, Ribeirão do Largo e Ituaçu, Tremendal e Vitória da Conquista, com um (n=1) registro.

Dentre as pesquisas encontradas na macrorregião Sudoeste, nove (n=9) foram realizadas em áreas rurais, sendo seis (n=6) dessas em comunidades quilombolas. Os demais trabalhos foram em área urbana-rural (n=1) e, quando não foi possível identificar, incluiu-se na categoria “não cita” (n=1).

Nas comunidades de Barra/Bananal em Rio de Contas, as rezadeiras e benzedadeiras rememoram os tempos de outrora quando a assistência médica era inexistente na comunidade, e a cura para as enfermidades só era possível com rituais de Benzimento e remédios caseiros. Enfatizando que as pessoas viviam muito com as práticas desenvolvidas pelas comunidades locais naquela época, inclusive destacam a existência de doenças que médico nenhum daria jeito, apenas com benzimento seria possível a cura (Silva, 2017).

Quatro estudos de relevância destacam-se nas comunidades de Barra e Bananal, ambas em Rio de Contas, abordando o tema do benzimento. Duas teses em Ciências Sociais sobressaem-se nesse cenário: a pesquisa de Cruz (2011), que se concentra na compreensão da formação da identidade étnica dessas comunidades e em suas dinâmicas de intercâmbio, e a investigação de Aguiar (2012), que realizou uma análise da religiosidade das benzedoras negras da região montanhosa. Aguiar explorou a história de Rio de Contas, traçando uma narrativa sobre a mulher negra na diáspora brasileira, sua conexão com mulheres africanas e o papel social crucial da benzedura na religiosidade popular.

Essas pesquisas são complementadas pelos estudos de Silva (2017), cuja dissertação analisou a formação da identidade étnica das benzedoras nas mesmas comunidades, destacando o risco iminente de perda dessa prática, especialmente devido à falta de interesse dos mais jovens em aprendê-la. Adicionalmente, Silva e Souza (2019) contribuíram para o entendimento em Barra e Bananal, abordando questões de etnicidade, religiosidade e gênero. Esses estudos em Rio de Contas ressaltam a importância central dos praticantes de benzimento, evidenciando seu relevante papel na dinâmica social e cultural local.

No alto sertão baiano, no município de Caetité, estudo realizado com Comunidade Quilombola de Malhada por Vieira (2012) identificou os curadores e benzedores como “entendidos”, destacando sua habilidade singular para curar os enfermos. O termo “benzedores” aparece no texto, associando esses indivíduos à capacidade de se harmonizar com diversas potências e influências nas práticas de cura. Conforme a autora, o “entendido” é aquele que possui a destreza ou dom de alinhar-se a diferentes forças, ressaltando sua notável relevância social.

A pesquisa etnográfica realizada por Bastos (2020), em Caetité, no Quilombo Sambaíba através de outra abordagem buscou compreender a construção das identidades, explorando o processo do saber-fazer. A tradição do benzimento é minuciosamente descrita na sétima trilha do estudo, enfatizando a fé como “a propulsora de energia, sem a qual nada se realiza (p.72)”. Dado que a comunidade não

dispõe de um posto de saúde, as benzedeiras desempenham um papel fundamental no contexto da saúde pública, agindo como verdadeiras provedoras de cuidado.

A segunda macrorregião de saúde com maior número de trabalhos encontrados foi a Leste, com 21% (n=10) dos registros. Apenas na cidade de Governador Mangabeira, foram três (n=3) publicações, todas da mesma autoria (Conceição, 2011; 2012; 2017). Os demais estudos foram realizados em Salvador (n=2), Cachoeira, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Francisco do Conde e Vera Cruz, com um (n=1) registro para cada localidade.

Dentre essas pesquisas, sete (n=7) foram em áreas rurais, sendo três (n=3) dessas em Comunidades Quilombolas. Os demais foram distribuídos em espaços urbanos, urbano/rural e “não cita” com (n=1), respectivamente. Dentre os três desenvolvidos em Comunidades Quilombolas, apenas Costa et al. (2014), na comunidade Quilombola de Ilha de Maré, retrata o Benzimento como prática religiosa no cuidado de recém-nascidos, tanto prevenindo doenças quanto livrando de males, como o mau-olhado.

As três pesquisas realizadas em Governador Mangabeira exploraram o universo cultural e religioso de rezadeiras e rezadores na zona rural do município. A autora chama a atenção para o fato das práticas curativas aplicadas por esses agentes possuírem um caráter preventivo, já que para eles mais importante que curar a doença é assegurar, a partir de resguardos, que ela não consiga evoluir (Conceição, 2011; 2012; 2017).

Na zona urbana de Santo Amaro, existe um consenso de que algumas enfermidades só podem ser curadas totalmente através das rezas e benzimentos (Ribeiro *et al.*, 2018). Percebe-se que, mesmo com o fácil acesso à medicina convencional nas cidades, o benzimento permanece como um símbolo de resistência, valorando o poder curativo das folhas e das rezas.

Na macrorregião Centro-Leste, foram registradas 16% das publicações (n=8) distribuídas nas cidades de Feira de Santana (n=2), Andaraí, Irará, Itaitê, Lençóis, Serrinha e Valente, cada uma com um (n=1) registro. Dentre os estudos, seis (n=6) foram realizados na zona rural e dois (n=2) na urbana, sendo que em espaços rurais metade (n=3) foi em Comunidades Quilombolas.

Em Feira de Santana, destacam-se dois estudos, Carvalho, 2011 e Sampaio, 2013 que lançam luz sobre diferentes perspectivas do benzimento. O trabalho de Carvalho (2011), desenvolvido na comunidade rural de São João do Cazumbá, oferece uma análise aprofundada das representações religiosas intrínsecas a essa prática de benzimento. Explorando como as crenças religiosas permeiam e fundamentam o benzimento, o autor proporciona uma compreensão mais rica desse fenômeno. Já em Matinha a autora busca entender como as práticas e narrativas das benzedadeiras pode contribuir para ressignificar os conteúdos curriculares (Sampaio 2013).

Na zona rural de Valente, os benzedores são detentores dos conhecimentos empíricos a cerca das plantas medicinais (Neri; Freixo, 2019). No interior de Itaitê, Magalhães (2019) desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso a cerca dos causos e vivências de um exímio rezador/benzedor que habitou aquela região até o ano de 2015. Segundo Pereira (2014) na Comunidade de Remanso, na Chapada Diamantina, pertencente ao município de Lençóis, os benzedores e raizeiros são extremamente respeitados devidos aos saberes ancestrais adquiridos que auxiliam nas curas das enfermidades.

Entre tantos estudos, dois trabalhos foram realizados em áreas urbanas, nas cidade de Andaraí e Serrinha. Santana (2018) ao fazer uma análise do livro “O Cascalho” buscando compreender a cidade de Andaraí no século XX, ressalta a presença de benzedores e rezadores no município. Já, Machado (2019), buscando diagnosticar as concepções das mulheres referentes ao tema Sagrado Feminino dentro do movimento da agroecologia, cita a utilização de práticas de benzimento na Oficina de Curandeiras e Resgate dos Sagrados Saberes Ancestrais de Cura (publico excepcionalmente de mulheres) realizada no Campus da UNEB de Serrinha.

Embora sejam pesquisas em locais e espaço-tempo diferentes, a benzedura é algo marcante na cultura do país e que se mantém presente na medicina popular e tem adentrado de forma sutil nos espaços acadêmicos através de oficinas nos projetos de extensão.

A macrorregião Norte registrou 16% (n=8) dos estudos, nos municípios de Jeremoabo, Juazeiro e Senhor do Bonfim que apresentaram duas (n=2) publicações cada, seguidas de

Casa Nova e Glória com uma (n=1) publicação cada. Das pesquisas encontradas, apenas uma (n=1) foi realizada em área urbana; as outras sete (n=7) ocorreram em localidades rurais, destacando-se os estudos nas Comunidades e Povos Tradicionais, representadas por Povos Indígenas (n=1) e Comunidades Quilombolas (n=4).

Uma pesquisa contempla os Povos Indígenas, sendo realizada na etnia Kantaruré-Batida, município de Glória, esse estudo refere-se às plantas antiparasitárias, entre os especialistas locais, os rezadores correspondiam a cerca de 3,3% dos entrevistados (Santos *et al.*, 2018). A medicina dos povos originários é fortemente marcada pelo elo “homem-natureza”, em meio a esse universo mágico cheio de crenças e culturas e uma farmacopeia imensurável, cumprindo com maestria seu papel na busca pelo reestabelecimento do equilíbrio “mente-corpo-espírito”, e como bem abordado por Giulosk e Costa (2012), as práticas de pajelança indígena se constituem em uma das bases que alicerçam o benzimento.

Explorando o significado cultural do uso de plantas da caatinga pelas comunidades quilombolas de Casinhas e Baixa dos Quelés, no Raso da Catarina em Jeremoabo, Almeida e Bandeira (2010) destacaram as espécies botânicas empregadas nas práticas de benzimento e o papel essencial desempenhado pelas benzedadeiras na cura das doenças que “afligem a alma”. Em outro estudo realizado em Casinhas, Fernandes (2013), examina os processos identitários e de territorialização das comunidades rurais negras pós-abolição. A prática do benzimento emerge como uma presença constante no cotidiano comunitário, povoando o imaginário coletivo. As entrevistas realizadas com dois rezadores, ofereceu uma perspectiva aprofundada sobre o papel e a significância desses praticantes na comunidade.

Na zona rural de Juazeiro, informantes locais citaram a preferência em usar “remédios do mato” ou procurar rezador/benzedor para se tratar, rezadores da região também enfatizaram a existência de doenças que médico nenhum daria jeito (Silva; Souza, 2014). Ainda em Juazeiro, os benzedores também são citados por Giudice (2015) entre o universo de manifestações que permeiam o Rio São Francisco em sua pesquisa sobre história e cultura do turismo nesta cidade. Já na Comunidade Quilombola de

Tijuaçu, em Senhor do Bonfim, a procura pelo benzimento ocorre mesmo quando as pessoas recorrerem ao auxílio da medicina convencional (Lima, 2019). Mais uma vez, é possível observar a confiança nessa prática, principalmente em remanescente de quilombo, pois são espaços com uma forte influência cultural.

Na macrorregião Sul foram encontrados 10% (n=5) dos trabalhos, sendo três (n=3) deles em Jequié, um (n=1) em Cairú e outro em Uruçuca. Desses, três (n=3) foram realizados em comunidades rurais, sendo uma delas quilombola e dois (n=2) em espaços urbanos.

Na zona urbana de Jequié, um estudo envolvendo mães adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, destaca a presença do benzimento como parte dos cuidados familiares, especialmente relacionados ao coto umbilical e à amamentação. Essa prática é realizada tanto nas mães quanto nas crianças, conforme discutido por Amaral, Prina e Sales (2020). Além disso, o estudo realizado no mesmo município por Linhares (2013) identificou que o benzimento também é mencionado como parte dos cuidados domiciliares com o coto umbilical em mulheres avós, com idades entre 62 e 91 anos. Essa constatação sugere que, independentemente da faixa etária materna, o benzimento é uma prática persistente e relevante nesse contexto.

Na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, localizada na Ilha de Boipeba, município de Cairú, onde o acesso aos serviços de saúde é precário devido à proximidade limitada das unidades de saúde, os relatos coletados indicam que, quando os recém-nascidos adoecem, a primeira abordagem é buscar a ajuda de uma benzedeira ou rezadeira, conforme documentado por Martins (2014). Esses relatos ressaltam que, independentemente do ambiente geográfico (urbano ou rural) dentro dessa macrorregião, o benzimento permanece como uma prática robusta nos cuidados de saúde, especialmente durante o período pueril.

Para a macrorregião Centro-Norte, registrou-se 8% (n=4), estão distribuídos nas cidades de Caém, Miguel Calmon, Mirangaba e Saúde, cada um com um (n=1) registro, todos em áreas rurais, sendo dois em Comunidades Quilombolas. É importante salientar que, nessa macrorregião, a Comunidade Quilombola de Mucambo dos

Negros, localizada em Miguel Calmon a procura pelo benzimento ocorre mesmo quando as pessoas recorrerem ao auxílio da medicina convencional (Nascimento, 2020). Em Coqueiros, Comunidade Quilombola localizada no município de Mirangaba, os benzedores possuem um papel importante na representação do sagrado em através de consultas eles benzem e receitam banhos e chás (Cruz, 2014). Logo, percebe-se que essa prática de cura é entendida culturalmente como um complemento aos cuidados científicos, no que tange ao restabelecimento da saúde.

Nas macrorregiões Nordeste e Oeste foi registrados dois estudos 2% (n=1) que foram realizados nas cidades de Paripiranga e Riachão das Neves, ambos em áreas rurais. No povoado de Antas do Raso, município de Paripiranga, o benzimento faz parte da cultura local, sendo inclusive referenciado em projetos escolares (Santos 2015). Nas áreas rurais de Riachão das Neves as rezadeiras/benzedadeiras são verdadeiras referências nas redes de apoio local e cuidados à saúde (Oliveira; Guimarães, 2015).

É relevante destacar que a macrorregião do Extremo-Sul foi a única que não teve registros de publicações. Mesmo com a carência de pesquisas em determinadas regiões de saúde, não podemos inferir com exatidão a inexistência de pessoas que praticam esse ofício. Vale ressaltar que dois estudos (Santos; Nascimento, 2019; Machado, 2020), por não citarem a cidade realizada, tornou-se impossível saber em qual macrorregião estão inseridos, e por isso não foram amostrados no mapa.

De uma forma geral, nas demais macrorregiões, foi possível observar que mesmo com o fácil acesso à medicina moderna, as práticas curativas através do Benzimento ainda se fazem presentes nos polos urbanos, embora em menor quantidade quando comparadas aos espaços rurais. Esses resultados corroboram com Sussol (2018), quando afirma que o maior número de benzedadeiras está concentrado nas zonas rurais e periféricas por conta da difícil acessibilidade à medicina alopática.

Nesse contexto, é de grande valia a “re-existência” desses saberes de cura, principalmente em espaços remanescentes de quilombo, onde a ancestralidade é latente e pulsante. Sendo essa prática ancestral de certa forma basilar na formação das identidades tanto individuais quanto coletivas dos que ali ainda habitam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das pesquisas sobre o benzimento na Bahia revelou uma notável heterogeneidade na distribuição regional, com macrorregiões como a Sudoeste apresentando número expressivo de publicações, enquanto o Extremo-Sul, não figura nos registros desta pesquisa. A ausência de dados referentes em uma região específica não implica a inexistência de praticantes do benzimento nos diversos municípios baianos, ela sugere, entretanto, que as pesquisas nessa região são incipientes ou circunscritas a âmbitos locais. Essa lacuna sublinha a urgência de esforços por parte de instituições de ensino e pesquisa, visando mapear esses saberes e, assim, desacelerar um possível processo de deterioração desse conhecimento tradicional contemporâneo e a preservação da cultura dessa guilda de benzedores da Bahia.

O registro de pesquisas sobre benzimento em comunidades tradicionais é importante, pois evidencia a permanência desse saber nas expressões culturais locais, estando fortemente presente no cotidiano. Essa prática ancestral desenha-se como componente intrínseco das identidades culturais dos quilombolas, tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Apesar do número reduzido de publicações em áreas urbanas no estado da Bahia, é imprescindível compreender o papel da benzeção como prática cultural resiliente, que persiste e se adapta ao longo do espaço-tempo. Essa tradição, cria estratégias transversais para coexistir na modernidade, estabelecendo uma simbiose com as práticas biomédicas de cuidado. Essa coexistência torna-se ainda mais evidente, nos espaços urbanos, onde a indústria farmacêutica exerce sua predominância.

As atuais discussões na literatura acerca das práticas de benzimento nas macrorregiões baianas revelam-se insuficientes para estabelecer um padrão consistente sobre essas práticas, dado que persistem lacunas significativas que devem ser preenchidas por futuras pesquisas. Nesse contexto, instigamos a concentração de esforços na realização de estudos, especialmente nas macrorregiões onde as investigações foram escassas ou ausentes, com o intuito de aprofundar e ampliar os entendimentos sobre essa temática, ao mesmo tempo em que se verifica a persistência desse saber ancestral.

A valorização e preservação do conhecimento tradicional associado ao benzimento emergem como imperativos. Recomendamos a implementação de políticas públicas, alinhadas às práticas tradicionais como já ocorre em outros estados, proporcionando oportunidades para que os praticantes desse ofício integrem efetivamente os sistemas de saúde pública. Essa iniciativa não apenas reconhecerá a riqueza cultural dessas práticas, mas também contribuirá para a promoção da diversidade e inclusão nos contextos de cuidados à saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento às comunidades participantes das pesquisas encontradas. Aos pesquisadores que disponibilizaram seus estudos on line e de forma gratuita. A Universidade do Estado da Bahia que através do Programa de Apoio à Capacitação de Docentes e Técnicos Administrativos da UNEB – PAC-DT disponibilizou a bolsa de estudos. Ao Programa de Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – PPGEcoH.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. O. de. **Mulheres negras da montanha**: a religiosidade das benzedeiras de Rio de Contas. 2012. 247 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, G.S.; BARBOSA, A. S.; DE SANTANA, M. Conhecimento e uso de Plantas Medicinais da Cultura Afro-Brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no Município de Jequié-BA. **Revista Veredas da História**, [online]. Ano V, Edição 2, p. 27-39, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48713/26410>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ALMEIDA, V.S.; BANDEIRA, F. P. S. de F.. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, n.2, p. 195-209, abr./jun.2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-7860201061204>. Acesso em: 17 nov. 2022.

AMARAL ,S.L.P.; PRINA, I.; SALES, A.S. Intervenção educativa em saúde a respeito do tétano neonatal e coto umbilical. **Revista Saúde.Com**, v.16, n.3, p.1901-1911, julho/setembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/rsc.v16i3.5387>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BAHIA. Casa Civil da Bahia. **Lei 13.204**. Modifica a estrutura organizacional da Administração Pública do Poder Executivo Estadual e dá outras providências [Internet]. Salvador: Sesab; 2014. Disponível em: http://www.secti.ba.gov.br/arquivos/File/DECRETOS_E_LEIS/LEI13204.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

BASTOS, L. de C. S. L.. Nas trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia de um saber-fazer que se transforma. **ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 49-81, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/odeere.v5i9.6703>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BOTELHO, L. L. R.; DE ALMEIDA CUNHA, C. C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136, mai.-ago., 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 971**, de 03 de Maio de 2006. Brasília, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html. Acesso em: 13. Nov. 2022.

BROOME, M.E. Integrative Literature Reviews for the Development of Concepts. In: Rodgers, B.L. and Knafl, K.A. (Eds.), **Concept Development in Nursing: Foundations, Techniques and Applications**, Philadelphia: W.B. Saunders Company, v. 231, p. 250, 2000.

CARVALHO, M. C. Benzimento e cura na comunidade de São João do Cazumbá. **Caos-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, p. 72-80, set.. 2011.

CONCEIÇÃO, A. S. "No meu tempo, quando eu era criança [...] Todo mundo era. In: XI Encontro Nacional de História Oral, Rio de Janeiro. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: 2012. p.1-12.

CONCEIÇÃO, A. S. Notas sobre religiosidades populares no Recôncavo. **Revista Discente Ofícios de Clio**, v. 2, n. 2, p. 99-99, 2017.

CONCEIÇÃO, A. S. **O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": Práticas religiosas e culturais nas benzenções**. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

COSTA, E. P. **Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará**: relações entre religiosidade e medicina popular. 2009. 43f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

COSTA, L.S.; SANTOS, J.A.S.; BASTOS, C.F.; MARTINS, L.A.; CAMARGO, C.L.. O saber popular no cuidado ao recém-nascido em uma comunidade quilombola. In: III Congresso Nordeste de Medicina de Família e Comunidade, Salvador. **Anais [...]**. Salvador. 2014.

CRUZ, J.S.. **A trajetória da comunidade quilombola de Coqueiros**: história e memória. 2014. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em História) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina-BA, 2014.

CRUZ, S.A. **Identidades cambiantes nas comunidades quilombolas de Rio de Contas, no Alto Sertão baiano**. 2011. 325 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Marília, 2011.

DE BENEDICTIS, P. D. de. **Cova de Pedro e Gruta da Mangabeira, estudo antropológico de práticas religiosas mestiças no interior da Bahia (Brasil)**. 2017. 277p. Tese (Doutorado em Humanidades e Servicios Culturais) - Universidade de Santiago de Compostela (USC), Lugo, 2017.

Ducati A, Dionísio B. Benzedeadas são consideradas profissionais da saúde no Paraná [internet]. **Jornal Globo-G1**. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>. Acesso em: 17 nov. 2022.

FERNANDES, F.M.S. **Comunidade quilombola de casinhas em Jeremoabo Bahia: seu tempo, seu chão, sua memória**. 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2013.

GIUDICE, D. S. História cultura turismo e desenvolvimento em Juazeiro-BA. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador-BA, Ano XVII - Edição especial, v.17, n.31, p. 540 – 557, Dezembro, 2015.

JESUS, W.S. **Rezadeiras/rezadores de preceito de São Francisco do Conde: itinerário de fé e cura nas práticas etnomédicas**. 2012. 121p. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2012.

JUSTO, C. M. P. ; GOMES, M. H. de A.(2007). A cidade de Santos no roteiro de expansão da homeopatia nos serviços públicos de saúde no Brasil. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos-RJ, v.14, n.4, p.1159-1171, out.-dez. 2007.

LIMA, C. M. A importância da relação religiosidade e saúde nas práticas de cuidadores tradicionais quilombolas. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 59-80, 2019.

LIMA, V.I.C.; NASCIMENTO, W.S. Nações, fronteiras e relações étnicas na comunidade indígena-quilombola do Baixão (Vitória da Conquista, BA). **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v.54, n.1, p. 21-36, jan./abr. 2018.

LINHARES, E.F. **Tenho guardado os “imbigo” de todos os meus netos: memória de avós no cuidado com o coto umbilical**. 2018 . 171 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESC), Vitória da Conquista, 2018.

MACHADO, R. O sagrado feminino: poder que vem de dentro-despertar, cura, conexão ancestral e empoderamento de mulheres. **Cadernos Macambira**, v. 4, n. 2, p. 79-82, 2019.

MACHADO, R. O sagrado feminino: poder que vem de dentro-despertar, cura e empoderamento de mulheres. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020.

MACHADO, R.F. **As folhas vermelhas do mangue: uma etnografia sobre os mortos, a morte e a maré em Matarandiba (BA)**. 2019. 230 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MAGALHÃES, M.O.S. **Histórias de Dindo**: causos, benzas e rezas. 2019. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

MARTINS, L.A. **Cuidado ao recém-nascido em Comunidade Quilombola** e a influência integrada intergeracional. 2014. 122 f. : il. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

MONTEIRO, F.P. Vida em Santidade: modos de ser santo em uma comunidade messiânico-milenarista do sertão baiano (Pau de Colher, 1934-1938). **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 8, n. 18, p. 170-195, 4 nov. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2010v8n18p170>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MOURA, J. **Com dois te botaram com três eu te curo**: as representações de cura na prática das benzedeiras de paiaias no município de Saúde/Bahia (1950-2018). 2019. 47p. Monografia (Licenciado em História)- Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Ciências Humanas, Campus IV – Jacobina. 2019.

NASCIMENTO, L.G. **“Aqui são usos e frutos”**: uma análise antropológica sobre a comunidade quilombola do Alto do Tororó na Baía de Aratu, Salvador, Bahia. 2013. 123 f.: il. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2013.

NASCIMENTO, M.S. Os impasses com o catolicismo negro vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus-BA (1940-1970). **Universitas Humanas**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2014.

NASCIMENTO, R.C.D. **Comunidade quilombola de Mucambo dos Negros**: identidade étnico-racial no Programa de Saúde na Escola – Miguel Calmon-BA. 2020.228f.: il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Jacobina, 2020.

NERI, M.L.S.P.; FREIXO, A.A. Conhecendo as plantas medicinais por meio da exploração dos cinco sentidos: uma experiência na região sisaleira da Bahia. In: VI Congresso Nacional de Educação. CONED. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59611>. Acesso em: 13 nov. 2022.

OLIVEIRA, P.C.; GUIMARÃES, S.F. Saberes e Práticas de Saúde em Riachão das Neves (BA). In: 12º Congresso Internacional da Rede Unida. **Anais [...]**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul-MS. 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Estratégias de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2002.

PEREIRA, L.A. **Nas trilhas de uma comunidade Quilombola**: tradição, oralidade, memória coletiva e identidade. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA.

QUEIROZ, G.B.; SOUZA, M.O.; SOUZA, L.A. Diversidade na Maneira de uso das Plantas Medicinais em Comunidades Rurais de Tremedal-BA. In: Semana de Agronomia da UESB (SEAGRUS). **Anais [...]** v. 1, n. 1, 2017.

RIBEIRO, E. P.; DE SENA, M. L. M.; ORESTE, L. F. S.. Diálogo com o sagrado: narrativas das benzedeiras e rezadeiras de Santo Amaro. **ODEERE**, v. 3, n. 6, p. 366-374, 2018.

ROCHA, S.M. As Benzedeadas, Folhas, Rezas e Segredos: uma apologia à Vida. In: XVI Ciclo de Estudos sobre o Imaginário. Imaginário e dinâmicas do segredo. PITTA, D.P. R.; RAMOS, S. S. (Org.). **Anais [...]**. Recife, Pernambuco, 2013.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

SAMPAIO, M. C. J. **O currículo vivido e os repertórios culturais negros nas escolas municipais da Matinha dos Pretos-BA: diálogos com a lei 10.639/03**. 2013. 182 f.: il. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, 2013.

SANTANA, M. C. **A contribuição do livro de literatura Cascalho para compreender a cidade de Andaraí no século XX**. 2018. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em História). Universidade do Estado da Bahia- UNEB. 2018.

SANTOS, A.N.S.; DO NASCIMENTO, E.R. Proposições de cuidado cultural à enfermagem frente a aspectos da saúde reprodutiva de mulheres quilombolas. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, 2019.

SANTOS, D.R.V.; SANTOS, J.V.; ANDRADE, W.M.; LIMA, T.M.S.; LIMA, L.M., DIAS-LIMA, A.G.; ANDRADE, M.J.G.; SANTOS, M.A.V; MOURA, G.J.B; NUNES, E.S. Plantas antiparasitárias utilizadas pelos indígenas Kantaruré-Batida (NE-Brasil): Etnobotânica e riscos de erosão dos saberes locais. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, 2018.

SANTOS, J. Sagrado feminino em Piabas: o que o campo diz? VIII Semana de Ciências Sociais e IV Colóquio Internacional de História da África., Juazeiro. **Anais [...]** Juazeiro, 2018.

SANTOS, P.O. **Ser quilombola no sertão: Tijuaçu, lutas e resistências no processo de construção identitária**. 2013. 208 f.: il. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, S.J., DOS SANTOS, J.S. **Ator em cena: Morte e vida Severina**. In: Seminário Internacional escrevendo o futuro. 2015.

SILVA, J. D.; CORDEIRO, R.C. Práticas de cura numa comunidade quilombola. In: XIII SEMOC – Semana de Mobilização Científica. Economia e vida: convergência e divergências, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2010. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/3289>

SILVA, R.C.M; SOUZA, R.M.. Indicações das plantas medicinais no processo saúde/doença: o conhecimento tradicional em Juazeiro-Bahia. In: III Workshop de Educação Ambiental Interdisciplinar. Petrolina. **Anais [...]**Petrolina, dezembro de 2014, p. 88.

SILVA, L.J. **Etnicidade e cura entre benzedeiras quilombolas de Rio de Contas-BA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB Jequié, 2017.

SILVA, L.J.; SOUZAS, R.S.. (Re) existência "Margarida"-mulher negra quilombola: identidade, religiosidade eo poder de cura na Chapada da Diamantina-BA. **ODEERE**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2019.

SILVEIRA, I. P. **(Eco) logias do cuidado: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca-BA**. 2020. (222) f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020.

SUSSOL, M. **Livro dos Benzimentos Brasileiros**. Editora Posteridade ed. [s.l: s.n.]. p. 416.2018

TAVARES, F.; CAROSO, C.; BASSI, F.; PENAFORTE, T.; MORAIS, F. **Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas, Cachoeira, Bahia Salvador**, EDUFBA, 2019.

TEIXEIRA, C.A.P.. Relatos de memórias: Vaqueiros do Alto Sertão da Bahia. In: XIV Encontro Nacional de História Oral. Campinas. **Anais [...]**Campinas, 2018.

VIEIRA, S.A. A arte de zombar como possibilidade de resistência: Notas sobre as relações jocosas em uma comunidade quilombola no alto sertão baiano. In: 36º Encontro Anual da Anpocs. 2012.

SANTOS, F.L.; DE SOUZA, L.V.; PALMA, T. F. B. Formação da população brasileira e da Bahia. In: Genética no sertão: entre natureza e cultura: uma abordagem interdisciplinar - Salvador: EdUFBA, 2021. **NO SERTÃO**. 256 p. : il.

Contribuições de autoria

1 – Nayara Gomes Bastos

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0009-0005-9642-5832> • nbastos@uneb.br

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Software, Validação, Análise Formal, Investigação, Recursos, Curadoria de Dados, Escrita - Primeira Redação, Escrita, Revisão e Edição, Visualização de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico), Administração do Projeto, Obtenção de Financiamento

2 – Wbaneide Martins de Andrade

Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0002-0336-7620> • wandrade@uneb.br

Contribuição: Metodologia, Validação, Análise Formal, Investigação, Recursos, Curadoria de Dados, Escrita, Revisão e Edição, Visualização de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico), Supervisão

3 – Carlos Alberto Batista dos Santos

Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0002-2049-5237> • cabsantos@uneb.br

Contribuição: Metodologia, Revisão e Edição, Visualização de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico)

4 – Eliane Maria de Souza Nogueira

Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia), Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0003-2681-7601> • enogueira@uneb.br

Contribuição: Metodologia, Revisão e Edição, Visualização de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico)

Como citar este artigo

BASTOS, N. G.; ANDRADE, W. M.; SANTOS, C. A. B.; NOGUEIRA, E. M. S. A geografia do benzimento na Bahia: um olhar sobre as macrorregiões de saúde. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 27, p. 1-31, e75434, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499475434>, DOI: 10.5902/2236499475434. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

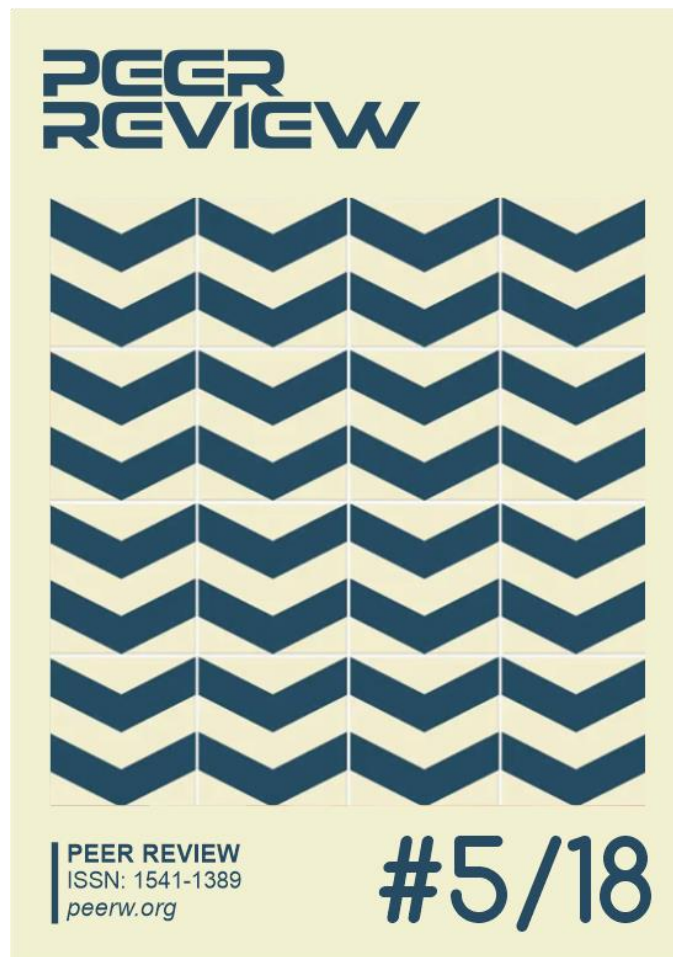
6. ARTIGO II: ETNOBOTÂNICA DO BENZIMENTO EM TERRITÓRIO BAIANO: REVISÃO INTEGRATIVA

Bastos, N. G.; Andrade, W. M.; Santos, C. A. B.; Nogueira, E. M. S.

Publicação: 21/08/2023

Disponível em: <https://doi.org/10.53660/880.prw2508>

Qualis (2017-2020): A3



Etnobotânica do Benzimento em Território Baiano: Revisão integrativa

Nayara Gomes Bastos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9642-5832>

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil

E-mail: nbastos@uneb.br

Wbancide Andrade

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0336-7620>

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil

E-mail: wandrade@uneb.br

Carlos Alberto Batista Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil

E-mail: cabsantos@uneb.br

Eliane de Souza Nogueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2681-7601>

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil

E-mail: wandrade@uneb.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura sobre as relações etnobotânicas existentes nas práticas de Benzimento em território baiano. Foram realizadas pesquisas nas plataformas de busca on line: Google Acadêmico, SciELO, Scopus, Portal CAPES, Web of Science, Elsevier e LILACS. Após atender aos critérios pré-estabelecidos selecionou-se vinte e quatro (n=24) documentos. Registrou-se 53 nomenclaturas de espécies botânicas e 71 de morfoespécies, sendo a vassourinha com maior expressividade (n=12, IVs=0,50). Nenhuma das espécies apresenta risco de extinção. Os resultados demonstraram a diversidade de etnoespécies botânicas presentes nas práticas de Benzimento e o quanto a presença da etnobotânica é notável nesse contexto. A presente pesquisa se mostrou significativa podendo auxiliar na realização de pesquisas futuras na área etnobiológica, ajudando a pensar em estratégias de manejo e conservação das espécies vegetais utilizadas, além de contribuir para aprofundar nossa compreensão nas dinâmicas inerentes a esse saber popular ancestral e ao resgate da cultura local.

Palavras-chave: Botânica; Benzimento; Plantas medicinais; Bahia

ABSTRACT

This study aimed to carry out an integrative review of the literature on the ethnobotanical relationships existing in Benzimento practices in Bahia. Searches were carried out on online search platforms: Google Scholar, SciELO, Scopus, Portal CAPES, Web of Science, Elsevier and LILACS. After meeting the pre-established criteria, twenty-four (n=24) documents were selected. Fifty-three nomenclatures of botanical species and 71 of morphospecies were recorded, with broom being the most expressive (n=12, IVs=0.50). None of the species is at risk of extinction. The results demonstrated the diversity of botanical ethnospecies present in Benzimento practices and how remarkable the presence of ethnobotany is in this context. The present research proved to be significant and may help to carry out future research in the ethnobiological area, helping to think about management and conservation strategies for the plant species used, in addition to contributing to deepen our understanding of the dynamics inherent to this ancestral popular knowledge and to the rescue of the local culture.

Keywords: Botany; Blessing ; Medicinal plants; Bahia

INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoráveis, diversas culturas têm utilizado plantas para cuidados em saúde. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, cerca de 80% da população mundial recorre à medicina tradicional, e desses cuidados, cerca de 85% são baseados em recursos florestas representado pela flora medicinal (Brasil 2006). A os história registra o uso dessas plantas tanto para a cura como para a prevenção de doenças, desempenhando um papel extremamente importante em diferentes sociedades, desde o conhecimento empírico dos antigos até a validação científica por meio do desenvolvimento de medicamentos (Šantić et al., 2017).

De acordo com Leininger (2009), existem dois sistemas de cuidados de saúde: o profissional e o popular (*folk*) esses interagem entre si. Nesse cenário dos cuidados populares, encontramos as práticas de Benzimento, que são desenvolvidas por comunidades de diferentes culturas, sejam elas tradicionais ou não. Nos territórios brasileiros, há registros há registro de diversas comunidades que buscam a cura de males físicos, espirituais e mentais através das práticas de Benzedura, mesmo em tempos de avanços médico-científicos (Moura 2011; Neto 2021). Contudo, é fundamental destacar que a Benzeção é reconhecida como um serviço humanitário realizado em diversos contextos e espaços sociais, proporcionando benefícios significativos para as comunidades humanas (Silva, Santos, Nogueira 2021).

Siqueira (2021, p. 121) afirma que “as benzedeiras são pessoas que têm uma enorme ligação com a natureza e uma sensibilidade energética bastante grande”. Logo, os elementos naturais são peças-chave no processo de cura, e as plantas utilizadas nessas práticas são um dos principais recursos naturais estudados e registrados nas pesquisas científicas no território brasileiro. Entretanto, frente ao exposto considera-se que entender a relação entre seres humanos, plantas e formas de usos sustentáveis desses recursos, com registros em diferentes culturas, é um dos principais objetivos da etnobotânica, definida como o estudo das inter-relações entre pessoas de diferentes culturas e as plantas presentes em seu meio (Albuquerque, 2005).

Anteriormente, Albuquerque e Hurrel (2010) afirmavam que a Etnobotânica se baseava na Antropologia quanto na Botânica e na Ecologia, estabelecendo conexões entre essas áreas do conhecimento. Hoje, a abordagem da Etnobotânica é ainda mais abrangente, envolvendo também a colaboração de outras ciências, como fitoquímica, farmacologia, economia, linguística, história e agronomia, o que amplia o campo de

investigação para o estudo das interações entre populações humanas e o ambiente botânico (Albuquerque *et al.* 2022).

Ferreira e Martins (2021) afirmam que “as ervas usadas pelas Benzedeiras adquirem eficácia como “remédio” ou um sentido depurativo dos males do corpo e da alma na medida em que são associadas às orações”. As Benzedeiras representam a cultura popular mantendo as memórias e as tradições locais (Moura 2011). Nesse contexto, é de extrema importância compreender o universo das Benzedeiras a partir de reflexões ancoradas nos etnosaberes botânicos presentes nessa prática de cura, visando a conservação da flora e das culturas dos diversos povos.

Estudo etnobotânico contribui para preservar o conhecimento tradicional sobre o uso medicinal das plantas, promovendo a conservação da biodiversidade e valorizando a cultura popular. Além disso, o conhecimento obtido pode servir como base para a promoção de práticas de saúde mais integrativas, considerando o uso sustentável dos recursos naturais e respeitando as crenças e tradições das comunidades locais. Sendo assim, essa pesquisa se propôs a realizar uma revisão integrativa da literatura sobre as relações etnobotânicas presentes nas práticas de Benzimento em territórios baianos, com foco na listagem das plantas utilizadas nessa prática do benzimento.

METODOLOGIA

Este estudo adotou o método de revisão integrativa baseada nas diretrizes propostas pelo Joanna Briggs Institute (JBI, 2014) e Botelho *et al.* (2011). Nessa perspectiva, esse trabalho foi norteado a partir da seguinte questão: Quais plantas são utilizadas nas práticas de Benzimento descritas nos estudos realizados no território baiano e qual o seu status de conservação?

Foram realizadas buscas em diversas Plataformas on line: *Google Acadêmico*, *SciELO*, *Scopus*, *Portal CAPES*, *Web of Science*, *Elsevier* e *LILACS*, utilizando descritores: “Benzimento”, “benzedeira”, “Benzedura”, “curandeira”, “rezadeira”, “etnobotânica medicinal” e “cura”, “plantas medicinais”, sozinhas e/ou de forma combinada com a palavra “Bahia” e “BA” em português e inglês. Os termos benzedeiras, rezadeiras, benzedores e rezadores foram utilizados como sinônimos para se referir aos praticantes de benzimento e/ou benzedura.

A seleção dos textos científicos foi realizada com base nos seguintes critérios de inclusão: a) serem publicadas entre os anos de 2010 a 2022; b) terem sido realizados no

território baiano; c) serem publicados em forma de artigo, resumo, monografia, dissertação, tese ou livro, d) estarem disponíveis gratuitamente na Web. Os estudos foram selecionados por meio de uma leitura crítica e reflexiva dos títulos, palavras-chaves e resumos. Caso essas informações não fossem suficientes para a inclusão do documento, buscou-se ao texto na íntegra.

A origem das espécies botânicas citadas nos estudos foi analisada conforme base na Lista de Espécies da Flora do Brasil (Flora do Brasil, 2020), uma base de dados online, sendo considerada apenas nas espécies com identificações completas (até o nível de espécie). Os dados foram compilados e analisados utilizando o software Excel, e uma tabela foi elaborada para apresentar as espécies botânicas, suas famílias e gêneros, bem como os nomes populares utilizados nas pesquisas analisadas.

A nomenclatura das espécies botânicas foi mantida, mesmo que esteja em desuso, para ser fiel à grafia utilizada nas publicações. Em caso de sinonímia, ou seja, quando a mesma espécie botânica é citada em distintos trabalhos com nomes diferentes, os nomes foram inseridos na tabela seguidos do sinal de igualdade (=) para indicar a equivalência entre eles.

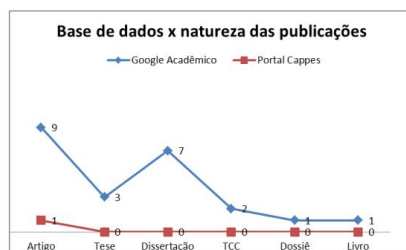
A riqueza das espécies botânicas foi calculada com base na frequência de citação em diferentes trabalhos. O Índice de Valor de Importância (IVs) foi adaptado de Big e Baslev (2001) para descrever a proporção de trabalhos em que uma determinada espécie foi considerada mais importante. O cálculo do IVs foi realizado pela fórmula: $IVs = nis/n$, onde: nis =o número de trabalhos em que a espécie foi citada e n =total de pesquisas analisados. Essa análise do Índice de Valor de Importância contribui para identificar quais espécies vegetais têm maior relevância cultural e terapêutica no contexto do benzimento na Bahia

Essa metodologia permitirá uma revisão abrangente das plantas utilizadas no Benzimento na Bahia, identificando a frequência de citação e o valor de importância atribuído a cada espécie botânica, bem como fornecendo informações sobre o status de conservação dessas plantas, contribuindo para o conhecimento e valorização da etnobotânica na região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra inicial desta pesquisa consistiu em 132 estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão estabelecidos, 108 estudos foram excluídos por não atenderem aos requisitos definidos ou por se caracterizarem como duplicados, resultando em uma amostra final de 24 (vinte e quatro) documentos (Tabela 1). Esses documentos foram, publicados no período de 2010 a 2022, e foram encontrados principalmente na Plataforma Google acadêmico, representando 95,83% (n=23) das publicações analisadas. Dentre os estudos selecionados, 37,5% (n=9) eram artigos, 12,5% (n=3) Teses, 29,17% (n=7) dissertações, 8,33% (n=2) TCCs, Dossiê e livro ambos com 4,17% (n=1). Apenas um artigo (4,17%) da amostra, foi encontrado na base de dados do Portal CAPES. Não foram identificados publicações relevantes para temática nas bases *Scielo*, *Web of Science*, *Elsevier*, *Scopus* e *LILACS* (Figura 1).

Figura 1 – Distribuição das publicações nas bases de dados de acordo com a natureza das publicações



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Tabela 1 - Relação das pesquisas de benzimento com uso de espécies botânicas realizadas no estado da Bahia revisadas com seus respectivos autores, títulos, ano e local de publicação, natureza e zona geográfica. (Legenda: Ar.=artigo, Dis.=dissertação, Dos.=Dossiê Liv.=livro, TCC.=Trabalho de Conclusão de Curso, Tes.=tese, Ru.= Rural, Ur.= Urbana, Ru/Ur = Rural e urbana, N.c. = Não cita, Quil.=Quilombola. * Essa nomenclatura botânica está em desuso, porém aqui optou-se por manter o nome da forma que foi citada no trabalho.)

Autor (es)	Título	Ano	Local de Publicação	Natureza	Zona
ALMEIDA, V.S.; BANDEIRA, F.P.S.F.	O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil.	2010	Rodriguésia	Art.	Rur./ Quil.
AZEVEDO, M.M.C.T.	Os saberes e fazeres das mulheres das águas: Práticas tradicionais de saúde vivenciadas na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas/BA	2022	-	TCC	Rur./ Quil.
BASSI, F.; TAVARES, F.; DE SÁ, S.M.M.	Terapeutas populares no Recôncavo da Bahia, Brasil: configurações agentivas em ontologias híbrida	2021	Rev. antropol.	Art.	N. c.
BASTOS, L.C.S.L	Nas trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia de um saber-fazer que se transforma	2020	Revista ODEERE	Art.	Rur./ Qui.
CARVALHO, M.C.M	Benzimento e cura na comunidade de São João do Cazumbá	2011	Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais	Art.	Rur.
CONCEIÇÃO, A.S.	“O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: Práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970)	2011	-	Dis.	Rur.
FERNANDES, F.M.S.	Comunidade Quilombola de Casinhas em Jeremoabo-BA: seu tempo, sua memória, seu chão	2013	-	Dis.	Rur./ Quil.

JESUS, W.S.	Rezadeiras/Rezadores de preceito de São Francisco do Conde: itinerário de fé e cura nas práticas etnomédicas	2012	-	Dis.	Urb./Rur.
LIMA, C.M.	A importância da relação religiosidade e saúde nas práticas de cuidadores tradicionais quilombolas	2019	Revista Temas em Educação,	Art.	Rur./Qui.
MACHADO, R.F.	O Sagrado Feminino: poder que vem de dentro - despertar, cura, conexão ancestral e empoderamento de mulheres.	2019	-	Tes.	Rur.
MARTINS, L.A.	Cuidado ao recém-nascido em comunidade Quilombola e Influência intergeracional	2014	-	Dis.	Rur./Qui.
MOURA, J. (2019)	Com dois te botaram com três eu te curo: as representações de cura na prática das Benzedeiras de Paiaias no município de Saúde/Bahia (1950 – 2018)	2019	-	TCC	Rur.
QUEIROZ, G.B.; SOUZA, M.O.; SOUZA, L.H.	Diversidade na maneira de uso das plantas medicinais em comunidades rurais de Tremendal-BA	2017	VIII SEAGROS-Semana de Agronomia - UESB	Art.	Rur.
RIBEIRO, E.P.; SENA, M.L.M.; ORESTE, L.F.S	Diálogos com o sagrado narrativas das benzedeiras e rezadeiras de Santo Amaro	2018	Revista ODEERE	Art.	Urb.
ROCHA, S.M.	As benzedeiras folhas rezas e segredos uma apologia a vida	2013	XVI Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - imaginário e dinâmicas do segredo	Art.	Urb./Rur.
SANTOS, C. L. B.	Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral.	2021	-	Dis.	Urb.
SANTOS, E.O.	Rezadeiras/Rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros (BA): Pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão	2022	-	Tes.	Rur.
SILVA, L.J.; SOUZAS, R.	(Re)existência “Margarida” - mulher negra quilombola identidade, religiosidade e o poder de cura na Chapada da Diamantina - BA	2019	Revista ODEERE	Art.	Rur./Qui.

SILVA, L.J.	Etnicidade e cura entre Benzedeiros Quilombolas de Rio de Contas-BA	2017	-	Dis.	Rur./ Quil.
SILVEIRA, I. P.	(ECO)LOGIAS DO CUIDADO: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca – BA	2020	-	Tes.	Rur.
SOUZA, L.N.	Tombenci fé e razão: de Ilhéus a Itapetinga saberes e fazeres de uma nação de Candomblé Angola	2022	-	Dis.	Urb.
SOUZA, M.A.S	Cultura de Cardeal da Silva: uma breve viagem entre passado e presente	2021	-	Dos.	N.c.
SOUZA, N.; BARSANO, N.A.L.	Plantas medicinais na comunidade quilombola de massaranduba no município de Irará-BA: ouvindo memórias dos mais velhos para descolonizar o ensino de biologia	2022	Revista Bio- grafia. Escritos sobre la Biología y su enseñanza.	Art.	Rur./ Quil.
TAVARES, F.; CAROSO, C.; BASSI, F.; PENAFORTE, T.; MORAIS, F.	Saberes e fazeres terapêuticos quilombolas	2019	-	Liv.	Rur./ Qui.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Em relação aos meios de publicação, os Periódicos representam a maior parte, correspondendo a (80%, n=8) das publicações. É importante destacar que a Revista ODEERE, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, apresentou o maior número de registros, correspondendo a 30% (n=3) do total de publicações, enquanto as demais revistas apresentaram apenas uma publicação cada.

A análise da periodicidade das publicações, no período de 2010 a 2018, revelou uma variação entre uma (n=1) e duas (n=2) publicações por ano, exceto entre o período de 2015-2016, no qual não foram identificados registros. Porém, é notável que o ano de 2019 se destacou com o maior número de publicações, totalizando em (n=5) (Figura 2a). Esses dados suscitam preocupações, especialmente considerando que o benzimento é uma prática amplamente realizada pelas comunidades no estado da Bahia. A escassez de registros sobre essa atividade pode resultar numa perda de informações importantes e contribuir para deterioração do conhecimento tradicional local. É necessário incentivar e promover pesquisas mais frequentes e sistemáticas sobre o tema, a fim de preservar e valorizar essa prática cultural tão relevante.

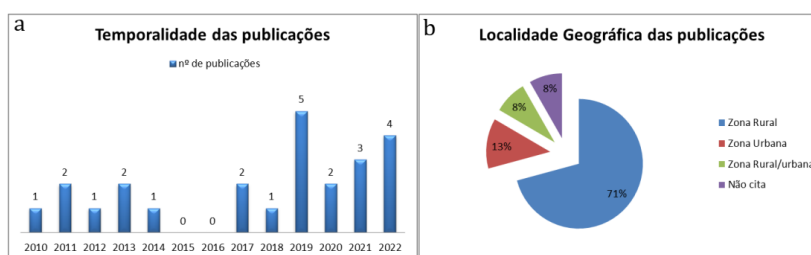
A maioria das pesquisas incluídas neste estudo foi conduzida em áreas rurais, (Figura 2b), representando 71% (n=17) do total, sendo que 41,67% (n=10) foram realizadas em Comunidades Quilombolas. Esses estudos revelam que os saberes de cura presentes nessas comunidades são verdadeiras formas de resistência cultural, desempenhando também um papel significativo no contexto socioambiental. Conforme destacado por Souza e Bazano (2022, p.279), esses conhecimentos tradicionais têm uma importância única e relevante.

As práticas associadas ao uso das plantas medicinais revelam contribuições para a biodiversidade local, a exemplo da utilização majoritária das folhas como preparo dos remédios caseiros, que não ocasiona a morte do vegetal, somada às práticas de cultivos da flora medicinal que possibilitam a conservação das espécies da região.

Os resultados destacam a importância de valorizar e reconhecer as práticas de Benzimento na cultura popular baiana. Embora as publicações tenham sido concentradas em periódicos, é essencial ampliar a disseminação desses estudos em outras plataformas para alcançar um público mais amplo e diversificado. O enfoque em áreas rurais e comunidades quilombolas ressalta a relevância dessas práticas para as populações tradicionais, sugerindo a necessidade de políticas públicas que preservem e promovam a cultura popular e o conhecimento etnobotânico presente nessas práticas ancestrais. É importante realizar pesquisas de forma sistemática, abordando diferentes aspectos do Benzimento na Bahia, para valorizar essas tradições e fortalecer a identidade cultural dessas comunidades.

Figura 2 – a: Linha do tempo das publicações para o estado da Bahia que citam o uso de plantas nas práticas de Benzimento no período de 2010-2022; b: Localidade Geográfica das publicações no estado da Bahia que citam o uso de plantas nas práticas de Benzimento no período de 2010-

2022



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A Etnobotânica do Benzimento na Bahia

A etnobotânica revela o papel essencial das plantas quanto ao seu uso nos rituais de benzimento e no processo de cura praticados pelas comunidades. Nesse sentido, foram catalogadas todas as plantas citadas nas pesquisas encontradas, utilizadas pelos praticantes da benzedura, e essa catalogação permitiu identificar uma rica diversidade de espécies vegetais empregadas nesses rituais. Isso demonstra a profunda conexão entre o conhecimento tradicional e o uso terapêutico das plantas na prática do benzimento por povos baianos.

Em relação à taxonomia acadêmica, foram identificados registros de 53 nomenclaturas referente às espécies botânicas, distribuídas em 29 famílias e 43 gêneros (Tabela 2). Notou-se que, embora os estudos abordassem a utilização das plantas nas práticas de cura, 25% (n=6) não citaram o nome popular ou científico das plantas (Rocha, 2013; Ribeiro, Sena, Orestes, 2018; Silva; Souza, 2019; Souza, 2021; Souza 2022, Souza; Barsano, 2022). Nos demais 75% (n=18), foram citadas algumas nomenclaturas botânicas, principalmente os nomes populares. Essa diversidade de nomenclaturas ressalta a importância de identificar e registrar corretamente as plantas utilizadas nas práticas de benzimento, garantindo a precisão das informações e a preservação do conhecimento tradicional associado às espécies botânicas utilizadas nessas práticas. É fundamental documentar e proteger esse valioso patrimônio cultural e botânico para as gerações futuras.

Tabela 2- Lista de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento registradas em estudos realizados em território baiano. * Essa nomenclatura botânica está em desuso, porém aqui optou-se por manter o nome da forma que foi citada no trabalho.

Família	Nome científico	Nome Popular	Origem
Acanthaceae	<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	Abre-caminho	Cultivada
Adoxaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Naturalizada
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Cultivada
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	Aroeira	Nativa
Annonaceae	<i>Rollinia sericea</i> R.E. fies*	Jaca-de-pobre	Nativa
Araceae	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Comigo-niguém-pode	Nativa
Arecaceae	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Licuri	Nativa
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-Ogum	Cultivada
Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Schreb.*	Alumã Boldo	Naturalizada
	<i>Gochmatia oligocephala</i> Gardner	Candeia	Nativa
	<i>Pluchea quitoc</i> DC.e <i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Quitoco	Nativa
Boraginaceae	<i>Cf. Cordia</i> sp.	Maria-preta	-
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Amesca	Nativa
	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	Imburana	Nativa
Capparaceae	<i>Capparis</i> sp.	Quebra-mandinga	-
Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Cana-de-macaco	Nativa
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.)	Corona	Naturalizada
Cyperaceae	<i>Cyperus esculentus</i> L.	Dandá	Naturalizada
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Naturalizada
	<i>Jatropha</i> sp.	Pinhão-manso	-
Euphorbiaceae	<i>Jatropha ribifolia</i> (Pohl) Baill.	Pinhão-roxo	Nativa
	<i>Jatropha curcas</i> L.		Naturalizada
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.		Nativa
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth e <i>C.indicus</i> Spreng.	Andu	Naturalizada
Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	Nativa
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Cultivada
	<i>Plectranthus</i> sp.	Boldo	-
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Cultivada
	<i>Ocimum cf. gratissimum</i> L.	Quioiô	Naturalizada
	<i>Mentha</i> sp.	Hortelã-miúdo	-
Malvaceae	<i>Sida carpinifolia</i> L.*	Vassourinha-de-relógio	Nativa
	<i>Malvastrum coromendelianum</i> L.		Nativa
	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	Cultivada
	<i>Waltheria douradinha</i> A.St.-Hil.*	Malva-branca	Nativa
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i> Molina.	Boldo	-
Oleaceae	<i>Jasminum</i> spp.	Jasmim	-
Orquidaceae	<i>Vanilla</i> sp.	Bonia	-
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Cambabá Guiné	Naturalizada
Plantaginaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Nativa
		Vassourinha-roxa	

Rosaceae	<i>Rosa spp.</i>	Rosa	-
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Cultivada
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Limão	-
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw	São-gonçálinho	Nativa
	<i>Solanum stipulaceum</i>	Caiçara	Nativa
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Nativa
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	Naturalizada
	<i>Capsicum sp.</i>		
	<i>Cestrum laevigatum</i> Schlecht.*	Quarana	Nativa
Verbenaceae	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauer	Alecrim	Nativa
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	Nativa
Plantas citadas sem a identificação científica correspondente	acalábito, alevante, alfazema, anador, carqueja, crista-de-galo, espinheiro-cheiroso, folha-de-abóbora, folha-de-cabaça, folha-de-iemanjá, ioiô-de-caboclo, losna, maria-preta, mata-passo, quebra-pedra, são-roque, tapete-branco, tapete-de-oxalá, tapete-roxo, tomate, vassourinha-de-alecrim, vence-tudo.		

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

As famílias botânicas mais frequentemente citadas, em relação ao número de espécies, foram Euphorbiaceae, Lamiaceae e Solanaceae (n=5) cada. Em seguida, as famílias Asteraceae e Malvaceae (n=4) cada. Essas cinco famílias representam, conjuntamente 43,4% (n=23) das espécies citadas/mencionadas nas pesquisas. Esses resultados corroboram com achados similares em outros estados brasileiros, como Paraíba, onde as famílias Lamiaceae e Euphorbiaceae foram as mais representativas (Oliveira; Trovão 2009) e no Maranhão, sendo as mais citadas pelos benzedores nos Quilombos (Rabelo *et al.* 2022).

Foi observada uma diversidade de nomenclaturas para as mesmas espécies botânicas, como é o caso de *Vernonia condensata* (alumã e boldo) e a *Scoparia dulcis* (vassourinha e vassourinha-roxa). Além disso, foram encontrados casos em que diferentes espécies botânicas compartilham o mesmo nome popular, como alecrim (*Rosmarinus officinalis* e *Lippia thymoides*), boldo (*Vernonia condensata*, *Plectranthus sp.* e *Peumus boldus*), pinhão-roxo (*Jatropha ribifolia*, *Jatropha curcas* e *Jatropha gossypifolia*), vassourinha-de-relógio (*Sida carpinifolia* e *Malvastrum coromendelianum*) e pimenta (*Capsicum frutescens* e *Capsicum sp.*). Essa diversidade de nomenclaturas pode gerar confusões e dificuldades na identificação precisa das espécies mencionadas, ressaltando a importância de uma abordagem taxonômica adequada e da consulta a especialistas para garantir a correta identificação das plantas utilizadas nas práticas de benzimento e o planejamento de ações de gestão em conservação dessas espécies de forte valor cultural.

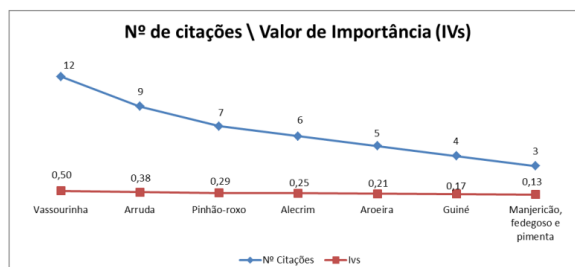
Foram encontrados também alguns “entrave taxonômico” registrado para as espécies que, embora apresentem nomenclaturas científicas diferentes, são sinônimos. Por exemplo, o termo quitoco pode se referir tanto a *Pluchea quitoc* quanto a *Pluchea sagittalis*, e o termo andu, pode se referir tanto a *Cajanus cajan* quanto a *Cajanus indicus*. Como abordado por Silveira (2008) isso demonstra a importância de considerar os nomes populares com o mesmo rigor dos nomes científicos, mas também ressalta a necessidade de cautela, pois variações regionais podem levar a erros significativos.

A partir da “etnotaxonomia”, também conhecida como taxonomia popular, foram localizados 71 morfoespécies. Entre elas, as nove (n=9) “morfoespécies” com maior riqueza e valor de importância (Figura 3). A espécie mais mencionada foi a Vassourinha, citadas em 12 trabalhos (n=12) e obtendo o maior valor de importância (IVs=0,50), seguida de arruda (n=9, IVs=0,38), pinhão-roxo (n=7, IVs=0,29), alecrim (n=6, IVs=0,25), guiné (n=4, IVs= 0,17) e manjerição, fedegoso e pimenta (ambas com n=3, IVs=0,13). Essas morfoespécies são consideradas as mais relevantes nas práticas de benzimento em territórios baianos, de acordo com os estudos analisados. Esses resultados apontam para a importância dessas plantas no contexto do benzimento e reforçam sua relevância no conhecimento tradicional e terapêutico das comunidades baianas.

Ao analisar o IVs das espécies, observou-se que algumas plantas se destacam como as mais relevantes para as práticas de cura através do benzimento. Entre as nove morfoespécies com maior riqueza e valor de importância, a Vassourinha foi a espécie mais mencionada nos estudos, presente em 12 trabalhos (n=12) e obtendo o maior valor de importância (IVs=0,50). Em seguida, destacam-se outras plantas como a arruda (n=9, IVs=0,38), o pinhão-roxo (n=7, IVs=0,29), o alecrim (n=6, IVs=0,25) e o guiné (n=4, IVs=0,17), entre outras.

Esses resultados indicam que essas morfoespécies são consideradas especialmente valiosas e significativas nas práticas de benzimento, o que pode estar relacionado às suas propriedades medicinais e simbólicas percebidas pelas comunidades locais. O elevado IVs atribuído à Vassourinha sugere que essa planta desempenha um papel central nas práticas de cura, podendo ser amplamente utilizada pelos benzedores.

Figura 3 – Gráfico apresentando as 9 etnoespécies mais citadas nas publicações analisadas para o estado da Bahia.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Ao analisar a origem das espécies vegetais, foi possível determinar esse quesito apenas em 41 espécies. Dessas, 56% (n=23) são nativas, 27% (n=11) são naturalizadas e 17% (n=7) são cultivadas. As espécies nativas possuem uma competência ecológica própria e capacidade dispersiva, fatores determinantes para sua presença e ocorrência natural em uma determinada área. Já as espécies naturalizadas são exóticas que se adaptaram bem ao ambiente onde foram introduzidas, estabelecendo uma população autoperpetuante (Moro *et al.*, 2012). Essas diferenças na origem das espécies são importantes para a compreensão de sua ecologia e seu papel nas práticas de benzimento.

Das espécies nativas citadas, cinco (n=5) são endêmicas do Brasil: (*R. sericea*, *S. coronata*, *J. ribifolia*, *S. stipulaceu* e *L. thymoides*). Sabe-se que as espécies endêmicas são mais suscetíveis às mudanças ambientais do que as espécies generalistas (Canale *et al.* 2012). É importante esclarecer que termo “endemismo” utilizado neste estudo se refere à restrição da ocorrência dessas espécies ocorrerem naturalmente em todo o território nacional. No contexto específico desta pesquisa se analisamos os domínios fitogeográficos que abrangem o estado da Bahia, de acordo com a plataforma Flora do Brasil, por exemplo, a espécie *R. sericea* tem ocorrência predominante no domínio da Mata Atlântica, isso que indica que sua ocorrência está restrita a essa região específica. Portanto, o termo “endemismo” utilizado aqui refere-se à restrição da ocorrência dessas espécies nesse domínio.

Em relação ao *Status* de conservação, nenhuma espécies vegetal citadas apresenta risco de extinção ou faz parte de alguma lista regional de espécies ameaçadas. No entanto, é importante destacar que a espécie *Peumus boldus* não consta na plataforma da Flora do Brasil, de acordo com Lirio *et al.* (2023) o gênero ao qual ela pertence é o único do Neotrópico que não ocorre no Brasil. Portanto é fundamental

garantir a correta identificação taxonômica, especialmente em espécies de uso medicinal e ritualístico, para evitar equívocos e assegurar a confiabilidade dos resultados.

A análise das publicações revelou a importância da etnobotânica nas práticas de cura por meio do benzimento. Na comunidade Quilombola de Sambaíba (localizada em Caetitê, as relações com as plantas remontam ao próprio nome da árvore sambaíba, que outrora era abundante e hoje resta apenas um exemplar. Os informantes locais destacam o poder terapêutico dessa planta, ressaltando sua importância no processo de benzimento. Nessa comunidade o benzimento desempenha um papel essencial na cura de enfermidades físicas e espirituais, e o uso de ramos/galhos de planta atua como um coadjuvante nesse processo, especialmente devido às suas propriedades de limpeza energética, revelando a estreita conexão entre as práticas de benzimento e o conhecimento das propriedades medicinais e simbólicas das plantas (Bastos, 2020).

Esses resultados apontam que para algumas rezadeiras não existem grandes restrições em relação ao tipo de folhas que devem ser utilizadas, mas existe um consenso de que o uso de plantas espinhosas ou folhas de pimenta não é recomendado (Rocha, 2013). Todavia, três (n=3) estudos citaram o uso de pimenta nos rituais de cura (Queiroz; Souza; Souza, 2017; Silva, 2017; Tavares *et al.*, 2019). Em Barra do Choça, uma das entrevistadas, conhecida como Mãe Zinha citou a não utilização de arruda nos rituais de benzimento, recomendando seu uso apenas em banhos ou preparos com folhas maceradas, sem fornecer muitos detalhes sobre o motivo (Rocha, 2013). Em contraposição a esse pensamento, seis (n=6) pesquisas citaram o uso da arruda nas práticas de benzimento (Jesus, 2012; Fernandes, 2013; Queiroz; Souza; Souza, 2017; Silva, 2017; Tavares *et al.*, 2019; Bastos, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe uma reflexão aprofundada sobre a diversidade de etnoespécies botânicas presentes nas práticas de Benzimento, uma ancestral e enraizada forma de cura que permeiam o território baiano. Entre o real e o imaginário, o palpável e o intangível, o benzimento opera uma subjetividade que se revela essencial para auxiliar na qualidade de vida das comunidades.

Ao considerarmos a compreensão desses saberes do benzimento, a presença da etnobotânica se destaca, evidenciando o profundo sentimento de pertencimento e a relação intrínseca desses verdadeiros médicos com o uso dos recursos florestais não

madeireiros, especialmente as folhas. Assim, o benzimento se configura como uma estratégia de resistência, um caminho para buscar o equilíbrio entre o corpo físico, mental e espiritual em meio a esse pluriverso paralelo entre o ser e o existir.

Em síntese, este estudo revelou a rica diversidade de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento na Bahia, uma prática ancestral de cura enraizada na cultura popular. As famílias botânicas mais frequentemente citadas foram Euphorbiaceae, Lamiaceae e Solanaceae, ressaltando sua relevância nessas tradições. A identificação correta das plantas é fundamental para preservar o conhecimento tradicional e garantir a eficácia dessas práticas de cura. A colaboração com especialistas e a consulta a fontes confiáveis são indispensáveis nesse processo.

A pesquisa enfatiza a importância de valorizar e preservar o benzimento como patrimônio cultural, além de destacar a relevância das plantas medicinais no contexto dessas práticas. A continuidade desses saberes ancestrais é essencial para a qualidade de vida das comunidades locais. Para o futuro, incentivar pesquisas sistemáticas e abordar diferentes aspectos do Benzimento na Bahia é fundamental para a valorização dessas tradições e a proteção da identidade cultural das comunidades. A etnobotânica emerge como uma área crucial para a compreensão e preservação desse rico patrimônio imaterial.

Para avançar nesse estudo e preencher lacunas do conhecimento, é fundamental realizar pesquisas aprofundadas sobre a diversidade de espécies botânicas no Benzimento e sua eficácia terapêutica. Estudos etnofarmacológicos e etnográficos podem enriquecer a compreensão do contexto social dessas práticas. Uma abordagem multidisciplinar integrando etnobotânica, etnofarmacologia e antropologia é essencial para valorizar e preservar esse patrimônio cultural e científico.

Diante disso, esse artigo se mostra como uma contribuição expressiva para pesquisas futuras na área etnobiológica, fornecendo subsídios para pensar em estratégias de manejo e conservação dessas espécies vegetais. Além disso, aprofunda nossa compreensão das dinâmicas inerentes a esse saber popular ancestral e resgata a riqueza da cultura local. A diversidade de plantas catalogadas nesse estudo ressalta a importância dessas espécies em rituais de cura na Bahia, enfatizando a relevância da nomenclatura botânica para garantir a eficácia das práticas de benzimento. A precisão

na identificação das plantas utilizadas é essencial, e reforçamos a importância de contar com a orientação de especialistas e a consulta de fontes confiáveis nesse processo.

Destaca-se ainda a importância do benzimento como uma prática intrínseca à cultura baiana, valorizando seu papel tanto para as comunidades locais quanto para o campo científico. Preservar esse conhecimento tradicional e valorizar as plantas medicinais no contexto do benzimento é garantir a perpetuação e difusão desse saber ancestral popular, promovendo a cura e bem-estar das comunidades. É fundamental intensificar estudos que resgatem esses saberes e suas práticas, a fim de preservar o conhecimento tradicional local e incentivar sua continuidade. A valorização do benzimento se faz urgente para garantir a manutenção de um patrimônio cultural imensurável que enriquece a identidade do povo baiano.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica** 2ªed. Rio de Janeiro, Interciência. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P., JÚNIOR, W. S. F., RAMOS, M. A., & DE MEDEIROS, P. M. **Introdução à etnobotânica**. 3ªed. Rio de Janeiro Interciência. 2022

ALBUQUERQUE, U. P.; HURRELL, J. A. 2010. **Ethnobotany: one concept and many interpretations**. In: Ulysses Paulino de Albuquerque; Natalia Hanazaki. (Org.). Recent Developments and Case Studies in Ethnobotany. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia/NUPEEA, p. 87-99. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/UlyssesAlbuquerque/publication/259295744_Ethnobotany_one_concept_and_many_interpretations/links/02e7e532b39b2e5cb5000000/Ethnobotany-one-concept-and-many-interpretations.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023

ALMEIDA, V.; BANDEIRA, F.P.S. de F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, p. 195-209, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/jhVxFtmFqKs6NHfm55Jg3bS/abstract/?lang=pt>>>. Acesso em: 20. Abr.2023.

AZEVEDO, M.M.C.T. Os saberes e fazeres das mulheres das águas: práticas tradicionais de saúde vivenciadas na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas/BA. TCC (Ciências Sociais com habilitação em Antropologia). Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Brasília, 2022.

BASSI, F., SÁ, S. M. M. de .; TAVARES, F. Terapeutas populares no Recôncavo da Bahia, Brasil: configurações agentivas em ontologias híbridas. **Revista De Antropologia**, 64(3), e189651.2021 Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.189651>. Acesso em: 20. Abr.2023.

BASTOS, L.C.S.L.. Nas trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia de um saber-fazer que se transforma. **ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 49-81, 2020. Disponível em: <<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6703>>>. Acesso em: 10.mai.2023

BOTELHO, L.L.R.; Cunha, C.C.A; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <<<https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>>. Acesso em: 10.mai.2023.

BRASIL. Política Nacional de Plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)

CANALE, G. R.; PERES, C. A.; GUIDORIZZI, C. E.; GATTO, C. A. F.; KIERULFF, M.C. M. Pervasive defaunation of forest remnants in a tropical biodiversity hotspot. **PlosOne**, v. 7, n. 8, e41671, 2012. doi.org/10.1371/journal.pone.0041671

CARVALHO, M. C. Benzimento e cura na comunidade de São João do Cazumbá. **Caos-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, p. 72-80, 2011. Disponível em: <<<https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/47058/28134>>. Acesso em: 11.abr.2023

CONCEIÇÃO, A.S. O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”. Práticas religiosas e culturais nas benzenções. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

FERNANDES, F.M.S. Comunidade quilombola de casinhas em Jeremoabo Bahia: seu tempo, seu chão, sua memória. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos. 2013.

FERREIRA, L.F.; MARTINS, Z. Plantas medicinais, saberes tradicionais e práticas de cura: rituais, magia e terapias. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/download/6627/4882>

FLORA do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2023

INSTITUTE TJB. Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual: 2014 Edition. [Internet]. Adelaide: Joanna Briggs Institute; 2014. Disponível em: <<<http://joannabriggs.org/assets/docs/sumari/ReviewersManual-2014.pdf>>>. Acesso em: 23 jun. 2023

JESUS, W.S. Rezadeiras/rezadores de preceito de São Francisco do Conde: itinerário de fé e cura nas práticas etnomédicas. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2012.

LEININGER, M. **Culture care, diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press; 1991.

LIMA, C.M. A importância da relação religiosidade e saúde nas práticas de cuidadores tradicionais quilombolas. Universidade Federal Da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 28, n. 2, p. 59, 2019.

LIRIO, E.J.; PEIXOTO, A.L.; ZAVATIN, D.A.; PIGNAL, M. Monimiaceae in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB166>>. Acesso em: 23 jun. 2023

MACHADO, R.F. As folhas vermelhas do mangue: uma etnografia sobre os mortos, a morte e a maré em Matarandiba (BA) / Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.- São Paulo, 2019. 230 f.

MARTINS, L.A. Cuidado ao recém-nascido em Comunidade Quilombola e a influência integrada intergeracional / Lucas Amaral Martins . – Salvador, 2014. 122 f. : il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Enfermagem, 2014.

MORO, M.F., SOUZA, V.C., OLIVEIRA-FILHO, A.T., QUEIROZ, L.P., FRAGA, C.N., RODAL, M.J.N., ARAÚJO, F.S. & MARTINS, F.R. 2012. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? **Acta Botanica Brasilica**, 26(4) 991-999. Disponível em: << Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia?>>. Acesso em: 20.jun.2023

MOURA, E.C.D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benção... **MNEME – Revista de Humanidades**, Caicó, RN, v.11, n. 29, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ifrn.br/mneme/article/view/980/964>>. Acesso em: 12.mai. 2023

MOURA, J.. Com dois te botaram com três eu te curo: as representações de cura na prática das benzedeiras de paiaias no município de saúde/bahia (1950–2018). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em História) Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Ciências Humanas, Campus IV – Jacobina.

NETO, Ernani Francisco dos Santos. O rosário de lágrimas de Nossa Senhora nas mãos de Maria: benção e saúde no Brasil contemporâneo. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora**, v. 24, n.1, jan./jun. 2021, p. 53-65. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/33834>. Acesso em: 10.mai. 2023

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M.. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências** 7(3): 245-251.2009.

QUEIROZ, G.B.; SOUZA, M.O.; SOUZA, L.A. Diversidade na Maneira de uso das Plantas Medicinais em Comunidades Rurais de Tremedal-BA. **Semana de Agronomia da UESB (SEAGRUS)**-ISSN 2526-8406, v. 1, n. 1, 2017.

RABELO, T.O.; ARAÚJO, R.I.S.; ALMEIDA JR, E. Plantas utilizadas por benzedores em quilombos do Maranhão, Brasil. **Etnobiologia**, v. 20, n. 2, p. 20-39, 2022.

Disponível em:<<

<https://revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/449/463>>>. Acesso em: 20.abr.2023

RIBEIRO, E.P.; DE SENA, M.L.M.; ORESTE, L.F.S. Diálogo com o Sagrado: Narrativas das benzedoras e rezadeiras de Santo Amaro. **ODEERE**, v. 3, n. 6, p. 366-374, 2018. Disponível em:<<

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2724/3615>>>. Acesso em: 10.mai.2023

ROCHA, S.M. As Benzedoras, Folhas, Rezas e Segredos: uma apologia à Vida. *In* imaginário e dinâmicas do segredo. Org. : PITTA, Danielle Perin Rocha; RAMOS, Solange Santiago.2013.

ŠANTIĆ, Ž; PRAVDIĆ, N; BEVANDA, M; GALIĆ, K. The historical use of medicinal plants in traditional and scientific medicine. **Psychiatria Danubina**. v.5, n. 1-2, p. 69-74, 2017.

SANTOS, C.L.B. Benza Deus, três vezes no coração: saberes e fazeres das rezadeiras do terreiro Bate Folha como poética de dança afroancestral. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANCA). Universidade Federal da Bahia – UFBA. 2021. Disponível em:<<

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35559/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Carolina_Bastos_30_04_21%20%5Bvers%C3%A3o%20final%5D.pdf>>. Acesso em:10.mai.2023

SANTOS, E.O. Rezadeiras/Rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros (BA): pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão. 2022. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022. Disponível em: <<
<https://ri.ufs.br/handle/riufs/16951>>>. Acesso em:10.mai.2023

SILVA, I.S.; SANTOS, A.L.P. dos; NOGUEIRA, E.M.S. Ensino pelo Exemplo: Reflexões acerca da Benzeção. **Revista Cocar**, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4517>

SILVA,L.J. Etnicidade e cura entre benzedoras quilombolas de Rio de Contas-ba / Leonice de Jesus Silva.Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB Jequié, 2017.

SILVA,L.J.; SOUZAS, R.S.. (Re) existência “Margarida”-mulher negra quilombola: identidade, religiosidade eo poder de cura na Chapada da Diamantina-BA. **ODEERE**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2019.

SILVEIRA, I.P. (Eco) logias do cuidado: Saúde, natureza, e sociabilidade em Serra Grande, Uruçuca-BA. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências

Humanas, Salvador, 2020. (222) f. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32071>>. Acesso em: 20.adr.2023

SIQUEIRA, A.B. Etnoconhecimento de benzedeiras e rezadeiras: resistência ao tempo e à tecnologia. **Revista Húmus** [recurso eletrônico]. São Luís, MA: UFMA, 2021. Vol. 11, n. 25, p. 119-132., 2021. Disponível em:<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230892>. Acesso em: 20.abr.2023

SOUZA, L.N. Tombenci fé e razão: de Ilhéus a Itapetinga saberes e fazeres de uma nação de Candomblé Angola - Jequié, 2022. 95f.(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB). Disponível em:<< <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/wp-content/uploads/2022/07/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Luciano-Neves-Souza-PPGREC.pdf>>>. Acesso em: 20.mai.2023

SOUZA, M.A.S. Cultura de Cardeal da Silva: uma breve viagem entre passado e presente / **Dossiê Cultural** -- Cardeal da Silva, BA: Ed. da Autora, 2021.

SOUZA, N.; BARZANO, M.A.L. Plantas medicinais na comunidade quilombola de massaranduba no município de Irará-ba: ouvindo memórias dos mais velhos para descolonizar o ensino de biologia. **Bio-grafia**, 2022. Disponível em:<<https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/bio-grafia/article/view/18149/11630>>. Acesso em:10.abr.2023

TAVARES, F.; CAROSO, C., BASSI, Francesca, PENAFORTE, Thais e MORAIS, Fernando. 2019. **Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas, Cachoeira, Bahia** Salvador, EDUFBA.

7. ARTIGO III: PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA: ETNOBOTÂNICA DO BENZIMENTO E A CURA PELAS PLANTAS

Bastos, N. G.; Andrade, W. M.; Santos, C. A. B.; Nogueira, E. M. S.

Submissão: 10/02/2024 | Aceito: 12/06/2024

Qualis (2017-2020): A4





DOI: 00.0000/0000-0000.2018x0y0z0

Parque Nacional da Chapada Diamantina: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas

Chapada Diamantina National Park: Ethnobotany of Blessing and Plant Healing

BASTOS, Nayara Gomes. Mestre em Biodiversidade Vegetal (UNEB)/Especialista em Gestão Ambiental de Municípios (UFTPR)/Graduação em Ciências Biológicas (UNEB). Discente do Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH), UNEB - Campus III, Juazeiro - Bahia - Brasil/ E-mail: nbastos@uneb.br

SANTOS, Carlos Alberto Batista. Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE) / Graduação em Ciências com Habilitação em Biologia (UPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, UNEB, Campus III Juazeiro, BA / E-mail: absantos@uneb.br

NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) (UFPB) / Graduação em Ciências Biológicas (FAFIRE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, UNEB, Campus III Juazeiro, BA / E-mail: enogueira@uneb.br

ANDRADE, Wbaneide Martins de. Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE)/Graduação em Ciências Biológicas (UFRPE). Docente do Curso de Graduação em Ciências Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental -PPGEcoH, Pesquisadora do Centro de Pesquisas OPARÁ na Universidade do Estado da Bahia -UNEB, Campus VIII Paulo Afonso, BA/ E-mail: wandrade@uneb.br

RESUMO

A pesquisa objetivou identificar as espécies botânicas utilizadas em rituais de benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA, buscando a existência de um padrão do conhecimento e das práticas etnobotânicas. A coleta de dados realizou-se por meio de uma triangulação (observação direta, conversas informais, entrevistas do tipo semiestruturada e aberta, turnê guiada, história de vida, "bola de neve"), foram realizadas entrevistas com 28 praticantes de benzimento no período de abril de 2022 até julho de 2023, aspectos éticos e legais foram aplicados. Foram relatadas 40 etnoespécies, distribuídas 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies. Em nove etnoespécies não foi possível fazer a identificação botânica devido à ausência de material botânico. Lamiaceae, Fabaceae e Solanaceae foram as famílias mais representativas. A *Ruta graveolens* (arruda) foi a espécie que apresentou maior valor de Consenso de Uso com UCs de 1,555, seguida por *Jatropha gossypifolia* (pinhão-roxo) com 1,037, sendo também as mais citadas. A maioria das espécies são exóticas (cultivadas e naturalizadas) e procedentes do próprio quintal. Oito etnoespécies foram registradas isocronicamente nos três municípios. Todas as espécies citadas em Mucugê também foram registradas em Andaraí, fato esse sendo exemplificado pela Teoria da Neutralidade, visto que as cidades são geograficamente mais próximas, compartilhando uma maior similaridade. Especificações botânicas foram apontadas variando desde a quantidade de ramos, combinações de espécies, a posição de retirada dos galhos na planta até o horário de coleta das plantas. Logo é inegável o saber etnobotânico presente nessa prática, fazendo parte da riqueza cultural brasileira.

Palavras-chave: Benzedeiras, Saúde, Bahia.



ABSTRACT

The research aimed to identify the botanical species used in blessing rituals in the cities of Andaraí, Lençóis and Mucugê/BA, seeking the existence of a standard of ethnobotanical knowledge and practices. Data collection was carried out through triangulation (direct observation, informal conversations, semi-structured and open interviews, guided tour, life story, "snowball"), interviews were carried out with 28 blessing practitioners in the period from April 2022 until July 2023, ethical and legal aspects were applied. 40 ethnospecies were reported, distributed across 19 families, 29 genera and 31 species. In nine ethnospecies it was not possible to make botanical identification due to the absence of botanical material. Lamiaceae, Fabaceae and Solanaceae were the most representative families. *Ruta graveolens* (rue) was the species that presented the highest Consensus of Use value with UCs of 1.555, followed by *Jatropha gossypifolia* (purple pine) with 1.037, also being the most cited. Most species are exotic (cultivated and naturalized) and come from your own backyard. Eight ethnospecies were recorded isochronically in the three municipalities. All species mentioned in Mucugê were also recorded in Andaraí, a fact being exemplified by the Theory of Neutrality, since the cities are geographically closer, sharing greater similarity. Botanical specifications were indicated, ranging from the number of branches, combinations of species, the position in which the branches were removed from the plant to the time of collection of the plants. Therefore, the ethnobotanical knowledge present in this practice is undeniable, forming part of Brazil's cultural wealth.

keywords: Benzedeiras, Health, Bahia.



Introdução

A compreensão das intrincadas relações entre o ser humano e as plantas é o cerne da Etnobotânica, revelando esses vínculos, desde tempos ancestrais até os dias atuais. Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) definem a Etnobotânica como a ciência que investiga as interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais das sociedades humanas, passadas e presentes, com o reino vegetal.

O termo “Etnobotânica” foi formalmente introduzido em 1896 por Hashberger, um pioneiro ao explorar a posição cultural de etnias indígenas. Sua abordagem inicial, focada na utilização de plantas por essas comunidades, moldou a percepção da etnobotânica por muito tempo como um conhecimento utilitarista, centrada no uso de plantas por povos “aborígenes” (Albuquerque *et al.*, 2022).

As plantas exercem um forte papel na regulação social, moldando normas e padrões comportamentais (Albuquerque *et al.*, 2022). Pesquisas sobre o uso de ervas medicinais em comunidades revelam uma riqueza de conhecimentos aplicados na medicina popular local, sendo que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS (2013), entre 70% e 90% da população de países em desenvolvimento utiliza plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde.

Atualmente, a Etnobotânica evoluiu para uma abordagem mais abrangente, incorporando uma interação dinâmica entre sistemas ecológicos e culturais. Seu campo de investigação se estende além das comunidades tradicionais, incluindo também contextos urbano-industriais e rurais não-tradicionais (Albuquerque *et al.*, 2022; Bernadino *et al.*, 2019). A relação intrínseca entre o homem e as plantas permeia toda a história da humanidade, exemplificada pela *Cyperus papiros* L., uma espécie botânica vital na antiguidade africana desde 3.000 a.C em Kemet (Egito Antigo). Suas fibras eram utilizadas na fabricação de embarcações, construção de pontes e na confecção dos papiros, precursor do papel, registrando as práticas médicas locais, incluindo curas com elementos naturais, assim como questões matemáticas e políticas (Pinheiro, 2021; Badaró, 2018).

No Brasil, desde os primórdios da colonização, médicos reconhecem a importância dos remédios naturais utilizados pelos povos originários, destacando que o conhecimento das ervas e práticas rituais remontam às influências culturais africanas, indígenas e à medicina popular europeia (Souza, 2003).

No contexto etnobotânico, destaca-se o benzimento, como uma prática ancestral de cuidado em saúde, que incorpora as plantas como elemento ritualístico principal. Diversos estudos apontam os rituais de rezas e benzimentos como práticas alternativas eficazes no tratamento de problemas físicos e espirituais, firmemente enraizadas na medicina popular em diversas regiões do Brasil (Oliveira e Trovão, 2009; Davi e Passa, 2017; Lima e Oliveira, 2020).

Frente ao exposto, a região da Chapada Diamantina destaca-se como um epicentro de intensa riqueza cultural, moldada por uma formação histórica carregada de significados profundos e reconhecimento. No centro dessa extensa área de proteção integral, com uma paisagem repleta de nuances culturais, as cidades de Andaraí, Mucugê e Lençóis emergem como testemunhas e protagonistas desse contexto único, localizadas no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Em um cenário de evidente miscigenação, onde identidades e culturas se entrelaçam para formar a rica tapeçaria da nação brasileira, os saberes tradicionais desempenham um papel crucial. O benzimento, como uma expressão desses conhecimentos ancestrais, emerge como protagonista. O registro das espécies



Introdução

A compreensão das intrincadas relações entre o ser humano e as plantas é o cerne da Etnobotânica, revelando esses vínculos, desde tempos ancestrais até os dias atuais. Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) definem a Etnobotânica como a ciência que investiga as interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais das sociedades humanas, passadas e presentes, com o reino vegetal.

O termo “Etnobotânica” foi formalmente introduzido em 1896 por Hashberger, um pioneiro ao explorar a posição cultural de etnias indígenas. Sua abordagem inicial, focada na utilização de plantas por essas comunidades, moldou a percepção da etnobotânica por muito tempo como um conhecimento utilitarista, centrada no uso de plantas por povos “aborígenes” (Albuquerque *et al.*, 2022).

As plantas exercem um forte papel na regulação social, moldando normas e padrões comportamentais (Albuquerque *et al.*, 2022). Pesquisas sobre o uso de ervas medicinais em comunidades revelam uma riqueza de conhecimentos aplicados na medicina popular local, sendo que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS (2013), entre 70% e 90% da população de países em desenvolvimento utiliza plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde.

Atualmente, a Etnobotânica evoluiu para uma abordagem mais abrangente, incorporando uma interação dinâmica entre sistemas ecológicos e culturais. Seu campo de investigação se estende além das comunidades tradicionais, incluindo também contextos urbano-industriais e rurais não-tradicionais (Albuquerque *et al.*, 2022; Bernadino *et al.*, 2019). A relação intrínseca entre o homem e as plantas permeia toda a história da humanidade, exemplificada pela *Cyperus papiros* L., uma espécie botânica vital na antiguidade africana desde 3.000 a.C em Kemet (Egito Antigo). Suas fibras eram utilizadas na fabricação de embarcações, construção de pontes e na confecção dos papiros, precursor do papel, registrando as práticas médicas locais, incluindo curas com elementos naturais, assim como questões matemáticas e políticas (Pinheiro, 2021, Badaró, 2018).

No Brasil, desde os primórdios da colonização, médicos reconhecem a importância dos remédios naturais utilizados pelos povos originários, destacando que o conhecimento das ervas e práticas rituais remontam às influências culturais africanas, indígenas e à medicina popular europeia (Souza, 2003).

No contexto etnobotânico, destaca-se o benzimento, como uma prática ancestral de cuidado em saúde, que incorpora as plantas como elemento ritualístico principal. Diversos estudos apontam os rituais de rezas e benzimentos como práticas alternativas eficazes no tratamento de problemas físicos e espirituais, firmemente enraizadas na medicina popular em diversas regiões do Brasil (Oliveira e Trovão, 2009; Davi e Passa, 2017; Lima e Oliveira, 2020).

Frente ao exposto, a região da Chapada Diamantina destaca-se como um epicentro de intensa riqueza cultural, moldada por uma formação histórica carregada de significados profundos e reconhecimento. No centro dessa extensa área de proteção integral, com uma paisagem repleta de nuances culturais, as cidades de Andaraí, Mucugê e Lençóis emergem como testemunhas e protagonistas desse contexto único, localizadas no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Em um cenário de evidente miscigenação, onde identidades e culturas se entrelaçam para formar a rica tapeçaria da nação brasileira, os saberes tradicionais desempenham um papel crucial. O benzimento, como uma expressão desses conhecimentos ancestrais, emerge como protagonista. O registro das espécies

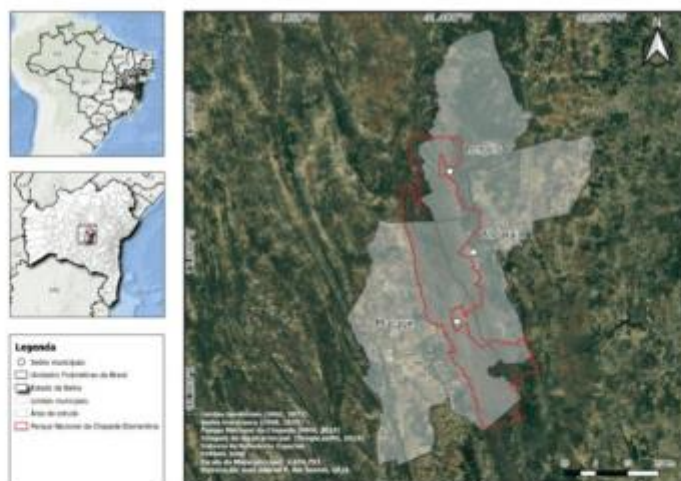
Os estudos etnobotânicos contribuem na compreensão das sociedades, analisando as relações entre comunidades e o ambiente vegetal, especialmente quanto ao benzimento. No entanto, reconhecemos que são apenas uma parte do quebra-cabeça dos sistemas culturais, exigindo uma abordagem mais integrada. A compreensão holística é essencial para capturar a complexidade das interações entre pessoas e plantas, indo além de uma única disciplina. A justificativa para essa abordagem ampla reside na interconexão entre elementos culturais, sociais, ecológicos e históricos. Ao transcender uma perspectiva disciplinar única, buscamos ampliar a compreensão e contribuir para a preservação dos conhecimentos tradicionais, enriquecendo a pesquisa acadêmica e promovendo o diálogo sobre a diversidade cultural e ambiental.

Este estudo objetiva identificar as espécies botânicas utilizadas nos rituais de benzimento em diferentes cidades, além de reconhecer se existe um padrão do conhecimento e práticas entre aqueles que realizam a benzedura. Essa abordagem contribuirá significativamente para a compreensão do universo das rezadeiras, explorando suas relações etnobotânicas durante o processo de transmissão de saberes.

Área de estudo

O estudo foi realizado nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, os quais integram a área de Proteção Integral Parque Nacional da Chapada Diamantina na Bahia (Figura 1).

Figura 1- Mapa de localização do Parque Nacional da Chapada Diamantina com indicação das áreas de estudo, em Andaraí, Lençóis e Mucugê/Bahia.



Fonte: (Dados da pesquisa)



Andaraí, situada entre as coordenadas 12°48'26''S de latitude e 41°19'53'' W de longitude, apresenta uma altitude média de 405m, abrangendo uma área de 1.861,70km² e distando 405 km da capital do Estado. O clima é subúmido a seco, com temperatura média anual de 24,6°C e período chuvoso de outubro a abril. A vegetação inclui diversas formações, como Floresta Decidual Submontana, Floresta Estacional Semidecidual, Contato Cerrado-Floresta Estacional Semidecidual Montana, Refúgio Ecológico Montano, Contato Cerrado-Caatinga e Cerrado Parque, excluindo a Floresta-de-Galeria (SEI, 2014).

O município de Lençóis, localizado na latitude 12°33'47''S e na longitude 41°23'24'' W, com altitude média de 394m, abrange uma área de 1.277,0km² e está situada a 413 km da capital baiana. O clima varia de úmido a subúmido, com temperatura média anual de 23,4°C e período chuvoso compreendido entre os meses de outubro a junho. A vegetação abrange Refúgio Ecológico Montano, Floresta Estacional Semidecidual, Cerrado Arbóreo Aberto, sem Floresta-de-Galeria, Floresta Estacional Decidual, Ecótono Contato Cerrado-Floresta Estacional, Cerrado Parque, sem Floresta-de-Galeria e Floresta Estacional Decidual (SEI, 2014).

Mucugê localiza-se na latitude de 13°00'19''S e 41°22'15''W de longitude, com altitude média de 983m. Com uma área municipal de 2.455,0km² distante 444km da capital baiana. Apresenta um clima úmido, com temperatura média anual de 20,9°C, com período chuvoso entre outubro e abril. A vegetação engloba Cerrado Gramíneo-Lenhoso, com Floresta-de-Galeria, Refúgio Ecológico Montano, Contato Cerrado-Floresta Estacional, Floresta Estacional Semidecidual Montana, Ecótono Contato Cerrado-Caatinga, Ecótono Contato Caatinga-Floresta Estacional, Cerrado Arbóreo Aberto, sem Floresta-de-Galeria, Cerrado Gramíneo Lenhoso, sem Floresta-de-Galeria, e Cerrado Parque, com Floresta-de-Galeria (SEI 2014).

Coleta de Dados

Esta pesquisa empregou uma abordagem de triangulação, combinando três métodos: 1) entrevistas semiestruturadas, 2) turnê guiada e 3) "bola de neve" para a seleção dos participantes. Os municípios desse estudo estão localizados no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina: Andaraí, Mucugê e Lençóis, na Bahia.

As atividades de campo ocorreram de abril/2022 a julho/2023. Para garantir a integridade ética e legal deste estudo, obtivemos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP sob o parecer nº 5.058.444. Todos os participantes, incluindo especialistas como benzedores, curadores e rezadores, adultos com idade superior a dezoito anos, foram abordados após a devida apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso de especialistas "não-alfabetizados", o TCLE foi lido e autorizado oralmente, com a autorização gravada para documentação e registro.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, nas residências dos especialistas, seguindo um roteiro guia, com perguntas sobre suas práticas de cura e relações etnobotânicas. Os entrevistados foram encorajados a responder livremente, acrescentando informações pertinentes. Para identificar as plantas usadas nos processos de cura, realizamos turnês guiadas pelos quintais e arredores com os especialistas, registrando, fotograficamente e em diários de campo, as informações relevantes.



Todo material botânico, coletado em estágio fértil, foi depositado no Herbário da Universidade do Estado da Bahia - HUNEB, seguindo as práticas usuais de botânica. A origem das plantas foi determinada até o nível de espécie, com base na Lista de Espécies da Flora do Brasil (Flora do Brasil, 2022). Os dados foram compilados e analisados no Excel, resultando na elaboração de uma tabela listando as espécies botânicas, famílias e gêneros, juntamente com seus nomes populares.

A classificação botânica seguiu o *Angiosperm Phylogeny Group IV* (APG, 2016). As informações coletadas foram submetidas a testes estatísticos no programa BioEstat 5.0. O Valor de Consenso de Uso (UCs) foi avaliado, medindo a concordância entre os informantes sobre a utilidade de uma espécie, especificamente relacionado ao consenso da utilização das plantas na prática de benzimento nos três municípios.

Resultados e discussão

Foram realizadas um total de 28 entrevistas, com praticantes de benzimento, nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, durante o período de abril/2022 a julho/2023. Os dados coletados na lista livre revelaram um total de 40 etnoespécies citadas para as três cidades, distribuídas em 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies, com duas delas identificadas até o nível de gênero (Tabela 1). Das etnoespécies registradas nesse estudo, nove não puderam ser taxonomicamente identificadas devido à falta de material botânico reprodutivo no momento da coleta. A diversidade de espécies corrobora os resultados obtidos por Silva (2018), ao entrevistar benzedores residentes no leste da ilha de Santa Catarina, identificando 31 espécies classificadas em 18 famílias.

Tabela 1 - Lista de espécies botânicas utilizadas nas práticas de Benzimento por benzendeiras e benzedores residentes nos municípios de Andaraí, Mucugê e Lençóis/Bahia.

Família/Espécie	nome popular	Nº citações			UCs
		An	Le	Mu	
Acanthaceae					
<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	vence-tudo ou abre caminho	8	3	2	0,962
Adoxaceae					
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	2	-	-	0,148
Amaranthaceae					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze*	anador	1	-	-	0,074
Anacardiaceae					
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.*	aroeira	2	5	-	0,518
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	1	-	-	0,074
Apocynaceae					
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K.Schum.*	fava-de-oxum	1	-	-	0,074
Annonaceae					
<i>Annona squamosa</i> L.	pinha	1	-	-	0,074
Araceae					
<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott*	comigo-ninguém-pode	1	1	-	0,148
Asparagaceae					
<i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb.	espada-de-ogum	-	2	-	0,148
Euphorbiaceae					
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.*	pinhão-roxo	9	4	1	1,037

* Espécies não identificadas devido à falta de material botânico reprodutivo no momento da coleta.



<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	3	1	-	0,296
Fabaceae					
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link*	fedegoso	8	2	2	0,888
<i>Pouretia bahiana</i> Cl.Müll.*	arruda-da-serra	-	1	-	
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	andu	1	-	-	0,074
<i>Senna</i> sp.	são-joão	3	-	-	0,222
Lamiaceae					
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	8	1	2	0,814
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	alfazema	2	1	-	0,222
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	2	1	1	0,296
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	-	1	-	0,074
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	1	-	-	0,074
Myrtaceae					
<i>Eugenia uniflora</i> L.*	pitanga	4	2	-	0,444
Phytolacaceae					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné ou tipi	3	1	1	0,370
Plantaginaceae					
<i>Scoparia dulcis</i> L.*	vassourinha	4	4	2	0,740
Poaceae					
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	capim-nagô	1	-	-	0,074
Rutaceae					
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	11	7	3	1,555
Sapindaceae					
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.*	camboatá	1	1	-	0,148
Siparunaceae					
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.*	negra-mina	1	1	-	0,148
Solanaceae					
<i>Cestrum axillare</i> Vell.*	quarana	2	-	-	0,148
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	fumo	1	-	-	0,074
<i>Capsicum</i> sp.	pimenta	2	-	1	0,222
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	2	-	1	0,222
Plantas sem possibilidade de identificação em nível de espécie	alecrim-de-vaqueiro	1	1	-	0,148
	ares-da-felicidade	-	1	-	0,074
	marinheiro	-	1	-	0,074
	relógio	-	1	-	0,074
	unha-de-gato	-	1	-	0,074
	urtiga	-	1	-	0,074
	salva-de-ogum	1	-	-	0,074
	tira morfina	1	-	-	0,074
	relógio	1	-	-	0,074

Legenda: An= Andaraí; Le = Lençóis; Mu=Mucugê; UCs = Valor de consenso de uso;

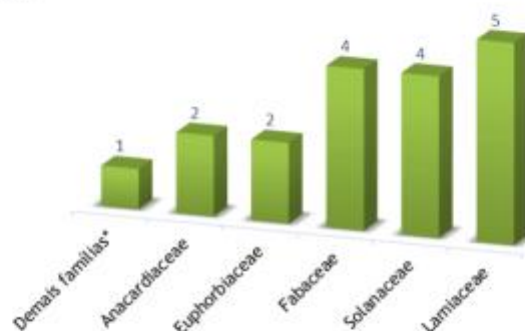
(*) espécies nativas.

As famílias mais representativas foram Lamiaceae com 5 espécies, seguida por Fabaceae e Solanaceae ambas com 4 espécies (Figura 2). Estes resultados estão alinhados com os encontrados por Bastos *et al.* (2023), que, em uma revisão integrativa sobre a etnobotânica do benzimento na Bahia, destacaram a relevância da família Lamiaceae como uma das mais representativas, em estudos realizados em quatro municípios do Sertão Paraibano (Nóbrega 2017), em Anajuba no Maranhão (Rabelo, Araújo, Almeida Jr. 2022) e no Sul do Mato Grosso (David; Passa 2017). Essa constância reforça a importância desta família botânica nas práticas de benzimento em diferentes regiões do território brasileiro, transcendendo fronteiras



geográficas e reforçando sua presença significativa no contexto etnobotânico das práticas deste tipo.

Figura 2 - Distribuição das citações das famílias botânicas utilizadas nas práticas de benzimento no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).



Fonte: (Dados da pesquisa)

No que diz respeito à origem das espécies botânicas identificadas, constatou-se que apenas 30% (12 espécies) são plantas nativas, indicando uma preferência por espécies exóticas, tanto cultivadas quanto naturalizadas, nas práticas de benzimento. Este dado diverge dos resultados de Bastos *et al.* (2023), cuja revisão apontou uma maior proporção de espécies nativas utilizadas para benzedura. Tal discrepância sugere a ausência de um padrão ecológico consistente no estado, em relação à origem das plantas utilizadas, destacando a diversidade de preferências entre os praticantes.

É importante salientar que, apesar dessa diversidade observada, a escolha por espécies nativas nas práticas de benzimento confere a esse conhecimento um papel valioso na preservação da flora nativa. Entre as espécies nativas, destaca-se a arruda-da-serra (*Poiretia bahiana*), uma planta endêmica da Bahia. Embora tenha sido mencionada por um dos benzedores, esta a posicionou como uma das plantas que não são mais encontradas na região ou têm uma distribuição rara. Isso se deve à sua preferência por locais de altitude elevada, como serras e morros. A menção dessa espécie destaca, não apenas a diversidade de plantas utilizadas, mas também ressalta a importância do benzimento na preservação de espécies nativas utilizadas culturalmente, mesmo aquelas com distribuição geográfica limitada.

Quanto às espécies mais frequentemente citadas para o benzimento, a arruda (*Ruta graveolens*) despontou como a mais representativa, com 75% de citações pelos especialistas locais. O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) (Figura 4a) foi a segunda mais citada com 50%. A espécie vence-tudo (*Justicia gendarussa*) (Figura 4b) correspondeu a 46,4% citações, seguida pelo fedegoso (*Senna occidentalis*), citado 42,8%. O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) (Figura 4c) e a vassourinha (*Scoparia dulcis*) (Figura 4f) obtiveram citações, correspondendo a 39,3% e 35,7% das respostas, respectivamente.

Esses resultados estão alinhados com descobertas anteriores, como Oliveira *et al.* (2016), que destacaram a arruda como a planta mais proeminente na região de Palmas, no sudoeste do Paraná. Na região Nordeste no estado da Paraíba,



Oliveira e Trovão (2009) observaram que as espécies arruda e pinhão-roxo foram as mais citadas por benzedores e rezadores. Rabelo e Araújo (2022), no Maranhão, registraram o pinhão-roxo e a vassourinha como as espécies mais mencionadas. Na Bahia, com exceção da morfoespécie 'vence-tudo', as demais estão entre as nove (n=9) registradas por Bastos *et al.* (2023). Os autores enfatizam que essas plantas são consideradas especialmente valiosas e significativas nas práticas de benzimento, sugerindo uma relação com suas propriedades medicinais e simbólicas percebidas pelas comunidades locais.

Figura 3 - Espécies botânicas utilizadas pelas benzedadeiras no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).



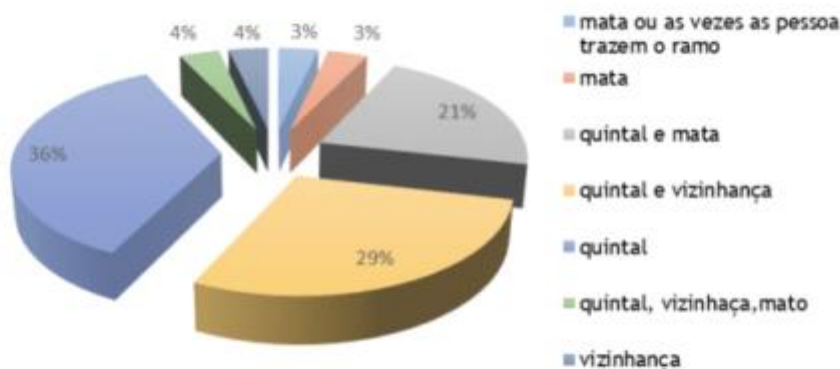
Legenda: a=pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*); b = vence-tudo ou abre-caminho (*Justicia gendarussa*); c= alecrim (*Rosmarinus officinalis*); d= alfazema (*Vitex agnus-castus*); e= pitanga (*Eugenia uniflora*); f = vassourinha (*Scoparia dulcis*) (Fonte: Dados da pesquisa)



Em relação ao Valor de Consenso de Uso (UCs), os dados revelaram que as espécies que apresentaram maior valor foram a arruda, com UCs=1,555, e pinhão-roxo, com UCs=1,037. A preferência marcante do pinhão-roxo entre os informantes pode ser atribuída à sua ocorrência espontânea e abundância, bem como à facilidade de crescimento e forma de propagação da espécie nas áreas de estudo. Segundo Albuquerque, Lucena e Cunha (2010), as pessoas têm uma tendência a utilizar plantas mais facilmente encontradas. No entanto, a arruda, embora citada por alguns informantes locais como uma planta difícil de encontrar, ainda é a espécie de maior preferência. Isso pode indicar que a distribuição e a abundância dessa espécie nessas localidades podem ter sido mais amplas e que a cultura associada ao seu uso ainda está presente na comunidade.

Quanto à procedência das etnoespécies utilizadas pelos praticantes de benzimento, a maioria provém de seus próprios quintais (36%), seguida pela combinação de quintal e vizinhança (26%) e quintal e mata (21%) (Figura 5). Observa-se, portanto, que muitos praticantes não limitam suas escolhas às áreas cimentadas, como é comum na modernidade. Mesmo com espaço disponível, algumas espécies são cultivadas em vasos e latas. Esses resultados corroboram as descobertas de Passa e David (2017), em Mato Grosso, onde os quintais foram apontados como principal fonte de plantas utilizadas para práticas de benzimento. Os autores ressaltam que o cultivo nesse espaço facilita a prática, uma vez que a coleta do material botânico ocorre no momento da benzeção, logo isso facilita a aquisição.

Figura 4 - Distribuição da procedência das plantas utilizadas em práticas de Benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê)



Fonte: (Dados da Pesquisa)

Além disso, a análise da procedência das etnoespécies revela a relevância dos quintais como fonte principal, indicando uma conexão estreita entre a prática do benzimento e o ambiente doméstico. Esses achados reforçam não apenas a valorização de plantas específicas nas tradições de benzimento, mas, também, apontam para uma relação íntima entre os praticantes e o ambiente ao seu redor. A preferência por espécies cultivadas nos próprios quintais ressalta a importância da proximidade e do acesso direto às plantas utilizadas, contribuindo para a



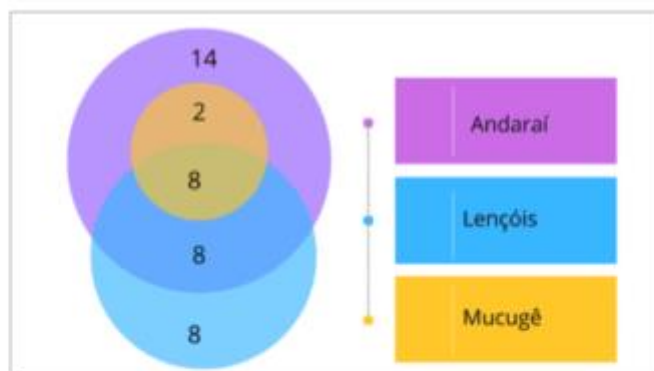
eficácia e a fluidez dessa prática tradicional. Essas percepções proporcionam uma compreensão mais profunda das escolhas e práticas dos benzedeiros, contribuindo para a preservação e entendimento contínuo desse valioso patrimônio cultural e botânico.

Analisando a similaridade das etnoespécies entre os municípios, destaca-se que apenas oito etnoespécies foram compartilhadas entre eles. Mucugê compartilha todas as citações das espécies botânicas com Andaraí (Figura 6). Essa harmonia entre Andaraí e Mucugê pode ser atribuída à proximidade geográfica entre essas duas localidades, sugerindo uma possível explicação pela Teoria da Neutralidade, de Hubbel (2001). De acordo com esta teoria, o aumento da distância geográfica pode resultar em uma menor similaridade de espécies em uma comunidade, independente das variações ambientais existentes.

Essa observação sobre a limitada similaridade de etnoespécies entre os municípios ressalta, não apenas a diversidade regional, mas, também, a influência de fatores geográficos nas práticas de benzimento. O compartilhamento mais expressivo entre Andaraí e Mucugê, em comparação com Lençóis, reforça a importância da proximidade física na transmissão e preservação desse conhecimento tradicional. Além disso, a análise destaca a singularidade de Lençóis em termos de plantas citadas, o que pode indicar nuances específicas na tradição de benzimento dessa região.

Essa variação entre os municípios, não apenas adiciona complexidade à compreensão das práticas de benzimento, mas sugere que fatores, além da proximidade geográfica, podem desempenhar um papel significativo na escolha e utilização de plantas nessas práticas. Questões culturais, históricas e ambientais específicas de cada localidade podem estar moldando as preferências dos praticantes de benzimento, adicionando camadas de significado à relação entre as plantas e às comunidades que as utilizam para fins rituais e terapêuticos. Portanto, ao explorar essas nuances, podemos obter uma visão mais completa e rica das práticas de benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).

Figura 5 - Diagrama de Venn representando o número de etnoespécies exclusivas e compartilhadas no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina/Bahia (Andaraí, Lençóis e Mucugê).



Fonte: (Dados da Pesquisa).



Algumas especificações botânicas foram observadas, como, por exemplo, a quantidade de ramos utilizados na prática de cura. Enquanto para alguns especialistas a quantidade de ramos é uma consideração essencial, para outros é indiferente. Esta diversidade foi evidenciada com o uso de um, três e/ou sete ramos, provenientes, tanto da mesma planta/indivíduo, quanto de plantas diferentes, refletindo as particularidades de cada benzedor. Além disso, a variedade na quantidade de ramos ressalta a riqueza e a flexibilidade dessas práticas, adaptando-se às crenças e experiências individuais dos benzedores. Essa diversidade pode estar relacionada aos aspectos culturais e espirituais específicos de cada região, enriquecendo ainda mais a compreensão das relações etnobotânicas presentes nesse saber tradicional. A próxima camada de complexidade reside na variedade de plantas escolhidas, revelando, não apenas uma abordagem prática, mas, uma integração holística com o ambiente natural e espiritual que envolve o benzimento.

Em Andaraí, umas das benzedadeiras entrevistadas orienta sua escolha espiritualmente, utilizando sete folhas (ramos) distintas. Por outro lado, outra benzedeira do município também emprega sete, só que da mesma planta, enquanto outra, varia de três ramos para crianças e sete para adultos. Em Mucugê, foi possível identificar um padrão consistente entre as três benzedadeiras entrevistadas, quando todas citaram a utilização de três galhos em suas práticas.

Outra especificidade botânica notável refere-se à posição, na planta, de onde os galhos são retirados para o benzimento. Enquanto alguns preferem os galhos mais baixos, outros optam pelo "olho" ou ramo apical ou terminal da planta. Essa escolha é profundamente pessoal, como evidenciado pelas diferentes abordagens adotadas pelos benzedores entrevistados.

Além disso, o horário de coleta das plantas também apresentou variações. Enquanto 57% dos especialistas eram indiferentes ao horário, coletando em qualquer momento, 18% preferiam o período da manhã. Uma benzedeira de Andaraí, destaca a importância de colher as plantas antes do nascer do sol. Outros 18% afirmaram que não coletam à noite, associando esse hábito ao repouso noturno das plantas, como defendido por um casa de benzedeiros, ambos de Andaraí.

Um aspecto notável é a influência da religiosidade afro-diaspórica no processo de cura, como exemplificado por um benzedeiro de Andaraí, que evita colher folhas após as 18h como forma de respeito a Ossain, o orixá das folhas. Esta observação sugere uma interconexão profunda entre as práticas de benzimento e as crenças religiosas, destacando a riqueza cultural e espiritual dessas tradições, a compreensão das relações etnobotânicas nesse saber cultural não apenas enriquece a subjetividade, mas preserva a vitalidade desse conhecimento orgânico e ancestral.

Considerações finais

O estudo sobre os rituais de benzimento no entorno da PARNA Chapada Diamantina, nas cidades Andaraí, Lençóis e Mucugê, revelou uma diversidade significativa de plantas, transcendentais não apenas em suas propriedades medicinais, mas como portadoras de culturas. Uma visão abrangente da diversidade de plantas incorporadas nos rituais de benzimento em localidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê do entorno da PARNA Chapada Diamantina, evidencia que esta prática transcende as fronteiras do uso medicinal, para constituir-se em riquezas



culturais e sociais profundamente enraizadas. A interação entre os benzedeiros e as plantas não se limita à mera seleção de um ramo qualquer; permeia uma rica ritualística que abrange, desde o momento específico da coleta vegetal, com algumas restrições noturnas relatadas, até a escolha estratégica da posição do ramo na planta.

A interação entre os benzedeiros e as plantas vai além da escolha de espécies botânicas, pois envolvem processos ritualísticos, que vão desde a coleta em quintais até a forma/posição estratégica do ramo na hora das práticas do benzimento. Essas interações refletem as relações entre as comunidades locais e o ambiente, destacando a consciência ambiental e a valorização da biodiversidade.

A preferência por espécies exóticas nas práticas de benzimento, apesar da presença de plantas nativas, sugere a influência de fatores práticos e simbólicos nesse conhecimento tradicional. A destacada importância da arruda e do pinhão-roxo, as especificidades botânicas na seleção e uso de ramos, bem como as considerações sobre a procedência e horário de coleta, ilustram a intrincada rede de significados e práticas que caracterizam o benzimento na região.

Essas descobertas não apenas enriquecem nosso entendimento sobre as relações entre os praticantes de benzimento e o reino vegetal, mas lançam luz sobre a preservação da flora nativa. A interconexão entre a espiritualidade, a prática cultural e a ecologia local se revelam como uma trama complexa, onde a tradição oral, a transmissão intergeracional e as crenças ancestrais desempenham papéis cruciais.

O benzimento não é apenas uma prática de cura, mas um testemunho vivo da riqueza cultural e da relação simbiótica entre comunidades e plantas. O estudo etnobotânico dessas práticas não só contribui para a preservação desse valioso conhecimento tradicional, mas abre portas para uma compreensão mais profunda da diversidade e interconexão que permeiam as tradições culturais brasileiras.

Neste contexto, o estudo não apenas convida à reflexão, mas sugere que o simbolismo envolvido no processo de cura em Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA está intrinsecamente interligado à flora que os envolve. Emerge claramente uma bagagem cultural significativa nesta relação etnobotânica, impregnada de consciência ambiental e valorização da biodiversidade. Observa-se, assim, não apenas uma prática de benzimento, mas um sistema de conhecimento que atua como um elo entre a comunidade local e o ecossistema ao seu redor.

Além disso, o estudo lança luz sobre a complexa rede de simbolismos que permeiam a seleção e o uso de plantas nos rituais de benzimento. A valorização de espécies exóticas, a influência do horário de coleta e a consideração da posição do ramo, não apenas reforçam a singularidade dessas práticas, mas indicam a presença de camadas profundas de significados culturais e espirituais. Dessa forma, o benzimento emerge como uma manifestação vívida da riqueza cultural, espiritual e ecológica dessa região da Chapada Diamantina, enraizada nas tradições e crenças transmitidas ao longo das gerações. Este estudo é uma contribuição valiosa para a compreensão da interconexão entre as práticas culturais e o ambiente, destacando a importância de preservar e compreender tais tradições, em um contexto mais amplo.

Agradecimentos



Agradecimento aos especialistas locais que aceitaram participar da pesquisa, compartilhando seu saber conosco. À Universidade do Estado da Bahia por meio do Programa de Apoio à Capacitação de Docentes e Técnicos Administrativos da UNEB - PAC-DT que disponibilizou bolsa de estudos. Ao Programa de Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPEA, 2010.

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181(1): 1-20. 2016

BADARÓ, W. O. A cura em Kemet entre 1700 e 1500 a. C.: anotações, caracterização e conteúdo do papíro de Edwin Smith. *Revista Eletrônica Discente História.com*, v. 5, n. 9, p. 89-107, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/historiacom/article/view/860>. Acesso em: 03.Ago.2023.

BASTOS, N. G.; ANDRADE, W. M.; SANTOS, C. A. B.; NOGUEIRA, E. S. Etnobotânica do benzimento em território baiano: revisão integrativa. *Peer Review*, v. 5, n. 18, p. 345-365, 2023. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/880>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BERNARDINO, DA M. C. C.; LIMA, P. F.; ALMEIDA, C. L.; FRANCO, F. C. A etnobotânica nos valores culturais e sua influência na formação do "ser regional". *Diálogos Interdisciplinares*, 8(3). 2019 Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/648>. Acesso em: 25 Ago. 2023.

ALBUQUERQUE, U. P., FERREIRA JÚNIOR, W. S., RAMOS, M. A., MEDEIROS, P. M. *Introdução à etnobotânica*. Interciência, 2022.

DAVID, M. D.; PASA, M. C. Etnobotânica na cultura de benzedeiras e curandeiros, mato grosso, brasil. *Múltiplos Olhares Sobre a Biodiversidade*. Vol. V, 514-536. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29142/mosb5-29>. Acesso em: 03 Ago. 2023.

FLORA DO BRASIL. *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 04. Ago. 2023.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na reserva extrativista marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 18, p. 177-190, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/SGSG4jG5XxJNwbmpXjFmtGN/?format=pdf>. Acesso em: 20. Dez. 2023.

HUBBELL, S. P. *The unified neutral theory of Biodiversity and Biogeography*. Princeton University Press, Princeton and Oxford. 2001.

LIMA, D. M.; OLIVEIRA, K. A. Rezadeiras e Benzedeiras do Assentamento Bernardo Marim-Pureza/RN. *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: << <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/4190>>>. Acesso em: 02. Dez. 2023.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. *Revista Brasileira de Biociências*. 7(3): 245-251. 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/78139022/1138-6231-1-PB.pdf>. Acesso em: 10. Nov. 2023.

OLIVEIRA, E. P.; TAQUES, E. M.; MOREIRA, P. V. S.; SIEBEN, C. R.; LORENZETTI, E. R. Plantas medicinais empregadas em benzimentos na região de Palmas-PR. *Cadernos de Agroecologia*, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.cpao.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDFs/Trabalhos/Plantas%20medicinais%20empregadas%20em%20benzimentos%20na%20região%20de%20Palmas%20PR.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2023.



OMS - Organização Mundial de Saúde. **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional - 2014-2023**. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/95008/1/9789243506098_spa.pdf. Acesso em: 25 Ago. 2023.

PINHEIRO, B. C. S. **História Preta das Coisas**. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

RABELO, T. O.; ARAÚJO, R.I.S.; ALMEIDA JR., E. Plantas utilizadas por benzedores em Quilombos do Maranhão, Brasil. *Etnobiologia*, v. 20, n. 2, p. 20-39, 2022.

SILVA, C. F. Benzedores do leste da ilha de Santa Catarina: relações sociais e o uso de plantas medicinais nas práticas de benzeduras. TCC (graduação) -Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Biologia. 2018.

SOUZA, B.M.G. Benzedura e mentalidade: sobrevivência de uma prática histórica acumulada. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: Anpuh, 2003.

8. **ARTIGO IV: TECENDO OLHARES SOBRE A RELIGIOSIDADE NAS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM COMUNIDADES DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA: UM ESTUDO EM ANDARAÍ, LENÇÓIS E MUCUGÊ, BAHIA**

Nayara Gomes Bastos, Carlos Alberto Batista dos Santos, Eliane de Souza Nogueira, Wbaneide Martins de Andrade

Submetido à Revista: Identidade! Aceito: 11/12/2024

Qualis (2017-2020): A2



TECENDO OLHARES SOBRE A RELIGIOSIDADE NAS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM COMUNIDADES DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA

WEAVING PERSPECTIVES ON RELIGIOSITY IN THE PRACTICES OF BENZIMENT IN COMMUNITIES OF THE CHAPADA DIAMANTINA NATIONAL PARK

Nayara Gomes Bastos, Carlos Alberto Batista dos Santos, Eliane de Souza
Nogueira, Wbaneide Martins de Andrade *

* Nayara Gomes Bastos. Mestra em Biodiversidade Vegetal, Especialista em Gestão Ambiental de Municípios, Licenciada em Ciências Biológicas. Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Alagoinha, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9642-5832>. E-mail: nbastos@uneb.br. Carlos Alberto Batista dos Santos. Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Docente da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Juazeiro, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>. E-mail: cabsantos@uneb.br. Eliane Maria de Souza Nogueira. Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia). Docente da Universidade do Estado da Bahia. Paulo Afonso, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2681-7601>. E-mail: enogueira@uneb.br. Wbaneide Martins de Andrade. Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Docente do Curso de Graduação em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Pesquisadora do Centro de Pesquisas OPARÁ na Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0336-7620>. E-mail: wandrade@uneb.br.

Resumo

O Benzimento é uma prática tradicional da medicina popular brasileira, profundamente enraizada na religiosidade. Este estudo buscou explorar a religiosidade nas práticas de Benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê, no Parque Estadual da Chapada Diamantina, identificando as religiões dos especialistas locais e os símbolos e referências religiosas presentes na prática. A metodologia incluiu as técnicas: bola de neve (*snowball*), turnê guiada, observação direta e entrevistas semiestruturadas, que ocorrem entre abril/2022 e julho/2023 individualmente nas residências e proximidades de suas casas, seguindo as recomendações legais do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP. No total foram entrevistados 28 praticantes, sendo 64,29%(n=18) em Andaraí, 25% (n=7) em Lençóis e 10,71% (n=3) em Mucugê. As religiões oficiais registradas foram o Jarê, Católica, Católica/Jarê, Umbanda/Jarê, Espírita/Católica e Oração/Reizado. Das 45 palavras tidas como referências religiosas nas falas das rezas, São Cosme, São Damião e Deus tiveram maior representatividade. Os resultados revelam uma forte presença da religiosidade, caracterizada por um hibridismo religioso evidente nos altares, quadros, estátuas, rezas e orações. Este hibridismo permeia o aprendizado e a prática do benzimento, com os praticantes incorporando ou não seus encantados, e utilizando a fé como a força motriz de sua prática de cura.

Palavras-chave: Benzimento, Religiosidade, Chapada Diamantina, Fé.

Abstract

Benziment is a traditional practice in Brazilian folk medicine, deeply rooted in religiosity. This study aimed to explore religiosity in the practice of Benziment in Andaraí, Lençóis, and Mucugê, in the State Park of Chapada Diamantina, identifying the religions of local practitioners and the religious symbols and references present in the practice. The methodology included snowball sampling, guided tours, direct observation, and semi-structured interviews, taking place individually in their homes and nearby areas between April 2022 and July 2023, following ethical research committee guidelines. A total of 28 practitioners were interviewed, with 64.29% (n=18) in Andaraí, 25% (n=7) in Lençóis, and 10.71% (n=3) in Mucugê. The official religions recorded were Jarê, Catholic, Catholic/Jarê, Umbanda/Jarê, Spiritist/Catholic, and Prayer/Ritual. Among the 45 religious references in their prayers, Saint Cosmas, Saint Damian, and God were the most prominent. The results reveal a strong presence of religiosity characterized by evident religious hybridism in altars, paintings, statues, prayers, and rituals. This hybridism influences the learning and practice of Benziment, with practitioners integrating their beliefs and using faith as the driving force behind their healing practice.

Keywords: Benziment, Religiosity; Chapada Diamantina; Faith.

Introdução

O benzimento é um saber tradicional de cura, carregado de simbologia e alicerçado na fé, que integra a memória cultural do povo brasileiro. Sua aplicação varia conforme as diferentes culturas, mas comumente envolve a utilização de elementos da natureza e da religião⁴. A combinação entre invocação religiosa e cura na sociedade resulta da influência cultural advinda do processo de colonização plural e diversificado, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil⁵.

O ato de benzer é percebido como uma ação divina, um dom no qual o benzedor atua como intermediário entre o divino e a cura, utilizando rezas, gestos e palavras^{6 7 8}. Calvelli⁹ classifica o benzedor na categoria de “profissionais do sagrado”, como manipuladores de símbolos mágico-religiosos que fazem parte do caldo cultural e religioso brasileiro.

José Coelho, benzedor da Comunidade Corre-Água do Piririm, no Amapá, define o benzimento como “uma prática de conhecimento tradicional, praticada através da fé no saber popular”¹⁰. Com um vasto acervo de orações e preces, as

⁴ CHAGAS, Márcia Cristina Correa, DE ANDRADE, Meire Guimarães, DA COSTA, Reginaldo Brito da, PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, n. 35, p. 207-224, dez. 2007. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/860>. Acesso em: 20 abr. 2024.

⁵ MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho, AZEVEDO, Gláucia Antônia Viana de, MACHADO, Fábio Mota, & SOUSA, Simone Ramos de. As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia-PI. *Escola Anna Nery*, v. 11, p. 112-117, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/F8dWZGJzsCXMG49Ykqw5tZq/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

⁶ SANTOS, Ítalo da Silva, SILVA, David Lucas Oliveira da, LOPES, Adão Fernandes, SANTANA, Valdirene de Aquino. A Arte de Benzer: a busca da cura por meio da Fé no ritual sincrético do Benzimento. In: Encontro De Discentes Pesquisadores e Extensionistas, v. 1 n. 01 (2022): *Anais do Encontro de Discentes Pesquisadores e Extensionistas*. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/edpe/article/view/15436>. Acesso em: 20 abr. 2024.

⁷ FLORESTA, Suzana Rodrigues. As benzedadeiras do oeste goiano: resgatando uma história. In: Congresso Internacional de História: novas epístemes e narrativas contemporâneas, 2016, Jataí. *Anais...* Jataí: UFG, 2016.

⁸ DA SILVA, Giselda Shirley. O significado cultural e religioso das benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro. *Journal of Chemical Information and Modeling*, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2013. Disponível: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945024_2c9d6e76d1d79c634191711d95c09b9a.pdf. Acesso em: 4 mar. 2023

⁹ CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedadeiras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. *Revista de C. Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/3472/Um%20Olhar%20Antropol%C3%B3gico%20sobre%20as%20Benzedadeiras%2C%20Cartomantes%20e%20Viden/16167>. Acesso em: mai.2024.

¹⁰ FREITAS, Suzinalda de Souza; SARDINHA, Antônio; SILVA, David Júnior de Souza. Comunicação e cultura na prática de benzimento na Amazônia: um estudo, a partir da folk comunicação, da prática de benzedores da comunidade Corre-Água do Piririm, no Amapá, Amazônia. In: SARDINHA, Antônio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). *Decolonialidade, comunicação e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2022. p. 378-411. Disponível em:

benzedeadas, em sua maioria, apegam-se às imagens religiosas dos "catolicismos" popular e institucional, tendo a reza como um dos principais instrumentos de cura¹¹.

Para alguns autores, o benzimento é considerado uma prática ligada ao catolicismo popular, ainda que de maneira velada.^{12 13}. Em contrapartida, estudos anteriores registraram a prática do benzimento não apenas no catolicismo, mas também no candomblé, espiritismo, protestantismo e umbanda¹⁴. A partir dessas abordagens, é possível compreender o benzimento como uma prática popular de saúde com um alto grau de sincretismo religioso, podendo envolver ou não uma religião ou crença específica¹⁵. A fé, portanto, é a força motriz dessa prática, influenciando tanto o benzedor quanto o paciente.

Este estudo busca compreender a religiosidade presente nas práticas de benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizadas no coração da Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Essas cidades, alicerçadas na religiosidade, possuem em sua formação não apenas o catolicismo ortodoxo e popular, mas também uma religião afro-brasileira denominada Jarê. De acordo com Bannagia¹⁶, o Jarê é uma religião de matriz africana existente exclusivamente na Chapada Diamantina, surgida durante o auge da mineração de diamantes na região.

<https://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2022/08/decolonialidade-comunicacao-e-cultura.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹¹ CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. (2018). A Cura através da Fé: um olhar sobre as Benzedeadas/Rezadeiras Alagoanas. *Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído E Patrimônio Sustentável*, 9(2). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34063>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹² CALVELLI, 2011.

¹³ ILHEO, Mariana de Carvalho. Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campestre (MG). *Monografia*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. IFCH/UNICAMP. Campinas. 2018. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/livro-mono-27.ok_.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

¹⁴ SILVA, Isana Jesus da; SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos; NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. Ensino pelo Exemplo: Reflexões acerca da Benzeção: Teaching by Example: Reflections on the Blessing. *Revista Cocar*, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4517>. Acesso em: 25 fev. 2024.

¹⁵ ROCHA, Laura Sanches, AQUILANTE, Aline Guerra. Práticas populares de saúde: prevalência de utilização em um distrito do interior do estado de São Paulo. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, Edição Especial, p. 29-47, jul. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/download/53250/29420>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹⁶ BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 9, n. 2, p. 123-133, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/55337970/Conexoes_afroindigenas.pdf. Acesso em: 25 fev. 2024.

A palavra "Jarê" é utilizada para “designar tanto a religião de maneira geral como qualquer uma de suas ocasiões rituais”¹⁷.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a Ecologia Humana do Benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizadas na Bahia, evidenciando a religiosidade expressa nas práticas de benzimento desses municípios. A análise da religiosidade não se limitará apenas às crenças religiosas dos praticantes, mas também abrangerá a simbologia e as referências religiosas presentes tanto na prática quanto nos espaços de convivência e atendimento aos pacientes.

Aspectos metodológicos

Descrição das Áreas de estudo e comunidades participantes

Este estudo foi realizado nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizadas no Parque Nacional da Chapada Diamantina (PARNA-CD), na Bahia (Figura 1). Andaraí, com uma área de 1.861,70 km², está situada entre as coordenadas 12°48'26"S e 41°19'53"W, apresentando clima subúmido a seco e temperatura média anual de 24,6°C. Por sua vez, Lençóis possui uma área de 1.277,0 km², localizada entre as coordenadas 12°33'47"S e 41°23'24"W, com altitude média de 394 m, clima úmido a subúmido e temperatura média anual de 23,4°C. O município de Mucugê, com área de 2.455,0 km², está situado entre as coordenadas 13°00'19"S e 41°22'15"W, apresentando altitude média de 983 m, clima úmido e temperatura média anual de 20,9°C¹⁸.

Historicamente, por volta do século XIX, Andaraí, Lençóis e Mucugê, juntamente com outros municípios, faziam parte da Vila de Santa Isabel do Paraguaçu. Essa região experimentou um intenso povoamento devido à descoberta de diamantes. Durante esse período, Mucugê era a sede da vila, enquanto os demais distritos ainda não haviam se elevado à condição de cidade¹⁹. Os

¹⁷ BANAGGIA, Gabriel. As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2013.

¹⁸ SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. *Perfil dos Territórios de Salvador*: SEI, 2015. 3 v. p. (Série territórios de identidade da Bahia, v. 1).

¹⁹ RIBEIRO, Tarsiano Dantas. Escravidão e liberdade em uma vila diamantífera na Província da Bahia: Santa Isabel do Paraguaçu (1847-1888). *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Alagoinhas, BA: [s.n.t.] 2023. 191 f.; il.

conhecimentos, saberes e práticas desses municípios provêm do contínuo cultural originado no período do Povoamento do Paraguaçu Diamantino.

A vegetação desses três municípios é caracterizada por um mosaico que inclui áreas de diferentes tipos de mata, cerrado, caatinga, regiões de ecótono, apresentando uma grande diversidade florística e um alto índice de endemismo^{20 21}.

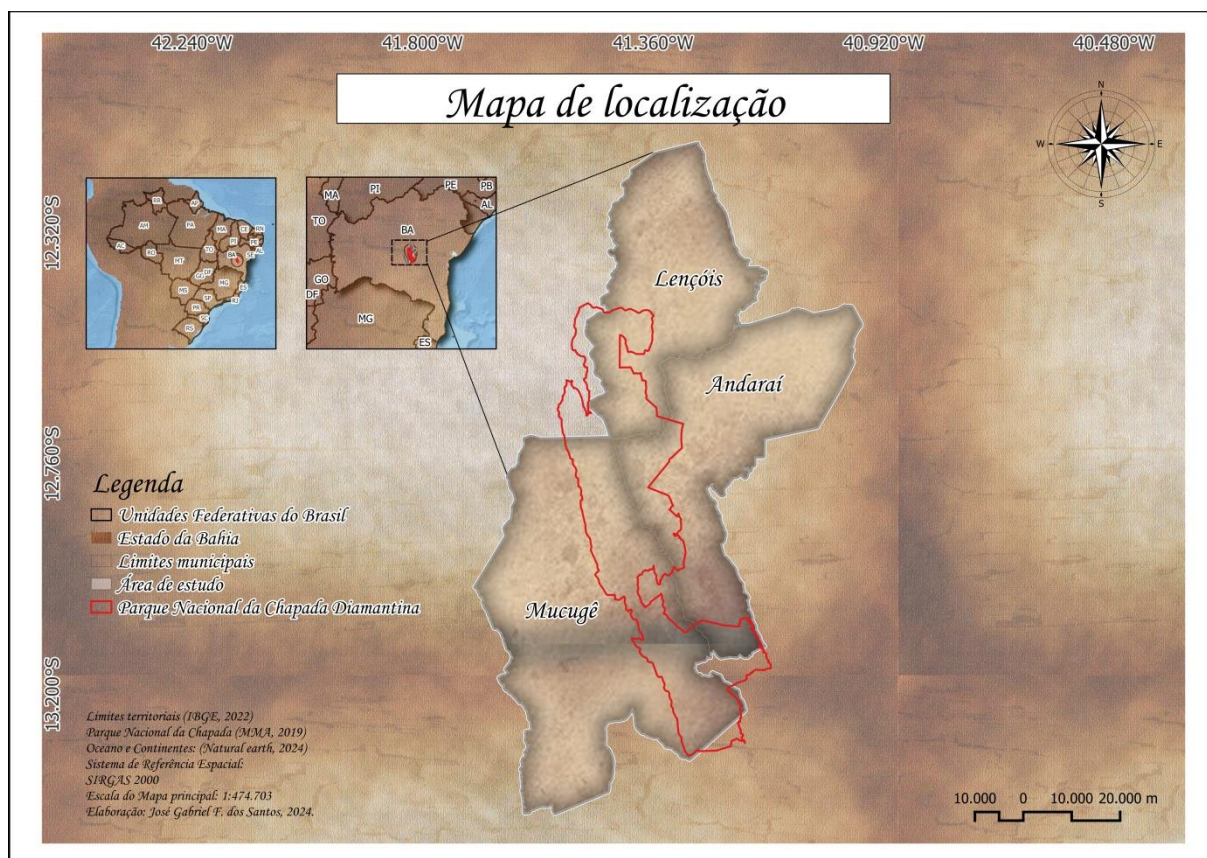


Figura 1 - Mapa de localização das áreas de estudo (Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA), onde residem as benzedeiros no Parque Nacional da Chapada Diamantina - PARNA-CD.

Coleta e Tratamento dos dados

A metodologia adotada foi composta por três etapas, utilizando as seguintes técnicas: 1) entrevistas semiestruturadas; 2) turnê guiada; e 3) observação direta.

De acordo com os aspectos ético-legais da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovado sob o parecer nº 5.058.444.

²⁰ SEI, 2015.

²¹ Chapada Diamantina.2024. Disponível em: <http://chapadadiamantina.com.br/mapas-e-geografia/>. Acesso em: 10 jun 2024.

Todos os especialistas locais (praticantes de benzimento), adultos com idade superior a dezoito anos, participaram apenas após a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para os especialistas "não-alfabetizados", o TCLE foi lido e autorizado oralmente, com a autorização gravada para documentação e registro.

A seleção dos participantes seguiu a técnica de bola de neve (snowball). O objetivo dessa técnica é que a primeira pessoa entrevistada indique a próxima, e assim por diante, até atingir a estabilidade da curva²². Os critérios de seleção foram: ser praticante de benzimento, ter idade superior a dezoito anos e residir nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram entre abril de 2022 e julho de 2023, sendo realizadas individualmente nas residências dos especialistas. Utilizou-se um roteiro orientador com perguntas sobre as práticas de cura realizadas nas três comunidades, permitindo que fossem acrescentadas informações relevantes.

As turnês guiadas com os especialistas envolveram visitas às casas, templos religiosos (terreiros de Jarê), quintais e arredores, com registros fotográficos e anotações em diários de campo das informações pertinentes.

As religiões dos especialistas locais foram analisadas por meio do software IBM SPSS, utilizando a técnica de "referência cruzada", que transformou os dados em um quadro para facilitar a visualização. Com o uso do software MAXD, foi aplicada a técnica da "nuvem de palavras", com o objetivo de identificar as referências religiosas mencionadas pelos praticantes durante o benzimento.

As nuvens de palavras são, portanto, representações gráfico-visual que mostram o grau de frequência das palavras em um texto. Quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico. As palavras aparecem em fontes de vários tamanhos e em diferentes cores, indicando o que é mais relevante e o que é menos relevante no contexto²³.

Resultados e Discussão

²² BECKER, Howard Saul. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

²³ VILELA, Rosana Brandã, RIBEIRO, Adenise, BATISTA, Nildo Alves. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*, 2(11), 2020.p.29-36.Disponível em: <https://doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>. Acesso em: 07 mar.2024.

Foram entrevistados um total de 28 praticantes de benzimento nos três municípios. Desses, 64,29% (n=18) são moradores de Andaraí, 25% (n=7) do município de Lençóis e 10,71% (n=3) de Mucugê. Todos os benzedeiros participantes são nativos da região ou residem nesses municípios há mais de dez anos.

A maioria dos entrevistados (71,43%, n=20) é do gênero feminino, enquanto 28,57% (n=8) é do gênero masculino. Esses resultados corroboram estudos realizados no Nordeste brasileiro, que também indicam que o benzimento é uma prática predominantemente exercida por mulheres.^{24 25 26} No entanto, Hoffmann-Horochovski²⁷ já havia apontado que, embora o benzimento seja comumente praticado por mulheres, não é uma prática exclusivamente delas.

Em pesquisas etnobotânicas, por exemplo, o papel das mulheres tem sido amplamente reconhecido na preservação do conhecimento tradicional e na proteção dos recursos vegetais. Essa atuação é observada em diversas comunidades, destacando sua importância na transmissão e continuidade dos saberes relacionados às plantas, além do cuidado com a biodiversidade^{28 29}.

A autora Lélia Gonzalez³⁰, a partir do conceito de Amefricanidade, ao abordar a experiência compartilhada de pessoas negras na diáspora africana e de populações indígenas em suas lutas contra a dominação colonial, destaca o papel da mulher na preservação dos saberes ancestrais africanos, perpetuando suas práticas de cura e bem-estar, tanto no campo da saúde quanto na preservação cultural. Na cosmovisão afrocentrada, a mulher ocupa um lugar de destaque como

²⁴ COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedoiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, n. 7-12, p. 51-62, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13217> Acesso em: 07 mar 2024.

²⁵ BITENCOURT, Amanda Scalcon; GEVEHR, Daniel Luciano; JUNG, Carlos Fernando. Saberes, Afazeres e Crenças de Mulheres Benzedoiras. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, n. 26, p. 47-65, 2021. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/cadec/article/view/15743>. Acesso em: 20 fev. 2024.

²⁶ SILVA; SANTOS; NOGUEIRA, 2021.

²⁷ HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Velhas benzedoiras. *Mediações. Revista de Ciências Sociais*, Londrina. v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025/11836>. Acesso em: 03 mar. 2024.

²⁸ BEGOSSI A, HANAZAKI N, TAMASHIRO J. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human Ecology* 30(3): 281-299. 2002.

²⁹ VIU A.F, OLIVEIRA VIU, MA, CAMPOS LZO. Etnobotânica: uma questão de gênero? *Revista Brasileira de Agroecologia* 5(1): 138-147. 2010.

³⁰ GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

transmissora de saberes ancestrais relacionados à saúde, como o uso de ervas medicinais, práticas de cura e rituais que equilibram corpo, mente e espírito.

O conceito de religião e religiosidade aqui considerado, baseiam-se na definição proposta por Koenig, King e Carson³¹, sendo a religião vista como, um sistema estruturado de crenças, rituais, normas e símbolos que busca conectar os indivíduos com o sagrado ou o transcendente, e a "religiosidade" como o modo pessoal de lidar com ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas, que podem ou não estar ligadas a uma instituição. Ao analisarmos a religião de cada praticante por cidade, foi possível agrupá-las em seis categorias, representadas no Quadro 1, com suas respectivas frequências (%) e número de vezes (n) em que cada uma foi citada. Observa-se que, em alguns casos, os especialistas locais citaram fazer parte de uma única religião, enquanto outros mencionaram pertencer a duas religiões simultaneamente.

Quadro 1- Distribuição da religião dos praticantes de benzimento nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê.

	Religião											
	Católica		Jarê		Católica/ Jarê		Católica/ Espírita		Umbanda/ Jarê		Oração/ Terno de reis	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Andaraí	4	14,29	5	17,86	4	14,29	2	7,14	3	10,71	0	0
Lençóis	0	0	4	14,29	2	7,14	0	0	0	0	1	3,57
Mucugê	3	10,71	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	7	25	9	32,15	6	21,43	2	7,14	3	10,71	1	3,57

Práticas de Benzimento em Andaraí/BA

No município de Andaraí, as praticantes de benzimento estão distribuídas em cinco categorias religiosas: Jarê (17,86%), Católica (14,29%), Católica+Jarê (14,29%), Umbanda+Jarê (10,71%) e Católica+Espírita (7,14%). O Jarê foi a religião mais citada entre os participantes da cidade, sendo mencionado isoladamente por cinco informantes, em combinação com o Catolicismo por quatro informantes e com a Umbanda por três respostas. Andaraí e Lençóis são considerados o berço do Jarê³² religião que ainda persiste nesses municípios como parte fundamental da cultura local.

³¹ Koenig, H., Koenig, H. G., King, D., & Carson, V. B. Handbook of Religion and Health. Oxford University Press. 2012.

³² BANAGGIA, Gabriel. *As forças do Jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: Garamond. 2015. 344p.

O Jarê tem sua origem no século XIX, com as mulheres “nagôs” trazidas como mão de obra escravizada para a extração de diamantes na região, sofrendo modificações no início do século XX por um raizeiro que introduziu a figura dos “caboclos”³³. Os benzedeiros e benzedeadas que afirmam ter como religião exclusivamente o Jarê se reconhecem como “sacerdotes” ou “filhos de santo”, oficializando essa prática como uma religião em suas realidades, enfrentando o preconceito religioso da sociedade sem se esconder, por meio do sincretismo com o catolicismo popular.

É perceptível a influência do Jarê nas práticas de benzimento de Andaraí, especialmente nas benzeduras que envolvem a incorporação de encantados ligados à religião. Durante a pesquisa, observou-se que os encantados do Jarê estão presentes desde o aprendizado do ofício até a sua prática efetiva. Uma benzedeadas relatou ter aprendido a benzer com seu pai biológico e com o encantado, sendo que este último pode incorporar seu espírito no corpo da benzedeadas para realizar o benzimento, conforme a necessidade do enfermo. A incorporação é uma parte ritualística das religiões afro-brasileiras. O Jarê, como descrito por Alves, é uma religião centrada na possessão por espíritos africanos e ameríndios, conhecidos como caboclos, guias ou encantados, durante as atividades de cura³⁴. Em contrapartida ao que ocorre com essa benzedeadas, no interior da Amazônia, o benzimento acontece sem a incorporação^{35 36}.

Outro perfil religioso citado foi o de praticantes de Umbanda/Jarê, com três pessoas se identificando como pertencentes a essa categoria, o que corresponde a 10,7% dos participantes. Os especialistas em Jarê entendem essa prática como uma subunidade da Umbanda. Entre os entrevistados, observa-se um hibridismo religioso não apenas entre essas duas religiões, mas também com o Catolicismo. Uma especialista, por exemplo, embora se identifique como praticante de Umbanda/Jarê, incorpora em suas rezas referências não apenas das religiões às quais pertence,

³³ SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê - uma face do candomblé; manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS. 1998. 246p.

³⁴ ALVES, Paulo Cesar. “Religion in a Context of Transformation, The Case of Jarê in Brazil”. *International Journal of Advances in Social Science and Humanities*, Jan. 2018. Disponível em: <https://ijassh.com/index.php/IJASSH/article/view/105>. Acesso em: 13 jun. 2024

³⁵ VAZ FILHO, FLORÊNCIO ALMEIDA. Parte I: Introdução. In: PEPCA –Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia. Pajés, benzedores, puxadores e parteiras, os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia (p.13-50). Santarém: UFOPA. 2016

³⁶ FREITAS, SARDINHA, SILVA, 2022.

mas também de santos do catolicismo, como São Lázaro, Nossa Senhora, São Cosme e São Damião. Aguiar³⁷ também observou a presença de elementos de diversas práticas religiosas durante o exercício da benzedura em Rio de Contas, na Bahia.

As categorias “Católica” e “Católica e de Jarê” (Católica+Jarê) tiveram grande relevância nos resultados registrados em Andaraí. A religião católica foi citada por quatro participantes, número equivalente ao de registros para a combinação Católica+Jarê. As pessoas autodeclaradas como Católicas e de Jarê são sacerdotisas e sacerdotes de Jarê, não reconhecendo o culto a suas divindades como uma religião oficial, mas sim como um braço de apoio ao catolicismo. “O catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração”³⁸.

Entre os benzedeiros católicos de Andaraí, destaca-se um curador de Jarê que anteriormente residia no Vale do Pati, um verdadeiro paraíso ecológico, isolado entre as serras da Chapada. Por questões de saúde, ele mudou-se para a cidade de Andaraí, onde relatou ter realizado diversas curas espirituais no passado, atraindo pessoas de todo o mundo, inclusive estrangeiros, ao Vale em busca de cura. Ele é um assíduo frequentador da Igreja Católica, participando do Apostolado de Oração Coração de Jesus. Embora seja reconhecido em Andaraí como curador, com um Peji (altar) e um quarto dedicado aos Santos, ele pratica uma espiritualidade marcada por uma pluralidade religiosa, que reflete um modo híbrido de se relacionar com o sagrado. Em seu altar, por exemplo, estão presentes imagens de santos católicos, terços, crucifixos, orixás, caboclos, pretos velhos, sereias e outros encantados. Suas rezas fazem referência ao Divino Espírito Santo, a Maria e a alguns encantados. “A plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o 'outro mundo'”³⁹.

³⁷ AGUIAR, Gilberto Orácio. As benzedeadas do Rio de Contas e os desafios às Ciências Sociais. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, n. 13, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/nures/article/view/4428>. Acesso em: 19 fev. 2024.

³⁸ TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. São Paulo: 2005.P.16. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/67/02-faustino.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024

³⁹ TEIXEIRA, 2005.

Outra categoria identificada foi a dos benzedores que se autodeclaram católicos e espíritas (Católicos+Espíritas), representando 7,1% (n=2) dos entrevistados. Trata-se de um casal de raizeiros da cidade de Andaraí, frequentadores das atividades da igreja católica, que realizam rituais de cura com encantados em sua residência. Eles denominam essas práticas como "sessões de oração" ou "espiritismo de mesa branca", distinguindo-se das práticas de Jarê pela ausência dos rituais com atabaques. Registros de benzedeadas espíritas também foram encontrados em Belém (PA) e Quirinópolis (GO)^{40 41}. "Não se pode situar o catolicismo brasileiro num quadro de homogeneidade. Na verdade, existem muitos 'estilos culturais de ser católico', como têm mostrado os estudiosos que investigam esse fenômeno"⁴².

Práticas de benzimento em Lençóis/BA.

Lençóis apresenta uma menor diversidade nas autodeclarações religiosas dos benzedores e benzedeadas quando comparado a Andaraí, registrando apenas três categorias religiosas: "Jarê", representando a maioria das citações, com 14,29% dos participantes, seguido de "Católica/Jarê" (7,14%) e "Oração/Terno de Reis" (3,57%). Em setembro de 2023, reconhecendo sua importância cultural, religiosa e histórica, o poder executivo de Lençóis instituiu o "Dia do Jarê" no município, por meio de um projeto de Lei⁴³.

Dentro deste grupo de benzedeadas que seguem o Jarê, a religiosidade, como observado em Andaraí, está presente desde o aprendizado até a prática das benzeduras. Uma benzedead, filha de santo do Jarê, relatou ter aprendido a benzer "com os espíritos, durante os sonhos." Outro benzedor do mesmo município, sacerdote de Jarê em uma comunidade rural, mencionou que seu aprendizado veio não apenas de seu avô e pai, mas também de seus guias de luz. Alves e Rabelo nomeiam essa "complexa interconexão de uma 'ideologia da graça' (a ideia de que

⁴⁰ COSTA, 2022;

⁴¹ AZEVEDO, Gilson Xavier. A Geografia das Benzedeadas no Município de Quirinópolis, Goiás. *Revista Mirante*, Anápolis (GO), v. 8, n. 2, set. 2015 (Edição Especial). Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/4056/2664>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁴² TEIXEIRA, 2005. p.17.

⁴³ LENÇÓIS. *Lei Municipal Nº 1010/2023*. "Institui o Dia do Jarê em Lençóis - Bahia e dá outras providências." Diário Oficial do Município. Estado da Bahia. Prefeitura Municipal de Lençóis. 2023.

os poderes de cura são dados ou revelados) [...], que, na maioria, explica que o Jarê não pressupõe um corpo de conhecimento esotérico controlado por especialistas⁴⁴.”

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar toda a religiosidade envolvida na prática de benzimento realizada por um sacerdote de Jarê, incorporado com um de seus guias de luz. Durante o ritual da barquinha de Oxum, realizado à noite por ele e seus filhos de santo, saíram em procissão a pé da sede da comunidade até as margens do rio Marimbus. Chegando ao rio, o encantado, conhecido como Nadador, tomou seu corpo no meio da lagoa e, em uma das margens, realizou benzimentos com folhas de aroeira em todos os presentes, oferecendo conselhos para a vida de cada um. O termo “encantado” também é encontrado nos terreiros de Minas Gerais, conforme Mundicarmo Ferretti⁴⁵:

Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou percepção extra-sensorial. [...] Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, que se encantou.

Em Lençóis, foram registrados dois praticantes de benzimento que se autodeclararam católicos e de Jarê. Segundo Banaggia⁴⁶ o povo de Jarê nesse município utiliza o termo “religião” para se referir às tradições cristãs (catolicismo e protestantismo), o que pode explicar por que esses praticantes se autodenominam primeiramente como católicos, apesar de serem pais e mães de santo de Jarê.

Uma benzedeira de Lençóis, ao ser questionada sobre o significado do benzimento, disse: “é uma religião e um ato de caridade, porque às vezes a fé não vem tanto de mim, mas sim de quem eu tô fazendo.” Isso demonstra que, apesar de inicialmente afirmar ser católica e seguidora do Jarê, ela reconhece o benzimento como uma prática religiosa de grande importância, entendendo seu papel como um canal de fé para os outros. Esse reconhecimento também se alinha com a definição do filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), que, em seu livro

⁴⁴ ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam C. O jarê-religião e terapia no candomblé de caboclo. *Anais do V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador, 2009. Disponível em: <http://cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

⁴⁵ FERRETTI, Maria Rocha Mundicarmo. *Maranhão encantado: encantaria maranhense e outras histórias*. São Luís: UEMA, 2000.

⁴⁶ BANAGGIA, 2013.

Colonização, Quilombos, Modos e Significados, aborda a religião como uma dimensão essencial para entender as diferentes formas de viver e perceber o mundo em diversas sociedades⁴⁷.

Além disso, a categoria "Oração e Grupo de Terno de Reis" foi citada por uma benzedeira, que a considera como uma prática religiosa. Para ela, o Terno de Reis é uma forma de oração, simbolizando uma religião não oficial, mas com grande significado. Ela participa do Terno de Reis, uma manifestação religiosa popular em que sai com seu grupo pelas ruas da cidade louvando os Santos Reis e cantando o nascimento de Jesus, em uma celebração que une a religiosidade cristã popular com o aspecto comunitário da fé. O Terno de Reis "foi e ainda hoje é, para muitos devotos, moradores e visitantes 'uma festa' 'uma forma de oração', 'uma religião'⁴⁸".

Essas observações refletem a flexibilidade e o sincretismo das práticas religiosas em Lençóis, onde o catolicismo, o Jarê e outras manifestações populares se intercalam, mostrando a pluralidade e a riqueza da religiosidade local.

Práticas de benzimento em Mucugê/BA

Em Mucugê, todas as benzedeadas entrevistadas (100%) se identificaram como católicas, o que reflete uma forte presença da religiosidade católica nas práticas de benzimento dessa cidade. Esse dado também encontra respaldo em estudos realizados em outras localidades do Brasil, como em Quirinópolis, Goiás, onde a maioria das benzedeadas também se identificaram como católicas⁴⁹.

Uma das benzedeadas entrevistadas, Dona Val, de 78 anos e cega dos dois olhos, exemplifica como a religiosidade católica permeia a prática do benzimento. Mesmo em sua condição, ela continua a realizar os benzimentos, sempre fazendo menção ao Divino Espírito Santo em suas orações de cura. Além disso, ela utiliza a simbologia católica em seus rituais, como a prática de benzimento por três dias, inspirada na história de São Tomé: "São Tomé foi assim, três vezes pra crer." Outra prática mencionada por ela é o uso do terço em casos especiais, especialmente

⁴⁷ SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015. p. 20.

⁴⁸ DE JESUS, Maria Eunice Rosa. "As Matriarcas do Mulungu e as Vozes do Saber: o Rezar e o Festar na comunidade negra rural do Mulungu." In: XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. *Anais*. 2017. p.1658. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229297576.pdf>. Acesso em: 4.mar.2024.

⁴⁹ AZEVEDO, 2015.

quando o benzimento ocorre à noite, em vez de durante o dia, como normalmente faz.

As outras duas benzedadeiras de Mucugê também seguem práticas semelhantes, utilizando orações como o "Pai-Nosso" e a "Ave Maria", o que demonstra a importância das tradições católicas em seus rituais de cura. Esses dados ilustram a continuidade de práticas tradicionais de cura dentro de uma matriz católica, refletindo o sincretismo e a influência do catolicismo popular na região.

Referências religiosas dos praticantes de Benzimento no Parque Nacional da Chapada Diamantina: Municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA

A análise das referências religiosas feitas pelos praticantes de benzimento revelou um forte vínculo com figuras religiosas católicas, especialmente São Cosme e São Damião. Utilizando a técnica "nuvem de palavras", foram levantadas 45 palavras-chave associadas às práticas de cura, destacando-se “São Cosme”, mencionada 8 vezes, o que representa 17,78% das citações. Seguindo de perto, “São Damião” e “Deus” foram mencionados 5 vezes cada, correspondendo a 11,11% dos registros.

São Cosme e São Damião são santos populares no Nordeste, especialmente ligados à gemelaridade e à proteção das crianças e da saúde. Eles são frequentemente invocados em práticas de cura, o que reflete a forte presença do catolicismo popular e do sincretismo religioso nas práticas de benzimento observadas nas cidades da Chapada Diamantina, como Andaraí, Lençóis e Mucugê. No Jarê, eles têm destaque, principalmente em Lençóis, onde “todo jarê termina com uma homenagem a Cosme Damião”. Eles se aproximam dos Ibêji, “orixá duplo africano ligado igualmente aos gêmeos”⁵⁰.

⁵⁰ BANAGGIA, Gabriel. Religiões de matriz africana em perspectiva transformacional. Revista de Antropologia da UFSCAR, v. 6, n. 2, p. 57-70, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/44179650/Transformacional.pdf>. Acesso em: 20 abr.2024.

religioso presente em todos os aspectos (Figura 3). Isso é visível nos altares, nos quadros, nas estátuas de santos católicos, encantados, orixás e nas referências que os rezadores utilizam em suas rezas e orações. Conforme Aguiar⁵³, essa resistência cultural é uma forma de preservação da cultura. O hibridismo religioso amplia as “possibilidades de proteção”.⁵⁴

A fé é o que move esses médicos populares, tanto a fé dos benzedores quanto a fé de quem os procura para curar problemas do corpo, da mente e do espírito. Para Dona Val, de Mucugê, o Benzimento significa “um motivo de fé”. Dona Dêga, da mesma localidade, diz que “tem muita fé, que gosta de rezar, e o povo também tem fé”; já para Dona Maria Áurea, benzedeira de Lençóis, o Benzimento “é uma religião e um ato de fazer caridade, porque às vezes a fé não vem tanto de mim, às vezes a fé vem de quem eu tô fazendo”. Hoffman-Horochovski⁵⁵ também entende que “a fé do paciente/cliente no procedimento e no poder da benzedeira, que recebeu um dom divino, e o reconhecimento do grupo são fundamentais para que a cura seja efetivada.”

⁵³ AGUIAR, 2009.

⁵⁴ DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

⁵⁵ HOFFMANN--HOROCHOVSKI, 2012. p.133.



Figura 3 - Símbolos da religiosidade utilizados pelas Benzedadeiras do Parque Nacional da Chapada Diamantina: Andaraí, Lençóis e Mucugê/BA (Fotos: Rai Cavalhier, 2023)

Considerações Finais

Os resultados demonstram como a religiosidade se faz presente nas práticas de benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Bahia. Em Andaraí e Lençóis, o Jarê foi a religião mais praticada pelos benzedores, enquanto em Mucugê prevaleceu o catolicismo. Nos espaços físicos onde ocorrem as benzeduras, nota-se um hibridismo marcante, com elementos do catolicismo e do Jarê representados no mesmo ambiente.

Em relação às referências religiosas presentes em suas rezas, foram registradas 45 palavras, refletindo um verdadeiro hibridismo religioso. As principais referências incluem “São Cosme”, “São Damião” e “Deus”. Embora os primeiros sejam santos da Igreja Católica, para muitas dessas benzedadeiras, seu culto é ressignificado em suas casas e terreiros, associando-os ao orixá Ibeji.

Percebe-se que as diferentes tradições religiosas se intersectam nessa prática de cura espiritual. Os benzedores, reconhecidos como intermediários entre o mundo físico e espiritual, conduzem essa sincronicidade religiosa na busca pela cura daqueles que os procuram.

O alicerce da prática de benzimento nas cidades investigadas é a fé: a fé do benzedor e a fé do paciente. A fé é a força motriz da religiosidade envolvida no processo de cura, algo subjetivo, mas de uma grandiosidade incalculável. Talvez seja o elemento primordial que sustenta esse saber e, juntamente com outros elementos, promove a cura e devolve o bem-estar do paciente.

O benzimento é a verdadeira prova de resiliência das tradições ancestrais adaptadas ao contexto contemporâneo. Nesse sentido, esta pesquisa contribui para a preservação da identidade espiritual e cultural das cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Bahia, subsidiando políticas públicas de valorização e reconhecimento das tradições locais nesses municípios.

Além disso, a documentação dessas práticas ressalta a importância de registrar e valorizar os conhecimentos tradicionais. Em tempos de globalização e modernização acelerada, manter vivas essas tradições culturais e espirituais é essencial para garantir a continuidade das identidades locais e a diversidade cultural. A pesquisa também sublinha a necessidade de respeito e proteção aos praticantes dessas tradições, combatendo o preconceito religioso e promovendo um ambiente de tolerância e compreensão mútua.

É importante, ainda, destacar que estudos das práticas de benzimento e das influências religiosas locais podem oferecer perspectivas valiosas para outras áreas de pesquisa, como a antropologia, a sociologia e a história. Essas práticas refletem não apenas a espiritualidade das comunidades, mas também suas interações sociais, valores culturais e modos de vida. Assim, estudos como este são fundamentais para uma compreensão mais ampla e profunda da sociedade brasileira em sua riqueza e diversidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Gilberto Orácio. As benzedeadas do Rio de Contas e os desafios às Ciências Sociais. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, n. 13, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/nures/article/view/4428>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- ALVES, Paulo Cesar. “Religion in a Context of Transformation, The Case of Jarã in Brazil”. *International Journal of Advances in Social Science and Humanities*, Jan. 2018. Disponível em: <https://ijassh.com/index.php/IJASSH/article/view/105>. Acesso em: 13 jun. 2024
- ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam C. O jarê-religião e terapia no candomblé de caboclo. *Anais do V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador, 2009. Disponível em: <http://cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- AZEVEDO, Gilson Xavier. A Geografia das Benzedeadas no Município de Quirinópolis, Goiás. *Revista Mirante*, Anápolis (GO), v. 8, n. 2, set. 2015 (Edição Especial). Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/4056/2664>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- BANAGGIA, Gabriel. As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2013.
- BANAGGIA, Gabriel. *As forças do Jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina*. Rio de Janeiro: Garamond. 344 pp. 2015.
- BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 9, n. 2, p. 123-133, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/55337970/Conexoes_afroindigenas.pdf. Acesso em: 25 fev.2024.
- BANAGGIA, Gabriel. Religiões de matriz africana em perspectiva transformacional. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 6, n. 2, p. 57-70, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/44179650/Transformacional.pdf>. Acesso em: 20 abr.2024.
- BECKER, H. S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BEGOSSI A, HANAZAKI N, TAMASHIRO J. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human Ecology* 30(3): 281-299. 2002.
- BITENCOURT, Amanda Scalcon; GEVEHR, Daniel Luciano; JUNG, Carlos Fernando. Saberes, Afazeres e Crenças de Mulheres Benzedeadas. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, n. 26, p. 47-65, 2021. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/cadec/article/view/15743>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. (2018). A Cura através da Fé: um olhar sobre as Benzedeadas/Rezadeiras Alagoanas. *Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído E Patrimônio Sustentável*, 9(2). Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34063>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeiras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. *Revista de C. Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011. p.371. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/3472/Um%20Olhar%20Antropol%C3%B3gico%20sobre%20as%20Benzedeiras%2C%20Cartomantes%20e%20Viden/16167>. Acesso em: mai.2024.

CHAGAS, Márcia Cristina Correa, DE ANDRADE, Meire Guimarães., DA COSTA, Reginaldo Brito da, PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, n. 35, p. 207-224, dez. 2007. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/860>. Acesso em: 20 abr. 2024.

COSTA NETO, ERALDO MEDEIROS; FUNCH, LIGIA SILVEIRA. Práticas investigativas em Etnobotânica [recurso eletrônico] : distintos olhares, afins encontros. Feira de Santana : Editora Zarte, 2023. 366 p.: il.

COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedeiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, n. 7-12, p. 51-62, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13217>. Acesso em: 07 mar 2024.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DA SILVA, Giselda Shirley. O significado cultural e religioso das benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro. *Journal of Chemical Information and Modeling*, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945024_2c9d6e76d1d79c634191711d95c09b9a.pdf . Acesso em: 4 mar. 2022.

DE JESUS, Maria Eunice Rosa. "As Matriarcas do Mulungu e as Vozes do Saber: o Rezar e o Festar na comunidade negra rural do Mulungu." In: XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. *Anais*. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229297576.pdf>. Acesso em:4.mar.2024.

FERRETTI, Maria Rocha Mundicarmo. *Maranhão encantado*: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA, 2000.

FLORESTA, Suzana Rodrigues. As benzedeiras do oeste goiano: resgatando uma história. In: Congresso Internacional de História: novas epístemes e narrativas contemporâneas, 2016, Jataí. *Anais...* Jataí: UFG, 2016.

FREITAS, Suzinalda de Souza; SARDINHA, Antonio ; SILVA, David Júnior de Souza. Comunicação e cultura na prática de benzimento na Amazônia: um estudo, a partir da folk comunicação, da prática de benzedores da comunidade Corre-Água do Piririm, no Amapá, Amazônia. In: SARDINHA, Antonio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). *Decolonialidade, comunicação e cultura*. Macapá: UNIFAP, 2022. p. 378-411. Disponível em: <https://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2022/08/decolonialidade-comunicacao-e-cultura.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. Velhas benzedeadas. *Mediações*. Revista de Ciências Sociais, Londrina. v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025/11836>. Acesso em: 03 mar. 2024.

ILHEO, Mariana de Carvalho. Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campestre (MG). *Monografia*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. IFCH/UNICAMP. Campinas. 2018. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/livro-mono-27.ok_.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

LENÇÓIS. *Lei Municipal Nº 1010/2023*. “Institui o Dia do Jarê em Lençóis - Bahia e dá outras providências.” Diário Oficial do Município. Estado da Bahia. Prefeitura Municipal de Lençóis. 2023.

LUCENA, R. F. P., Albuquerque, U. P., Marques de Lucena, C., & Ferreira, E. Perspectivas e avanços na Etnobiologia: uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil. *João Pessoa (PB)*. Editora UFPB. 2020.

MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho, AZEVEDO, Gláucia Antônia Viana de, MACHADO, Fábio Mota, & SOUSA, Simone Ramos de. As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia-PI. *Escola Anna Nery*, v. 11, p. 112-117, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/F8dWZGJzsCXMg49Ykqw5tZq/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

RIBEIRO, Tarsiano Dantas. Escravidão e liberdade em uma vila diamantífera na Província da Bahia: Santa Isabel do Paraguaçu (1847-1888). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Alagoinhas, BA: [s.n.t.] 2023. 191 f.; il.

ROCHA, Laura Sanches, AQUILANTE, Aline Guerra. Práticas populares de saúde: prevalência de utilização em um distrito do interior do estado de São Paulo. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, Edição Especial, p. 29-47, jul. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/download/53250/29420>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, p. 89, 2015.

SANTOS, Ítalo da Silva, SILVA, David Lucas Oliveira da, LOPES, Adão Fernandes, SANTANA, Valdirene de Aquino. A Arte de Benzer: a busca da cura por meio da Fé no ritual sincrético do Benzimento. In: Encontro De Discentes Pesquisadores e Extensionistas, v. 1 n. 01 (2022): *Anais do Encontro de Discentes Pesquisadores e Extensionistas*. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/edpe/article/view/15436>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SEI. *Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia*. Perfil dos Territórios de Salvador: SEI, 2015. 3 v. p. (Série territórios de identidade da Bahia, v. 1).

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê - uma face do candomblé; manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS. 1998. 246p.

SILVA, Isana Jesus da; SANTOS, Anita Leocádia Pereira dos; NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. Ensino pelo Exemplo: Reflexões acerca da Benzeção: Teaching by Example: Reflections on the Blessing. *Revista Cocar*, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4517>. Acesso em: 25 fev. 2024.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*. São Paulo: 2005. p.16. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/67/02-faustino.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VAZ FILHO, FLORÊNCIO ALMEIDA. Parte I: Introdução. In: PEPCA –Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia. Pajés, benzedores, puxadores e parteiras, os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia (p.13-50). Santarém: UFOPA. 2016

VILELA, Rosana Brandão, RIBEIRO, Adenise, BATISTA, Nildo Alves Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*, 2(11), 29-36. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29352/mill0211.03.00230>. Acesso em: 07 mar.2024.

VIU A.F, OLIVEIRA VIU, MA, CAMPOS LZO. Etnobotânica: uma questão de gênero? *Revista Brasileira de Agroecologia* 5(1): 138-147. 2010.

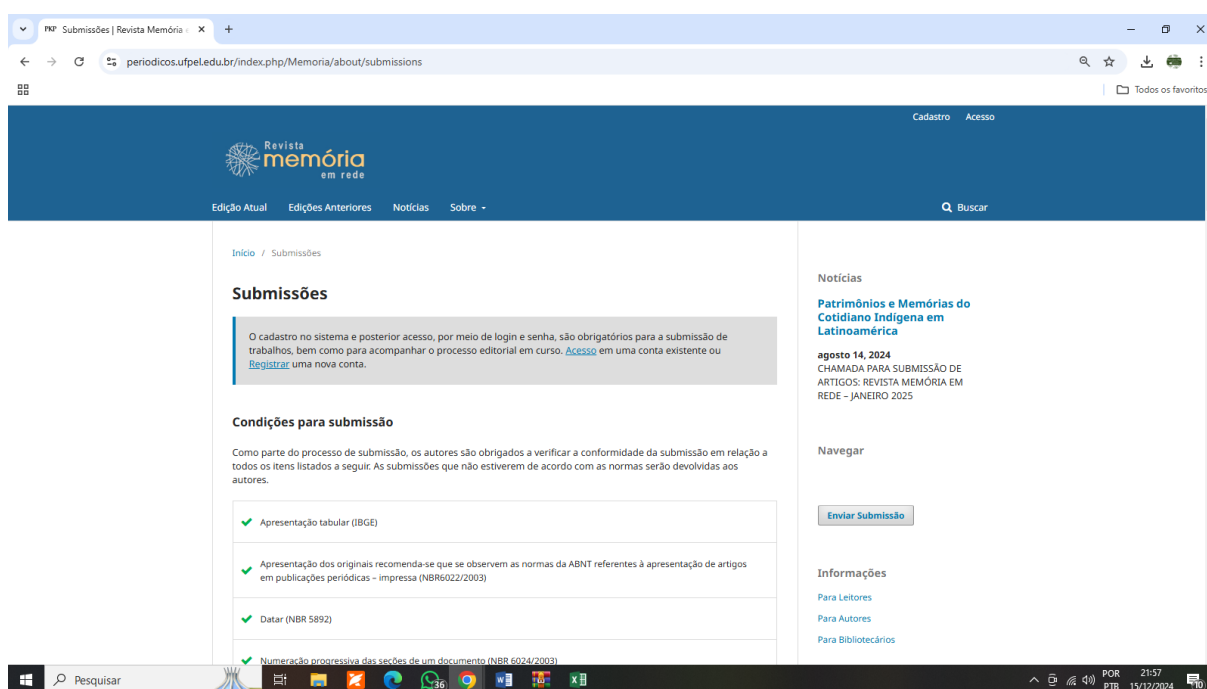
9. ARTIGO V: Memória, identidade e saúde: as doenças combatidas pelo Benzimento na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil

Nayara Gomes Bastos, Eliane de Souza Nogueira, Carlos Alberto Batista dos Santos, Wbaneide Martins de Andrade

Será Submetido à Revista: Memória em Rede

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/about/submissions>

Qualis (2017-2020): A2



Memória, identidade e saúde: as doenças combatidas pelo Benzimento na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil

"Memory, Identity, and Health: The Diseases Addressed by Benzimento in Chapada Diamantina, Bahia, Brazil"

Nayara GOMES BASTOS¹

Eliane de SOUZA NOGUEIRA²

Carlos Alberto BATISTA DOS SANTOS³

Wbaneide MARTINS DE ANDRAD⁴E

Resumo

O estudo investiga as doenças tratadas pelo benzimento nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizados na Chapada Diamantina, Bahia. A partir de uma abordagem etnográfica, utilizou-se a técnica bola de neve para a seleção dos participantes, somando 28 benzedores entrevistados. Foram identificadas 43 enfermidades, como mal-olhado, quebranto, espinhela caída e vento caído, com variações interpretativas entre os entrevistados. O benzimento, prática ancestral de cura, é descrito como uma conexão entre o físico, espiritual e social, sendo profundamente enraizado na memória cultural das comunidades estudadas. A análise ressalta a relevância do saber tradicional como um sistema complementar de saúde, destacando a necessidade de valorização e preservação dessas práticas, bem como seu potencial para o diálogo com a saúde pública. O estudo reforça o benzimento como um patrimônio imaterial, essencial para a identidade cultural e a continuidade dos saberes populares.

Palavras-chave: Saúde; Saberes tradicionais; Etnografia.

Abstract

The study investigates illnesses treated through benzimento in the municipalities of Andaraí, Lençóis, and Mucugê, located in the Chapada Diamantina, Bahia. The research, employing an ethnographic approach, utilized the snowball sampling technique to select participants, totaling 28 interviewed healers. A total of 43 ailments were identified, including evil eye, quebranto, fallen spine, and vento caído, with interpretive variations among respondents. Benzimento, an ancestral healing practice, is described as a connection between physical, spiritual, and social dimensions, deeply rooted in the cultural memory of the studied communities. The analysis highlights the importance of traditional knowledge as a

¹Nayara Gomes Bastos. Mestra em Biodiversidade Vegetal, Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

² Eliane Maria de Souza Nogueira. Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia). Docente da Universidade do Estado da Bahia.

³ Carlos Alberto Batista dos Santos. Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Docente da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

⁴ Wbaneide Martins de Andrade. Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Docente do Curso de Graduação em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

complementary health system, emphasizing the need for recognition and preservation of these practices and their potential for dialogue with public healthcare systems. The study reinforces benzimento as an intangible heritage, essential for cultural identity and the continuity of popular knowledge.

Keywords: Health; Traditional Knowledge; Ethnography.

1. INTRODUÇÃO

A história da medicinal tradicional no Brasil está intrinsecamente ligada às práticas ancestrais de cuidado em saúde. Estas práticas, construídas a partir do diálogo entre saberes indígenas, africanos e europeus, utilizam elementos da natureza para tratar enfermidades e promover o bem-estar. Um exemplo histórico que ilustra essa tradição é o Papiro de Erbes, do século XVI a.C, que traz registros de tratamentos médicos utilizando recursos naturais, incluindo receitas para doenças de pele, distúrbios ginecológicos e sequelas de abortamento (BRASIL, 2019; TEIXEIRA, 2001), o autor, faz a indicação do uso de sementes de papoula para lactantes com insônia ou problemas no sistema nervoso, uso atualmente comprovado pela ciência, sendo base de medicamentos.

A medicina tradicional, definida pela Organização Mundial de Saúde como o conjunto de saberes, práticas e habilidades baseados em crenças culturais para tratar doenças físicas e mentais, permanece viva no Brasil contemporâneo. Entre essas práticas, destaca-se o benzimento, uma forma de cuidado que integra espiritualidade, natureza e cura, profundamente enraizada na memória e identidade cultural brasileira. Relíquias como essa, comprovam toda a potencialidade biocultural desse saber presente na que por sua vez é (WHO, 2000).

Embora a medicina biomédica tenha avançado expressivamente no século XXI, práticas tradicionais como o Benzimento continuam sendo buscadas por muitas pessoas no Brasil. Essa tradição, reconhecida oficialmente em alguns municípios como Sobral no Ceará e Curitiba no Paraná, atua como um elo entre o indivíduo, a sociedade e os cosmos, promovendo a cura por meio da espiritualidade e do restabelecimento de vínculos energéticos (COSTA, 2009; SILVA, 2012).

Esse saber presente em diversas culturas, acaba assumindo diferentes formas e conteúdos, convergindo para um sistema de crenças religiosas pautadas pelo uso de recursos naturais durante o processo de cura (CLARINTO *ET AL.* 2019; CHAGAS *ET AL.* 2007). O benzimento faz parte da memória dos brasileiros, é um saber orgânico, voltado para a vida, seus modos de “ser, fazer, sentir e viver”, é aquele saber na sua essência (SANTOS, 2015).

Algumas cidades no Brasil reconhecem o valor do benzimento, enquanto braço da saúde pública. Em Sobral no Ceará, desde 1999 as benzedeiras são cadastradas no sistema de saúde do município e inseridas na Escola de Formação

Profissional de Saúde da Família (PSF), sendo reconhecidas como Agentes Não Formais de Saúde (ANFS) (COSTA, 2009). Outro exemplo vem de Rebouças no Paraná, que em 2010, reconheceu o ofício, regulamentando a profissão do benzedor(ora) a partir da Lei Nº 1401/10 (DUCATI, 2012). Em Curitiba entre 2008 e 2009 os profissionais do benzimento foram registradas e reconhecidas como Patrimônio Cultural e Imaterial (SILVA, 2012), o que demonstra potencialidade desse saber tradicional.

As benzedadeiras de Mossoró, Natal e Parnamirim no estado do Rio Grande do Norte, reconhecem a existência das “doenças de benzedadeiras” elas seriam “perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo” (CUNHA 2017, p.71). Para Borges *et al.* (2008) o benzimento é uma “Pedagogia da Sobrevida/Resistência”, que entende o indivíduo a partir de sua totalidade, e com base em uma dimensão sagrada, busca reconectá-lo após ser estilhaçado pelo sofrimento, para que ele volte a sua condição de saudável.

A maioria dos males curados pelas benzedadeiras estão inseridas na cultura popular, onde são reconhecidas socialmente (SANTOS, 2016). Nesse contexto, o benzimento reforça a conexão entre o indivíduo, a sociedade e o cosmos, e promove a cura através da reestabelecimento de vínculos espirituais e energéticos. Logo reforçar essa memória, é fortalecer essa identidade cultural que tem como pilar a espiritualidade e a saúde.

A região onde se localiza os municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê possui uma grande riqueza cultural. Conforme Bannagia (2017), existem registros históricos sobre a ocupação de diferentes etnias indígenas nesse território, incluindo Maracás, Paiaiás, Paiaiazes, Maracanasus, Cariris e Tapuias. Porém as influências culturais na região ocorreram principalmente durante o século XIX com a corrida de diamantes nas lavras diamantina, é nesse período que o povoamento é intensificado.

Segundo Bannagia (2017,p.125): Para essas cidades foi levado à força, no século XIX, grande contingente de mão-de-obra escrava, composta não só por gente africana trazida diretamente da costa como por sua descendência vinda de outras regiões do Brasil, dando origem em seguida a uma população local considerada largamente mestiça em função de afluxos de garimpeiros do interior do estado de Minas Gerais, região conhecida pela mineração aurífera, e da área do Recôncavo, no próprio estado da Bahia só que mais próxima do litoral.

Diante dessa confluência de diferentes identidades, o objetivo desse artigo é realizar um estudo etnográfico sobre doenças combatidas pelo benzimento nas cidades de Andaraí, Mucugê e Lençóis, ambas localizadas no coração da Chapada Diamantina, listando as doenças tratadas por esses médicos populares e suas percepções êmicas acerca da temática, fortalecendo e valorizando a memória construída por esse saber.

Essa forma de cura ancestral está intimamente conectada aos territórios e ecossistemas que os originou, operando em diferentes escalas espaços-temporais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009). O presente estudo faz parte da minha tese de doutoramento intitulada “A Ecologia Humana do Benzimento: saberes ancestrais de cura no território baiano”, organizada na forma de multipaper.

Este artigo tem como objetivo realizar um estudo etnográfico sobre as doenças combatidas pelo Benzimento nas cidades de Andaraí, Mucugê e Lençóis, na Chapada Diamantina. Busca-se listar as enfermidades tratadas por esses médicos populares, analisando suas percepções êmicas, e valorizar a memória cultural construída em torno desse saber ancestral.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo adota uma abordagem etnográfica realizada nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, localizadas na região da Chapada Diamantina, Bahia. Os participantes foram selecionados por meio da técnica de bola de neve, o que permitiu acessar médicos populares amplamente reconhecidos em suas comunidades. A coleta de dados incluiu entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observação direta, com o objetivo de caletar informações essenciais para compreender as práticas e percepções dos benzedores sobre as técnicas de tratamento e cura das enfermidades.

As entrevistas ocorreram entre abril/2022 a julho/2023, conduzidas individualmente nas residências desses médicos populares. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora, assegurando a fidelidade às falas dos participantes. As conversas informais, por sua vez, contribuíram para compreender de forma aprofundada o objetivo do estudo, permitindo uma visão contextualizada e enriquecida sobre o tema.

A pesquisa respeitou todos os aspectos étnicos e legais, sendo iniciada apenas após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 5.058.444. Todos os aspectos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a voluntariedade e a proteção de seus direitos.

Os dados foram analisados e discutidos com base no princípio êmico, um dos fundamentos centrais da etnografia. Conforme Rosa e Orey (2012, p. 867) “[...] a abordagem êmica procura compreender determinada cultura com base nos referenciais dela própria”. Este estudo enfatiza o olhar êmico, considerando as particularidades culturais e os conhecimentos específicos dos especialistas locais, que são os detentores desse saber ancestral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram deste estudo 28 praticantes de benzimento residentes nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia. Ao todo, foram identificadas 43 enfermidades tratadas por esses médicos populares através do benzimento (Gráfico1). Esses resultados são extremamente satisfatórios quando comparado a estudos anteriores sobre o tema. Por exemplo, em uma revisão abrangente de literatura nacional e internacional, Silva, Santos e Nogueira (2021) identificaram 23 enfermidades tratadas pelo benzimento. Esse dado reforça a riqueza e a diversidade dos saberes locais presentes na Chapada Diamantina/Bahia.

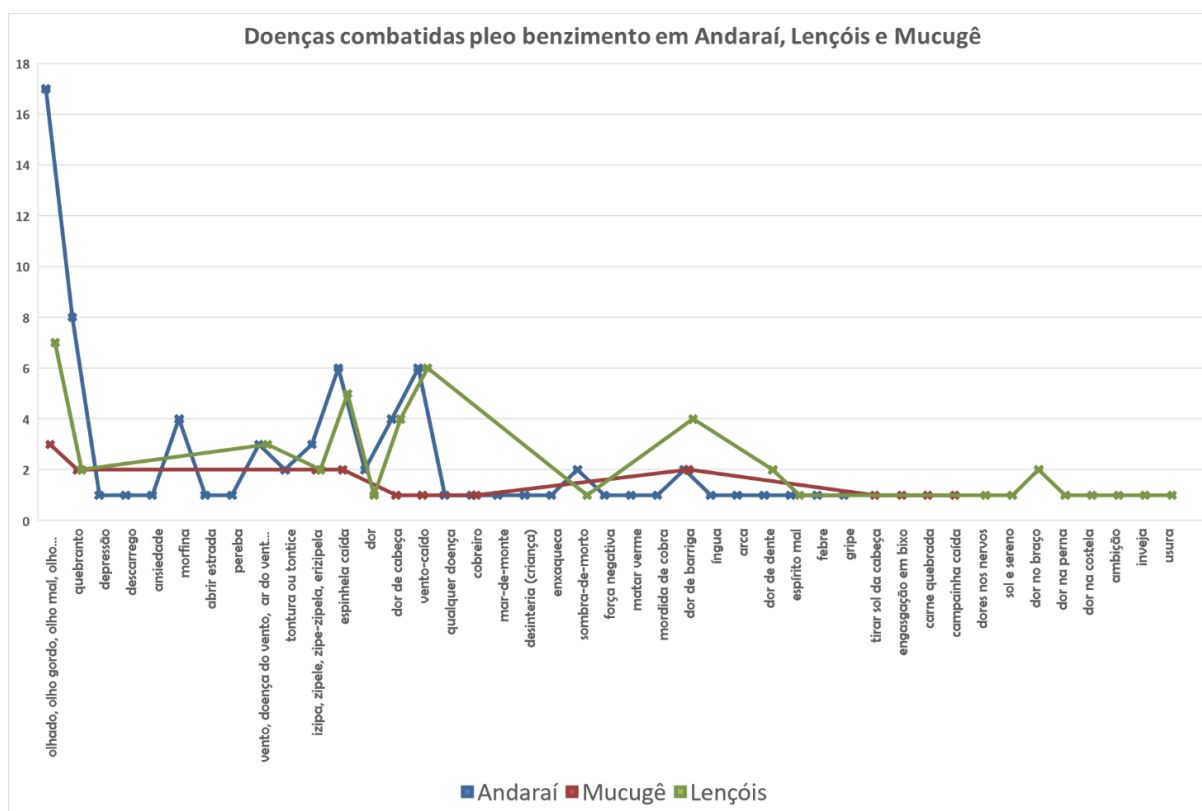


Figura 1 - Relação das doenças combatidas pelo benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil

Nos municípios pesquisados, o número de enfermidades identificadas variou. Em Andaraí, foram registradas 33 doenças tratadas pelas benzedadeiras e benzedeiros locais. Em Lençóis, foram 20 doenças, e, em Mucugê 12. Entre essas, sete doenças foram citadas de forma recorrente nos três municípios, são elas: olhado (olho gordo ou olho ruim), quebranto, doença do vento, izipa, espinhela caída, dor de cabeça, vento caído e dor de barriga.

Estudos anteriores corroboram parte desses achados. No Quilombo Sambaíba, em Caetité/Bahia, Bastos (2020) destacou que males mais frequentemente tratados pelo benzimento em crianças eram: quebranto, dor de barriga, vômito e mal-olhado. De forma semelhante, na comunidade de Olaria, no município de Irará, Santos (2009) identificou o quebranto, o mau olhado, a espinhela caída, a doença do vento e o vento-caído como as principais doenças tratadas pelos benzedores locais.

Em Andaraí, o olhado (olho gordo, olho mal ou olho ruim) foi a doença mais citada com 94,44% dos especialistas locais, com apenas um entrevistado não citou

essa condição. Em Lençóis e Mucugê, essas doenças foram unanimemente citada por todos os benzedores entrevistados (100%).

O mal-olhado foi uma das enfermidades mais citadas no presente estudo, corroborando com os achados de outras pesquisas sobre práticas tradicionais de benzimento. Por exemplo, em estudo realizado na região Metropolitana de Alagoas pelo Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Alagoano o mal-olhado também figurou entre as principais condições tratadas pelas benzedadeiras locais (CALHEIROS, 2018). Em Sobral, no Ceará o poder público reconheceu a importância das benzedadeiras ao observar que muitas pessoas recorriam a elas para rezar/tratar seus filhos com sintomas de mal-olhado, sintomas que poderiam mascarar casos de desnutrição. Diante disso, benzedadeiras foram integradas ao sistema de saúde pública, oferecendo-lhes treinamentos periódicos para fortalecer sua atuação (COSTA, 2009).

Retornado às cidades desta pesquisa, diversas falas capturadas durante as entrevistas de campo elucidam as percepções e práticas locais relacionadas ao mal-olhado. Por exemplo, o Senhor Tico, benzedor de 78 anos residente no Vale do Pati, Andaraí, descreveu a abrangência do fenômeno: “o olho mal tanto faz ser humano ou animal, tem pessoas que coloca olho mal até nas plantas”. Dona Val, benzedeira do alto da Bela Vista em Lençóis, destacou a alta procura para benzer/tratar o mal-olhado: “a coisa errada é os olhos das pessoas que olha com as pessoas mal, olha com ódio”. Dona Domingas, também de Lençóis, relacionou o mal-olhado com sentimentos como inveja e ambição, dona Domingas diz que: “[...]as pessoas bota ambição e inveja nas pessoas, porque as pessoas trabalha, aí a pessoa adocece, o corpo todo doendo e mole, não dá prá trabalhar, é só ficar deitado. Aí a gente faz as oração e a pessoa sara e levanta.”

Esses relatos encontram eco em práticas de outras comunidades. Em São João do Cazumbá, Feira de Santana, por exemplo, os benzedores frequentemente realizam três sessões consecutivas de benzimentos quando o mal-olhado está “carregado” (CARVALHO, 2011). Dona Alaíde, de Andaraí, compartilha percepção semelhante: “o olhado quando ele tá muito, que a pessoa tá carregada, a gente tem que rezar três vezes porque uma vez só não tira.” Outro relato marcante foi de Dona Gal, também de Andaraí, que narrou sua experiência ao benzer uma criança internada em um hospital: “O povo dando remédio e nada, o menino chorando,

aquela sonolência... Aí o médico deu permissão, eu fui, benzi o menino, ele reagiu, e tá aí até hoje, já tá homem.”

Dona Zete, uma senhora de 67 anos que mora em Andaraí, vai mais além, enfatizando o que ocorre quando o olhado é muito grande “o olhado quando tá demais a pessoa decaí, ali já é morfina, ela fica morfinado”. Pai Lucas, um jovem de 29 anos de Lençóis, benzedeiro e sacerdote de Jarê, compartilhou algo muito interessante sobre o mal-olhado, disse que aprendeu com sua mestra que o ensinou a benzer:

Pai Lucas (Lençóis) diz que: O mal-olhado as vezes põe o mal-olhado até sem querer, no admirar acaba emanando aquela energia ali tão forte, que a pessoa as vezes não tá preparada e acaba recebendo aquela energia, mesmo que seja nossa seu cabelo tá tão bonita as vezes fala que tá bonita mas com a maldade e acaba que talvez você não tá ali tão preparada e acaba recebendo essa energia, aí você vai ficar mole, o corpo pesado, não tem ânimo pra nada.

Dona Danúzia de Andaraí disse que as vezes até os próprios pais ou parentes colocam o olhado, sem maldade e sem perceber. Outra Benzedeira de Andaraí é Dona Gal ou Dona Gracinha, ela contou a história de um menino da cidade que hoje já é um homem, e lembra de quando ela foi chamada para benzê-lo dentro do hospital de mal-olhado:

Dona Gal (Andaraí) diz que : Outro dia, tem um rapaz aqui que o neto dele tava doente, tava internado lá no hospital, o povo dando remédio, e nada era nada, o menino chorando, aquela sonolência, aí ele pediu permissão ao médico pra mim benzer o neném, o médico deu permissão, aí eu fui, benzi o menino, o menino reagiu e tá aí até hoje, já tá homem.

Senhor Augusto, um benzedeiro espírita do município de Andaraí, fez questão de enfatizar durante a entrevista a importância do benzimento em pessoas que estão com olhado:

Senhor Augusto (Andaraí) diz que: Geralmente para benzer uma criança recém nascido que tá com mal-olhado é bom com ramo, o mais procurado é arruda, aí benze a criança, a criança tá com olho fechado parece que tá dormindo do mal-olhado, que o mal-olhado que a criança pega vai pras tripas, se não tiver uma pessoa ligeiro pra benzer, socorrer, morre. Aí em benzi uma criança, a criança abriu o olho e sorri pra mim, aí o pai mais a mãe ficou alegre, aí disse: é Senhor Augusto você salvou meu filho, eu disse: não foi eu não, aí foi a fé de vocês que veio me procurar, e Deus e a Virgem Maria e o Espírito Santo e as oração divina que eles me ensinou.

Complementando Senhor Augusto, Dona Deni sua esposa que também é benzedeira compartilhou uma experiência decorrente do olhado que aconteceu com sua família da seguinte forma “minha sobrinha morreu de olhado nas tripas porque a mãe não acreditava, ela dizia: a não acredito nesse negócio de macumba não, vou levar minha filha pro médico, levou e não deu outra.”

Além do mal-olhado, outra enfermidade frequentemente tratada pelo benzimento foi o quebranto ou quebrante. Em Andaraí, foi a segunda doença mais citada, com (44,4%). Em Mucugê, 66,67% dos entrevistados citaram-na, enquanto em Lençóis, a condição apareceu em 28,57% das citações. Esses achados dialogam com outros estudos, como em quatro cidades da Paraíba, onde o quebrante foi a principal doença tratada pelo benzimento (NÓBREGA 2017), e em Caraúbas, no Rio Grande do Norte, onde foi unanimemente citada pelas benzedadeiras como uma das principais preocupações em relação à saúde infantil (MEDEIROS *ET AL.*, 2013).

Nas áreas estudadas, os benzendores, apresentam diferentes perspectivas sobre o quebranto e o mal-olhado, evidenciando a diversidade interpretativa desse saber tradicional. Senhor Wilson, sacerdote de Jarê em Andaraí e benzedor, diferencia essas condições ao afirmar que: “o quebrante é aquele que dá nas tripas e mata logo e o olhado é aquele que dá morredeira”. Ele destacou ainda que a maior procura pelo seu benzimento é para tratar crianças com quebrante. Já Pai Lucas, também benzedor e sacerdote de Jarê, acrescenta outra perspectiva, indicando que: “O mal-olhado quem pega mais são os adultos, a criança é mais o quebranto.”

Em contraste, em algumas comunidades, como Olaria, em Iará e Sobral no Ceará, as duas enfermidades são frequentemente interpretadas como sinônimos. Em Sobral, inclusive, são associados sintomas como moleza em crianças, irritação e sono (COSTA, 2009; SANTOS, 2009). Essa diversidade interpretativa, reflete o caráter profundamente pessoal e contextualizado do benzimento, tornando inviável sua padronização em termos cartesianos. Cada benzedor ou benzedeira adapta seu saber às experiências e práticas locais, perpetuando uma tradição rica e plural.

Outra enfermidade amplamente citada pelos benzendores foi a espinhela caída. Em Lençóis, 71,43% dos entrevistados citaram tratar essa condição, enquanto em Mucugê a proporção foi de 66,67% e, em Andaraí por 33,33%. O Senhor Tico, benzedor de Andaraí, destacou que a espinhela caída é a única doença pela qual cobra para benzer, justificando que sua complexidade exige mais esforço. Ele explicou sua técnica, que envolve medir a coluna com uma corda para identificar se está “caída”. O tratamento inclui levantar a pessoa até à altura de uma porta; no caso de crianças, ele as suspende de cabeça para baixo. Costa (2009) descreve os sintomas da espinhela caída como dores na região do tórax que podem causar debilidade física.

Dona Val, benzedeira de Mucugê com 78 anos, relatou outra abordagem para o benzimento dessa enfermidade. Ela aprendeu a prática ainda criança (entre 9 e 10 anos de idade), com uma vizinha que morava próximo ao cemitério Bizantino. Segundo Dona Val, o tratamento ocorre por meio da imposição dos dedos, formando o sinal da cruz. Ela também mencionou tratar a campainha caída, uma condição que, segundo ela, afeta a região das amígdalas. Curiosamente, foi a única entrevistada a citar essa enfermidade.

Outro aspecto relevante identificado no estudo foi a prática de benzimento em animais. Dona Val relatou já ter benzido cães e gatos, principalmente cães., utilizando plantas e água no ritual, que só pode ser realizado aos domingos: “o domingo dizem que é reservado aos animais irracionais”. Dona Maria Aurea, benzedeira de Lençóis, corroborou a preferência pelo domingo para realizar benzimentos em animais, mas também mencionou realizar rezas às sextas-feiras; “*a reza melhor pra animal é no domingo*”. Em contrapartida, Estudos realizados em três comunidades rurais de Jaguaruana, no Ceará, indicaram que a prática de benzimento em animais é uma especialidade predominantemente masculina, sendo raro os casos em que benzedeiros rezam seres humanos (SOUZA, 2014).

A espinhela caída foi amplamente mencionada como uma das enfermidades mais difíceis de tratar, demandando técnicas específicas e conhecimentos transmitidos oralmente entre os benzedores. Senhor Augusto, benzedeiro de Andaraí, explicou a gravidade dessa condição e descreveu os sintomas que a acompanham:

Senhor Augusto diz que: Se for isso daí, só os benzedeiros que descobrem que tá e rezam pra levantar as arca e a espinhela e fechar a caixa do peito entendeu? Porque se a pessoa tiver com isso daí e não descobrir, esse problema aí é pequeno, mas causa um grande problema. A pessoa pode ficar tuberculoso e morrer [...] A espinhela quando cai, ela senta em cima do fígado, e a arca quando cai, os braços caem tudo também. Aí abre a caixa do peito e fica doendo na boca do estômago, e só levanta com oração que Deus ensinou a nós, a oração ele ensinou a todos nós o saber de levantar. As palavras que é segredo, é só dos benzedeiros mesmo.

Senhor Augusto reforça o caráter exclusivo do saber tradicional, apontando que a cura depende de orações específicas, consideradas como segredo, e passadas apenas entre benzedores. Pai Lucas, de Lençóis, adota uma abordagem diferente para tratar/reza espinhela caída. Ele utiliza folhas e pedras e prefere realizar o benzimento embaixo de uma árvore, onde acredita que a pessoa deve se pendurar. Ele também destacou uma diferenciação entre adultos e crianças, indicando que crianças não sofrem de espinhela caída, mas de vento caído. Pai

Lucas diz que: “Criança não cai espinhela, cai o vento. [...] No meio da reza de vento caído, a criança começa a fazer um vômito verde e logo depois melhora.” Ele explicou que no meio da reza de vento-caído a criança começa a fazer um vômito verde e logo depois melhorar.

O vento caído foi identificado como uma das principais enfermidades tratadas pelos benzedores, especialmente em Lençóis, onde 85,71% dos entrevistados afirmaram saber curá-lo. Em Andaraí e Mucugê, essa prática foi relatada por 33,33% dos entrevistados em cada município. Dona Domingas, também de Lençóis, compartilhou uma visão semelhante à de Pai Lucas, distinguindo as condições entre adultos e crianças:

Pai Lucas diz que: Vento-caído é de criança, e espinhela de gente grande, porque gente grande não tem mais vento-caído, tem espinhela. O vento caído é da criança, abate o vente, o menino vomita, obra, dá febre, fica molinho, Aí ela traz aqui, eu faço as orações e o menino sara. É três dias. [...]eu tenho tanta fé que minha fé transmite para as pessoas, e Deus vai lá e mete a mão e levanta a pessoa, através das orações [...].

Durante a entrevista com Dona Domingas, foi possível observar um exemplo prático de benzimento (figura 1). Enquanto conversávamos, uma mulher chegou com um bebê que apresentava sintomas de vento caído. A benzendeira realizou o benzimento, em frente ao seu altar de sua casa, enquanto a mãe amamentava a criança. Após a benzedura, o bebê vomitou e rapidamente demonstrou sinais de melhora, tornando-se mais calmo. Dona Domingas explicou que o vômito simboliza a saída da enfermidade. Além do bebê, outra mulher, em seu segundo dia consecutivo de tratamento para o mal-olhado, relatou já sentir uma melhora significativa, afirmando que acordou mais disposta após a primeira sessão. Dona Domingas cobra o valor simbólico de R\$10,00 por benzimento, ela explica que essa quantia é destinada à compra de velas ou alfazema, itens essenciais para a prática. Esse aspecto ressalta o caráter acessível do benzimento, que, mesmo com um custo simbólico, continua sendo uma prática profundamente ligada à fé e ao cuidado comunitário.



Figura 4 -A):entrevista com Dona Domingas em Lençóis; b:dona Domingas realizando benzimento em uma criança; c: dona Domingas realizando benzimento em uma senhora (fonte: dados da pesquisa).

O vento caído foi bem identificado pelos benzedores como uma enfermidade que acomete principalmente crianças. SenhorTico, benzedeiro de Andaraí, explicou como reconhece a condição: “a criança quando vira ele assim e vc vê um vergãozinho assim é o vento, se vira não vê nada tá com vento caído, aí dá diarreia”. Dona Dêga, benzedeira de Mucugê, relembrou um caso marcante em que foi chamada para rezar uma criança de outro município internada no hospital local:

Dona Dêga diz que: E a vergonha que eu fiquei, ai eu rezei esse menino internado com vento caído ... e com dois dias, eu rezei o menino num dia, e no outro dia o médico deu alta o menino foi embora. A mulher mais nunca eu vi, nem sei de onde é, o povo é [...]

Esses relatos reforçam o papel e a importância dos benzedores como figuras respeitadas pela comunidade, frequentemente acionados em situações em que a medicina convencional não fornece respostas rápidas ou satisfatórias.

Outra enfermidade citada, nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, foi a moléstia do tempo, também conhecida como ar do vento ou doença do vento. Dona Carmosa, uma exímia curandeira e benzedeira de Jarê em Andaraí, destacou sua compreensão histórica dessa condição, associando-a ao que hoje é conhecido como AVC (Acidente Vascular Cerebral):

Hoje o povo chama de AVC. [...] Antigamente, a gente benzia, fazia chá, remédios, e a pessoa melhorava. Não chegava a situação de hoje. [...] Hoje, a gente come muita porcaria, muito veneno, e antigamente tinha respeito não só pelo criador, mas pelos mais velhos.

Getúlio, um grande curador de jarê da zona rural de Lençóis, com alta experiência rezando pessoas até de fora do país, inclusive no período em que ficou internado em hospitais psiquiátrico, descreveu sintomas semelhantes, indicando

que: *“a pessoa fica torta, o olho entorta, a boca. É tipo um pequeno derrame, um AVC.”* Embora nenhum entrevistado tenha detalhado as técnicas de benzimento para a moléstia do tempo, Carvalho (2011) relata que, em comunidades como São João do Cazumbá (Feira de Santana/Bahia), o tratamento inclui colocar o doente em um local onde não haja corrente de vento, reforçando a associação entre a doença e fatores ambientais.

A Izipa, também chamada de zipele, zipe-zipela ou erizipela foi outra enfermidade em que muitos desses médicos populares são especialistas, principalmente em Mucugê citado em 66,67% das entrevistas, em Lençóis 28,57% e em Andaraí 11,11%. O jovem Pai Lucas de Lençóis, descreveu como *“uma inflamação tipo ferida, que dá febre”*. Corroborando com ele, Dona Juci, benzedeira de Andaraí, completou a descrição com detalhes dos sintomas e do processo de cura: *“a pessoa tem um ferimento e começa a ficar vermelha, queimando igual um fogo, que a pessoa não suporta. Ai tem essa reza que aquilo murcha. Conforme a reza, os encantados ensinam a botar uma folha pra poder melhorar”*. Esses relatos reforçam o caráter integrado do benzimento, que combina elementos espirituais e naturais no tratamento das enfermidades.

Os benzedores frequentemente destacaram a satisfação de serem reconhecidos por seus feitos, mesmo diante de críticas e preconceitos. Dona Deni, benzedeira de Andaraí com 60 anos, começou a benzer aos 9 anos de idade, compartilhou o relato de uma pessoa de Igatu que atribuiu sua recuperação ao tratamento recebido: *“Passei em não sei quantos médicos, e os médicos não descobriu o que eu tinha, quem descobriu foi a Senhora que me deu remédio, benzeu e eu sarei”*. Apesar de enfrentar críticas, como ser chamada de *“feiticeira”*, Dona Deni permanece firme em sua prática, sustentando que sua fé e seu dom são concedidos por Deus: *“A gente sabe o que tá fazendo, com consciência. Eu trabalho com Cosme e Damião e Santa Bárbara. É um dom que Deus deu, e eu vou trabalhar, sim.”*

Esse reconhecimento por parte da comunidade, é importante para a continuidade das práticas tradicionais desses médicos, que, mesmo diante de críticas, intolerância e resistências, se mantem como uma forma cuidado. A resiliência dos benzedores e a eficácia percebida de seus tratamentos destacam a importância de reconhecer esses saberes orgânicos em espaços formais de produção de conhecimento. O benzimento, enquanto prática ancestral, representa

um elo entre espiritualidade, saúde e identidade cultural, e sua valorização é essencial para a preservação dessas tradições.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber de um povo está profundamente enraizado em sua cultura, sem essa conexão, é como uma árvore sem raízes, destinada a enfraquecer e desaparecer. O benzimento, enquanto prática ancestral de cura, representa uma insurgência contra a homogeneização dos sistemas de saúde e a marginalização dos saberes tradicionais. É um conhecimento transmitido de geração em geração, que reside na memória e na identidade cultural dos brasileiros.

Este estudo reafirma a importância do benzimento como um pilar da medicina tradicional, evidenciando sua relevância em comunidades onde as práticas de cura popular continuam exercendo uma função essencial. Analisar as doenças combatidas por esses médicos populares a partir de seus próprios olhares é não apenas uma forma de resgatar a memória coletiva, mas também de fortalecer a identidade cultural e espiritual de um povo.

Os benzedores, com sua habilidade de interpretar e tratar enfermidades segundo uma lógica própria e muitas vezes distinta da medicina biomédica, demonstram a riqueza e a complexidade desse sistema de cura. Embora algumas doenças tratadas pelo benzimento apresentem semelhanças com condições reconhecidas pela medicina convencional, elas são nomeadas e compreendidas a partir de uma perspectiva cultural singular, inserida em um contexto social e espiritual próprio. Essa dicotomia revela a coexistência e os possíveis diálogos entre os sistemas de saúde popular e científico, abrindo espaço para uma compreensão mais plural e inclusiva da saúde.

O levantamento das enfermidades tratadas pelos benzedores e a análise de suas percepções é, em essência, uma forma de “olhar de dentro”, de entender a cosmovisão que permeia a prática do benzimento. Mais do que catalogar doenças, este estudo busca descolonizar o pensamento hegemônico e valorizar saberes que são muitas vezes silenciados. Ele representa um fragmento de uma colcha de retalhos maior, um esforço para resgatar e eternizar um saber imaterial que, ao longo do tempo, tem sido ameaçado pelo preconceito, pela invisibilidade e pela marginalização.

Além disso, este trabalho também enfatiza o potencial do benzimento como uma prática complementar à saúde pública. Iniciativas já implementadas em municípios como Sobral (CE) demonstram que, ao reconhecer os benzedores como agentes não formais de saúde, é possível criar um diálogo entre os saberes populares e a saúde institucional. Tal abordagem não apenas amplia o acesso ao cuidado, mas também fortalece a identidade local e promove o reconhecimento do benzimento como um patrimônio imaterial de valor inestimável.

Este estudo contribui para o fortalecimento da memória coletiva e da identidade dos benzedores de Andaraí, Lençóis e Mucugê. Ao registrar suas práticas e percepções, ele eterniza suas histórias e reafirma a importância de reconhecer o benzimento como uma expressão legítima de cuidado e cura, alinhada às necessidades e aos contextos culturais das comunidades em que se insere. É, portanto, um convite para que a sociedade repense suas relações com os saberes tradicionais, valorizando-os não como relíquias do passado, mas como práticas vivas e essenciais para um futuro mais inclusivo e plural.

O saber de um povo está profundamente enraizado em sua cultura; sem essa conexão, é como uma árvore sem raiz, destinda e enfraquecer e desaparecer. O Benzimento, enquanto prática ancestral de cura, representa uma insurgência contra a homogeneização dos sistemas de saúde e a marginalização dos saberes tradicionais. É um conhecimento transmitido de geração em geração, que reside na memória e na identidade cultural dos brasileiros.

Falar das doenças combatidas por esses médicos populares a partir de seus olhares, é fortalecer a identidade e a memória de um povo, valorizando e reconhecendo esse saber orgânico, tão presente na nossa sociedade e que vem sendo esquecido em meio aos avanços tecnológicos e científicos ou mais ainda, por todo preconceito, invisibilidade e marginalização que essa prática de cura vem sofrendo.

Quantificar o rol de enfermidades tratadas por esses médicos e descrever aquelas que são reconhecidas como doenças de benzimento é entender como funciona o “olhar de dentro” e as relações sociais que permeiam a cultura popular do benzimento. Em algumas falas é possível identificar que eles percebem algumas semelhanças entre doenças que são tratadas pela medicina comum, embora recebam outras terminologias dentro do sistema folk do benzimento.

Esse estudo é apenas um pedaço de uma colcha de retalhos que vem sendo construída como forma de descolonizar o pensamento, pautado em um resgate ancestral, eternizando esse saber imaterial não somente pelas memórias individuais, mas também pela memória coletiva que estão intrinsicamente ligadas a história de vida da população de Andaraí, Lençóis e Mucugê. Logo ele servirá para fortalecer a identidade desses especialistas locais além de auxiliar no reconhecimento dessa prática enquanto um braço da saúde pública e sua importância enquanto um patrimônio imaterial.

REFERÊNCIAS

- BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 9, n. 2, p. 123-133, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/55337970/Conexoes_afroindigenas.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.
- BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. Nas trilhas do Quilombo Sambaíba: etnografia de um saber-fazer que se transforma. **ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 49-81, 2020.
- Brasil. Plantas Medicinais e Fitoterápicos. / Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. – São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 4ª edição. 86 p.; 20 cm. 2019.
- Brasil. Plantas Medicinais e Fitoterápicos. / Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. – São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 4ª edição. 86 p.; 20 cm. 2019.
- CARVALHO, M. C. Benzimento e cura na comunidade de São João do Cazumbá. *Caos-Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 18, p. 72-80, set.. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/caos/article/view/47058>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- CHAGAS, Márcia Cristina Correa, DE ANDRADE, Meire Guimarães., DA COSTA, Reginaldo Brito da, PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, n. 35, p. 207-224, dez. 2007. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/860>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- CHAGAS, Márcia Cristina Correa, DE ANDRADE, Meire Guimarães., DA COSTA, Reginaldo Brito da, PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, n. 35, p. 207-224, dez. 2007. Disponível em: <https://multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/860>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CLARINDO, M. F.; STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Curandeiros parintintin e benzedeiras: reprodução do saber popular de cura. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, v. 15, n. 31, p. 105-124, 2019.

<https://doi.org/10.14393/Hygeia153148560>. Acesso em: 15 out. 2024

CLARINDO, M. F.; STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Curandeiros parintintin e benzedeiras: reprodução do saber popular de cura. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, v. 15, n. 31, p. 105-124, 2019.

<https://doi.org/10.14393/Hygeia153148560>. Acesso em: 20 nov. 2024

Costa EP. Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular [internet]. [dissertação]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2009. 43 f. Disponível em:

<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2534/1/Elizabeth%20Parente%20Costa.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024

Costa EP. Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular [internet]. [dissertação]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2009. 43 f. Disponível em:

<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2534/1/Elizabeth%20Parente%20Costa.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024

CUNHA, LIDIANE ALVES DA. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. 2017. 203f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CUNHA, LIDIANE ALVES DA. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. 2017. 203f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

DE CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeiras/rezadeiras alagoanas. **Revista FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/nures/article/view/4426>. Acesso em: 14 nov. 2024.

Ducati A, Dionísio B. Benzedeiras são consideradas profissionais da saúde no Paraná [internet]. *Jornal Globo-G1*. 2012 maio 11. Disponível em:

<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeiras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>. Acesso em: 20 nov. 2024

Ducati A, Dionísio B. Benzedeiras são consideradas profissionais da saúde no Paraná [internet]. *Jornal Globo-G1*. 2012 maio 11 [acesso em 2019 abr 21]. Disponível em:

<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeiras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>. Acesso em: 20 nov. 2024

MEDEIROS, Rafael Eduardo Gurgel de et al. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1339-1357, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2013.v23n4/1339-1357/pt>. Acesso em: 03 set. 2024.

Nóbrega, Jéssica Yasmine de Lacerda. Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em rezas e benzeduras em municípios do Sertão Paraibano. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais.). Universidade Federal de Campinas Grande (UFCG), Centro de Tecnologia e Ciência Agroalimentar. Pombal. 2017.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. The invention of women: Making an African sense of western gender discourses. U of Minnesota Press, 1997.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagensêmica, ética e dialética. Educação e Pesquisa, v. 38, p. 865-879, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBd7FrRfsd7fFTpW9NLNpCk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23. nov. 2024

Santos LG. A inserção das benzedeiras no meio popular (Pires do Rio e Palmelo) [internet]. [dissertação]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2016 [acesso em 2019 abr 21]. 98 f. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3363/1/LUENE%20GONCALVES%20DOS%20SANTOS.pdf>

Santos LG. A inserção das benzedeiras no meio popular (Pires do Rio e Palmelo) [internet]. [dissertação]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2016 [acesso em 2019 abr 21]. 98 f. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3363/1/LUENE%20GONCALVES%20DOS%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 23. nov. 2024

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, p. 89, 2015.

SANTOS, Jucélia Bispo. Etnicidade e religiosidade da comunidade quilombola de Olaria, em Irará (BA). **Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)**, n. 13, 2009.

SILVA, Isana Jesus; SANTOS, Anita Leocádia Pereira; SOUZA NOGUEIRA, Eliane Maria. Ensino pelo Exemplo: Reflexões acerca da Benzeção: Teaching by Example: Reflections on the Blessing. **Revista Cocar**, v. 15, n. 33, 2021.

SILVA, VICTOR AUGUSTUS GRACIOTTO. As benzedeiras tradicionais de Curitiba: Identificação e análises. *Revista Relegens Thréskeia*, v. 1, n. 1, p. 144-57, 2012.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/31048/19949>.
Acesso em: 03 mar 2022.

SILVA, VICTOR AUGUSTUS GRACIOTTO. As benzedeadas tradicionais de Curitiba: Identificação e análises. Revista Relegens Thréskeia, v. 1, n. 1, p. 144-57, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/31048/19949>. Acesso em: 03 out. 2024.

SULLIVAN, Alexis P.; BIRD, Douglas W.; PERRY, George H. Human behaviour as a longterm ecological driver of non-human evolution. Nature Ecology & Evolution, v.1, n. 65, feb., 2017.

TEIXEIRA, João Marques. A medicina em história: a medicina egípcia. 2001.

10. DISCUSSÃO GERAL

A Ecologia Humana traz a compreensão aprofundada das relações bioculturais presentes nas práticas de benzimento no estado da Bahia, com foco particular em três cidades localizadas no coração da Chapada Diamantina: Andaraí, Lençóis e Mucugê. Nesse ponto, faço uso da licença poética para traduzir a riqueza simbólica dessa tradição.

A temática abordada destaca os fatores culturais e biológicos inseridos nos rituais de cura através da benzedura. Inspirada pelo conhecimento das benzedadeiras e benzedeiros, esta pesquisa buscou explorar essa prática a partir de múltiplos olhares. De acordo com Bernis (2003), a chave da Ecologia Humana reside na compreensão dos fenômenos de interação entre biologia e cultura, através de padrões comportamentais sociais.

O ritual do benzimento traduz a essência da cura, refletindo os modos de ser e fazer de um povo que busca diversas formas de enfrentamento diante de problemas do corpo, da alma e da mente. Amparado pela força da oralidade, em confluência com elementos da natureza e símbolos religiosos, ele transcende a racionalidade científica cartesiana, constituindo-se como um saber orgânico de cura, alicerçado na fé e na tradição.

A construção metodológica desta tese foi elaborada para responder à questão principal que norteia a pesquisa. Por meio de revisões sistemáticas da literatura, foi possível revisitar a trajetória histórica do conhecimento produzido sobre essa prática nos últimos anos (2010-2022) no estado baiano. O uso dessas revisões sistemáticas como ponte de partida foi fundamental, pois, conforme Rother (2007), estudos de revisão bibliográfica sistemática são reconhecidos como originais devido ao rigor metodológico e ao uso da literatura como base de dados para explorar um tema específico.

Aprofundando a pesquisa, por meio de estudo de caso e da abordagem etnográfica, foi possível observar, na prática, como essas relações acontecem nos três municípios baianos estudados, promovendo uma verdadeira confluência de saberes. Esses dois métodos são amplamente reconhecidos por sua capacidade de abarcar abordagens metodológicas diversas. Enquanto o estudo de caso é caracterizado como uma unidade integrada em um contexto mais amplo, a etnográfico foca na análise detalhada de um sistema de significados culturais específicos a um grupo determinado.

A Bahia, é o maior estado do Nordeste em extensão territorial, foi regionalizada em nove macrorregiões de saúde, buscando melhorar a gestão e a acessibilidade dos serviços públicos. Entendendo o benzimento como um braço da saúde pública, esta pesquisa explorou a geografia do benzimento no Estado, utilizando as macrorregiões de saúde como referencia para mapear as publicações entre os anos de 2010 e 2020.

A análise dos dados permitiu identificar a presença de praticantes de benzimento em 36 municípios baianos, com maior registro nas macrorregiões Sudoeste e Leste. Um dos achados mais marcantes foi a desigualdade na documentação das práticas de benzimento em as diferentes macrorregiões da Bahia. Apesar do expressivo número de registros nas regiões Sudoeste e Leste, outras áreas, como Sul e Extremo Sul, apresentaram lacunas de informações significativas. A ausência de publicações em determinadas macrorregiões não implica a inexistência desse saber nos municípios não registrados. Essa escassez pode estar relacionada a, fatores como a carência de pesquisas nessas localidades, a ausência de publicações nas bases de dados consultadas ou o período temporal adotado.

Contudo, mesmo com amostragens baixas, o benzimento demonstrou ser um elemento essencial na dinamica de cura, sobretudo em comunidades rurais e tradicionais, onde frequentemente representa a principal forma de tratamento e cura de doenças. Os artigos analisados indicam que, em regiões como a Chapada Diamantina e o Recôncavo Baiano, o benzimento articula religiosidade popular, uso de plantas medicinais e preservação das identidades locais, reafirmando sua relevância para a saúde e a cultura dessas comunidades.

A presença do benzimento em comunidades quilombolas e indígenas evidencia a resistência desse saber orgânico, mesmo diante dos processos de aculturação, assimilação e da pressão exercida pela indústria biomédica. Essas comunidades, em sua maioria, sofrem com a deficiência do sistema público de saúde, onde a assistência médica muitas vezes não chega, tornando os benzedeiros e benzedoiras os primeiros agentes de cuidado. Assim, eles não são apenas agentes de cura, mas guardiões de tradições que reforçam o pertencimento cultural e a coesão social.

A proposta inicial desta tese foi abordar as relações etnobotânicas nas práticas de benzimento, o que foi concretizado em três frentes: uma revisão

integrativa, um estudo de caso (ambos em forma de artigo) e um texto livre (apêndice), que será publicado como capítulo de livro no próximo ano, fruto do II Colóquio de Botânica Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Convido o leitor a mergulhar nas confluências etnobotânicas presentes no benzimento, refletindo sobre o encontro entre o mundo natural e o espiritual, no qual as plantas desempenham um papel essencial na manutenção do equilíbrio entre saúde e bem-estar físico quanto espiritual, dentro de um contexto cultural profundamente enraizado nas tradições brasileiras.

A revisão da literatura foi o ponto de partida para uma compreensão mais ampla dessas relações. A partir dela, foi possível visualizar a diversidade de etnoespécies botânicas utilizadas nas benzeduras em 24 produções publicadas entre 2010 e 2022. Além disso, a coleta de dados primários permitiu entender essas relações *in loco*, por meio de 28 entrevistas com praticantes de benzimento nas cidades de Andaraí (n=18), Lençóis (n=7) e Mucugê (n=3).

A escolha desses municípios ocorreu de forma intencional, considerando o papel da pesquisa no fortalecimento da memória cultural da minha cidade, Andaraí, e das localidades que compartilham essa tradição. Entendo que, sem a preservação da memória das nossas origens e cultura, ficamos vulneráveis às imposições externas, que frequentemente tentam definir verdades absolutas dentro de um sistema de percepção de mundo ocidentalizado. Para reforçar essa reflexão, trago novamente o pensamento do grande filósofo quilombola Nêgo Bispo, que antes de ancestralizar, sempre nos alertava sobre a importância do movimento de Sankofa, enfatizando que “saber o caminho de volta para casa” é essencial, pois o território não é apenas terra, mas também memória, cultura e identidade é quem somos.

Na revisão integrativa, foram registrados 71 nomes de etnoespécies, distribuídos em 29 famílias, 43 gêneros e 53 espécies. Evidenciou-se que muitos estudos analisados mencionavam apenas o nome popular das espécies, o que ressalta a importância da identificação taxonômica correta. Em alguns casos, distintas espécies eram conhecidas pelo mesmo nome popular, o que pode gerar confusão. Silveira (2008), enfatiza a necessidade de tratar os nomes populares com a mesma precisão atribuída aos nomes científicos, levando em conta as variações regionais que podem resultar em equívocos substanciais.

No estudo de caso realizado em Andaraí, Lençóis e Mucugê, foram relatadas 40 etnoespécies, distribuídas em 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies. Em nove

casos, não foi possível realizar a identificação botânica devido à ausência de material botânico. Esse dado reforça, mais uma vez, a importância da identificação científica correta, uma vez que tais registros podem auxiliar no desenvolvimento de estratégias eficazes de conservação dessas plantas, que possuem valor cultural e medicinal significativo.

Duas famílias botânicas destacaram-se nos dois estudos (revisão e estudo de caso): Lamiaceae e Solanaceae. Ambas famílias são amplamente citadas em outras pesquisas sobre a temática (Oliveira e Trovão, 2009; David e Passa, 2017; Nóbrega, 2017; Rabelo et al., 2022), o que reafirma a importância dessas famílias botânicas nas práticas de benzimento em diferentes regiões do Brasil, atravessando barreiras geográficas e culturais.

Além de sua ampla distribuição, essas famílias estão entre as mais representativas da flora brasileira, ocorrendo principalmente nas formações vegetacionais abertas e apresentando alto potencial fitoquímico e medicinal (de Oliveira et al., 2020; Antar et al., 2024). Uma hipótese para a predominância dessas famílias pode estar relacionada ao uso frequente dessas plantas no tratamento alternativo de enfermidades, bem como às suas propriedades aromáticas, resultantes dos óleos essenciais, que tornam essas espécies preferenciais para o benzimento.

Entre as espécies mais representativas em ambos os estudos, destacam-se a vassourinha (*Scoparia dulcis* L.), a arruda (*Ruta graveolens* L.) e o pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.). Esses resultados estão alinhados com pesquisas anteriores (Oliveira e Trovão, 2009; Oliveira et al., 2016; Rabelo e Araújo, 2022).

A vassourinha e o pinhão-roxo são espécies nativas, de fácil propagação, que geralmente ocorrem em áreas abertas naturais ou como plantas invasoras em cultivos agrícolas. No Brasil, ambas estão presentes em todos os domínios fitogeográficos (Souza, 2024). São amplamente reconhecidas por suas propriedades terapêuticas e por sua importância na medicina tradicional, devido à presença de compostos bioativos diversos (Paul; Vasudevan; Krishnaja, 2017; Luu; Van, 2022).

Durante a pesquisa de campo, percebi que a vassourinha, apesar de ser uma das plantas mais utilizadas no benzimento, foi mencionada pelos especialistas como uma espécie que vem desaparecendo. No entanto, ninguém soube explicar exatamente o motivo desse desaparecimento. Uma possível explicação pode estar relacionada à falta de conhecimento sobre a espécie, o que leva as pessoas a retirá-

la do ambiente antes mesmo de reconhecer suas propriedades medicinais. Esse fenômeno reflete a visão ocidentalizada sobre a flora espontânea, na qual plantas medicinais nativas, que tradicionalmente fazem parte dos sistemas de cura, acabam sendo erroneamente classificadas como "mato" e removidas sem critério. Essa situação evidencia a necessidade urgente de estratégias de educação ambiental e conservação das espécies utilizadas no benzimento, garantindo a preservação desse conhecimento ancestral..

A análise da origem das espécies registradas na revisão evidenciou uma “preferência” por espécies nativas em algumas localidades, devido às suas características ecológicas e capacidade de dispersão, fatores fundamentais que influenciam sua presença natural em determinados ambientes (Moro *et al.*, 2012). Contudo, no trabalho de campo, observou-se uma predominância de espécies exóticas, o que pode ser explicado pela facilidade de adaptação ao clima brasileiro, especialmente entre aquelas de alto valor medicinal e simbólico.

A arruda (*Ruta graveolens* L.), uma das espécies mais utilizadas no benzimento, exemplifica essa preferência. Embora seja uma espécie cultivada, predominante presente no trabalho de campo, não ocorre de forma espontânea. Muitos benzedores relataram não possuir a planta em casa, mesmo ela sendo a escolha preferencial para as benzeduras. A arruda é considerada uma planta “termômetro”, pois morre facilmente quando a energia do ambiente não está equilibrada. Além disso, tem um grande valor simbólico nas práticas de benzimento, e é utilizada apenas em casos de “carga espiritual elevada”, como em limpezas e banhos espirituais (Ilhéu, 2024). Entre alguns benzedores, seu uso é restrito a adultos, devido à sua intensa força de cura.

Outra espécie cultivada e de grande simbismo registrada como preferencial em por bezendeiras de Andaraí, Lençóis e Mucugê foi a vence-tudo ou quebra-demanda (*Justicia gendarussa* Burm.f.). Essa planta é comum nessas cidades, encontrada tanto em vasos quanto plantada no solo, na entrada das casas. Além de seu potencial ornamental, com flores roxas vistosas, possui forte valor simbólico e espiritual, especialmente nas religiões afro-brasileiras (Pagnocca, 2017). Como se pode observar, a escolha das espécies botânicas utilizadas no benzimento não se limita apenas em suas propriedades terapêuticas, mas está profundamente conectada aos significados espirituais e cosmológicos.

A ressignificação das espécies exóticas cultivadas no contexto do benzimento

evidencia não apenas o dinamismo cultural, mas também a capacidade de adaptação das comunidades tradicionais às transformações ambientais e sociais. Plantas como a arruda, amplamente cultivada em quintais, e a vassourinha, frequentemente encontrada em áreas abertas, demonstram como as espécies podem adquirir novos significados simbólicos e funcionais à medida que se integram ao cotidiano das práticas de cura. Esse processo de ressignificação e adaptação demonstra a habilidade das populações em reinterpretar o uso das plantas, associando suas propriedades medicinais ao valor espiritual atribuído em diferentes contextos religiosos e culturais. Além disso, o intercâmbio entre espécies nativas e exóticas reflete o fluxo histórico de saberes e tradições, promovendo uma continuidade cultural que atravessa gerações e reafirmando o papel das plantas como mediadoras entre o ser humano e a natureza, fortalecendo a relação simbiótica característica das práticas etnobotânicas.

Ao analisar a similaridade entre os municípios pesquisados, foi possível identificar o compartilhamento de oito espécies botânicas. Andaraí e Mucugê apresentaram maior similaridade, possivelmente devido à proximidade geográfica, conforme sugere a Teoria da Neutralidade de Hubbell (2001). Mesmo sendo, em sua maioria, espécies exóticas, cultivadas ou ocorrendo de forma espontânea, essa similaridade pode ser explicada pelo intercâmbio florístico, decorrente da troca de mudas de valor simbólico. É comum no interior o compartilhamento de plantas, principalmente aquelas com propriedades místicas ou medicinais. Além disso, a procedência das espécies utilizadas no benzimento, geralmente provenientes dos quintais dos próprios benzedores, facilita o acesso às plantas e reforça a importância desses “espaços verdes de cura”.

Na revisão da literatura, observou-se que as restrições quanto ao tipo de folhas utilizadas não foram significativas, exceto pela recomendação de evitar plantas espinhosas ou folhas de pimenta. Contudo, alguns estudos registraram o uso da pimenta no benzimento (Queiroz; Souza; Souza, 2017; Silva, 2017; Tavares et al., 2019), sugerindo que a escolha da espécie é uma decisão individual de cada benzedor, mesmo que existam algumas plantas preferenciais.

No trabalho de campo, ainda sob a perspectiva etnobotânica, observou-se a quantidade de galhos (um, três ou sete), a posição e o horário de coleta também variam conforme a tradição e conhecimento do benzedor. Destaca-se o relato do Sr. Augusto, de Andaraí, que afirmou: “À noite, a planta está dormindo, e, para retirar

um galho, é preciso solicitar com muito respeito, acordando a planta antes. Isso só ocorre em casos emergenciais.” Esse relato revela a integração entre o ambiente espiritual e natural, reforçando o caráter holístico do benzimento.

O conhecimento botânico das benzedadeiras e benzedeiros vai além do benzimento, pois eles também são grande conhecedores da medicina popular, recomendando chás, banhos, garrafadas e defumadores como complementos terapêuticos após as benzeduras. Portanto, a etnobotânica do benzimento revela uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza, na qual as plantas medicinais são componentes essenciais dessa prática ancestral.

A tríade proposta por Toledo e Barrera-Bassols (2009), formada pelo sistema de crenças (*Kormos*), o conjunto de conhecimentos (*Corpus*) e as práticas (*Práxis*), permeiam o benzimento, articulando-se não apenas com as relações botânicas, mas também, com a religiosidade, a memória e a identidade cultural de um povo. A partir dessa linha de argumentação, seguimos, adiante tecendo olhares sobre a religiosidade nas práticas de benzimento nos municípios pesquisados.

A religiosidade constitui um elemento central nas práticas de benzimento identificadas em Andaraí, Lençóis e Mucugê, dentro do contexto do Parque Nacional da Chapada Diamantina, Bahia. As evidências apresentadas no estudo demonstram a confluência entre diferentes tradições religiosas, como o catolicismo e o Jarê, destacando um hibridismo marcante e a sincronicidade entre fé e cultura popular. Esse fenômeno revela a pluralidade cultural e espiritual das comunidades envolvidas, sendo um reflexo direto das dinâmicas históricas e sociais que moldaram a região.

As práticas de benzimento no município de Andaraí revelaram uma rica manifestação cultural e espiritual, marcada pelo hibridismo religioso e pela pluralidade de influências. Essas práticas foram distribuídas em cinco categorias religiosas — 1) Jarê, 2) Católica, 3) Católica+Jarê, 4) Umbanda+Jarê e 5) Católica+Espírita — as benzeduras transcendem uma única filiação religiosa, demonstrando a coexistência e ressignificação de diferentes tradições no cotidiano dos benzedores e benzedadeiras.

O Jarê, uma religião de matriz afro-brasileira, característica da Chapada Diamantina (Banaggia, 2013), destaca-se como uma prática central em Andaraí, representando 17,86% das autodeclarações. O hibridismo religioso no benzimento é particularmente visível em Andaraí, onde os benzedores combinam elementos do

catolicismo, espiritismo e Jarê. Por exemplo, há benzedores identificados como praticantes de Umbanda/Jarê, que incorporam símbolos católicos, como São Lázaro, Nossa Senhora, São Cosme e São Damião, em suas rezas. Há também curadores de Jarê que se autodeclaram católico, e em seu altares, coexistem imagens de santos católicos, orixás, caboclos, pretos velhos e encantados, demonstrando a plasticidade da fé popular. Essa fusão é característica do hibridismo religioso, um traço marcante da religiosidade popular brasileira.

As práticas de benzimento em Andaraí e sua relação com a religiosidade refletem uma grande influência das crenças locais, especialmente aquelas relacionadas ao Jarê e ao catolicismo popular. O respeito pelas "almas", consideradas entidades espirituais dos mortos, é um elemento central na prática religiosa desses benzedeiros. Esse aspecto é, evidenciado pela recusa em realizar benzimentos às segundas-feiras, dia que é considerada o "dia dos aflitos e das almas", refletindo uma preocupação com os ciclos espirituais. Esse período é tradicionalmente dedicado ao descanso das almas, uma prática que pode ter raízes tanto no catolicismo popular quanto nas crenças afro-brasileiras, ambas enfatizando o respeito aos mortos e suas almas.

Conforme Bannagia (2013), a "lamentação das almas", organizada por praticantes do Jarê, também destaca essa conexão espiritual com os mortos. Essa tradição envolve cantos, orações e rituais, buscando um equilíbrio entre os mundos espiritual e físico. Esse fenômeno demonstra como as práticas de cura não são isoladas, mas sim partes integrantes de um sistema mais amplo de crenças religiosas e culturais na Chapada Diamantina/BA.

Outro aspecto relevante em Andaraí é o perfil dos benzedores católicos e espíritas (7,1%), que realizam suas curas através de rituais do "espiritismo de mesa branca". Diferentemente do Jarê, esses rituais não utilizam atabaques nem envolvem incorporações de entidades espirituais. Esse fenômeno reforça a diversidade de expressões religiosas dentro do catolicismo brasileiro. Conforme Teixeira (2005), o catolicismo no Brasil apresenta uma grande complexidade, sendo um campo religioso marcado pela diversidade e pelo sincretismo.

O estudo das práticas de benzimento em Andaraí evidencia a riqueza do hibridismo religioso e da religiosidade popular brasileira, onde fé, cultura e história se encontram. O Jarê, enquanto elemento central, e sua relação com o catolicismo e o

espiritismo, demonstram como as práticas espirituais são adaptativas e resilientes, mantendo vivas as identidades culturais locais, mesmo diante das transformações contemporâneas.

Embora Lençóis apresente menor diversidade religiosa entre seus benzedores e benzedoiras em comparação a Andaraí, a presença de três categorias — Jarê, Católica/Jarê e Oração/Terno de Reis — demonstra que diferentes tradições espirituais se entrelaçam e coexistem na região. O Jarê mantém sua posição como elemento central, mas sem excluir a forte influência do catolicismo popular e das práticas religiosas tradicionais.

O reconhecimento institucional do Dia do Jarê, implementado em 2023 (Lençóis, 2023), reflete a importância cultural e histórica dessa prática religiosa no município. Esse reconhecimento não apenas legitima o Jarê como uma expressão religiosa essencial, mas também contribui para combater estigmas e promover a valorização das tradições locais. Conforme Banaggia (2013), muitos praticantes do Jarê se autodenominam católicos e utilizam o termo “religião” para se referir às tradições cristãs. Essa identificação pode ser compreendida como uma estratégia cultural e histórica de adaptação, resultado do domínio do catolicismo durante o período colonial e pós-colonial. Assim, a coexistência entre o Jarê e o catolicismo em Lençóis exemplifica a flexibilidade religiosa e a ressignificação de símbolos e práticas espirituais.

O relato das benzedoiras entrevistadas ilustra essa interseção religiosa. Uma benzedeira, ao definir o benzimento como “um ato de caridade e uma religião”, reforça a ideia de que a fé é um dos pilares fundamentais dessas práticas. Sua declaração — *“às vezes a fé não vem tanto de mim, mas sim de quem eu tô fazendo”* — revela a relação simbiótica entre benzedor e paciente, na qual a cura espiritual depende da confiança mútua e da força da fé. Esse entendimento se alinha com Hoffman-Horochovski (2012), que destaca a importância do reconhecimento social e da fé do paciente para a efetividade das práticas de cura.

Outro ponto relevante é a presença dos encantados, seres espirituais centrais no Jarê e em outras religiões afro-brasileiras, como descrito por Mundicarmo Ferretti (2000). Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de participar do ritual da barquinha de Oxum, realizado por um sacerdote de Jarê em Lençóis. Durante o ritual, o encantado Nadador incorpora no corpo do sacerdote e realiza benzimentos com folhas de aroeira, oferecendo conselhos e curas aos presentes. Essa prática

demonstra a importância do transe mediúnico e a relação simbólica com a natureza, aspectos essenciais das religiões afro-brasileiras.

Além disso, a prática do Terno de Reis em Lençóis reflete outro aspecto do sincretismo religioso local. Embora seja associado ao catolicismo popular, o Terno de Reis vai além de uma simples celebração, sendo considerado “uma forma de oração e uma religião não oficial”. Durante essa festividade, os participantes percorrerem as ruas louvando os Santos Reis e cantando sobre o nascimento de Jesus, reafirmando a dimensão comunitária e festiva da fé, unindo religiosidade e cultura popular.

O hibridismo religioso observado em Lençóis é, portanto, uma prova de resiliência cultural, que preserva práticas ancestrais, adaptando-se ao contexto contemporâneo. Essas tradições representam uma resposta criativa das comunidades locais às tensões históricas e religiosas, evidenciando sua capacidade de absorver, reinterpretar e ressignificar diferentes influências espirituais.

Em Mucugê, predomina o catolicismo, uma tradição profundamente enraizada na cultura local. As benzedeiras dessa cidade realizam suas práticas baseadas em orações católicas, como o “Pai-Nosso” e a “Ave Maria”, recorrendo ao uso do terço e à simbologia cristã. A figura de Dona Val, mencionada na pesquisa, exemplifica a resiliência dessas práticas: mesmo com limitações físicas, ela continua a benzer, expressando sua fé e a conexão com o Divino Espírito Santo.

O estudo da religiosidade nas práticas de benzimento em Andaraí, Lençóis e Mucugê revela a riqueza do hibridismo religioso e a força da fé como elemento central nas relações entre cultura e religiosidade. Essas práticas não apenas refletem a diversidade religiosa local, mas também reforçam a importância das mulheres como guardiãs dos saberes tradicionais. Essa análise contribui para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a religiosidade popular brasileira, ressaltando a importância de preservar e valorizar esses saberes ancestrais como parte do patrimônio imaterial das comunidades da Chapada Diamantina.

No intuito de entender o benzimento como uma prática ancestral da medicina tradicional brasileira, utilizada para tratar enfermidades e restaurar o equilíbrio energético e espiritual, esta pesquisa também investigou as doenças combatidas pelos benzedores e benzedoras em Andaraí, Lençóis e Mucugê. A partir de um estudo etnográfico, identificaram-se 43 enfermidades tratadas pelos benzedores. Em

Andaraí, foram citadas 33 doenças, em Lençóis 20, e em Mucugê 12, sendo que sete enfermidades eram comuns às três localidades. Além de doenças humanas, também foram relatadas práticas de benzimento em animais.

Os benzedores interpretam e tratam doenças a partir de uma lógica própria, distinta da medicina biomédica, mas não menos significativa. Algumas enfermidades, embora apresentem semelhanças com condições reconhecidas pela medicina convencional, recebem nomenclaturas próprias dentro do sistema *folk* do benzimento. Entre as doenças tratadas pelos benzedores destacam-se o mal-olhado, quebranto, espinhela caída e vento caído. Essas enfermidades são compreendidas e tratadas a partir de uma perspectiva cultural própria, reforçando a importância do benzimento na saúde das comunidades tradicionais.

As práticas de cura envolvem rezas, uso de plantas medicinais, gestos simbólicos e técnicas específicas, como o levantamento da espinhela caída e os rituais em três sessões consecutivas para tratar o mal-olhado (em casos específicos). Farinha (2012) classifica o olhado e o quebranto como doenças espirituais, associadas à falta de conexão com Deus, enquanto a espinhela caída e o vento caído são compreendidas como doenças físicas.

Os resultados desta pesquisa demonstram a diversidade das doenças tratadas pelo benzimento e reforçam sua importância como prática de saúde complementar. O reconhecimento do benzimento como patrimônio cultural e sua integração em sistemas de saúde, como ocorreu em Sobral (CE), demonstram o potencial dessa prática para fortalecer o diálogo entre saberes tradicionais e institucionais.

Os dados aqui apresentados ressaltam que, embora o benzimento enfrente desafios como marginalização e preconceito, ele é essencial na preservação da memória cultural e no cuidado integral da saúde. O benzimento mantém viva conexão com as tradições de cura e espiritualidade que fazem parte da formação cultural do povo brasileiro. Por meio de rezas, gestos simbólicos e o uso de ervas medicinais, benzedores e benzedoras não apenas oferecem alívio físico e emocional, mas também fortalecem os laços comunitários, garantindo a continuidade dos conhecimentos transmitidos entre gerações.

No contexto da saúde integral, o benzimento assume um papel complementar ao bem-estar físico, emocional e espiritual. Muitas pessoas que recorrem a essa prática encontram nela um espaço de acolhimento, escuta e equilíbrio, aspectos muitas vezes ignorados pelos sistemas de saúde convencionais. Ao considerar a

pessoa em sua totalidade, respeitando suas crenças e vivências, o benzimento se revela como uma forma de cuidado holístico, integrando o corpo e a mente de maneira harmoniosa.

Entretanto, o preconceito e a falta de informação levam a sociedade a desconsiderar a importância dessas práticas, classificando-as erroneamente como superstição ou crendice popular, em vez de serem valorizados, muitos benzedeiros são vistos com desconfiança ou ridicularizados, tratados como se suas práticas não tivessem valor. Isso tem consequências diretas na vida desses praticantes, que não recebem apoio estatal nem reconhecimento oficial pelo serviço que prestam, sendo frequentemente ignorados em políticas públicas de saúde e cultura.

Para garantir a preservação do benzimento e seu reconhecimento como parte essencial da identidade cultural brasileira, é fundamental a implementação de políticas públicas de valorização. Projetos voltados ao registro formal do benzimento como patrimônio imaterial e programas educativos e ações de sensibilização podem contribuir para a manter esse conhecimento vivo, além de abrir espaço para um diálogo mais inclusivo entre diferentes formas de cuidado à saúde.

O benzimento não deve ser visto como uma prática ultrapassada, mas sim como um valioso recurso cultural e terapêutico. Preservá-lo é um compromisso a memória coletiva e com a diversidade de formas de cuidado que enriquecem nossa sociedade. Ao reconhecer sua importância, não apenas protegemos um saber ancestral, mas também garantimos que futuras gerações possam se beneficiar dessa prática, que alia espiritualidade, tradição e bem-estar.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do benzimento, amplamente difundida na Bahia, constitui um elemento importante do patrimônio cultural brasileiro, destacando-se como uma forma alternativa de cura, originada da confluência de saberes ancestrais africanos, indígenas e europeus. A Bahia, com sua diversidade étnica e geográfica, torna-se um espaço emblemático onde essas práticas adquirem diferentes significados e formas, dependendo das comunidades em que são preservadas. O benzimento transcende o ato de cura, configurando-se como uma manifestação de resistência cultural e identidade comunitária.

O saber de um povo é inseparável de sua cultura; sem essa conexão, torna-se como uma árvore sem raízes, fadada a enfraquecer e desaparecer. O benzimento, enquanto prática ancestral de cura, representa uma insurgência contra a homogeneização dos sistemas de saúde e a marginalização dos saberes tradicionais. Na Chapada Diamantina, em especial em Andaraí, Lençóis e Mucugês o benzimento articula etnobotânica, religiosidade popular e saúde com a preservação de identidades locais. Conforme destacado nos textos anteriores, as benzedadeiras e os benzedores não são apenas agentes de cura, mas também guardiões de tradições que reforçam o pertencimento cultural e a coesão social.

A etnobotânica no benzimento revela uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza, em que as plantas medicinais são um componente essencial da prática. O estudo evidencia que as plantas não são utilizadas apenas por suas propriedades terapêuticas, mas também por seus significados simbólicos e espirituais. Espécies como vassourinha (*Scoparia dulcis*), arruda (*Ruta graveolens*) e pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) são amplamente empregadas tanto pelo seu potencial fitoquímico quanto pelo valor atribuído dentro das benzeduras. Em Andaraí, Lençóis e Mucugê, o uso dessas plantas está intimamente associado a fatores ecológicos, culturais e espirituais, demonstrando o profundo conhecimento botânico dos benzedores.

A predominância de espécies exóticas cultivadas, como a arruda e a vassourinha, evidencia um fenômeno interessante: mesmo plantas introduzidas no Brasil há séculos foram ressignificadas culturalmente e incorporadas ao benzimento devido à sua capacidade adaptativa e ao valor simbólico. Isso revela o dinamismo das práticas etnobotânicas, que conseguem absorver novos elementos sem perder sua essência.

O intercâmbio de mudas, comum em comunidades do interior, fortalece a memória coletiva e a preservação das plantas de valor simbólico e medicinal. Os quintais, descritos pelos benzedores como "espaços verdes de cura", são fundamentais para a manutenção dessas espécies e para a continuidade das práticas de benzimento.

Apesar da valorização cultural do benzimento, a pesquisa alerta para um problema preocupante: o desaparecimento de algumas espécies, como a vassourinha, cuja ocorrência tem se tornado cada vez mais rara. Esse fenômeno pode estar relacionado à falta de conhecimento sobre a importância dessas plantas, levando muitas pessoas a classificá-las como "mato" e removê-las de seus quintais e campos. Esse processo reflete a desconexão crescente entre o ser humano e a natureza, um efeito colateral da modernização. Esse aspecto reforça a necessidade de políticas públicas que incentivem a conservação ambiental e a valorização dos saberes tradicionais.

A religiosidade está presente nas práticas de benzimento, como demonstrado nas comunidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Bahia. Em Andaraí e Lençóis, o Jarê se destacou como a principal religião entre os benzedores, enquanto em Mucugê prevaleceu o catolicismo. Nas três cidades estudadas, o hibridismo religioso é evidente nos espaços onde ocorrem as benzeduras, onde referências do catolicismo e das religiões afrobrasileira coexistem. Esse aspecto demonstra como as práticas de cura são moldadas por um contexto espiritual, no qual o benzedor atua como mediador entre o mundo físico e o espiritual, legitimando a fé como força motriz do processo de cura.

Nos últimos anos, as práticas de benzimento têm enfrentado constantes interferências de esferas religiosas ditas "tradicionais". Esses grupos demonizam as práticas, reconfigurando-as em um processo de assimilação e aculturação. Cabe destacar que, embora o país seja laico, a intolerância religiosa ainda é algo recorrente, afetando uma saber tradicional que faz parte da cultura popular.

O estudo das doenças tratadas pelos benzedores também representa um convite a olhar "de dentro" para essas práticas, resgatando uma memória coletiva que está intrinsecamente ligada à história de vida das populações de Andaraí, Lençóis e Mucugê, na Chapada Diamantina/BA. Essa pesquisa não se limita a catalogar doenças, mas busca descolonizar o pensamento e valorizar saberes silenciados pelo avanço tecnológico e pela imposição de uma única perspectiva

científica, reafirmando o benzimento como um importante instrumento de resistência cultural e espiritual.

Apesar de sua relevância social, o benzimento vem sofrendo um processo sistemático de apagamento, marginalização e desvalorização, reflexo da ausência de políticas públicas voltadas para seu reconhecimento e proteção. O apagamento do benzimento está diretamente ligado ao processo de homogeneização cultural imposto por uma visão eurocêntrica da medicina e da espiritualidade. O desprezo por essas práticas contribui para a perda de conhecimentos tradicionais, empobrecendo o repertório cultural do país e limitando as opções de cuidado disponíveis à população.

A marginalização do benzimento, muitas vezes impulsionada por preconceitos e pela invisibilidade social, reflete a hegemonia de um pensamento científico que tende a desconsiderar saberes ancestrais. No entanto, reconhecer essas práticas não significa rejeitar a medicina convencional, mas abrir espaço para um diálogo plural entre sistemas de saúde distintos. Enquanto outras formas de medicina alternativa e terapias holísticas recebem espaço e reconhecimento, o benzimento permanece à margem, sem regulamentação adequada ou incentivo para sua continuidade. Isso não apenas prejudica os benzedeiros, mas também impacta negativamente as comunidades que dependem dessas práticas para seu bem-estar físico e espiritual.

A ausência de políticas de valorização e proteção dessas práticas reflete o descompromisso do Estado com a diversidade cultural brasileira. Infelizmente, não se encontrou nenhuma política pública ou ação voltada à valorização das práticas das benzedeiras no estado da Bahia. A falta de regulamentação e incentivo governamental contribui para a invisibilização desses saberes, privando a sociedade de um serviço essencial que une saúde e cultura.

Para que essa realidade seja transformada, é necessário que o Estado reconheça oficialmente o valor das práticas de benzimento, integrando-as em programas de saúde e cultura. Medidas como a criação de políticas de valorização através da inclusão desses saberes em políticas de patrimônio imaterial, programas educacionais, registro e documentação dessas práticas, incentivos para a formação de novos benzedeiros e campanhas educativas para combater o preconceito são essenciais para garantir a preservação dessa tradição. Somente com o compromisso de valorizar e respeitar essas práticas será possível construir uma

sociedade mais inclusiva e justa, onde todas as formas de cuidado e espiritualidade sejam reconhecidas e protegidas.

Fortalecer o reconhecimento do benzimento requer não apenas a ampliação dos registros dessa prática, mas também a implementação de políticas que respeitem sua natureza híbrida, unindo saberes ancestrais e avanços contemporâneos. Esse esforço pode não apenas promover a equidade em saúde, mas também valorizar a rica diversidade cultural e ambiental da Bahia. Há um provérbio afrikano que diz assim: “A água sempre descobre um meio”. Assim é o benzimento: resistindo e ressignificando-se e encontrando formas de manter vivas suas práticas, mesmo diante das perseguições religiosas, do avanço tecnológico da biomedicina e da crescente predominância da medicina convencional na saúde pública. É preciso entender que o cuidado em saúde deve ter fundamentado em um sistema que enxergue o indivíduo não apenas como unidade isolada, mas como parte de um coletivo, pois por trás de uma unidade sempre existe uma comunidade.

Este estudo é parte de um esforço maior para eternizar um saber imaterial que corre o risco de desaparecer. Ele fortalece a memória coletiva, registra histórias e reafirma a importância do benzimento como uma prática legítima de cuidado, alinhada às necessidades culturais das comunidades. Valorizá-lo é reconhecer que a sabedoria do povo reside em suas raízes e que, sem essa conexão, estaremos fadados a perder uma parte essencial de nossa identidade.

Diante de tudo que foi exposto nesta pesquisa, proponho o reconhecimento do Benzimento em Andaraí, Mucugê e Lençóis como um Patrimônio Imaterial, dada sua importância para a preservação da memória cultural, e também como uma Prática Complementar em Saúde, garantindo seu espaço dentro das políticas e respeitando sua relevância no contexto das comunidades tradicionais,

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Carla Lucia Goulart Constant; DO ESPIRITO SANTO, Fátima Helena. Saberes e práticas dos clientes com feridas: um estudo de caso no município de Cruzeiro do Sul, Acre. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 16, n. 1, 2012.

ALMEIDA, Graciela Souza; PEROVANO FILHO, Natalino. Identidades étnicas e Etnociências nas práticas de Rezadeiras. **Odeere**, v. 6, n. 2, p. 79-95, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/9750>.

Acesso em: 04 fev. 2023.

AMOROZO, M. C. 1999. Medicina tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT: a permanência de práticas antigas: o papel dos benzedores e suas habilidades. **Revista Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 1/2, p. 48-66. 1999.

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: África World Press, 1994. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africanocentrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>

ASSUNÇÃO, Luiza Maria De; QUERINO, Rosimár Alves; RODRIGUES, Leiner Resende. A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores. **Saúde em Debate**, v. 44, p. 762-773, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2020.v44n126/762-773/>. Acesso em: 04 fev. 2023

AZEVEDO, D. L., FERNANDES, J. M., GOUVEIA, J. H., SALGADO, L. L., BARRETO, S. S., E REZENDE, J. S. Breves narrativas indígenas sobre a infecção, tratamento e a cura do Coronavírus em Manaus, Brasil. **Mundo Amazônico**, 12(1), 201-215. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/ma.v12n1.88515>. Acesso em: 07 mar. 2023

AZEVEDO, G. X. As benzedadeiras na tecitura da cultura, religião e medicina populares [internet]. [Tese]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2017. 173 f. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3758/2/GILSON%20XAVIER%20DE%20AZEVEDO.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022

AZEVEDO, G. X. Benzedadeiras e a prática da benzeção no contexto das ciências das religiões. **Protestantismo em Revista**, v. 36. p. 108-117, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2386/2324>. Acesso em: 20 mai. 2021

BARROS, ELOÍSA AMORIM DE. O benzer quilombola amazônida: a resistência ao modelo oficial de saúde e o fortalecimento de comunidades afrodescendentes de Óbidos-Pará. 2019. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Oeste do Pará.

BERNARDES, LETÍCIA ELIAS. A cultura popular sob o prisma da fé: uma análise da prática do benzimento em Caldas, Minas Gerais, nos anos 2000. In: XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. **Anais...** 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1600775473_ARQUIVO_d95cb60ef98df3b6bea4d3f58f54b479.pdf

BEZERRA, MARIA. **Entrevista: Maria Bezerra – Benzedeira; Escola de Almas Benzedadeiras de BrasíliaDF**. Museu do Cerrado. Entrevista concedida a Tiago Rocha. 12/08/2020. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/entrevista-maria-bezerra-benzedeira-escola-de-almas-benzedeiras-debrasilia-df/> Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006**. Aprova a

Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília, 2006. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.htm. Acesso em: 16 mar. 2023

BRITO, FLÁVIA LORENA; CAETANO, EDSON. A amorosidade essencial: reflexões sobre o Bem Fazer nas práticas de benzeção. In: **VI Congresso de Cultura e Integração para a Educação da América Latina – VI CEPIAL**. 2021. Disponível em: https://portal.casla.org/cepiat/anais2021/arquivos/09172021_100958_614498ce5eefe.pdf. Acesso em: 23 jul 2023

CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. **A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas**. Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG, 2017.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata Mineira. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 11, jul/dez, 2011. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/19826>. Acesso em: 23 jul 2023

CARVALHO, A. C. D. **Feiticeiros, burlões e mistificadores: criminalidade e mudança das práticas populares de saúde em São Paulo, 1950-1980**. Editora UNESP, São Paulo, 2005.

CHAGAS, M. C. C.; DE ANDRADE, M. G.; DA COSTA, R. B.; DE SOUZA PERRELLI, M. A. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, n. 35, p. 207-224, dez. 2007.

CHALHOUB, S.; MARQUES, V. R. B.; SAMPAIO, G. R.; SOBRINHO, C. R. G. (Orgs.). (2003). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, SP: Unicamp.

CLARINDO, M. F.; STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Curandeiros parintintin e benzedeadas: reprodução do saber popular de cura. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 31, p. 105-124, 2019. <https://doi.org/10.14393/Hygeia153148560> Acesso em: 07 mar 2023.

COSTA, E. P. Benzedeadas no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular [**Dissertação**]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2009. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25703>. Acesso em: 07 mar 2023.

COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedeadas em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, n. 7-12, p. 51-62, 2022. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13217> Acesso em: 07 mar 2023.

CRUZ, ALINE DA. **Fonologia e gramática do nheengatu: a língua geral falada pelos povos baré, warekena e baniwa**. Amsterdã: Landelijke Onderzoekschool

Taalwetenschap. p. 47. 652 páginas. 2011.

CUNHA, Celina Gontijo. A prática da benzedeira : memória e tradição oral em terras mineiras. 2018. 169 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

CUNHA, LIDIANE ALVES DA. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeadas. 2017. 203f. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

DA SILVA, Giselda Shirley. O significado cultural e religioso das benzeções: Prática e representações de benzedores de João Pinheiro. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2013. Disponível : https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945024_2c9d6e76d1d79c634191711d95c09b9a.pdf . Acesso em: 4 mar. 2022

DA SILVA, Paulo Kleber Borges. Saberes e Poderes-A expressividade das Benzedeadas remanescentes em Jaci-Paraná/RO. **Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental**, n. 1, 2016.

DAMASCENO, STEPHANY CECÍLIA ROCHA. Análise descolonial da Política Distrital de Práticas Integrativas em Saúde no Distrito Federal: uma epistemeafrocêntrica do cuidado em saúde. 107 f., il. **Dissertação** (Mestrado em Política Social) — Universidade de Brasília, Brasília. 2022.

DE LAS CASAS, Rachel; DE MATTOS, Izabel Missagia. ENCONTRO RAÍZES RJ: POVOS TRADICIONAIS E SABERES TERRITORIALIZADOS. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 20, n. 1, p. 28-44, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/12339>. Acesso em: 10 jan. 2023

DINIZ, ERICKA ELLEN CARDOSO DA SILVA , DINIZ, EMERSON CARDOSO DA SILVA. A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e benzedeadas no cuidar da saúde. V Congresso Nacional de Educação - CONEDU. **Anais**. Editora Realize. 2018. Disponível em:< https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA6_ID8014_17092018225050.pdf> Acesso em: 03 mar 2022.

DUCATI A, DIONÍSIO B. **Benzedeadas são consideradas profissionais da saúde no Paraná** [internet]. Jornal Globo-G1. 2012 maio 11. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>. Acesso em: 03 mar 2021

FARINHA, ALLYNE CHAVEIRO. As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004. **Dissertação** (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. 2012

FREITAS, SUZINALDA DE SOUZA; SARDINHA, ANTONIO; SILVA, DAVID JÚNIOR DE SOUZA. Comunicação e cultura na prática de benzimento na Amazônia: um

estudo, a partir da folkcomunicação, da prática de benzedores da comunidade Corre-Água do Piririm, no Amapá, Amazônia. In: **Decolonialidade, comunicação e cultura**. Antonio Carlos Sardinha; Verônica Maria Alves Lima; Eloina Castro Lara; Valeria Belmonte (Orgs.). Macapá: UNIFAP, 2022.

GAMA, P. A.; SOUZA, T. C.; BORGES, W. D.; DE CASTRO, N. J. C. (2019). Práticas de cuidado e cura no quilombo Abacatal. **Mundo Amazônico**, 10(1): 225-242. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v10n1.66610>. Acesso em: 04 fev. 2023.

GEWEHR, R. B., BAÊTA, J., GOMES, E., & TAVARES, R. Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. **Psicologia USP**, 28(1), 33–43. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420150092>. Acesso em: 04 mar. 2022

GOMES, A. O processo de secularização do Brasil no limiar da República e a criminalização do espiritismo. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 83–93, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/sacrilegens/article/view/26745>. Acesso em: 24 fev. 2024.

GORZONI, P. Mulheres de fé. **Raízes**. dez, 2005, p. 69-76. Disponível em: <<http://www.fpm.org.br/raizes/edicao32/raizes%2032%20-20010pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GORZONI, PRISCILA. **Benzedores que curam com as mãos**. Goiânia\GO: Editora PUC Goiás, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILHÉO, MARIANA DE CARVALHO. Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campestre (MG). 2017. **Tese de Doutorado**. [sn].

LACERDA, R. Benzimentos. **Jangada Brasil**, ano V, n. 59, jul, 2003. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/julho59/pn5970a.htm>>. Acesso em 15 jan 2023.

LEININGER M. **Culture care, diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press; 1991.

Luz, A. A. S, Gomes, C. R. C., de Andrade, G. P., Vieira, M. A. B., & Duque, A. N. F. A Benzedura como ofício tradicional no Semiárido Piauiense. **Semiárido Brasileiro**. Volume 5, 20. 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_M_D1_SA3_ID5007_01102019230236.pdf. Acesso em: 12. Nov. 2024.

Luz, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX [Suplemento]. **Physis**, 15, 13-43. (2005). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a08.pdf>>. Acesso em: 03 mar 2021

MACIEL, MÁRCIA REGINA ANTUNES; GUARIM NETO, GERMANO. Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para

benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, p. 61-77, 2006.

MEDEIROS LIMA, Diana; OLIVEIRA, Kleber Andolfato. Rezadeiras e Benzedeiras do Assentamento Bernardo Marim-Pureza/RN. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

MEDEIROS, R. E. G. D., NASCIMENTO, E. G. C. D., DINIZ, G. M. D., & ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1339-1357, 2013.

MEIRA, ANTONIO MICHEL KULLER. A educação não formal praticada por movimentos sociais e suas implicações para identidade da comunidade de faxinal marmeleiro de baixo. **(Dissertação)**. Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO. Irati. 2017. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/859> Acesso em: 13 dez. 2023.

ORO, A.P. O Neopentecostalismo macumbeiro. **Revista USP**. São Paulo, n, 68, p, 319 – 322, fev. 2006.

PEPCA – Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia**. Santarém: UFOPA.2016.

PICANÇO, KARYNY ROBERTA TAVARES, NETO JOSÉ RIBEIRO DA SILVA, JULIANO GIORGIO ROSA LUCAS; YASMIN PONTES MOREIRA; ANDRIELY HUANY BEZERRA DE SOUZA; JÉSSICA ANDREA SILVA DAS CHAGAS; ARIELY NUNES FERREIRA DE ALMEIDA. Estudo de caso sobre as práticas de saúde da Comunidade Quilombola Do Curiaú, Amapá, Brasil. **Cadernos de educação, saúde e fisioterapia**, v. 3, n. 6, 2016. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/755>. Acesso em: 16 jan. 2024

PINHEIRO, R.; SILVEIRA, R.; LOFEGO, J.; LEAL, O.; GUIZARDI, F. L.. **Apoiando a gestão do SUS em Rio Branco-Acre: a estratégia da incubadora de integralidade no desenvolvimento institucional local**. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS/UERJ/ABRASCO, 2013. p. 338-338.

RAMOS, DANILO PAIVA. Sobre farpas e espinhos: dimensões tensivas de discursos xamânicos Hupd'äh e Desana. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 1, p. 196-213, 2019.

SALGADO, LILIANE LIZARDO. Mutawarisá: benzimento entre os baré de São Gabriel da cachoeira - Alto Rio Negro. 2017. 169 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SANTOS, S. dos; GUARIM-NETO, G. Medicina tradicional praticada por benzedeiras de Alta Floresta, Mato Grosso. In: DESAFIOS da Botânica Brasileira no Novo Milênio, Sistematização e Conservação da Diversidade Vegetal. Belém-Pará:[sn]. **Congresso Nacional**. 2003.

SILVA, MARIA DA CONCEIÇÃO; FARINHA, ALLYNE CHAVEIRO. As benzedeadas e a Renovação Carismática Católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 13, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/30253/15849>. Acesso em: 13 set 2023

SILVA, JANAÍNA APARECIDA MAIA; DE ASSUNÇÃO, LUIZA MARIA; RODRIGUES, LEINER RESENDE. Benzedura na Estratégia Saúde da Família: perspectivas de profissionais da enfermagem. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 8, n. 1, p. 87-99, 2020.

SILVA, MARIA EUZARINA PASTANA DA; PEREIRA, ELSON DE MENEZES. Parteadas e Benzedeadas: porque sobreviver é preciso. **Anais do II Colóquio de Letras da FALE/CUMB - Formação de Professores: Ensino, Pesquisa, Teoria**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131. Disponível em: <https://coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/282-maria-euza.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022

SILVA, VERÔNICA TELES DOS SANTOS. Benzedeadas de Goiás: resistência e memória popular. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades - Curso de História. Goiás. 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5478>> Acesso em: 11 jan. 2024

SILVA, VICTOR AUGUSTUS GRACIOTTO. As benzedeadas tradicionais de Curitiba: Identificação e análises. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 1, n. 1, p. 144-57, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/31048/19949>. Acesso em: 03 mar 2022.

SILVEIRA, DAYANA D'ARC E SILVA DA; ALBUQUERQUE, MARIA BETÂNIA BARBOSA. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. **Revista Cocar**, v. 9, n. 18, p. 255-284, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/713>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SOEK, FELIPE JOSÉ; MENDONÇA, FRANCISCO. BENZEDEIRAS/OS, BEM-ESTAR E SOCIOESPACIALIDADE. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 18, p. 303-312, 2022. Acesso em: 04 fev 2023.

SOUSA, MARIA GERLANE ALVES DE SOUSA. Vozes benditas: histórias de vida de benzedeadas e benzedeados no Povoado Vale Verde. 2018. 57 f. **Monografia (Graduação)** - Curso de Educação Educação do Campo, UFT, Tocantinópolis, 2018.

SOUZA, C. R., DE AZEVEDO, J. M. S., SAMPAIO, M. L. V., LOBATO, A. I., GOMES, M. D. S. M., DE OLIVEIRA MENEZES, R. A., & DE SOUZA, M. J. C. Práticas populares de saúde no cotidiano das famílias Ribeirinhas da comunidade foz do rio Mazagão Velho, Amapá, região Amazônica Brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 2, p. 1495-1509, 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/download/1382/1258>. Acesso em: 03 mar 2022

TONIOL, R. Oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil. **Tese**. Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa Pós Graduação em Antropologia. Porto Alegre, 2015.

VAZ FILHO, FLORÊNCIO ALMEIDA. Parte I: Introdução. *In*: PEPCA – Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras, os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia** (p.13-50). Santarém: UFOPA. 2016.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **General Guidelines for Methodologies on Research and Evaluation of Traditional Medicine**. Geneva; 2000.

APÊNDICE I – PALESTRAS MINISTRADAS

Tema: Confluências Etnobotânicas nas Práticas de Benzimento.
Nome do evento: I Seminário Científico do Programa de Mestrado de Biodiversidade Vegetal - PPGBVEG.
Local: Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Tema: O sujeito ecossistêmico e suas relações multirreferenciais;
A Etnobotânica do Benzimento.
Nome do evento: IV Congresso Unebiano de Ciências Biológicas - CONUCBIO.
Local: UNEB



Tema: Fitolatria: a presença da botânica em atividades religiosas
Nome do evento: II Colóquio de Botânica Cultural
Local: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS



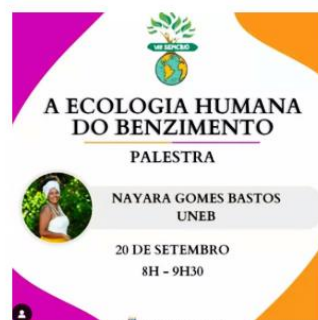
Tema: A Ciência do Benzimento.
Nome do evento: I Semana Acadêmica de Enfermagem - Troca de Saberes - Saúde da População Negra".
Local: Faculdade Santíssimo Sacramento - FSSS - Alagoinhas-Bahia.



Tema: Com dois te botaram, com três eu te tiro: diálogos sobre o benzimento no território baiano;
Nome do evento: Plenária das Pretas
Local: Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus II - Alagoinhas-Bahia



Tema: A Ecologia Humana do Benzimento.
Nome do evento: VII Semana de Ciências Biológicas - SEMCBIO
Local: Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus II - Alagoinhas- Bahia



Converseiro Científico

Tema abordado: A ciência do Benzimento - um saber ancestral que tem se perdido.
Uma das Vozes Entrevistadas

Link: <https://www.youtube.com/live/nqS6K8SwfSg?si=nkrkI2QeGYShBmwt>

Evento Cultural Julho das Pretas da Escola dos Rodoviários

Roda de conversa dedicada ao reconhecimento das mulheres pretas em toda a comunidade.

Uma das Vozes Entrevistadas

Link: [@escolarodoviarios](https://www.instagram.com/escolarodoviarios)



APÊNDICE II – CAPÍTULO DO LIVRO PRODUZIDO A PARTIR DO II COLÓQUIO DE BOTÂNICA CULTURAL

Ramo na mão e fé no coração: confluências etnobotânicas nas práticas de benzimento

Nayara Gomes Bastos, Wbaneide Martins de Andrade, Carlos Alberto Batista dos Santos e Eliane de Souza Nogueira

Apresentação

O Benzimento é uma prática de cura ancestral que busca tratar e curar problemas do corpo, da alma e da mente através de elementos religiosos e recursos da natureza. As plantas são os elementos mais utilizados entre os recursos naturais disponíveis para diversas sociedades humanas em diversos ecossistemas. Cercadas por toda uma simbologia que vai desde a escolha da espécie botânica até nos cuidados pós processo de cura. Busca-se através desse texto apresentar aspectos etnobotânicos que permeiam as práticas de benzimento em diferentes povos no Brasil.

Práticas tradicionais de cura

O uso de elementos da natureza nas práticas de cuidado em saúde remete a tempos imemoráveis. A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece essa forma de cuidado como Medicina Tradicional, cujo princípio basilar é tratar e curar doenças físicas, mentais e sociais por meio de elementos naturais. Desde a década de 70, a OMS recomenda que os estados integrem a Medicina Tradicional aos seus sistemas de saúde oficiais (OMS, 2002).

A medicina tradicional é um tipo de conhecimento transmitido ao longo de gerações, que desenvolve sistemas de classificação próprios sobre o mundo natural, abrangendo plantas (Bastos *et al.*, 2023), fungos (Almeida, 2022), animais (Santos *et al.*, 2016), constelações (Barreda; Kimura, 2018), águas (Schreck; Marques, 2016), rochas e processos geológicos (Santos, 2020), biofísicos, ecológicos (Silva; Fernandes; Sacardo, 2017) entre outros elementos. Esse saber cultural opera em diferentes escalas espaços-temporais, intimamente conectado aos territórios e ecossistemas onde se originou (Toledo; Barrera-Bassols, 2009). Como um saber cultural, é impossível padronizar ou explicar integralmente seus aspectos culturais

por meio de um único modelo científico. Geertz (1989) sugere que a ciência interpretativa oferece uma abordagem mais adequada, permitindo múltiplas interpretações e respeitando a subjetividade que permeia esse saber.

Ao mergulhar na história, encontramos registros antigos sobre o uso de plantas no continente Africano, especialmente em Kemet (terra preta), onde atualmente localiza-se o Egito. Por volta de 1.600 a.C o Papiro de Ebers, um dos mais antigos textos da medicina, listava medicamentos feitos à base de animais, plantas e minerais. Muitas dessas plantas, como a erva dos bois (*Artemisia absinthium* L.), o funcho (*Foeniculum vulgare* Miller), o sene (*Cassia angustifolia* Vahl), o coentro (*Coriandrum sativum* L.), o tomilho (*Thymus vulgare* L.), o zimbro (*Juniperus communis* L.) e a genciana (*Genciana lutea* L.), são utilizadas até hoje. Povos de diferentes partes do mundo também possuem histórias ricas sobre o uso medicinal da natureza, como os vedas na Índia (1500 a.C.). Poemas épicos também citam diversas plantas utilizadas até os dias em curso. Na Grécia, entre 460-377 a.C., Hipócrates, já tratava as pessoas como preparação de plantas (Brasil, 2019).

Esses exemplos históricos ilustram como o conhecimento ancestral sobre o uso de plantas transcende fronteiras geográficas e culturais, formando a base para práticas tradicionais que persistem até os dias de hoje. No entanto, mais do que meros registros de práticas antigas, essas práticas ancestrais são importantes, como indica o conceito africano do movimento de Sankofa, que propõe olhar para trás para entender o presente e organizar e construir o futuro, valorizando nossas raízes. Parafraseando Moraes (2003), a história é a identidade social de um povo, sendo as relações sociais grandes influenciadoras das normas culturais. Ao mesmo tempo, essa identidade social pode ser composta por um mosaico de diversas culturas e tradições, especialmente no caso do Brasil.

No Brasil, o uso de elementos da natureza nas práticas de saúde tem suas raízes profundamente ligadas às identidades culturais que formaram a população do país. As práticas de medicina tradicional são heranças bioculturais advindas principalmente dos povos originários, africanos e europeus, e continuam a fazer parte dos modos de vida dos povos originários e de vários outros sistemas culturais brasileiros, como observado recentemente por Alencar *et al.* (2024). Os autores acrescentam que entre o povo *Ye'pa Mahsã* (Tukano), práticas como o benzimento

e o uso plantas medicinais são formas pelas quais a ciência se manifesta no cotidiano dessas comunidades.

Os povos indígenas, pela própria necessidade, desenvolveram, ao longo de milhares de anos, um intenso entendimento e conhecimento sobre as propriedades medicinais de determinadas plantas, ervas, raízes e como utilizá-las para tratar uma variedade de doenças na comunidade onde vivem. [...] O povo *Tukano*, em especial, possui a tradição de ensinar a conhecer plantas medicinais desde a infância aos seus filhos com o propósito de revitalizar os conhecimentos (Alencar *et al.* 2024, p.324).

Matos e Nunes (2016, p.2) também abordam essa questão, destacando que “a medicina tradicional indígena se origina de plantas, ervas, animais, rituais, músicas, espiritualidades e crenças ligadas à floresta.” Esse saber é conhecido por diversas nomenclaturas, como: ‘medicina da mata’, ‘medicina da floresta’, ‘ervas medicinais’, ‘erva tradicional’, ‘medicação tradicional’, ‘remédios tradicionais’, ‘remédios da mata’, ‘ciência tradicional’, ‘conhecimento tradicional’ e até mesmo ‘pajelança’ (Ferreira, 2013).

A potencialidade dessa forma de cuidar é evidenciada em um estudo realizado com indígenas de etnia *Kantaruré*, na aldeia Baixa das Pedras, onde foram identificadas doze espécies de plantas utilizadas na medicina tradicional local com ação antiparasitária (Lima *et al.* 2016). Outros exemplos vem dos povos *Arara Shawãdawa*, que praticam rituais como a injeção do sapo (*kampô*), o consumo de *caiçuma* (bebida à base de mandioca) e a utilização do *rapé* (mistura de tabaco, raspa de osso de veado ou porco e do “leite” do sapo *kampô*), além do *tipi* uma defumação feita com os ingredientes do *rapé* para preparar os caçadores na mata (Correia, 2005). Esses rituais revelam uma inenarrável riqueza biocultural que conecta os povos originários ao ambiente natural que o cerca.

A herança africana no Brasil também deixou um legado profundo nas práticas de cura e religião. As religiões de matriz africana utilizam amplamente as plantas, tanto em seus rituais religiosos quanto para fins curativos. Essas práticas, embora tenham sofrido influências das tradições indígenas e europeias, mantêm forte ligação com os saberes ancestrais africanos, reforçando a importância simbólica e terapêutica das plantas no contexto das religiões afro-brasileiras (Alves *et al.*, 2019).

O uso ritual de plantas no combate às doenças e no restabelecimento da saúde é uma prática comum nos cultos afro-brasileiros. Juntamente com os animais

as plantas possuem uma função essencial nesses rituais, como relatado na expressão iorubá “kosi ewe, kosi orixá”, que significa “sem folhas não há divindades”, demonstrando todo o axé (força vital) que elas carregam (Albuquerque, 2022; Albuquerque; Chiappeta, 1994). Camargo (1988) ressalta que o uso de plantas foi se resignificando ao longo do tempo, adaptando-se às especificidades locais. À medida que os africanos foram levados para diferentes regiões do Brasil, incorporaram espécies nativas da flora local às suas práticas de cura, que hoje continuam a ser utilizadas nos rituais afro-brasileiros.

Além de referências históricas que embasam as práticas de medicina tradicional no Brasil, há atualmente um respaldo legal importante, em consonância com recomendações internacionais, que assegura a preservação e promoção dessas práticas. Destacam-se políticas públicas, como a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). A PNPIC, busca valorizar a medicina tradicional indígena, integrando sistemas tradicionais de cura ao modelo biomédico. Essa articulação visa potencializar a recuperação da saúde, reduzindo os agravos e respeitando as particularidades culturais de cada sociedade, reconhecendo que cada grupo possui suas próprias formas de cuidado, tratamento e cura (Brasil, 2002).

Entre as diversas práticas da medicina tradicional destaca-se o Benzimento, um saber ancestral alicerçado na fé. Por meio de orações e do uso de elementos da natureza, o benzimento é utilizado para tratar e curar males do corpo, da alma e da mente. Siqueira (2021) já enfatizou a enorme conexão das benzedadeiras com a natureza e a energia envolvida nesse processo de cura. Logo, é imprescindível entender a essência desse saber, assim como as relações entre as crenças, conhecimentos e suas práticas.

Confluências etnobotânicas nas práticas de benzimento

O conceito de confluência, ou por melhor dizer, a palavra “confluência” quando germinada pelo filósofo quilombola Nego Bispo, em sua obra “Colonização, quilombos: modos e significações” (Santos, 2015) representa o entrelaçamento de diferentes saberes e práticas culturais que, apesar de suas particularidades, se

aproximam em sua forma de ser, estar e se relacionar com o meio ambiente. O saber de um povo está profundamente alicerçado na sua cultura, pois, sem essa ligação, como uma árvore sem raiz, esse saber enfraquece e morre.

A ciência que promove o verdadeiro diálogo entre esses saberes é a Etnobiologia. Definido no século passado, a como “o estudo do papel da natureza nos sistemas de crenças e na adaptação do homem a determinados ambientes” (Posey, 1986, p. 15). Para ele, a etnobiologia desafia a noção de superioridade cultural e científica, e seu papel é evidenciar as interações bioculturais entre pessoas e o ambiente. Além de contribuir teoricamente para a compreensão dessas relações, a Etnobiologia também auxilia na elaboração de estratégias de conservação da sociobiodiversidade (Albuquerque; Alves, 2020).

Confluente à etnobiologia está a etnoecologia, que, com um enfoque multidisciplinar e holístico, estuda “o complexo integrado formado pelo sistema de crenças (*kormos*), o conjunto de conhecimentos (*corpus*) e de práticas produtivas (*práxis*)” (Toledo; Barrera-Bassols, 2009, p.29). Essas duas ciências se interseccionam em seus significados, práticas, teorias e metodologias, buscando investigar as complexas relações entre as sociedades humanas e o ambiente a partir de suas tradições e culturas.

Em um nível mais específico e voltado para o resgate e a valorização do conhecimento local, emerge a etnobotânica, que tem como objetivo principal estudar a relação entre as populações humanas e os recursos vegetais em seus ambientes. Para Lucena e Lucena (2020), a etnobotânica é uma vertente da etnobiologia, e nas últimas décadas, tem se aperfeiçoado em suas metodologias qualitativas e quantitativas, tornando-se essencial para compreender como as comunidades utilizam e interagem com a flora local.

A etnobotânica oferece uma compreensão mais profunda e clara de como as pessoas pensam, classificam, gerenciam, manipulam e utilizam diferentes espécies de plantas e ecossistemas (Rocha *et al.*, 2015). No contexto da Medicina Tradicional, as plantas medicinais estão entre os seus principais recursos terapêuticos, sendo essenciais tanto para pesquisas voltadas à descoberta novos fármacos quanto para a formulação de políticas públicas que visem a conservação ambiental e cultural (Brasil, 2012).

Para Toledo e Barrera-Bassols (2009, p.40), “o verdadeiro núcleo intelectual e prático por meio do qual essas sociedades se apropriam da natureza, mantêm-se e reproduz-se ao longo da história” é o conhecimento tradicional. Esse saber, transmitido de geração em geração, é vital para a preservação das culturas e das práticas de cura, como o benzimento. Carregado de simbolismo e profundamente ligado aos elementos naturais, o benzimento encontra sua força nas plantas, que são essenciais para seus rituais e curas.

Albuquerque (2005) define a etnobotânica como o estudo das interações entre culturas viventes e as plantas do seu meio. A etnobotânica é um campo de investigação que busca entender as relações entre as populações humanas e o ambiente botânico (Albuquerque *et al.*, 2022). As plantas fazem parte do *corpus* e das *práxis* nos rituais de benzimento.

O uso de plantas no benzimento não é meramente funcional, mas carrega uma dimensão simbólica e espiritual. De acordo com Pereira e Gomes (2018), o vegetal, com suas características cíclicas de nascimento, maturação, morte e transformação, representa a unidade fundamental da vida. Esse ciclo vital reflete a própria essência do benzimento, que, ao utilizar as plantas, se conecta aos processos naturais e cósmicos de regeneração e cura.

As plantas são importantes nas práticas de benzimento, que são elementos fundamentais da ritualística em diferentes regiões do Brasil. Para os indígenas da etnia *Tukano* o benzimento está presente nos diferentes momentos da vida. A presença do benzedor no nascimento de uma criança indígena é de grande importância, pois é ele quem benze a esteira o bebê irá nascer, garantindo assim a sua acolhida. Dependendo da etnia, o benzedor também pode ser responsável por dar o nome a criança. Após o nascimento, o bebê recebe um benzimento de *we’etiró*, que visa protegê-lo de todo o mal. Há também um benzimento especial realizado durante o primeiro banho do recém-nascido com a mãe, um verdadeiro ritual que une mãe e filho. Os indígenas acreditam que tudo deve ser benzido (Alencar *et al.*, 2024).

Nas religiões de matriz afro-brasileira, o benzimento é uma das principais formas de cuidado em saúde. Nessa medicina ancestral, as plantas assumem papel primordial, exercendo uma função ritualística no processo de cura. Na pesquisa

realizada por Pires *et al.* (2009) em terreiros de candomblé nas cidades de Ilhéus e Itabuna na Bahia os autores levantaram várias espécies botânicas que são utilizadas em rituais de benzedura realizados nesses terreiros, e essas plantas estão relacionadas diretamente com determinados Orixás. Em um terreiro de matriz africana no município de Ituiutaba, em Minas Gerais, o uso de plantas nas práticas de benzimento foi uma das aplicações informadas pelos especialistas locais (Alves *et al.*, 2019).

E por falar em relações etnobotânicas x benzimento nas religiões afro-brasileiras, sinto-me confortável em compartilhar uma experiência que tive o prazer de vivenciar, na comunidade Quilombola do Remanso, na cidade de Lençóis, em um ritual de Jarê⁵. Ao acompanhar a cerimônia chamada “Barquinha de Oxum”, fui benzinda com galhos de aroeira, na beira do rio Marimbus, por um encantado do sacerdote de Jarê, conhecido na comunidade pelo nome de “Nadador” (Experiência pessoal - Bastos, N.G., 2022).

Na comunidade Quilombola Furnas do Dionízio, em Mato Grosso do Sul, existe uma ritualística específica em relação às plantas utilizadas no benzimento, demonstrando a continuidade e a diversidade dessas práticas em diferentes contextos culturais.

[...] os raminhos, geralmente em número de três, são geralmente passados no enfermo em sinal da cruz, enquanto o benzedor faz uma oração ou fala em voz alta as palavras apropriadas à cura de cada enfermidade. O ritual termina quando os raminhos são descartados no fogo (“para queimar o mal”), na água (“para levar o mal”) ou no quintal, sempre atrás do enfermo (“para jogar fora o mal”). O benzedor e o enfermo se retiram do local sem olhar para trás (Chagas *et al.*, 2007, p.216).

Os benzedeiros do sul de Minas Gerais utilizam orações e gestos, além de plantas, para potencializar o benzimento. Ao finalizar o ritual de cura, os ramos utilizados também são queimados, e suas cinzas são jogadas ao vento ou deixadas em água corrente. Assim, “o ciclo da doença se torna o mesmo que o das plantas” (Ilheo, 2024, p. 235). Nas práticas de benzimento dessa região, as plantas desempenham um papel primordial, pois atraem os diferentes males para si.

⁵ O Jarê é uma religião afro-brasileira existente apenas na Chapada Diamantina e tem seu berço e consolidação nas cidade de Andaraí e Lençóis (Bannagia 2013).

A escolha de algumas espécies se justifica por sua capacidade de absorção. “Plantas como alecrim, arruda, assa-peixe e espada-de-são-jorge são consideradas boas para benzer porque são eficazes em puxar” (Ilheo, 2022, p. 215). Em Caldas, em Minas Gerais, Bernardes (2024) discute em sua dissertação a “importância do diálogo das plantas com o restante do processo” (p. 132), ressaltando que, além de potencializarem a fé durante o benzimento, essas plantas são frequentemente utilizadas pelos benzedores na forma de remédios (como chás e banhos) que complementam o processo de cura.

Entre benzedores no Quilombo Furnas do Dionízio alguns tem a prática de usar “qualquer ramo verde”, outros tem preferência por determinadas espécies botânicas como o rubinho (*Leucas marinicensis* R. Br.), a erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), o algodão (*Gossypium barbadense* L), a arnica (*Soledago chilensis* Meyen), a mamona (*Ricinus sp.*), a laranja (*Citrus sp.*), a arruda (*Ruta sp.*), a mandioca (*Manihot sp*) e o capim (qualquer capim ou grama), porem nenhum sabe informar o motivo da escolha dessas espécies (Chagas *et al.*, 2007).

Na comunidade Quilombola de Kalunga do Prata em Goiás o ramo é o elemento mais popular entre as benzedadeiras, elas afirmam que se realizar o benzimento sem o ramo o mal “vira prá elas” e após a reza, se a pessoa estiver carregada, as folhas ficam “muchas”, elas dizem usar qualquer ramo para benzer, porém possuem preferencia pela arruda, alecrim, alevante e guiné, por conta de suas propriedades terapêuticas (Dias *et al.* 2017).

Na Bahia, as plantas também ocupam um lugar importante nos rituais de Benzimento. Em uma revisão integrativa sobre a Etnobotânica do Benzimento, Bastos *et al.* (2023) identificaram 71 morfoespécies, distribuídas em 29 famílias, 43 gêneros e 53 espécies, com base em pesquisas disponíveis em base de dados *on line* entre 2010 e 2022. Destacando-se a vassourinha (*Scoparia dulcis*), que apresentou maior valor de importância cultural, nos estudos analisados.

Os autores observaram a existência de uma diversidade de nomenclaturas para as mesmas espécies botânicas, além do compartilhamento de um mesmo nome popular entre diferentes espécies. Essas situações, chamamos de “entraves taxonômicos”, e ressaltam a importância de uma abordagem taxonômica adequada.

O trecho a seguir apresenta exemplos de como essas abordagens foram encontradas na literatura:

Foi observada uma diversidade de nomenclaturas para as mesmas espécies botânicas, como é o caso de *Vernonia condensata* (alumã e boldo) e a *Scoparia dulcis* (vassourinha e vassourinha-roxa). Além disso, foram encontrados casos em que diferentes espécies botânicas compartilham o mesmo nome popular, como alecrim (*Rosmarinus officinalis* e *Lippia thymoides*), boldo (*Vernonia condensata*, *Plectranthus* sp. e *Peumus boldus*), pinhão-roxo (*Jatropha ribifolia*, *Jatropha curcas* e *Jatropha gossypifolia*), vassourinha-de-relógio (*Sida carpinifolia* e *Malvastrum coromendelianum*) e pimenta (*Capsicum frutescens* e *Capsicum* sp.) (Bastos et al., 2023, p.356).

No coração da Chapada Diamantina, na Bahia, especificamente nas cidades de Andaraí, Lençóis e Mucugê, o uso de plantas é um elemento primordial nas práticas de benzimento. Bastos et al. (2024) conduziram um estudo etnobotânico nessas cidades, com 28 benzedoras e benzedores que listaram 40 etnoespécies utilizadas para o benzimento, as quais foram distribuídas em 19 famílias, 29 gêneros e 31 espécies na taxonomia acadêmica. Em Morros, no Maranhão, Gomes et al. (2024) relataram a utilização de 36 etnoespécies, pertencentes a 35 gêneros e 24 famílias botânicas.

Bastos et al. (2024) registraram as espécies arruda (*Ruta graveolens*), pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) e vence-tudo ou quebra demanda (*Justicia gendarussa*) como aquelas com maior frequência de citações entre os praticantes de benzimento. Encontramos a arruda entre as mais citadas em outros estudos sobre a temática no sudoeste do Paraná (Oliveira et al., 2016), no nordeste da Paraíba (Oliveira; Trovão, 2009) e na Bahia (Bastos et al., 2023). Nesse pluriverso de plantas de poder a arruda é considerada como uma das plantas mais fortes, utilizada para benzer pessoas adultas, principalmente quando está “muito carregada” de energias e sentimentos maléficos, quando o quebrante está muito forte, para limpezas e banhos de descarrego, puros ou associados ao sal grosso (Ilheo, 2024).

É importante destacar que embora em Andaraí, Lençóis e Mucugê a espécie vence-tudo é a terceira mais citada nas práticas de Benzimento (Bastos et al., 2024), na revisão realizada na Bahia a espécie não está entre as nove mais citadas (Bastos et al., 2023). A simbologia que envolve a espécie pode ser um dos motivos da sua preferência de uso nas práticas de benzimento em cidades específicas, onde são cultivadas devido a sua beleza e significação espiritual. Essa planta no candomblé,

por exemplo, é conhecida por atuar na abertura de caminhos, na quebra de negatividades e para descarregar as energias negativas (Pagnocca, 2017).

Algumas especificidades botânicas foram observadas por Bastos *et al.* (2024) nas cidades pesquisadas, dentre elas a quantidade de ramos e a posição de retirada dos galhos na planta. Enquanto para alguns benzedores a quantidade de ramos (variando entre um, três ou sete) e a posição de retirada interfere sobremaneira no processo de cura, para outros são indiferentes e não afeta o processo em si. Para os autores essas particularidades observadas podem está relacionada aos aspectos culturais e espirituais de cada indivíduo.

Entre as famílias botânicas, Lamiaceae tem sido listada com destaque em número de espécies em diversos estudos sobre plantas de benzimento (Bastos *et al.*, 2023; Bastos *et al.*, 2024, Gomes *et al.*, 2024, Oliveira; Trovão 2009; Rabelo; Araújo; Almeida Jr., 2022; David; Passa, 2017). Lamiaceae contém flavonoides e óleos essenciais com ação anti-inflamatória, bactericida, anestésica e antisséptica (MING, 1995). Uma hipótese é que a escolha por espécies dessa família pode estar relacionada ao seu odor característico, ocasionado pelos óleos essenciais, que faz com que haja uma certa preferência por esses indivíduos.

A origem das espécies utilizadas no benzimento ainda é algo muito particular de cada local. As espécies nativas possuem uma competência ecológica própria e capacidade dispersiva, fatores determinantes para sua presença e ocorrência natural em uma determinada área. Já as espécies naturalizadas são exóticas que se adaptaram bem ao ambiente onde foram introduzidas, estabelecendo uma população autoperpetuante (Moro *et al.*, 2012). Em alguns estudos a maior parte das plantas registradas são nativas (Bastos *et al.*, 2023; Gomes *et al.*, 2024; Ávila 2012), esse fato se dá porque essas espécies são conhecidas e coletadas em áreas próximas das residências, ou no próprio quintal. Em contrapartida Bastos *et al.* (2024) registrou a preferência por espécies exóticas, tanto cultivadas quanto naturalizadas.

Para além do uso das plantas durante benzimento, muitos praticantes desse ofício também indicam o uso de banhos e chás no processo de cura. No município de Tracuateua/PA o uso de plantas e chás por benzedores possui toda uma especificidade, desde a parte utilizada, o modo de preparo e a indicação, de acordo

com o caso analisado (Castro; Villacorta, 2020). Percebe-se assim que o saber medicinal a cerca das plantas vai além de seu uso no momento das benzeduras, estando presentes também nos momentos pós benzimento, nos remédios naturais, uma verdadeira confluência de saberes etnobotânicos.

Considerações Finais

Entender as relações etnobotânicas existentes nas práticas de benzimento é fundamental para revelar à sociedade a riqueza biocultural desse conhecimento. Ao fazer isso, ampliamos o arcabouço de valores tradicionais, inserindo informações valiosas que podem contribuir para a construção de políticas públicas que reconheçam esses saberes, valorizando o papel dos benzendeiros enquanto médicos populares.

A relevância desse ofício na conservação da biodiversidade é evidenciada por suas *práxis*, que têm resistido e sobrevivido sem deteriorar ou destruir sua fonte de matéria prima. O benzimento permanece ativo em vários municípios brasileiros, apesar de ainda não estar incorporado na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC (Sousa, Tesser 2017). É necessário observar que não há uma preocupação em buscar inspiração nas fontes culturais para a formulação dessas políticas. Isso se torna evidente pela generalização das práticas, que frequentemente se baseiam em um viés colonial e em modelos pré-determinados.

A etnobotânica do benzimento é uma expressão rica da medicina tradicional, entrelaçando saberes ancestrais, práticas culturais e elementos naturais em um contexto de cura e cuidado. Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que o benzimento não se limita a um simples ritual, mas representa uma prática profundamente enraizada nas culturas indígenas e afro-brasileiras, que perpetua a conexão entre o ser humano e a natureza. O reconhecimento pela Organização Mundial de Saúde e a inclusão dessas práticas nas políticas públicas são passos fundamentais para a valorização e preservação desse patrimônio cultural.

No entanto, desafios como a desvalorização e a necessidade de mais pesquisas ainda permanecem. É imprescindível que continuemos a investigar e documentar esses saberes, garantindo que as futuras gerações possam se beneficiar das ricas tradições de cura que nossos ancestrais legaram. A construção de um diálogo entre ciência e saberes tradicionais poderá proporcionar novas

oportunidades para o fortalecimento da saúde coletiva e o respeito à diversidade cultural.

Portanto, é urgente e necessário conclamarmos a comunidade acadêmica, os formuladores de políticas e as próprias comunidades para unir esforços na promoção e valorização da medicina tradicional, especialmente do benzimento, que, além de representar um saber ancestral, também é uma forma de resistência e identidade cultural. A educação é necessária na transmissão desses conhecimentos, e novas abordagens de pesquisa podem ampliar a compreensão e o respeito por essas práticas, contribuindo para um futuro mais sustentável e justo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE U. P., ALVES, R.R.N. **Introdução à Etnobiologia**. Recife, NUPEEA. 2020.

ALBUQUERQUE, U. P., JÚNIOR, W. S. F., RAMOS, M. A., DE MEDEIROS, P. M. **Introdução à etnobotânica**. Interciência. 2022

ALBUQUERQUE, U.P; CHIAPPETA, A. A. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciência & Trópico**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2011. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/564>. Acesso em: 26. jul. 2024.

ALENCAR, A. F., DE OLIVEIRA, R. R., ALVES, R. A., OLIVEIRA, E. A. Ciência do povo Tukano: plantas–dahseá ahkotisékó–e rituais de iniciação e benzimento–bahsésé. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 8, n. 2, jul-dez, p. 319-335, 2024.

ALMEIDA, J.A. Potencial farmacológico de substâncias derivadas de fungos pertencentes ao gênero *Aureobasidium*: uma revisão integrativa. 2022. 53 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022

ALVES, K. C. H.; POVH, J. A.; PORTUGUEZ, A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais. **Ethnoscintia** 4, 2019. D.O.I.: 10.22276/ethnoscintia.v4i1.239.

BANAGGIA, G. As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina. 2013. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2013.

BARREDA, A. R KIMURA, R.K. The constellations and their myths: what do children dream about when they look to the starry sky? In: Simpósio Nacional De Educação Em Astronomia, 5., 2018, Londrina, PR. **Anais...** Londrina, 2018.

BASTOS, N. G.; ANDRADE; W. M.; SANTOS, C. A. B., NOGUEIRA, E.S. Etnobotânica do benzimento em território baiano: revisão integrativa. **Peer Review**, v. 5, n. 18, p. 345-365, 2023. Disponível em: <https://peerw.org/index.php/journals/article/view/880>. Acesso em: 03 jul. 2024.

BASTOS, N. G.; ANDRADE; W. M.; SANTOS, C. A. B., NOGUEIRA, E.S. Parque Nacional da Chapada Diamantina:: Etnobotânica do Benzimento e a Cura pelas Plantas. **Revista Semiárido De Visu**, v. 12, n. 3, p. 1321-1334, 2024.

BERNARDES, L. E. Entre a doença, a cura e religiosidade: um estudo da prática do benzimento em Caldas, Minas Gerais (2000-2023). **Dissertação**. 2024.

BRASIL. **A Política de Atenção à Saúde Indígena no Brasil**. 2ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002; 42p.

BRASIL. **A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. 1ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006; 60p.

BRASIL. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. / Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. – São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 4ª edição. 86 p.; 20 cm. 2019.

BRASIL. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 156 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica ; n. 31) 2012.

CASTRO, R. C. Q.; VILLACORTA, G. M. O ofício de benzer como produção de conhecimento no município de Tracuateua–PA–Amazônia–Brasil. **Nova Revista Amazônica**, v. 9, n. 1, p. 143-161, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/10035>. Acesso em: 05 jul. 2024.

DAVID, M. D.; PASA, M. C. Etnobotânica na cultura de benzedeiros e curandeiros, mato grosso, brasil. *Múltiplos Olhares Sobre a Biodiversidade*. Vol. V, 514-536. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29142/mosb5-29>. Aceso em: 03 jul. 2024.

FERREIRA, L. O. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.203-219.

GEERTZ, C.; WROBEL, F. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. 1989.

GOMES, W. C. NOGUEIRA, N. C.; NASCIMENTO, J. P.; SOUZA, R. C. Plantas e a prática do Benzimento. **38º Reunião Nordestina de Botânica**, 2024.

ILHEO, M. C. Benzimento em movimento: materialidade, bênçãos e curas no sul de Minas Gerais. **Coleção Cadernos de**

Folclore, volume 28. São José dos Campos, SP: Centro de Estudos da Cultura Popular / Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2022.

ILHEO, M. C. Nas encruzilhadas do saber: o poder das plantas e sua presença na medicina popular sul-mineira. **Temáticas**, v. 32, n. 63, p. 220-256.2024

MALDONADO, A. B. **La historia oral en sociedades orales. Opciones**, v. 13, p. 40-45, 1992.

MATOS, M. B. M.; SILVA M.N. Medicina tradicional: terapia indígena no estado do Acre. **Journal of Amazon Health Science (Revista de Ciências da Saúde na Amazônia)**, v. 2, n. 1, 2016.

MING, L. C. Levantamento de plantas medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes”, Acre. 1995. 180 f. **Tese** (Doutorado em Botânica) - Universidade Estadual Paulista, Botucatu. 1995.

MORAIS, E. S. Corte e costura étnica: representações da identidade étnica afrodescendente nas relações sócio-educativas no Congo-Centro Médico Social. **Dissertação** (mestrado), UNEB, Salvador, 2003. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2003/edmilson_de_sena_morais.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**. 7(3): 245-251.2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/78139022/1138-6231-1-PB.pdf>. Acesso em: 10. Jul.2024.

OLIVEIRA, E. P.; TAQUES, E. M.; MOREIRA, P. V. S.; SIEBEN, C. R., LORENZETTI, E. R. Plantas medicinais empregadas em benzimentos na região de Palmas-PR. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.cpa0.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDF's/Trabalhos/Plantas%20medicinas%20empregadas%20em%20benzimentos%20na%20regiao%20de%20Palmas%20PR.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Estratégias de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2002.

PAGNOCCA, T.S. **Uso de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras na ilha de Santa Catarina**. 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. **Assim se benze em Minas Gerais. Um estudo sobre a cura através da palavra**. 2ª Ed. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2018.

PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SILVA, D. da C.; SOUZA, B. do N.; MARIANO, D. M.; DE LUCENA, E. A. R. M. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/114808>. Acesso em: 26 jul.2024.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (org.). **Suma Etnológica Brasileira**, v.1 (etnobiologia) Petrópolis: FINEP/Vozes, 1986.

RABELO, T. O.; ARAÚJO, R.I.S.; ALMEIDA JR., E. Plantas utilizadas por benzedores em Quilombos do Maranhão, Brasil. **Etnobiología**, v. 20, n. 2, p. 20-39, 2022.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; VALENTE, L. FERNANDES, R. R. M. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, p. 89, 2015.

SANTOS, C.A., ALBUQUERQUE, U.P., SOUTO, W.M., ALVES, R.R. Assessing the Effects of Indigenous Migration on Zootherapeutic Practices in the Semiarid Region of Brazil. **PLoS One**. V.8, n.11(1). e0146657. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0146657>.

SANTOS, N. G. L. M. Minerais e medicamentos: uma parceria milenar. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia Geológica e Minas) – Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020. 82 f.

SANTOS-LIMA, T.M.; SANTOS, D.R.V.; SOUZA, R.M.; BASTOS, N.G.; VANNIER-SANTOS, M.A.; NUNES, E.S.; DIAS-LIMA, A.G. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, supl. I, p.240-247, 2016.

SCHRECK, R. S. C.; MARQUES, R.C. Águas minerais: de medicina popular às práticas integrativas de saúde do SUS. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 20., 2016, Uberaba, MG. **Anais...** Uberaba, 2016.

SILVA, R. A., FERNANDEZ, J. C. A.; SACARDO, D.P. Para uma “ecologia de saberes” em saúde: um convite dos terreiros ao diálogo. **Revista Interface: Comunicação Saúde Educação**, V.21, n.63, p.921-31. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0180>. Acesso em: 06. Jun.2024.

SOUSA, I. M. C.; TESSER, C. D. Medicina tradicional e complementar no Brasil: inserção no Sistema Único de Saúde e integração com a atenção primária. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. e00150215, 2017.

TOLEDO, V. M. **Ethnoecology: a conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature**. In: STEPP, J. R. et al. (Eds.) *Ethnobiology and Biocultural Diversity*. International Society of Ethnobiology, Georgia, USA, p. 511-522, 2002.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

APÊNDICE III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
HUMANAS – DTCS / CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
ECOLOGIA HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL-PPGcoH



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO
 Nº466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
 Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
 Data de Nascimento: ____/____/____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) _____/(____) _____/_____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** “Etnobotânica dos Benzimentos: Saberes Ancestrais de Cura no estado da Bahia – Brasil”
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Nayara Gomes Bastos
Cargo/Função: Discente do curso de Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “ETNOBOTÂNICA DOS BENZIMENTOS: SABERES ANCESTRAIS DE CURA NO ESTADO DA BAHIA – BRASIL”, de responsabilidade da pesquisadora Nayara Gomes Bastos, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo caracterizar o conhecimento e as práticas de pessoas que realizam benzimento no Estado da Bahia.

A realização desta pesquisa trará como benefícios o resgate dos saberes pouco ou não valorizados e, ou até mesmo “esquecidos” pela população, estimulando o autoreconhecimento dos informantes como especialistas na arte de benzer e o reconhecimento por pares, sendo importante para a autoestima desses sujeitos e da comunidade, fortalecendo a unidade da comunidade. Outro benefício plausível de ser citado é a devolução dos dados sistematizados da pesquisa através de uma cartilha informativa, visto que, esse material facilitará a perpetuação

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

da cultura e tradição e, contudo, servirá como base de consulta bibliográfica para a comunidade em geral, além de servir como instrumento para delinear estratégias de utilização, conservação e manejo dos recursos naturais e seus potenciais.

Caso aceite o Senhor(a) será entrevistado e essa entrevista poderá ser gravada áudio/vídeo pela aluna Nayara Gomes Bastos do curso de pós-graduação a nível de Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Sócio Ambiental. Devido a coleta de informações o senhor poderá sentir desconfortável ou constrangido.

Sua participação é voluntário e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa.

O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nayara Gomes Bastos

Endereço: Praça Santa Isabel, nº85, Alagoinhas-Bahia.

Telefone: (75)981419265 **E-mail:** nbastos@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa “ETNOBOTÂNICA DOS BENZIMENTOS: SABERES ANCESTRAIS DE CURA NO ESTADO DA BAHIA –

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : [http](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil)

<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>

BRASIL”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : [http](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil)
<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>

APÊNDICE IV – ROTEIRO GUIA DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS HUMANAS
– DTCS / CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ECOLOGIA
HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL-PPGcoH



ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Dados Sócio-econômicos

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
4. Religião:
5. Escolaridade:
6. Participar de algum programa social do governo:
7. Principal renda familiar: () assalariado () autônomo () aposentado/pensionista () programas sociais () lavrador () outras _____

Entrevista semiestruturada referentes ao Benzimento

1. Com quem aprendeu esse saber?
2. Há quanto tempo reza?
3. O que fez começar a benzer?
4. Para quais enfermidades?
5. Qual enfermidade mais procurada?
6. Reza alguém de fora da comunidade? De aonde elas vêm?
7. O que significa a benzeção para senhora (o)?
8. Já ensinou alguém a benzer? Quem?
9. Qualquer pessoa pode aprender a benzer? Como acontece a transmissão?
10. Acha importante a continuação da tradição para as próximas gerações?
11. Já ensinou a algum homem?
12. Qual a importância da benzeção para a comunidade?
13. A quantidade de dias de reza muda para cada enfermidade? Horário?
14. Existe muita procura nos dias atuais ou antigamente existia mais?
15. Qual o perfil das pessoas que procuram? (homens, mulheres, idosas, jovens, meia idade?)
16. O que a senhora usa durante a benzeção?
17. Em qual lugar da casa a senhora benze?

18. A senhora indica algum chá para as pessoas que procuram o benzimento?
19. Na sua reza, a senhora (O) faz referência a alguma divindade? Se sim, qual/quais?
20. Quais plantas a senhora conhece que serve para benzimento?
21. Quais plantas a senhora usa para rezar? Qual a indicação?
22. Como se faz o uso dessas plantas? Que parte delas utiliza?
23. Existe algum critério na hora da escolha da planta? (tamanho, idade, orientação pela lua, melhor horário de coleta, planta mais vigorosa)
24. Essas plantas são cultivadas em seu quintal, ou encontradas no mato?
25. Existem plantas que vc conhece como de reza, porém não gosta de utilizar? (se sim qual motivo?)

Entrevista semiestruturada referente as plantas medicinais

1. Além do benzimento vocês utilizam plantas para fazer remédios caseiros?
2. Quais plantas (nome popular)?
3. Qual a parte utilizada e a indicação de uso?
4. Qual a forma de preparo desses remédios?
5. Ela pode ser misturada com outra?
6. Quais as plantas utilizadas como remédios que a senhora cultiva em seu quintal?
7. Existe alguma contraindicação? (Por exemplo se for tomada por muito tempo ou em grande quantidade, pode fazer algum mal?)
8. Existe algum critério na escolha da planta? (tamanho, idade, orientação pela lua, melhor horário de coleta, planta mais vigorosa?)
9. Essas plantas são cultivadas em seu quintal, ou no campo?
10. Existem espécies que hoje em dia são mais difíceis de encontrar do que antigamente? Se sim por qual motivo acha que isso tem ocorrido?
11. Quando as pessoas te procuram para fazer o benzimento a senhora também indica remédio caseiros feitos com plantas?
12. Quem te ensinou esse conhecimento sobre as plantas medicinais?

Entrevista semiestruturada referentes ao Benzimento e Plantas Medicinais

1. A senhora ensina esse saber para alguém?
2. Acha importante repassar esse saber?
3. Acha que seus filhos e netos tem interesse em aprender?
4. E a comunidade, tem interesse em aprender esses saberes?
5. O que a senhora pensa a respeito dessa função? Sente-se realizada?
6. O que diria para as futuras gerações?

APÊNDICE V – TERMO DE CONCESSÃO DE USO DE IMAGEM E SOM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
HUMANASDTCS-CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ECOLOGIA
HUMANA E GESTÃO SOCIOAMBIENTAL-PPGEcoH



TERMO DE CONCESSÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu _____, praticante de benzimento, **AUTORIZO** Nayara Gomes Bastos, responsável pelo projeto intitulado “A Ecologia Humana do Benzimento: saberes ancestrais de cura em território baiano”, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem, sob minha responsabilidade por meio da foto, áudio e/ou vídeo com fim específico de inseri-las nas informações que serão geradas na pesquisa e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: livros, revista científicas, folders, banners, congressos, artigos, jornais, palestras, dentre outros. A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos. Esta e qualquer outra forma de utilização e/ou produção deverão ser por mim autorizadas. A pesquisadora responsável, Nayara Gomes Bastos, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio eletrônico, sob sua responsabilidade. Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

LOCAL E DATA:

_____, ____ de _____ de 202__.

Termo elaborado em duas vias, ficando uma via em posse do (a) participante da pesquisa e outra com os pesquisadores responsáveis

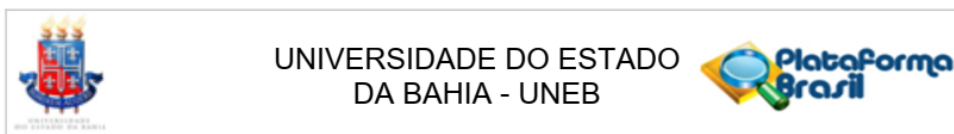
Impressão do polegar direito
do (a) participante da
pesquisa.

Assinatura do (a) participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa

ANEXO I – PARECER E AVALIAÇÃO DOS ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ETNOBOTÂNICA DOS BENZIMENTOS: SABERES ANCESTRAIS DE CURA NO ESTADO DA BAHIA - BRASIL

Pesquisador: NAYARA GOMES BASTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51501221.0.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.058.444

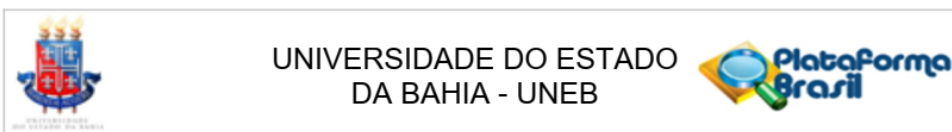
Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão socioambiental da UNEB de Juazeiro.
de

Desenho do estudo informado pela autora:

"A presente pesquisa será realizada através da triangulação, ou seja, o uso de várias técnicas e métodos (observação direta, conversas informais, entrevistas do tipo semiestruturada e aberta, turnê guiada, história de vida, "bola de neve" ou Snow Ball) que ocorrerá a priori em 3 municípios do entorno do Parque Nacional da Chapada diamantina, são eles: Andaraí, Mucugê e Lençóis, caso haja problema de não aceitação da pesquisa ampliar-se-á para os município de Ibicoara, Itaitê e Palmeiras. As atividades de campos estão previstas para iniciar em 2022, contudo para a execução deste estudo aspectos éticos e legais serão requisitados, bem como a apresentação do termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Participarão da pesquisa, após consentimento e assinatura do TCLE, especialistas (benzedores, curadores, rezadores), adultos, maiores de 18 anos, de ambos os sexos e residentes nos municípios acima citados. Para a realização das entrevistas será utilizado um roteiro de perguntas (APENDICE A) subdividido em 4 partes: a primeira com 5 questões referentes aos dados socioeconômicos dos especialistas entrevistados, a segunda com

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



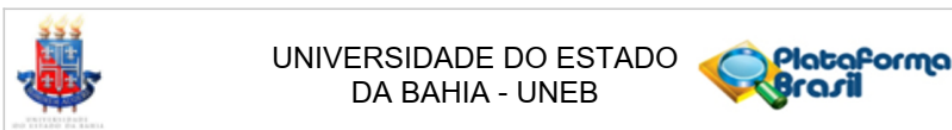
Continuação do Parecer: 5.058.444

25 questões referentes as práticas de benzimento, a terceira com 12 questões sobre os saberes etnobotânicos das plantas medicinais por parte desses especialistas e a quarta com 5 questões mais gerais que contemplam tanto a questão do benzimento quanto das plantas medicinais. Com relação às plantas utilizadas no processo de cura realizar-se-á turnês guiada, com a participação do especialista entrevistado, nas áreas indicadas para a coleta do material botânico, onde será feito registro fotográfico, georreferenciamento e o registro em diário de campo das informações e acontecimentos pertinentes a pesquisa. Todo material botânico encontrado em estágio fértil (flor e/ou fruto) será coletado e depositado no acervo do Herbário da Universidade do Estado da Bahia -HUNEB conforme as técnicas usuais em botânica. O sistema de classificação botânica adotado será baseado no AngiospermPhylogenyGroup IV (APG, 2016). Com os dados coletados nas entrevistas serão elaborados gráficos comparativos, tabelas de dados e consequentemente publicação desses resultados. Os informações coletadas serão analisadas por testes estatísticos realizadas no programa BioEstat 5.0. Através dos dados apresentados, será avaliado o Valor de Importância das plantas citadas, segundo Albuquerque & Lucena (2004) o Valor de Importância (IVs) mede a proporção de informantes que citaram uma espécie como mais importante. Os valores variam de 0 a 1. O Valor de Importância será calculado pela fórmula: $IVs = \frac{nis}{n}$, onde, nis = número de informantes que consideraram a espécie s mais importante e n= total de informantes. Para calcular a correlação entre os usos conhecidos e praticados no benzimento será utilizado o Teste de Correlação de Spearman (rs). Para analisar as diferenças de conhecimento envolvendo conhecimentos (conhecidos e praticados) será aplicado o Teste de Kruskal-Wallis (H). Para a Influência das variáveis socioeconômicas sobre o conhecimento do benzimento será realizado a Regressão linear múltipla (GLM). O Teste de Shapiro-Wilk para avaliar normalidade das variáveis socioeconômicas. E para a análise do consenso dos informantes os seguintes teste estatísticos serão aplicados: Nível de fidelidade – FL (Friedman et al., 1986), Fator de Consenso dos informantes – ICF (Troten; Logan, 1986), Valor de uso reportado – RU (Gomes-Beloz, 2002), Valor de diversidade dos informantes – (Ids), Valor de consenso para um propósito – (PCs) e Valor de consenso de uso – (UCs) (Big; Balslev, 2001). Assim, espera-se ampliar os conhecimentos acerca das plantas utilizadas em rituais de benzimento, buscando registrar a cultura e as práticas das benzendeiras do estado baiano, além de preservar a cultura local e manter vivo o conhecimento ancestral no entorno da unidade de conservação na Bahia, bem como promover a difusão do saber etnobotânico local da região".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.058.444

Caracterizar o conhecimento e as práticas de pessoas que realizam benzimento no Estado da Bahia.

Objetivo Secundário:

Analisar os estudos de benzimento revisitando a trajetória do conhecimento construído na última década para o estado da Bahia.

Caracterizar o etnoconhecimento e as práticas locais de benzimento utilizadas pelas comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, avaliando a percepção das rezadeiras no processo de cura;

Identificar o etnoconhecimento botânico acerca das plantas medicinais pelos praticantes de benzimento em comunidades do entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Faz-se necessário o cumprimento dos decretos e orientações das autoridades Sanitárias/Governamentais sobre o combate a COVID- 19, nas regiões e locais onde serão executados os projetos de pesquisa com a finalidade de evitar o malefício.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

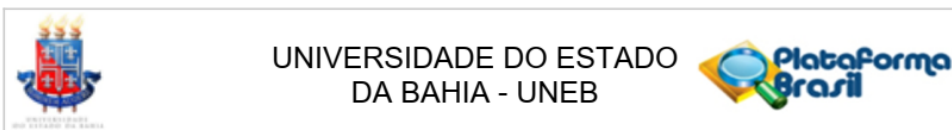
A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

vale destacar que estudos que envolvam comunidades tradicionais e seus conhecimentos sobre fauna e flora se houver bioprospecção devem cumprir a Lei 13.123/15 e as determinações do Sistema de Conselho de Patrimônio Genético. O que não inclui os objetivos deste projeto.

Também cumpri destacar que pesquisa científicas não devem envolver vídeo por conta da confidencialidade, salva quando envolve a conservação da cultura dos povos tradicionais e não demanda riscos de comprovar inadequações das pessoas (provas contra as mesmas). A pesquisadora deve ter muita atenção para não expor os participantes da pesquisa a situações vexatórias e riscos acentuados. O ideal é evitar tendo em vista que existe uma confidencialidade a ser cumprida pelas pesquisadoras e o uso de imagem para divulgação torna-a contraditória.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		
Bairro: Cabula	Município: SALVADOR	CEP: 41.195-001
UF: BA		
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.058.444

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Consta no protocolo em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Encontra-se adequada;
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Dispensada por não envolver instituições coparticipantes ;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – TCLE: Em conformidade;
- 7 - Termo de Concessão: Encontra-se no protocolo mais sem uso tendo em vista que a autora discorre no projeto que acessará documentos publicados;
- 8 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Encontra-se no protocolo mais sem uso tendo em vista que a autora discorre no projeto que acessará documentos publicados;
- 9 – Declaração de concordância com a execução do projeto de pesquisa: Em conformidade;
- 10 - declaração de infra estrutura: Aceita.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

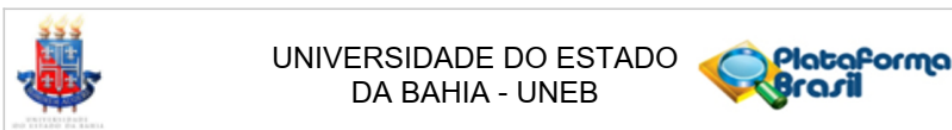
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		
Bairro: Cabula		CEP: 41.195-001
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.058.444

contar da data de aprovação do projeto.51501221.0.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1793012.pdf	06/09/2021 16:24:02		Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_para_coleta_de_dados_em_arquivos.pdf	06/09/2021 16:22:41	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Outros	Termo_de_concessao.pdf	03/09/2021 17:13:33	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_infraestrutura.pdf	01/09/2021 21:31:43	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Outros	Termo_autorizacao_institucional_proposente.pdf	01/09/2021 21:29:53	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	26/08/2021 11:35:00	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	26/08/2021 11:30:38	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termo_compromisso_pesquisador.pdf	26/08/2021 11:29:42	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia.pdf	26/08/2021 11:24:59	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	12/08/2021 16:13:32	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nayara.pdf	12/08/2021 16:11:16	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOASSINADA.pdf	12/08/2021 10:37:54	NAYARA GOMES BASTOS	Aceito

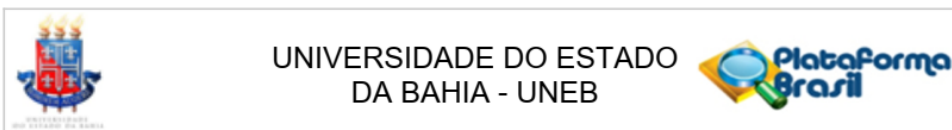
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.058.444

SALVADOR, 25 de Outubro de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br